CPAD

COMO TER O CORAÇÃO DE *Maria* NO MUNDO DE *Marta*

Fortalecendo a comunhão com Deus em uma vida atarefada

JOANNA WEAVER

COMO TER O CORAÇÃO DE *Maria* NO MUNDO DE *Marta*

COMO TER O CORAÇÃO DE *Maria* NO MUNDO DE *Marta*

Fortalecendo a comunhão com Deus em uma vida atarefada

JOANNA WEAVER

Traduzido por: Luciana Zibordi

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2004 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *Having a Mary Heart in a Martha World*
WaterBrook Press, Colorado Springs, Colorado, EUA
Primeira edição em inglês: 2002

Tradução: Luciana Zibordi
Preparação dos originais: Daniele Pereira
Revisão: Kleber Cruz
Capa e projeto gráfico: Flamir Ambrósio
Editoração: Marlon Soares

CDD: 248 - Vida Cristã
ISBN: 85-263-0649-9

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800 701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

12ª impressão 2010

A minha mãe, Annette Gustafson,
e a Teri Myers, minha conselheira, cujos
corações se assemelham ao de Maria.

A beleza e a graça equilibrada de suas
vidas continuam a me desafiar e a me inspirar.
Obrigada por me mostrarem o caminho até
os pés do Mestre tão claramente, de modo
que só me restava segui-lo.

Digitized by the Internet Archive
in 2022 with funding from
Kahle/Austin Foundation

https://archive.org/details/isbn_9788526306493

Agradecimentos

Sou abençoada por ter muitos amigos que caminharam comigo nessa jornada de "escrever um livro". Amigos que leram os manuscritos, abstiveram-se da comida caseira, oraram por mim nos momentos difíceis e me disseram "Vá adiante!" quando eu sentia que não seria capaz de continuar. Olhando para trás, não consigo imaginar como alguém pode caminhar sozinho nessa jornada.

Embora não possa agradecer a todos por nome, devo agradecer a Érica Faraone e Tricia Goyer por sua visão e estímulo, bem como às mulheres de minha igreja, Construtoras da Fé, e ao grupo Um Coração/Esperança Abençoada por sua intercessão fiel. Agradecimentos especiais a minha amiga Rosemarie Kowalski, que me permitiu usar sua história no capítulo quatro para ilustrar a liberdade da graça, apreendendo a essência deste livro.

À minha editora, Anne Buchanan, meus agradecimentos sinceros. Verdadeiramente, "duas cabeças pensam melhor do que uma". Obrigada, Anne, por me ajudar a encontrar as palavras certas para transmitir a mensagem que encheu meu coração e por todas as nossas risadas ao longo do caminho.

Às pessoas formidáveis da Editora WaterBrook — entre elas, Carol Bartley e Liz Heaney —, minha profunda gratidão.

Sou especialmente grata a minha agente e amiga, Janet Kobobel Grant. Obrigada por ser essa pessoa maravilhosa.

E, finalmente, ao meu marido, John, e aos meus dois filhos incríveis, John Michael e Jéssica. Seu apoio afetuoso e paciência foram presentes preciosos e de grande valor, tesouros que me surpreenderam. John, obrigada por acreditar em mim. Crianças, obrigada por todas as gargalhadas e por me deixarem compartilhar vocês com o mundo. Vocês são os melhores!

Mas, acima de tudo, ao Senhor Jesus. Obrigada por tornar possível a cada uma de nós conhecê-lo — conhecê-lo de verdade! — como Martas e Marias. Opere além dessas palavras humanas e, pelo seu Espírito, conduza-nos à sua presença. Ajude-nos a descobrir a alegria e o segredo de possuir *o coração de Maria no mundo de Marta*.

Soli Deo Gloria. A Deus somente.

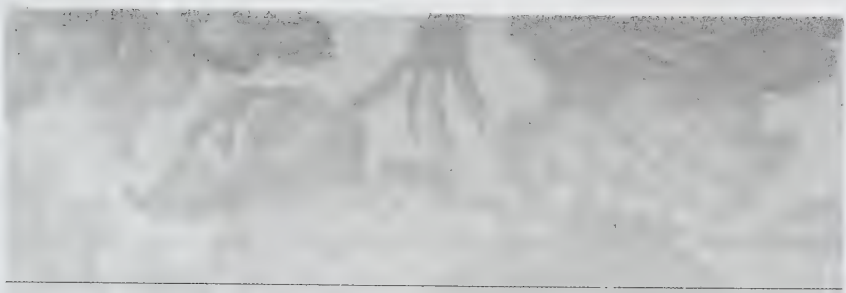
Sumário

Agradecimentos, *vii*

Capítulo um – *A História de Duas Irmãs, 1*
Capítulo dois – *"Senhor, Não te Importas?", 13*
Capítulo três – *O Diagnóstico, 31*
Capítulo quatro – *A Cura, 51*
Capítulo cinco – *A Intimidade da Sala de Estar, 69*
Capítulo seis – *O Serviço da Cozinha, 87*
Capítulo sete – *A Melhor Parte, 105*
Capítulo oito – *Lições de Lázaro, 125*
Capítulo nove – *O Coração Receptivo de Marta, 147*
Capítulo dez – *O Amor Extraordinário de Maria, 169*
Capítulo onze – *Equilibrando Trabalho e Adoração, 189*
Capítulo doze – *Tendo o Coração de Maria no Mundo de Marta, 209*

Auxílios para um coração de Maria no mundo de Marta, 223

Apêndice A – *Guia de Estudo, 225*
Apêndice B – *Diário de Leitura, 241*
Apêndice C – *Um Plano Simples para Meio Dia de Oração, 243*



Capítulo 1

A História de Duas Irmãs

E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.

Lucas 10.38,39

Já tentou fazer de tudo um pouco?

Eu tento, faço e provavelmente sempre farei. Não está apenas em minha natureza; também faz parte da descrição de meu trabalho — e do seu também. Ser mulher requer mais força, mais criatividade e mais sabedoria do que jamais imaginei quando era uma garota. E isto não vale somente para as mulheres atarefadas de hoje. Sempre foi assim.

Em 1814, Martha Forman estava casada com um abastado proprietário de plantações em Maryland. Você deve pensar que ela passava os dias tomando chá, usando vestidos encantadores e dando ordens aos empregados, enquanto conversava com importantes convidados. Pelo contrário, Martha trabalhava ao lado de seus empregados das quatro da manhã às onze horas da noite. Dentre suas atividades diárias estavam:

Transformar de 13,5 kg a 15,5 kg de sebo em vela; cortar quatorze camisas, casacos ou calças para os escravos (a quem sempre chamava de "o

povo" ou "nossa família"); tricotar meias; lavar; tingir e fazer fios de lã; assar tortas de carne e pudins de batata; semear ou colher o trigo; matar animais da fazenda e salgar a carne; plantar ou colher frutas e verduras; fazer geléias e compotas de frutas; caiar ou pintar as paredes; passar a roupa; preparar grandes festas; cuidar da família doente e dos escravos.[1]

Então, o que você fez hoje? Talvez não tenha abatido um porco ou colhido trigo, mas sei que esteve ocupada. Se passou o dia fora trabalhando ou em casa cuidando das crianças (ou ambos), seu dia passou rápido da mesma forma. Enquanto você lê este livro, sua mente e seu corpo estão, provavelmente, tão cansados quanto os da pobre Martha Forman.

Tenha o coração de Maria no mundo de Marta. Esse pensamento a intriga. Em seu interior há uma fome, uma vocação para conhecer e amar a Deus, para conhecer verdadeiramente Jesus Cristo e a comunhão com o Espírito Santo. Você não está em busca de mais conhecimento intelectual — anseia por uma intimidade sincera.

Uma parte de você ainda hesita. Exausta, você se pergunta como encontrar forças ou tempo. Cultivar a vida espiritual parece mais uma obrigação — uma a mais em uma vida transbordante de responsabilidades.

É quase como se você estivesse no primeiro degrau de uma escada que se estende até o céu. Ansiosa, mas atemorizada, você denomina os degraus usando as coisas espirituais que deve fazer: estudar a Bíblia, orar, congregar...

"Ele está lá em cima, em algum lugar", você diz, inclinando-se levemente enquanto olha para cima, incerta de como começar ou se quer mesmo experimentar a longa e vertiginosa escalada. Mas não fazer nada significa deixar escapar o que o seu coração já sabe: Há mais nesta caminhada cristã do que você já experimentou. E você está faminta o bastante — e desesperada o suficiente — para querer de tudo um pouco.

A história de duas irmãs

Talvez nenhuma passagem das Escrituras descreva tão bem o conflito que sentimos como mulheres do que aquela encontrada no Evangelho de Lucas. Basta mencionar os nomes de Maria e Marta em um grupo de mulheres cristãs para perceber olhares e risadinhas nervosas. Todas nós

[1] Vera Lee, *Something Old, Something New* (Napervillle, Ill.: Sourcebooks, Inc., 1994), 102-3.

passamos por esse conflito. Queremos adorar como Maria, mas a Marta dentro de nós continua a nos controlar.

Aí vai um lembrete caso você tenha se esquecido da história. Está em Lucas. É a história de duas irmãs. É a história sobre mim e sobre você.

Durante uma de suas viagens, Jesus e seus discípulos chegaram a uma aldeia onde uma mulher chamada Marta abriu sua casa ao Senhor. Ela tinha uma irmã, chamada Maria, que se sentou aos pés de Jesus para ouvir o que Ele dizia. No entanto, Marta estava distraída com as preparações que devia fazer. Veio até Ele e perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude".

"Marta, Marta", respondeu-lhe o Senhor, "estás ansiosa e atadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada" (Lc 10.38-42).

O mundo de Marta

Quando li a primeira parte da história de Marta e Maria, devo admitir que me afeiçoei mais a Marta. Sei que somos propensas a proclamar elogios a Maria em estudos bíblicos. Mas Marta, para ser honesta, combina melhor com minhas tendências perfeccionistas.

Que mulher! Abre sua casa para um grupo de treze homens famintos, talvez mais. Que anfitriã! Ela não prepara uma panela improvisada de macarrão semipronto com queijo e salsichas, como costumo fazer nessas ocasiões. Ela não! Ela é a verdadeira Martha Stewart,[2] ou então a mulher virtuosa descrita em Provérbios 31. Bem, ao menos é assim que eu a imagino. Ela é a "rainha da cozinha" — e do resto da casa também.

A história de Lucas começa com Marta em seu momento de glória. Afinal, trata-se de Jesus. Ela rasga o cardápio comum do dia-a-dia, composto por sopa e pão, e resgata todos os livros de receitas. Este, decide ela, será um banquete digno de um messias. Para o Messias. Marta envia um servo ao campo para abater um cordeiro e outro ao mercado para escolher algumas daquelas saborosas romãs que vira ontem; como em um quartel-general, ela dita as ordens para seus assistentes de cozinha: "Ponham as lentilhas de molho! Soquem os grãos! Sovem a massa!"

[2] Banqueteira, escritora, estruturou seu trabalho em torno da vida de dona de casa (N da T).

Tanta coisa para fazer em tão pouco tempo. Ela deve se assegurar de que as peças da mesa e os guardanapos combinam, e que o criado sirva o vinho do lado direito e não do esquerdo. A mente de Marta está tão ocupada quanto um quarto cheio de crianças do jardim de infância. O que seria mais adequado para a sobremesa? Queijo de cabra com uma bandeja de frutas frescas? Será que Jesus e seus seguidores passarão a noite aqui? Alguém deve trocar os lençóis e dobrar algumas toalhas.

"Onde está Maria? Alguém a viu?", ela pergunta a um servo, apressando-o. Se Maria trocasse os lençóis, Marta poderia ter tempo para moldar o queijo em forma de arca e esculpir as frutas como pequenos animais marchando dois a dois. Produções dessa magnitude requerem a habilidade de uma mestra em planejamentos. E Marta é uma administradora extraordinária. Sou a mais velha na família. Talvez seja por isso que eu compreenda quão frustrada Marta deve ter se sentido quando finalmente encontrou Maria. A casa inteira está em alvoroço, agitada para receber o mestre mais famoso de seu tempo, provavelmente o próximo rei de Israel. Posso enxergar a raiva que ferve dentro de Marta ao olhar sua irmã preguiçosa sentada aos pés do Mestre na sala de estar.

É muito simples. Com tantas coisas a serem feitas, lá está sentada a pequena Maria, muito teimosa, participando de uma reunião somente para homens. Pior, parece ignorar Marta gesticulando do corredor.

Marta tenta tossir. Chega até a lançar mão de sua arma mais eficaz: "o olhar de raiva", famoso por intimidar os homens. Mas nada do que fazia era capaz de surtir efeito em sua irmãzinha. Maria só tinha olhos para Jesus.

Já em seu limite, Marta faz algo inédito. Interrompe a reunião dos rapazes, certa de que Jesus ficará do seu lado. Afinal, o lugar da mulher é na cozinha. Sua irmã, Maria, deveria estar ajudando a preparar a refeição.

Marta percebe que há uma espada afiada em sua voz, mas Jesus vai compreender. Ele sabe mais do que ninguém o significado de carregar o peso do mundo.

É claro que você não encontrará tudo isso na Bíblia. Lucas dedicou apenas quatro versículos para um acontecimento destinado a mudar a vida de Marta para sempre. E a minha também. E a sua, se permitir que essa verdade fundamental penetre em seu coração.

Em vez de aplaudir Marta, Jesus gentilmente a repreendeu, dizendo-lhe que Maria havia escolhido a "boa parte". Ou, como diz outra tradu-

ção, "Maria escolheu a melhor parte" (*New Revised Standard Version*).

"A melhor parte", Marta deve ter repetido sem acreditar.

"A melhor parte!" É o que digo a Deus em meio a minha pressa de fazer tudo. "Quer dizer que há mais? Eu tenho que fazer mais?"

Não, não, chega a resposta ao meu cansado coração. As palavras de Jesus descritas em Lucas 10 são inacreditavelmente libertadoras para aqueles que se ocupam com os trabalhos árduos desta vida.

Não é "mais" o que Ele requer de nós. De fato, pode ser menos.

Um coração de Maria

A Bíblia não nos fala muito a respeito de Marta e Maria. São mencionadas pelo nome apenas três vezes nas Escrituras: Lucas 10.38-42; João 11.1-44 e João 12.1-11. Mas, através desses breves relatos, um quadro fascinante se revela sobre como devia ser a vida naquela casa em Betânia — e como a vida sempre se mostra para nós.

Dizem que a diversidade é o tempero da vida. Deve ser por essa razão que Deus às vezes coloca pessoas com personalidades tão diferentes na mesma família (ou então, Ele está tentando nos preparar para o casamento). Maria era a luz do sol para os trovões de Marta. Era o breque (freio) para a locomotiva de Marta. A inclinação de Maria era deslizar pela vida, parando para cheirar as rosas. Marta era mais propensa a colher as rosas, cortar rapidamente os talos em ângulo e ajeitá-las no vaso com os cravos-de-amor e as samambaias.

Não há como dizer que uma está certa e a outra errada. Somos todas diferentes e foi assim mesmo que Deus nos criou. Cada personalidade e talento tem seus pontos fortes e fracos, suas glórias e tentações.

Acho interessante que, quando Jesus corrigiu Marta, não disse "Por que você não pode ser mais parecida com sua irmã Maria?" Ele sabia que Marta nunca seria Maria e Maria nunca seria Marta. Mas, quando ambas estiveram diante da mesma escolha — de trabalhar ou de adorar — Jesus disse: "Maria escolheu a melhor parte".

Para mim, isso implica que a melhor parte estava disponível tanto para Maria como para Marta. E está à disposição de cada uma de nós, não obstante nossa personalidade e talentos. É uma escolha que cada uma de nós pode fazer.

É verdade que, sob o ponto de vista da personalidade, a escolha deve

ter sido mais fácil para Maria do que para Marta. Maria parece ser mais propensa a caminhar sob o orvalho da manhã do que a ser levada pelas obrigações cotidianas.

Tenho certeza de que quando Jesus chegou de modo inesperado naquela tarde, Maria provavelmente começou a servir as visitas, como havia feito muitas vezes antes. Posso vê-la pegando os cajados, enquanto os discípulos se espalhavam pela casa bem arrumada de sua irmã. Encoberta por mantos e sacos de viagem, observa o homem que cativou o coração de Israel com suas palavras. Há tanta alegria e encanto nEle, que é impossível não ser atraída para esse homem.

"Jesus poderia ser o Messias sobre quem as pessoas falavam?", Maria se pergunta. Ela sabe que Ele é um grande mestre. Mas esse homem que admira a tapeçaria feita por ela, que a liberta de sua timidez e que faz parte do círculo de seus amigos íntimos poderia ser de fato o Filho de Deus?

Ela coloca os pertences dos discípulos em um canto e se apressa em servir vinho ao grupo sedento. Entre eles, há uma tranqüilidade, uma camaradagem genuína. Os homens riem das brincadeiras dos outros enquanto tiram a poeira dos pés com o líquido providenciado por ela. Então, se acomodam nas almofadas ao redor da sala e Jesus começa a ensinar.

Maria nunca tinha ouvido alguém falar como Ele. Há um magnetismo em suas palavras, como se contivessem fôlego e vida — coisas que Maria desconhecia necessitar até aquele dia. Ela se move lentamente para chegar mais perto e ficar em um canto escuro ouvindo Jesus. Seus braços seguram o cântaro vazio. Está atenta a qualquer movimento ao seu redor. Vários servos ocupados lavando pés sujos, enquanto outros colocam a mesa para a refeição, do outro lado da sala. Maria sabe que há muito a fazer. Mas ainda é incapaz de se mover — a não ser para chegar mais perto.

Não é costume uma mulher se sentar com um grupo de homens, mas as palavras de Jesus a acolheram. Apesar de sua natural discrição, ela se move gradualmente até se ajoelhar aos pés do Senhor. O ensino de Jesus a envolve, revelando a verdade ao seu coração faminto.

A Bíblia não deixa claro se essa foi ou a não a primeira visita de Jesus àquela casa em Betânia. A franqueza de Marta parece indicar uma familiaridade prévia, mas, seja qual for o caso, nesse dia Maria escolheu deixar outra pessoa servindo, para que pudesse ouvir um pouco. Não é todo dia que Deus nos visita em casa. Então, ela ignora a tradição, quebra a etiqueta social e chega mais perto. O mais perto possível de Jesus.

Não tem importância que seu gesto poderia ser mal interpretado. Não se importa com os olhares estranhos dos discípulos. Em algum lugar distante, ela ouve seu nome, mas está atraída pelo chamado do Mestre. O chamado para vir. O chamado para ouvir. E é isso o que ela faz.

A história de todas as mulheres

Através do cenário de hóspedes inesperados em Betânia, vejo a luta que enfrento todos os dias quando o trabalho e a adoração entram em conflito.

Parte de mim é Maria. Quero adorar com ardor. Desejo sentar-me aos seus pés.

Mas parte de mim é Marta — e há tanta coisa para fazer!

Tantas necessidades legítimas me cercam, me compelindo ao trabalho. Ouço o terno chamado de Deus para ir embora cedo e eu respondo "Sim, Senhor, eu irei". Mas, então o telefone toca e me lembro do cheque que deveria ser depositado — ontem. De repente, todas as minhas boas intenções de adorar desaparecem, engolidas pelo que Charles Hummel chama de "a tirania do urgente".

"Vivemos em tensão constante entre o urgente e o importante", escreve Hummel. "O problema é que muitas tarefas importantes não precisam ser feitas hoje, ou até mesmo esta semana. Horas extras de oração e estudo bíblico podem esperar. Mas as tarefas urgentes requerem uma resposta imediata — demandas intermináveis pressionam cada dia e hora."[3]

Isso soa familiar? Para mim, sim. As vinte e quatro horas distribuídas por cada dia raramente são suficientes para o cumprimento de todas as minhas obrigações. Tenho uma casa para administrar, um marido para amar, crianças para cuidar e um cão para alimentar. Tenho compromissos na igreja, prazos para escrever e almoços marcados. E apenas uma pequena parte disso eu chamaria de inútil. Um tempo atrás, tentei cortar o que pensava ser insignificante. Esta é a minha vida — e as horas já estão comprometidas.

A revista *Today's Christian Woman* fez um levantamento com mais de mil mulheres cristãs. Mais de 60% revelaram que trabalham fora em tem-

[3] Extraído de *Growing Strong in God's Family*, The 2:7 Series (Colorado Springs, Colo.: Navpress, 1987), 20.

po integral.[4] Acrescente o trabalho doméstico e as incumbências de uma carreira de quarenta e quatro horas semanais e terá uma receita de exaustão. Mulheres que optam por ficar em casa igualmente mantêm vidas muito ocupadas. Acompanhar crianças que começam a andar, levar os garotos para o futebol, trabalhar como voluntária na escola, cuidar dos filhos dos vizinhos — a vida parece agitada em todos os níveis.

Então, onde encontramos tempo para seguir Maria até os pés de Jesus? Onde encontramos energia para servir o Senhor?

Como escolhemos a melhor parte e ainda conseguimos fazer tudo o que realmente deve ser feito?

Jesus é o nosso exemplo supremo. Nunca estava apressado. Sabia quem era e para onde ia. Não se tornou refém das demandas e das necessidades afoitas deste mundo. "Apenas faço o que o Pai me enviou a fazer", Jesus disse aos discípulos.

Alguém disse que Jesus saía de um lugar de oração para outro e fazia milagres nesses intervalos. Como é incrível estar em sintonia com Deus, de modo que nenhuma ação seja desperdiçada e nenhuma palavra caia por terra!

Esta é a intimidade que Jesus nos convida a compartilhar. Nos convida a conhecer, a vê-lo tão claramente que, quando olharmos para Ele, veremos a face do próprio Deus.

Assim como acolheu Maria para se sentar aos seus pés na sala de estar e convidou Marta para deixar a cozinha por um instante e gozar da melhor parte, Jesus nos chama para vir.

Atendendo ao seu convite, encontramos a chave para nossos anseios, o segredo de viver além das pressões diárias, que por sua vez tentam nos afastar com força. À medida que aprendemos o significado de escolher a melhor parte da intimidade com Cristo, inicia-se uma mudança em nós.

Não se trata de uma mudança qualquer. O Salvador nos aceita da maneira como somos — Maria, Marta ou a combinação de ambas — mas nos ama demais para permitir que continuemos assim. Ele é o único que pode nos dar um coração de Maria em um mundo de Marta.

Essa transformação é exatamente o que vemos na continuação das histórias de Marta e Maria nos Evangelhos. Marta, como veremos adiante, não põe de lado sua personalidade, não desiste de seus "hobbies" ou queima seus livros de receitas para adorar a Jesus. Não tenta ser igual a Maria;

[4] Miriam Neff e Debra Klingsporn, *Shattering Our Assumptions* (Minneapolis: Bethany, 1996), 194.

simplesmente obedece. Recebe a repreensão de Jesus e aprende que há o momento para trabalhar e o momento para adorar. A Marta que vemos mais tarde nos Evangelhos não é mais inquieta ou ressentida, mas cheia de fé e confiança. O tipo de fé e confiança que só se adquire aos pés de Jesus.

Maria também mudou. Embora sua natureza contemplativa faça dela uma adoradora nata, também a deixa vulnerável ao desespero, como vemos adiante nos Evangelhos. Quando acontece o infortúnio, Maria tende a ser inundada pela tristeza e paralisada pelas dúvidas. Mas, no final, quando percebe que Jesus está próximo, ela coloca em ação o que aprendeu com a adoração. Ela segue adiante e agarra a oportunidade de servir de um modo maravilhoso e sacrificial.

Isso é o que vejo no retrato bíblico das duas irmãs de Betânia. Duas mulheres completamente diferentes sofrem uma transformação bem diante de nossos olhos: uma santa renovação. A audaciosa se torna mansa, e a meiga, corajosa. É impossível estar na presença de Deus e não ser transformado.

Durante a leitura dos próximos capítulos, peço a Deus que você permita ao Espírito Santo penetrar em todos os cantos escondidos de sua vida. Se você tende a ser compulsiva como Marta ou mais contemplativa, como Maria, Deus a chama para uma amizade íntima com Ele através de Jesus Cristo.

A escolha que Ele ofereceu a essas duas irmãs diferentes — e a transformação por elas experimentada — é exatamente o que oferece a cada uma de nós.

Primeiro as coisas mais importantes

A intimidade da *sala de estar* que Maria teve com Jesus nunca resultará da agitação da *cozinha* de Marta. Agitação, por si só, causa distração. Vemos em Lucas 10.38 uma mulher com a virtude da hospitalidade. Marta abriu sua casa para Jesus, mas isso não significa que ela automaticamente tenha aberto seu coração. Em sua ânsia de servir a Jesus, ela quase perdeu a oportunidade de conhecê-lo.

Lucas nos diz que "Marta, porém, andava distraída em muitos serviços". Em sua mente, ela se preocupava em fazer o melhor. Tinha que fazer o máximo por Jesus.

Podemos ser pegas pela mesma cilada de desempenho, sentindo que devemos provar nosso amor a Deus através de grandes feitos. Então, nos apressamos em deixar a intimidade da *sala de estar* para nos ocupar por Ele na *cozinha* — realizando grandes ministérios e projetos maravilho-

sos, no esforço de divulgar as Boas Novas. Fazemos todo o nosso trabalho em seu nome. Nós o chamamos "Senhor, Senhor". Mas, no fim, será que Ele nos reconhecerá? Nós o conheceremos?

O reino de Deus, como você vê, é um paradoxo. Enquanto o mundo aplaude as grandes façanhas, Deus deseja comunhão. O mundo clama "Faça mais! Seja tudo o que puder!", mas nosso Pai sussurra: "Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus". Ele não procura tanto por trabalhadores como procura por filhos e filhas — um povo no qual possa fluir.

Porque somos seus filhos, o serviço da *cozinha* será o resultado natural da intimidade da *sala de estar* com Deus. Assim como Jesus, devemos cuidar dos negócios do Pai. Quanto mais próximas estivermos do coração do Pai, mais veremos o seu amor pelo mundo. E assim o servimos, ministramos e amamos, sabendo que, quando fazemos ao menos isso, o fazemos para Cristo.

Quando colocamos o trabalho acima da adoração, colocamos a carroça na frente do cavalo. A carroça é importante da mesma forma que o cavalo. Mas o cavalo deve estar à frente ou então, acabamos arrastando a carroça sozinhos. Frustradas e cansadas, quase não somos capazes de romper com a pressão das ocupações da igreja, pois sempre há algo que precisa ser feito.

Quando dedicamos primeiro nosso tempo em sua presença — quando reservamos um momento para ouvir a voz de Deus — Ele providencia a força de que necessitamos para levar a mais pesada carga. Ele "sela" a graça e nos convida para um passeio.

O chamado

Nunca vou esquecer de uma certa noite, há muitos anos, em que chorei na escuridão. Meu marido era um dos pastores de uma grande igreja e nossas vidas eram incrivelmente atarefadas. A responsabilidade nas áreas de música e de educação cristã significava que trabalhávamos por horas, projeto após projeto; o tamanho da igreja significava que sempre havia pessoas precisando de alguma coisa. Ia para a cama preocupada com as pessoas que fracassaram — casamentos com problemas, filhos em crise, etc. Preocupava-me com tudo o que não realizei e deveria ter feito, com tudo o que realizei de maneira insatisfatória.

Lembro que naquela noite me agarrei ao meu marido soluçando, enquanto ele tentava me confortar. "O que aconteceu, meu amor?", ele perguntou, acariciando meus cabelos. Mas não conseguia explicar. Estava completamente aflita.

A única coisa que pude dizer entre os soluços foi um débil apelo: "Fale sobre as Boas Novas", implorei. "Sinceramente, não consigo lembrar... Fale sobre as Boas Novas."

Quem sabe você já tenha sentido o mesmo. Conhece o Senhor a vida inteira, mas ainda não encontrou a paz e a satisfação que sempre almejou. Então, começa a trabalhar mais, na esperança de que, executando mais trabalhos na igreja, merecerá amor. Apresenta-se para fazer tudo: você canta no coral, dá aulas na Escola Dominical, acolhe em sua casa as reuniões de estudo bíblico, visita a casa de repouso todas as semanas. Mas ainda se encontra olhando para o céu e perguntando se isso é tudo.

Ou talvez você afastou-se dos trabalhos da igreja. Já fez tudo o que descrevi acima e, sinceramente, ficou frustrada. Parou de se oferecer como voluntária, cessou de dizer sim. Ninguém telefona mais. Ninguém pede mais nada. Você está fora de cena e feliz com isso. Mas a paz e o sossego não trazem paz e sossego. A tranqüilidade não a aproximou de Deus, como você desejava, mas deixou apenas ressentimento. Seu coração está pesado e frio. Você vai à igreja, gesticula durante a adoração e depois volta para casa da mesma forma. E à noite, se pergunta: "O que são as Boas Novas? Alguém pode me contar? Não consigo lembrar".

As Boas Novas

As Boas Novas estão entrelaçadas ao longo do Novo Testamento com o fio da graça que resplandece radiante, especialmente nas histórias de Marta e Maria, contadas nos Evangelhos. Esta é a mensagem: a salvação não tem a ver com o que eu faço, mas com o que Jesus fez.

Na cruz, Ele não só pagou por meus pecados, mas libertou-me da escravidão do "faça isso", "quem me dera" e "o que poderia ter sido e não foi". E as palavras de Jesus para Marta são as que Ele deseja falar ao seu e ao meu coração: "Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária".

Mas não se encontra essa "uma só coisa" trabalhando mais.

Ela é encontrada quando nos assentamos aos seus pés.

Perceba: Maria sentou aos seus pés. Não movia um músculo sequer. Ouvia. Não se aproximou com respostas inteligentes ou com uma tese doutrinária. Sua virtude era a da disponibilidade. (No fim, creio que também era a de Marta.)

O único requisito para a amizade profunda com Deus é apresentar um coração aberto e pronto a receber. Jesus disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.28,29).

Ele nos convida a vir e descansar, passar um tempo ao seu lado nesta incrível intimidade da *sala de estar*. Intimidade que nos permite ser honestas em nossas queixas, corajosas para nos aproximar e generosas em amor. Intimidade que nos propicia ouvir a voz do Pai e entender sua vontade. Intimidade que nos preenche de tal forma com seu amor e natureza, que se espalha até o nosso mundo seco e sedento do trabalho da *cozinha*.

Na *sala de estar*. É onde tudo começa. Aos seus pés.

Um convite

À semelhança de Marta, talvez você nunca soube que pudesse entrar na intimidade da *sala de estar* com Deus. Mas é exatamente o que Jesus veio fazer. Sua morte e ressurreição abriram o caminho para que cada uma de nós se reconcilie com Deus. Mas a dádiva da salvação oferecida por Ele é justamente isso — uma dádiva. E uma dádiva deve ser recebida.

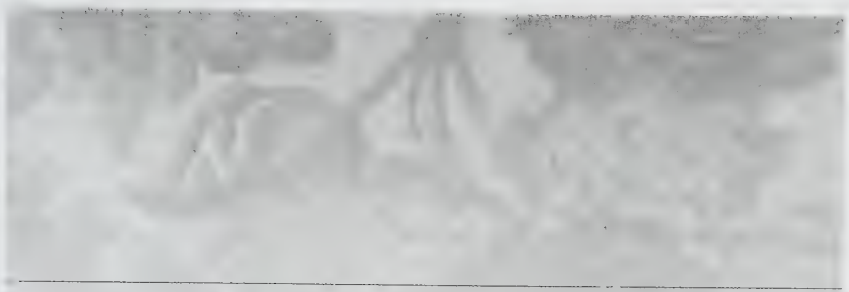
Você pode receber esse presente maravilhoso fazendo essa simples oração:

Querido Senhor,
Eu creio que tu és o Filho de Deus e que morreste na cruz por meus pecados.
Por favor, entra em minha vida, perdoa meus pecados e faze-me um membro de tua família. Não quero mais andar conforme a minha vontade. Desejo que tu sejas o centro da minha vida.
Obrigada pelo dom da vida eterna e pelo teu Espírito Santo, que agora habita em mim.
Peço em teu nome. Amém.[5]

Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.

João 14.6

[5] Extraído de *A New Beginning*, copyright 1995 pela Stonecroft, Inc. Usado com permissão. Para ler mais, consulte www.stonecroft.org e clique em "*A New Beginning*".



Capítulo 2

"Senhor, Não te Importas?"

Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude.

Lucas 10.40

Foi um dia atarefado. Arrastei as crianças para uma manhã de obrigações e de compras no supermercado, e já havia transcorrido uma hora do horário de almoço. Estávamos todos com fome e um pouco irritados, mas o dia resplandeceu quando comecei a dirigir a caminho de nossa pizzaria favorita.

"Pizza, pizza, pizza!", cantava Michael, meu filho de quatro anos, enquanto pulava no banco de trás. Jéssica, de dois anos, batia palmas ao pensar no carrossel do playground. Mas nossa alegria foi interrompida quando abri meu talão de cheques e descobri que não tinha dinheiro suficiente na conta corrente.

"Isso não é justo!", provocou-me Michael, do banco de trás do carro, enquanto voltávamos para casa e pensávamos nos velhos sanduíches de geléia e creme de amendoim. "Você prometeu que a gente ia comer pizza."

Ele estava certo. O suborno da pizza havia comprado o bom comportamento durante toda a manhã. Suspirei enquanto olhava o espelho

retrovisor. É difícil explicar a uma criança que, mesmo tendo folhas de cheque no talão, você pode não ter dinheiro suficiente no banco. Às vezes, passo por maus momentos para entender isso sozinha.

Então, paramos. Todas as minhas explicações foram recebidas por ouvidos desatentos. Michael sentou-se junto à porta do carro, com os braços cruzados no peito, um olhar zangado e muito feroz.

Então, da outra extremidade do banco de trás, a pequena Jéssica começa a falar: "A vida é dura, Miko!"

Não é justo

A vida *é* dura e raramente justa. Mesmo quando trabalhamos atentamente e fazemos o que é esperado, os deveres diários sempre parecem providenciar algumas recompensas. Quando foi a última vez que você recebeu elogios à mesa do jantar? "Que ótimo frango assado, mãe! É o melhor!" A família aprova, seus rostos sorriem entusiasmados de admiração. Seu filho adolescente enjoado lhe dá nota dez e pede "Bis! Bis!"

Ou quando foi a última vez que seu chefe e seus colaboradores a elogiaram porque você chegou na hora, desempenhou seu trabalho com um sorriso e ficou até tarde para terminar o serviço? "Parabéns pelo relatório", seu chefe diz ao aparecer na porta de sua sala. "Tire a próxima semana de folga remunerada! Ou melhor, por que não duas?"

Isso não acontece, não é? Na última vez que verifiquei, não distribuíram prêmios pelos vasos sanitários reluzentes; as horas extras e o esforço que empregamos fora do lar nunca são notados ou recompensados.

Lamento. Não tem pizza para você.

Ainda que Marta tivesse sido a primeira pessoa a perguntar para Jesus "Senhor, não te importas?", definitivamente não foi a última. Todas nós sentimos a solidão, frustração, exclusão e o ressentimento experimentados por ela na cozinha, naquela tarde em Betânia — fazer todo o trabalho pelos outros quando ninguém parece notar ou se importar.

Todas nós repetimos a queixa do meu filho: "Isso não é justo!"

Em Lucas 10.40, temos um quadro claro sobre o empenho de Marta. Visitas aparecem de surpresa na porta. Não sabemos quantas. Baseando-se no início de Lucas 10, é possível que fossem mais do que setenta pessoas invadindo seu calmo lar. E Marta responde com braços abertos e um largo sorriso. Mas, em algum lugar entre a cozinha e a sala de estar,

uma semente de rancor começa a germinar. Em breve, ela se transforma em uma pergunta que ecoa no coração das mulheres hoje: "Senhor, não te importas?"

O problema é óbvio. Marta está realizando todo o trabalho, enquanto Maria recebe toda a glória. Isso não é certo. Pelo menos, não é isso o que Marta acha, e eu sei como ela se sente. Uma parte de mim gostaria que Jesus tivesse dito: "Desculpe, Marta — como somos insensíveis. Venha, Maria! Venham, rapazes, vamos todos nos unir e dar uma ajuda à Marta".

Afinal, era o que Marta queria. É o que desejo quando me sinto sobrecarregada: palavras suaves e serenas, e muita ajuda. Quero que todo mundo carregue suas próprias cargas. Mas, acima de tudo, quero que a vida seja justa.

A balança da justiça

Cresci brincando com os pratos de balança decorativos de minha mãe. Feito de metal adornado, o jogo de balanças repousava orgulhosamente sobre o piano, com várias peças de frutas artificiais em cada lado, distribuídas com criatividade, de modo que um lado era levemente mais alto do que o outro.

De vez em quando, em vez de praticar as aulas de piano, eu arrumo as frutas. O exercício era bastante educativo. Uma laranja de plástico equivalia a duas ameixas. A banana e a maçã pesavam quase o mesmo e, juntas, se equilibravam bem com a manga. Se eu me ocupasse com isso adequadamente, poderia adquirir muita experiência reorganizando as frutas naqueles pratos.

Sinais de perigo de uma Marta sobrecarregada

Você pode ser predisposta ao tipo de sobrecarga perfeccionista que Marta experimentou em Betânia. Carol Travilla, em seu livro *Caring Without Wearing*, relaciona cinco expectativas irreais que contribuem para a destruição de um servo de Deus. Você consegue se ver nas falsas convicções abaixo?

- Não deve haver nenhum limite para minhas ações.
- Tenho capacidade para ajudar a todos.
- Sou a única pessoa disponível para ajudar.

- Nunca devo ter cometido um erro.
- Tenho a capacidade de mudar outra pessoa.

Não é bom o que fazes. Totalmente desfalecerás [...] porque este negócio é mui difícil para ti; tu só não o podes fazer.

Êxodo 18.17,18

Então, um dia decidi avançar com meu pequeno experimento. Depois de colocar todas as frutas de plástico em uma enorme pirâmide em apenas um lado, olhei ao redor à procura de um contrapeso. Ah! As uvas de vidro da vovó.

Sabe quais são? Eu gostava de olhar através das grandes esferas de vidro colorido, presas firmemente em uma peça de madeira trançada. Seu interior púrpura fazia com que tudo parecesse flutuante, distorcido e de outro mundo. Uma distração perfeita para uma entediada aluna de piano — quase tão divertida quanto brincar com os pratos da balança.

Quase.

Você pode imaginar o que aconteceu, naturalmente, quando eu coloquei as uvas no outro prato da balança. Caíram como tijolos na superfície de mogno do estimado piano de minha mãe, fazendo com que o metal ressoasse e as frutas de plásticos voassem. Mamãe veio correndo, e eu comecei a tocar a canção "Indian War Song", esperando que ela pensasse ser o som grave, e não o meu erro o causador da confusão.

Não deu certo. Mereci toda a repreensão. Naquela vez.

No entanto, em minha vida, a balança de metal de minha mãe não foi a única em que prestei pouca atenção. Creio que isto também vale para você. Desde a infância, temos uma balança invisível que pesa o que acontece conosco junto com as experiências dos outros.

Quando crescemos, por exemplo, pesamos como nossos pais nos trataram junto com o tratamento que nossos irmãos receberam. "Julie tem duas balas a mais do que eu!" "Papai, é a minha vez de sentar no banco da frente."

Essa é apenas uma parte da infância. Mas, muitas de nós carregamos as balanças para a vida adulta, inconscientemente, e gastamos uma soma de tempo surpreendente tentando colocar os pratos em equilíbrio.

Justo ou injusto. Igual ou desigual. Legítimo ou ilegítimo. Pesamos tudo. E, se não formos cuidadosas, nossa visão de mundo pode se tornar

distorcida. Cada palavrinha pode assumir um significado oculto. Cada ação pode se converter em ataque pessoal.

"Fazemos todo o trabalho", murmuramos para nós mesmas. "Por que eles recebem toda a glória?"

"Como ousam me tratar assim?"

Como as uvas de vidro da vovó, essas "uvas azedas" conseguem, facilmente, ter mais valor do que as coisas boas de nossas vidas, colocando o prato da balança contra nós. Porque quando procuramos por injustiça, normalmente a encontramos. E, quando esperamos que a vida sempre seja justa, nos deparamos com uma grande decepção.

Os três "D" mortais

Conta-se a história de um sacerdote que servia uma pequena paróquia, em uma zona rural esquecida. Amava a sua gente e era amado por ela; fazia o trabalho de Deus com muita eficiência — tanta eficiência, de fato, que dois demônios foram designados por Satanás para importuná-lo e arruinar de alguma forma o seu ministério. Tentaram todos os métodos de sua sacola de artimanhas, mas não tiveram êxito. O tranqüilo sacerdote parecia estar além de seu alcance. Por último, pediram uma reunião com o próprio Diabo.

"Tentamos de tudo", explicaram os demônios, especificando seus esforços. Satanás ouviu e então deu o seu conselho: "É muito fácil. Dê-lhe a notícia de que seu irmão foi promovido a bispo".

Os demônios olharam um para o outro. Parecia simples demais. Esperavam algo mais diabólico. Mas não custava tentar. Nada mais havia funcionado.

Algumas semanas mais tarde, retornaram jubilosos. O velho sacerdote não recebeu tão bem a feliz notícia da promoção de seu irmão. A alegria anterior do homem se converteu em lamentação. Suas palavras de ânimo foram substituídas pela murmuração e pela melancolia. Em pouco tempo, o ministério brilhante do ministro foi destruído pela larva verde da inveja e pela nuvem negra da frustração — pela amarga conclusão de que "isso não é justo".

Satanás nunca foi muito criativo. As ferramentas usadas hoje por ele são as mesmas que ele sempre utilizou e — não se espante — elas têm sido bastante eficientes. Desde o jardim do Éden até a cozinha de Marta

em Betânia e os nossos dias, Satanás ainda planeja seus ataques em torno do que eu chamo de "os três 'D' da destruição". São eles:

- Distração
- Desânimo
- Dúvida

Em todo o tempo, Satanás recorre a essas táticas para derrubar os melhores e mais valorosos servos de Deus. A estratégia básica é absolutamente simples: desviar o olhar das pessoas em direção a Deus e voltá-lo para as circunstâncias; fazê-las acreditar que sua felicidade depende dos acontecimentos ao seu redor; ou dar boas notícias — sobre outra pessoa. E, quando estiverem completamente desanimadas, dizer que Deus não se importa. Depois, ele se reclina em sua poltrona e deixa que a dúvida faça seu trabalho.

É realmente uma estratégia brilhante, quando você reflete nela. Plante os "D" mortais nos corações humanos e, mais cedo ou mais tarde, as pessoas se autodestruirão.

Ao menos, é claro, que alguém intervenha — é exatamente o que Jesus veio fazer.

Um coração distraído

Quando Jesus encontrou Marta naquele dia em Betânia, ela estava "distraída". É por aí que Satanás geralmente começa. Ele sabe que se estamos excessivamente preocupadas e atoladas em obrigações, há boas chances de nossos corações não ouvirem o chamado do Salvador. Embora a distração não possa vencer a batalha, o fato de desviarmos nossos olhos do que é importante certamente nos deixará mais vulneráveis ao ataque.

A Bíblia *King James Version* diz que Marta estava importunada em muitos serviços. É apenas outra forma de dizer "distraída". Segundo o dicionário *Oxford*, a palavra *cumber*, usada na versão inglesa, quer dizer: (1) oprimir, arruinar, derrotar, destruir, (2) atormentar, afligir, incomodar, (3) importunar, desconcertar, causar perplexidade. Tem se sentido assim ultimamente? Eu tenho, com certeza.

A palavra original do grego usada nesta passagem é *perispao* — "estar superocupado acerca de alguma coisa; atrair para longe". Misteriosamente, isso também me parece familiar.

A concordância de Strong acrescenta outra dimensão para a palavra *cumber*, definindo-a como "puxar em volta". Você é capaz de ver Marta, com todas as responsabilidades mordendo sua saia como furiosos chiuauas, puxando-a de um lado para o outro?

As atividades de Marta estavam longe do trivial. É importante reconhecer isso. De fato, as "preparações" desempenhadas por Marta foram descritas por Lucas como *diakonia* — a palavra do Novo Testamento para ministério. "Mas até mesmo o ministério legítimo devotado a Jesus pode se tornar um peso que nos puxa em volta", diz o pastor e escritor Dutch Sheets. "Chama-se 'consagração árdua e monótona', e isso não vem de Deus."[1]

Experimentei essa consagração árdua e monótona no ministério mais do que gostaria de admitir. Mesmo naqueles dias em que eu tenho as melhores razões, acabo fazendo tudo mecanicamente, esquecendo que meu trabalho é "para o Senhor". E quando isso acontece, posso lhe assegurar, esta Marta não fica muito feliz.

Nem a Marta original era assim. À semelhança do coelho de *Alice no País das Maravilhas*, ela tinha uma agenda a cumprir, mas ninguém parecia compreender a importância de sua missão. Em realidade, pareciam ignorar sua necessidade. Não demorou muito para a graciosa anfitriã em Marta desaparecer e a Rainha de Copas assumir, apontando os dedos e gritando "Cortem as cabeças deles! Cortem as cabeças de todos!"

Conheço a Rainha de Copas. Ela aparece lá em casa de vez em quando. Basta deixar que o trabalho doméstico acumule, que minha agenda fique sem controle e os deveres não sejam cumpridos, e terei a receita de um mau humor real. A Rainha em mim aproxima-se da cozinha, batendo as portas dos armários e as panelas, fazendo declarações enfurecidas para ninguém em particular.

Coitadas das crianças que cruzam com a Rainha em alvoroço. Especialmente, quando Sua Alteza traz a roupa da lavanderia e depois encontra metade dela limpa e jogada no chão. "Meias limpas?", eu grito. "Você quer meias limpas? Tente encontrar debaixo da sua cama, onde você guarda o resto das suas roupas!"

---

[1] Dutch Sheets, *The River of God* (Ventura, Calif.: Gospel Light, 1998), 195.

Estou sobrecarregada e distraída. Sinto-me incrivelmente só, assim como Marta. E ainda que você não perceba através da minha fachada de Rainha de Copas, o peso do desânimo já sobrecarrega o meu coração.

Um coração desanimado

Quando estamos distraídas, o desânimo está ali bem pertinho. O cansaço se aproxima sorrateiramente enquanto a vida nos subjuga. Ele nos leva a dizer e a fazer coisas que nunca pensamos em dizer e fazer. O desânimo acaba com nossas perspectivas e defesas. Embora tenhamos feito grandes obras para Deus, o desânimo nos diz que somos inúteis e estamos sem esperança e abandonadas.

Elias sentiu esse tipo de desânimo. Quando obteve uma vitória considerável sobre os profetas de Baal (1 Rs 18), ele ficou nas alturas. Mas, no momento em que Jezabel o ameaçou de morte, as palavras arrogantes da rainha perversa trouxeram, com um golpe, o grande profeta de volta ao chão. Em menos de vinte e quatro horas após a descida do fogo santo do céu — o que provou, de uma vez por todas, que Deus era Deus — Elias estava fugindo.

A distração o fez temer.

O desânimo o fez se esconder.

"Não te importas?", Elias perguntou a Deus, enquanto tremia assentado debaixo de um zimbro no deserto. "Já basta, ó Senhor", ele murmurou em 1 Reis 19.4, "toma agora a minha vida". Deixe-me morrer.

Você tem passado muito tempo debaixo do zimbro da autopiedade? Eu tenho. É fácil encontrar um lugar à sombra e sentir compaixão de nós mesmas quando estamos distraídas e desanimadas. Especialmente quando nos defrontamos com um obstáculo inesperado. Especialmente quando parece que estamos fugindo para salvar nossa vida.

Ou talvez você conheça melhor o quartinho de zimbro do isolamento. O fracasso parece tão iminente, e é mais fácil esconder-se do que encarar a vida. Então, tiramos a confiança despedaçada de nossos ombros trêmulos, cobrimos nossa cabeça e suplicamos para sermos dispensadas das ocupações regulares da vida. Estamos abatidas e deprimidas — e tudo por causa do desânimo.

O desânimo nos tira toda a esperança, toda a visão, todos os amanhãs e todos os sonhos. E seguramente tirou tudo isso de Elias.

Mas gosto muito da descrição sensível de 1 Reis 19.5-7, pois faz alusão a toda ternura que está à nossa disposição no momento do desânimo. Lembra o que aconteceu? Deus enviou um anjo para trazer alimento ao seu profeta abatido. "Levanta-te e come", disse o anjo a Elias, "porque mui comprido te será o caminho". Então o anjo ficou de guarda enquanto Elias caía no sono de novo.

Quando estamos distraídas e desanimadas, cansadas e sobrecarregadas, não há melhor lugar para ir do que para os braços do Pai. Somente Ele sabe do que precisamos. Não se lastime debaixo de um zimbro. Não se esconda em um quartinho de zimbro. Busque ao Senhor e permita que Ele dissipe todo o desânimo.

Quando fizer isso, você encontrará a cura para seu coração ferido. Mesmo se a dúvida for inevitável.

Um coração duvidoso

Ao longo da história, Satanás descobriu que é inútil fazer a humanidade questionar a existência de Deus. Como Paulo escreve em Romanos 1.19,20, a existência de Deus está escrita no coração do homem. Por repetidas vezes, em todo o curso da história, o agnosticismo e o ateísmo fracassaram ante a convicção fundamental: *Deus existe*. Em nossa vida, temos visto um século de ateísmo se esmigalhando junto com a União Soviética e o muro de Berlim. Ao contrário do prognóstico do Comunismo, a crença em Deus definitivamente não morreu. De fato, o aumento dos Estados ateus no século XX pouco representou, a não ser por ter estimulado o crescimento da religião.

Cinco estratégias para lutar contra o desânimo

Todas nós mergulhamos e depois nos envolvemos no desânimo. O segredo é não ficar lá. Aqui há algumas maneiras através das quais você pode obter a vitória sobre a espiral descendente dos "D" mortais em sua vida.

1. *Pare às vezes para descansar.* O desânimo é a maneira comum do nosso corpo dizer "Pare! Preciso descansar". Tente tirar um cochilo ou ir para a cama mais cedo. É impressionante como as coisas vão parecer diferentes à luz da manhã (Êx 34.21).

2. *Adquira um novo ponto de vista.* Volte atrás e peça a Deus para ajudá-la a ver a perspectiva divina em relação à sua condição. Às vezes, o que parece ser uma montanha intransponível aos seus olhos é apenas um degrau aos olhos Deus (Is 33.17).
3. *Tenha paciência.* É fácil desanimar-se quando as coisas não acontecem do jeito como você planejou. Mas se você confiou as suas preocupações ao Senhor, pode estar certa de que Ele está trabalhando, mesmo quando você não vê (Rm 8.28).
4. *Entre em contato com as pessoas.* O desânimo se alimenta do isolamento. Saia de casa! Visite alguns amigos. É maravilhoso como o companheirismo à moda antiga pode elevar nosso espírito e afugentar a melancolia (Sl 133.1).
5. *Ligue o cronômetro.* Certo. As coisas não são tão boas. Descobri que é útil ligar o cronômetro (*timer*) do forno e deixar dez minutos para um bom choro. Mas, quando soa o sinal, limpo o nariz, enxugo os olhos e entrego a minha situação ao Senhor para que eu consiga caminhar (Ec 3.4).

O Senhor, pois, é aquele que vai adiante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desamparará; não temas, nem te espantes.

Deuteronômio 31.8

Considerando que o ateísmo tem sido menos eficiente, Satanás voltou-se para outra mentira de sua sacola de artimanhas. Se ele não consegue nos fazer duvidar da existência de Deus, fará o possível para nos fazer duvidar do amor de Deus. Depois de nos ter distraído... depois de nos ter desanimado... a tática final de Satanás é a desilusão e a dúvida.

"Você está sozinha, querida", ele sussurra em meio a nossa solidão. "Compreende? Deus não se importa de verdade ou já teria se manifestado nesse momento."

Nada poderia estar mais longe da verdade, é claro. Mas Satanás ainda continua a usar essa decepção com grande sucesso. Mesmo contra os próprios filhos de Deus.

Fico constrangida em dizer que meu coração ouviu algumas vezes a sedutora canção de Satanás. As palavras de dúvida e as notas de desapontamento repetem a frustração e a decepção dentro de mim. Como uma melodia oposta à fé, essa canção de lamentações surge naqueles

momentos em que Deus não age do modo como eu queria, nem me ama da maneira como eu gostaria de ser amada. Como duas canções sendo entoadas em tonalidades diferentes, a dissonância entre o que eu sinto se choca com o que eu sei e ameaça abafar o hino do amor eterno de Deus.

Senhor, não te importas?

Começou em uma primavera, quando os açafrões abriam seu caminho com força através da dura crosta do solo e os brotos esticados de árvores se desenvolviam lentamente em direção ao sol. Ao meu redor, o mundo estava despertando, mas o calor da nova estação nunca atingiu a minha alma. Embora eu ainda amasse a Deus, Ele parecia distante e preocupado com outra pessoa e não comigo. Suponho que esta foi minha primeira crise espiritual de verdade.[2]

Criada em um lar cristão, aceitei a Jesus impulsivamente aos quatro anos de idade. Amava a Deus de forma totalmente pueril e sabia que Ele me amava, embora às vezes eu me perguntasse por quê.

Vagarosamente ao longo dos anos, em primeiro lugar por causa de minha falta de conhecimento, pequenos fios de incerteza foram tecidos em minha alma e, de forma gradual, se entrelaçaram sozinhos, formando um escuro véu. Naquela primavera, depois de quinze anos de ministério integral, comecei a lutar contra a dúvida. Especialmente na área da oração.

Deus não parece responder minhas orações como deveria. "Pedi e dar-se-vos-á", prometeu Ele, mas eu sentia como se houvesse alguém nos portões de pérolas marcando em minhas orações "devolver ao remetente". Minha amiga não foi curada de câncer terminal e minha mãe continuava em sua luta depois da cirurgia do coração. Até mesmo os pedidos mais simples não eram atendidos. Meu furgão, por exemplo, ainda fazia um som estridente, insensível a todos os esforços dos mecânicos e seus trabalhos de lubrificação — e o aquecedor não funcionava direito. Outras pequenas coisas continuavam dando errado. Nada de grande importância, mas o suficiente para me manter preocupada e, claro, distraída.

---

[2] Uma versão desta história foi publicada primeiro em Joanna Weaver, "Out in the Cold", *Home Life* 54, nº. 6 (Março de 2000): 20-2.

O furgão provou ser o teste final. O inverno voltou a Montana e fui ver minha mãe, que estava batalhando contra a depressão. Havia passado um ano desde a cirurgia e, apesar da dieta vegetariana, seu nível de colesterol estava alto. O remédio causou terríveis alterações de humor e dores no peito. Ela estava disposta a desistir.

"Preferiria estar com o Senhor", ela disse. "Se a qualidade de minha vida for reduzida, não faz sentido viver."

Choramos e oramos juntas. Eu queria ser compreensiva e incentivadora, mas me sentia muito frustrada. Minha mãe estava disposta a acabar com tudo, porque ficou sem fôlego após recolher ervas daninhas e limpar a casa.

"Mãe, não são suas ações que a fazem ser quem é", disse-lhe com lágrimas. "Nunca foi assim. Eu a amo como você é. Preciso de você — por favor, não desista."

Na noite seguinte, ela parecia tão pequena e frágil enquanto se apoiava em meu furgão para me abraçar. Eu tinha vindo para encorajar, ajudar e consertar, de alguma forma, o curto-circuito emocional que transformou minha mãe, que antes era positiva, em uma pessoa negativa e sem esperança. Mas a visita curta havia terminado dividida em um impasse.

"Você conseguiu subir o vidro da janela?", perguntou. Um dia antes, ela havia abaixado o vidro elétrico do furgão e assim ele ficou, repelindo todos os nossos esforços criativos para fechá-lo.

"Não, mas estarei bem." Dei-lhe o último abraço, olhando para os céus. A neve tinha começado a cair e as nuvens estavam escuras, com ares de tempestade.

Um mecânico do posto de gasolina não conseguiu ajudar; então, coloquei uma toalha na porta do carro e fui embora da cidade indignada. Indignada com o vidro da janela que não saía do lugar. Indignada com minha mãe, que parecia estar desistindo. Mas, acima de tudo, indignada com Deus, que parecia não prestar nenhuma atenção em mim.

"Tudo bem, Deus", orei. "O Senhor disse que nada tenho porque nada peço; então, aí vai. Por favor, Senhor, faça o vidro subir. Já tentei de tudo, o Senhor é o único que pode me ajudar."

Juntei uma soma razoável de fé e pressionei o botão no braço da porta. Nada. O vento açoitava pela janela, arrancando a toalha de seu lugar no momento em que eu chegava à rodovia. A neve gélida rodopiava ao redor da toalha oscilante e dentro do carro.

"Senhor, tu sabes que o meu aquecedor não funciona e são 241 quilômetros até minha casa." As lágrimas se derramaram enquanto eu tentava, às apalpadelas, fechar o zíper do meu casaco com apenas uma das mãos. "O Senhor diz que suprirá todas as nossas necessidades, de acordo com as suas riquezas em glória. Só preciso de um pequeno milagre."

"Por favor." Parei por um instante, como se estivesse dando um tempo para minha oração chegar aos céus. Meus olhos se fecharam por meio segundo enquanto eu pressionava o pequeno botão preto.

Nada. Frustrada, desviei o carro para o acostamento da estrada e pisei com força no freio.

"Excelente." Saí do carro e bati a porta. O vento cortava o vale de um lado para o outro, cobrindo a estrada de neve. Tirei a toalha e removi a frágil capa do banco de trás. "Se tu não cuidares de mim, eu cuidarei."

A hostilidade queimava em minha garganta; sufocava-me enquanto eu vociferava palavras cheias de uma ira desenvolvida durante o verão e o outono espiritualmente gelados.

"Como posso saber que tu és real, se não respondes a uma pequena oração? Estou desesperada e tu estás em silêncio. Estou furiosa, mas parece que não te importas."

No começo do mês, eu havia dirigido por 24 quilômetros com o vidro da janela abaixado, em uma temperatura abaixo de zero. Levei horas para me aquecer novamente. Entrei no furgão, me enrolei na capa do assento traseiro e me preparei para uma viagem miserável.

Por fim, desliguei o aquecedor defeituoso, visto que o ar morno apenas piorava o frio. Desabou sobre nós um silêncio desconfortável. Meu Amigo desleal não parecia interessado em conversas, então passei o resto da nevasca sozinha, lutando debaixo do manto da ameaçadora escuridão.

Sintonizei uma rádio cristã e ouvi as pessoas falando sobre o amor de Deus. No entanto, pela primeira vez em minha vida, eu duvidava que isso fosse verdadeiro. Eles já questionaram? Será que a dúvida sobre a soberania de Deus já balançou seus corações? Era tudo novo para mim: esse frio, o opressivo ceticismo.

O relógio do rádio marcava 11 horas da noite quando finalmente cheguei em casa. Dirigi devagar durante a maior parte da viagem, olhando atenciosamente através da neve ofuscante, à procura de algum sinal da faixa divisória da estrada. Mas, em algum lugar ao longo dos quilômetros gélidos e atemorizantes, perdi minha raiva.

Dissolveu-se o último resíduo de ira quando percebi, 40 quilômetros antes de casa, que eu estava aquecida. Aquecida de verdade. Embora meu nariz parecesse esfolado pelo vento e minhas bochechas formigassem, o resto do corpo estava extraordinariamente confortável. Milagrosamente confortável.

O Pai havia ouvido. O Pai havia respondido. Não do jeito que eu pedi e, certamente, não do modo como planejei. Ele não levantou o vidro. Mas me "agasalhou" em seus braços.

Comecei a chorar de novo. Desta vez, não eram lágrimas de uma filha exigente, mas daquela que recebeu a devida repreensão.

"Confie em mim, minha filha. Eu sei o que é melhor para você."

Duvidando da bondade de Deus

Gostaria de saber como o Pai se sente quando pensamos o pior a seu respeito em vez do melhor. Será que o coração de Deus fica ferido como o meu quando questionamos seu amor?

"Você não me ama", disse-me o meu filho de treze anos, com o mesmo beicinho daquela tarde sem pizza há alguns anos. Ele estava provocando (mais ou menos) e disse isso com um sorriso irônico, mas ainda querendo que o comentário me ferisse. E conseguiu.

"O que você quer dizer?", eu quis gritar. "Eu te visto. Te alimento. Cuido para que você tenha os acessórios para jogar futebol americano. Tenho um zíper horrível e eterno em minha barriga, onde o médico me cortou para que você pudesse viver, filho ingrato — e agora eu não o amo?"

Mas nada disso tinha valor naquele momento. Eu havia lhe dito que ele não poderia ficar acordado e assistir às finais do campeonato de futebol em noite de aula e, de repente, todo o meu amor havia acabado.

Não é preciso uma tragédia para duvidar do amor de Deus. A dúvida vai crescendo devagarinho, tão traiçoeira quanto perigosa. Acontece quando nosso desejo não se realiza, quando nossas necessidades são ignoradas. Ou ainda quando nós, à semelhança de Marta, estamos presas fazendo o trabalho sujo, enquanto todos se divertem.

Ora, a dúvida em si mesma não é pecado. É simplesmente um pensamento ou sentimento que surge quase de forma involuntária. Mas quando permitimos que se aloje em nosso coração por tempo suficiente, e se prenda como uma semente de morango entre nossos dentes, aquela pe-

quena dúvida pode se tornar um grande problema. Uma dúvida não esclarecida pode transformar-se em incredulidade. E descrença, minha amiga, não é apenas pecado — mas também um sério problema. Quando não cremos mais na bondade de Deus, quando não confiamos mais em seu zelo, acabamos nos esquivando de todo o amor de que precisamos para viver.

A incredulidade derrubou Judas — ele se recusou a confiar no tempo de Deus. A incredulidade endureceu o coração de Saul — seus olhos se fecharam para a retidão dos caminhos de Deus. A incredulidade manteve os israelitas no deserto quarenta anos, porque questionaram a capacidade de Deus em guiá-los. E também foi a incredulidade que, no início, abriu a porta da escuridão ao mundo criado para ser a pura luz.

O jardim do Éden deve ter sido maravilhoso. Pense: não havia casas para limpar, refeições para preparar, roupas para passar! Eva desfrutou desse mundo. Um marido deslumbrante. O Paraíso como sala de estar. Deus como companheiro. Mas, de alguma forma, em meio a todas essas bênçãos, o admirável tornou-se mundano e o extraordinário veio a ser cansativo. E a sensação incômoda de descontentamento compeliu Eva a vaguear em direção à única coisa que Deus havia negado: a árvore da ciência do bem e do mal.

E quanto a nós mulheres, que criamos uma necessidade desesperada em nós de sempre "saber", de sempre "compreender"? Desejamos um roteiro para nossas vidas, e quando Deus não o produz de imediato, sentamos para escrever o nosso próprio roteiro.

"Preciso saber", dizemos a nós mesmas.

"Não", responde Deus suavemente, "você precisa confiar".

Mas, assim como a primeira mulher, não damos importância à sua terna voz e nos dirigimos à árvore. Não à árvore sacrificial da cruz, mas à beleza altiva e elevada chamada "conhecimento". Porque, afinal, conhecimento é poder. E é pelo poder que secretamente suspiramos.

Creio que o erro final de Eva começou com um pensamento minúsculo — um pequeno e ardente receio que, de algum modo, ela estava perdendo algo e que Deus não se interessava tanto por ela. O que havia de errado em algo tão encantador e desejável como o fruto proibido? Talvez um ressentimento oculto tenha atingido seu espírito. Adão tinha que dar nomes aos animais enquanto ela tinha que colher os mamões.

Qualquer que tenha sido o motivo para a minúscula irritação, isso a compeliu a querer mais.

Satanás estava pronto e à espera, querendo lhe dar mais do que ela já havia pedido. Ele encheu sua mente de perguntas. "É assim que Deus disse...?" Satanás a encorajou a duvidar da palavra e da bondade de Deus, até a pergunta incessante finalmente destruir sua fé no amor de Deus.

A humanidade tem questionado o amor de Deus desde então.

Fazendo perguntas

"Senhor, não te importas?" Assim como Marta, temos nossas perguntas. Como ela, também temos nossas dúvidas. Alegro-me em saber que Deus não se intimida diante de nossas dúvidas, perguntas, temores e até mesmo de nossa frustração. Ele deseja que confiemos em seu amor suficientemente, de modo a lhe dizer o que estamos pensando e sentindo. Davi confiou assim. Ele é um maravilhoso exemplo de um coração sincero e aberto diante de Deus. O garoto pastor que se tornou rei derramou sua queixa perante Deus ao longo dos salmos. Em Salmos 62.8, ele nos convida a fazer o mesmo: "Confiai nele, ó povo, em todos os tempos; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio".

Nossa amiga Marta estava no caminho certo aquele dia, em Betânia. Em vez de permitir que suas dúvidas aumentassem, pegou suas preocupações e temores e os declarou a Jesus. Embora sua aproximação abrasiva e arrepiante não seja um grande exemplo, ainda há muitas lições importantes que podemos aprender de seu corajoso encontro com Cristo.

Primeiro, *podemos apresentar a Jesus nossas necessidades a qualquer hora e em qualquer lugar*. "Pedi, e dar-se-vos-á", disse Jesus em Mateus 7.7. No grego, a palavra usada para "pedir" significa "continue pedindo". Não conseguimos esgotar a paciência do Salvador. Ele nunca está tão ocupado que não possa ouvir o clamor de nossos corações. Marta tirou vantagem dessa disponibilidade, mesmo em meio à sua agitação e às preparações da recepção.

Em segundo lugar, *Jesus realmente se preocupa com as nossas inquietações*. "Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade", nos diz 1 Pedro 5.7, "porque ele tem cuidado de vós". Jesus não desprezou as inquietações de Marta. Não ficou zangado. Ao contrário, falou-lhe com infinita suavidade e ternura, reconhecendo a dor por trás de suas palavras de lamento.

Finalmente, *Jesus nos ama o suficiente para nos confrontar quando nossa atitude estiver errada*. Disse o Senhor, "eu repreendo e castigo a todos quantos amo" (Ap 3.19). E foi isso que Jesus fez com Marta. Intuitivamente, Ele compreendeu a dor de Marta, mas isso não o impediu de dizer o que ela precisava ouvir.

E Marta, para o seu bem, ouviu.

Com muita freqüência, penso, seguramos nossas dúvidas e confusão até que as perguntas explodam em acusações. Queremos lutar com Deus, enfurecidos com a nossa situação. Então, a natureza humana nos faz querer correr e se esconder, acalentando nossa injustiça percebida e lambendo nossas feridas.

Mas Marta não fez isso. Ela relatou seu caso, porém ficou mais um pouco para ouvir o parecer de Jesus. Embora ela o tenha acusado de omisso, sentia a necessidade de ouvir sua resposta. Desejava deixar o resultado em suas mãos.

Amo a compaixão de Jesus nessa história. Ele viu a situação de Marta. Compreendeu sua queixa. Mas a amava demais para lhe dar o que ela desejava. Em vez disso, Jesus lhe deu o que ela precisava — um convite para se aproximar dEle. De braços abertos, convidou a mulher agitada a deixar suas inquietações e cuidados e a encontrar refúgio somente nEle.

Quando você tiver perguntas, não há lugar melhor para ir do que para os braços daquEle que tem as respostas.

A resposta para a pergunta

"Senhor, não te importas?"

É claro que Ele se importa. Foi por esta razão que Ele veio.

Se eu fosse Deus e quisesse fazer contato com o homem, faria uma visita. Uma ou duas semanas antes do evento, já haveria muita propaganda. Atenderia as principais cidades antes de voltar ao meu confortável trono celestial. Seria apenas o tempo suficiente para atrair a atenção das pessoas e endireitar as coisas. Então, sumiria de repente e estaria longe dali.

Quem em seu juízo perfeito deixaria o céu para viver na terra? Seria como se um fazendeiro vendesse sua casa aconchegante para viver no chiqueiro. Ou como se Bill Gates abrisse mão dos bilhões da Microsoft para cuidar de um carrinho de cachorro-quente, ganhando salário mínimo. Impensável. Mas isso foi exatamente o que Jesus fez.

Deus se tornou como um de nós para que, quando perguntarmos "Senhor, não te importas?", não tenhamos dúvida que Ele se importa. Em vez de dar um telefonema ou fazer uma visita extraterrestre, Ele escolheu viver entre nós. Mediante a encarnação de Jesus Cristo, Deus entrou no mundo pela mesma porta que entramos. Então, Ele ficou mais um pouco até permitirmos que, através de sua morte, Jesus passasse pela mesma saída dolorosa por que passaremos.

Ele se importa? É melhor você acreditar!

É melhor você acreditar. Enquanto você guardar esta pergunta, nunca vai passar da dúvida para a certeza. Estará sempre diante do fruto brilhante e do sussurro da tentação de solucionar as dúvidas por si mesma.

O fato é que, enquanto não cessarmos de duvidar da bondade de Deus, não poderemos experimentar o seu amor.

Marta revelou seu temor secreto em alto e bom som, e nós também podemos. Mas, assim como Marta, devemos ficar um pouco mais para ouvir a doce certeza de sua resposta.

Não espere grandes explicações ou desculpas. Afinal, Deus é Deus. Se o reto Jó não conseguiu forçar a Deus a lhe dar explicações, então não devemos esperar compreender seus misteriosos caminhos.

Mas descanse na certeza de que Deus vai responder. Ele almeja revelar seu amor a você. Porém você não vai encontrá-lo lutando contra Deus. Não o encontrará se for cambaleando até sua presença e exigir um tratamento justo. Mas o achará quando se sentar aos seus pés e lembrar-se quem Ele é.

Emanuel. Deus conosco.

Ele sabe que a jornada é difícil. Sabe que a vida raramente é justa. Jesus combateu os mesmos ventos gélidos da distração, do desânimo e da dúvida que não nos deixam conhecer o amor de Deus. Mas, como o Pai, deseja nos envolver em seus braços. Ele deseja trocar os finos cobertores de nossa auto-suficiência para sua suficiência integral. O Senhor Jesus nos convida a lançar nossas dúvidas, medos e ansiedade sobre Ele e descobrir o quanto Ele se importa.

"Confie em mim, minha filha", Ele sussurra. "Sei o que é melhor para você."

Capítulo 3

O Diagnóstico

E, respondendo Jesus, disse-lhe:
Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.

Lucas 10.41

Afastada do mar Egeu, no arquipélago das Cíclades, existe uma ilha grega chamada Naxos. Intocada pela marcha da era tecnológica e da informação, Naxos permaneceu a mesma durante séculos. Oliveiras se alinham pelas margens rochosas da ilha enquanto as águas de cor turquesa tremeluzem na enseada. O monte Za surge altaneiro; suas campinas magníficas e os rios tranqüilos correm para encontrar o mar. O ritmo de vida é devagar e as pessoas dispostas para conversar com os transeuntes.

Uma das primeiras coisas que você nota ao pisar na ilha são os colares de contas usados por muitas pessoas. Ricas e pobres. Altas e baixas. Jovens e velhos — especialmente os homens idosos, pois este é um costume grego muito antigo. Os habitantes da ilha tocam e manipulam as contas ao redor do pescoço durante o dia todo. Dizem que as contas trazem conforto e que o hábito de tocá-las reduz a ansiedade. Eles a chamam de *komboloi* — "contas da preocupação".[1]

[1] Joel Gregory, *Growing Pains of the Soul* (Dallas: Word, 1987), 31.

Um costume estranho, você dirá. Todavia, nós também temos nossos próprios rituais para a preocupação. Mesmo não usando as contas da ansiedade em volta do pescoço, ela certamente afeta nossas vidas. Roemos as unhas. Andamos de um lado para o outro. Não dormimos à noite. E tudo por causa da preocupação. Hora após hora, nossos dedos mentais giram o problema de um jeito e depois de outro, como se fosse um cubo mágico. Fazemos manobras e suposições, desesperadas para resolver o quebra-cabeça. E ainda assim encontramos poucas respostas.

O fato triste é que somos um povo ansioso. Somos uma nação de preocupados.

"Penso que há uma epidemia de preocupação", confirma o Dr. Edward Hallowell, em seu livro *Worry* (Preocupação). O autor de *best-sellers* e psiquiatra estima que um em quatro norte-americanos (há sessenta e cinco milhões de norte-americanos) sofrerá com a doença da ansiedade em algum momento da vida.[2] Mais da metade dos norte-americanos são classificados como ansiosos crônicos.

Mas a preocupação não é um fenômeno moderno. Jesus descreveu precisamente a mesma condição há dois mil anos. Ele não escreveu um livro ou abriu uma clínica. Não tinha formação médica, mas conhecia o coração e a alma humana. Com o vasto conhecimento que apenas o criador tem sobre sua criatura, Jesus foi franco com uma mulher atingida pela ansiedade crônica.

"Marta, Marta", Jesus observou mansamente — "estás ansiosa e afadigada com muitas coisas".

O curso da ansiedade

As palavras devem ter paralisado Marta. Sei que me paralisariam.

"Espera um pouco, Senhor!" Provavelmente foi o que Marta desejou dizer. "Eu só estou tentando te servir!"

Mas as ternas palavras do Senhor interromperam suas desculpas e pretensão. Com uma frase curta, Jesus diagnosticou o problema que tem contaminado o gênero humano desde o início de tudo. Podemos investigar a sua rota voltando ao Éden, à árvore e à queda do homem.

Esse é o curso da ansiedade. A contínua carga da preocupação e do medo.

---

[2] Edward Hallowell, *Worry: Controlling It and Using It Wisely* (Nova York: Pantheon, 1997), xi.

Isso não era para nós. A árvore da ciência do bem e do mal estava em uma área proibida por um bom motivo — nossa própria proteção. Deus criou o homem e a mulher para gozarem de um relacionamento de amor recíproco com Ele, reservado também para nós. Ele tomaria conta de nós e proveria todas as nossas necessidades. Nós, em retribuição, "amaríamos a Deus e o louvaríamos para sempre", como o Credo de Westminster tão lindamente professa.

Mas, em vez de considerar os limites do jardim como uma evidência do amor de Deus, Adão e Eva interpretaram a ordem como um jogo de poder da parte de Deus — um desejo de negar algo bom. Então, pegaram o fruto e comeram. Seus olhos se abriram. E o que viram era muito mais do que esperavam. Em vez de serem como Deus, ficaram amedrontados ao observar sua nudez e o total desamparo. Em vez de voltarem para Deus, esconderam-se dEle.

Por quê? Diz-nos Gênesis 3.10 que eles temeram. Todavia, creio que não foi apenas o simples medo da ira de Deus que os levou a se esconder.

Pela primeira vez, o homem e a mulher se viram afastados de Deus. Como duas crianças perdidas e sozinhas, de repente, viram o Éden como um lugar assustador em vez do lindo paraíso. Subitamente, com o conhecimento do bem e do mal, vieram os lugares sombrios e escuros, sons estranhos e barulhos pavorosos. Não eram mais os filhos de Deus inocentes e desavisados. Não estavam mais seguros sob a proteção da Deus.

Com a mordida no fruto, surgiu a verdade dura e terrível: Adão e Eva estavam entregues à própria sorte. À semelhança de criancinhas desobedientes, eles correram e se esconderam, tentando ganhar tempo para imaginar uma forma de se livrarem da confusão induzida pela serpente. Excluídos pela desobediência ao Deus de que necessitavam, tornaram-se medrosos e ansiosos crônicos.

E assim tem acontecido, como aconteceu com Marta de Betânia. E hoje acontece comigo e com você.

Uma ansiosa inata

Provenho de uma longa ascendência de ansiosos suecos.

"Käre mej", minha avó Anna costumava dizer. "Meu Deus, meu Deus." Alto demais, rápido demais. Grande demais, pequeno demais. Com todo

o perigo potencial no mundo, parecia haver somente uma resposta — preocupação.

Lembro que eu me deitava à noite revisando minha lista de temores. De alguma forma, quando adolescente, descobri que o segredo para evitar problemas estava em se preocupar com eles. De fato, eu me preocupava se havia esquecido de me preocupar com algo.

Quando mamãe e papai foram ao Havaí para comemorar seu décimo quinto aniversário de casamento, passei quase a semana toda tentando pensar em tudo que pudesse dar errado. E se o avião cair? E se uma onda gigantesca encobrir Waikiki? Qualquer coisa poderia acontecer. Abacaxis estragados. Sushi ruim. Salmonela contaminando a água-de-coco esquecida durante a noite. Eu me tornaria órfã. Criaria sozinha meu irmãozinho e minha irmã. Soluços, muitos soluços.

Meus pais, naturalmente, voltaram para casa sãos e salvos, sadios e bronzeados. Porém, de uma forma distorcida, isso confirmou a minha tese: Preocupe-se e nada acontecerá. E dessa forma, pouco a pouco, a preocupação tornou-se meu modo de viver.

E quanto a você? A preocupação se tornou um fator dominante em sua vida? O Dr. Hallowell, que se intitula igualmente como um ansioso inato, fornece uma lista de avaliação bastante útil — você a encontrará no quadro abaixo. Se você se identificar com as descrições, é possível que tenha problemas de ansiedade.

Não se engane — a ansiedade é realmente um problema.

Dez sinais de um grande ansioso

A preocupação é um problema em sua vida? O Dr. Hallowell diz que sim se esses sinais acontecem com você:

1. Você acha que despende muito mais tempo com preocupações inúteis e não construtivas do que as outras pessoas que conhece.
2. As pessoas ao seu redor comentam que você se preocupa demais.
3. Você acha que não se preocupar traz má sorte ou desafia o destino.
4. A preocupação interfere em seu trabalho — você perde oportunidades, é malsucedido em suas decisões, tem baixo desempenho.

5. A preocupação interfere em seus relacionamentos íntimos — seu esposo(a) e/ou amigos às vezes reclamam que suas preocupações lhe tiram a paciência e a energia.
6. Você sabe que muitas de suas preocupações são irreais e exageradas, mas ainda assim você não consegue controlá-las.
7. Às vezes, você se sente oprimida pelas preocupações e tem sintomas físicos, como aceleração dos batimentos cardíacos, respiração ofegante, fôlego curto, suores, tonturas ou tremores.
8. Você tem uma necessidade crônica de certeza, mesmo quando tudo está bem.
9. Você sente um medo exagerado de certas situações com as quais as outras pessoas parecem lidar sem dificuldades.
10. Seus pais ou avós se preocupavam demais ou tiveram distúrbios de ansiedade.[3]

Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno.

Salmos 139.23,24

Preocupação inútil

"A solicitude no coração do homem o abate", nos diz Provérbios 12.25. A carga pesada da ansiedade não oferece benefícios reais. Jesus destacou essa inutilidade quando nos fez lembrar: "... qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?" (Mt 6.27)

Dizem que a preocupação é como uma cadeira de balanço — ela lhe dá algo a fazer, mas não a leva a lugar algum. Uma interessante série de estatísticas indica que, em relação a 70% de nossas preocupações, não há nada que possamos fazer:

Com o que nos preocupamos

40% das preocupações são coisas que nunca acontecerão.
30% se referem ao passado — que não pode ser mudado.

[3] Adaptado de Hallowell, *Worry*, 79-83.

12% dizem respeito à crítica alheia que, na maioria das vezes, não tem fundamento.

10% são sobre saúde, que piora com o estresse.

8% se referem a problemas de verdade, que podem ser resolvidos.[4]

Diante desse quadro, vemos que a preocupação é realmente uma perda de tempo. É mais do que isso. Não é apenas futilidade. Ela realmente nos prejudica.

O dano físico e emocional causado pela ansiedade crônica é bem conhecido e documentado. Anos atrás, o Dr. Charles H. Mayo, da Clínica Mayo, salientou que a preocupação afeta a circulação, as glândulas, todo o sistema nervoso e atinge profundamente o coração. "Nunca conheci um homem que morresse por causa de trabalho excessivo", disse ele, "mas muitos morreram por causa da incerteza". Desde então, os pesquisadores têm associado a preocupação crônica à fragilidade do sistema imunológico, doenças cardiovasculares, desequilíbrios neurológicos e outras disfunções físicas e psicológicas — sem mencionar as doenças relacionadas à ansiedade, tais como síndrome do pânico, agorafobia e transtornos obsessivo-compulsivos.[5]

Tudo isso provém da preocupação. Não foi por acaso que Jesus advertiu Marta sobre sua ansiedade. Não é de admirar que a Bíblia nos diz mais de 350 vezes: "Não temas".

A verdade é que não fomos criados para a preocupação. Não fomos formados para o temor. E, se quisermos ter vidas sadias, temos que deixar nossa ansiedade crônica para trás.

Mas, além do nosso bem-estar físico, há ainda uma razão espiritual urgente para evitar a preocupação. Se a ansiedade de Adão e Eva, os mais íntimos amigos de Deus, fez com que se escondessem de sua face, imagine o que a preocupação faria comigo e com você.

Por que a Bíblia diz para não nos preocuparmos

Não é uma sugestão quando Deus nos diz na Bíblia para não nos preocuparmos. É uma ordem. A preocupação e/ou ansiedade é mencio-

---

[4] "An Average Person's Anxiety Is Focused on...", citado em John Underhill e Jack Lewis, comp., Bible Study Foundation Illustration Database, Bible Study Foundation Web site (*www.Bible.org*).

[5] Leia Archibald D. Hart, *Overcoming Anxiety* (Dallas: Word, 1989).

nada especificamente vinte e cinco vezes no Novo Testamento como algo que deve ser evitado.

As palavras mais usadas para preocupação e ansiedade no Novo Testamento originam-se da mesma palavra grega, *meridzoe*, que significa "estar dividido, ser arrastado em direções opostas, sufocar". (De fato, talvez usemos a ansiedade ao redor de nossos pescoços.)

Na Parábola do Semeador, Jesus nos conta que: "a semente que caiu entre espinhos, esses são os que ouviram, e, indo por diante, são *sufocados com os cuidados*, e riquezas, e deleites *da vida*" (Lc 8.14, ênfase minha). Essas pessoas aceitaram a Palavra de Deus, mas como disse Jesus, "não dão fruto com perfeição". Cristãos amarrados à preocupação, germinados em solo espinhoso e que respiram espiritualmente com dificuldade conseguem sobreviver, mas nunca florescem de verdade.

A palavra do inglês antigo para preocupação significava "roer". À semelhança de um cão com o osso, aquele que se preocupa mastiga o seu problema durante o dia todo. Jesus nos advertiu especificamente contra esse tipo de ansiedade crônica quando disse: "Por isso, vos digo: não andeis cuidadosos [ansiosos e preocupados] quanto à vossa vida..." (Mt 6.25).

Por que a Bíblia é tão inflexível quanto a evitar o medo e a preocupação? Porque Deus sabe que a preocupação coloca em curto-circuito nosso relacionamento com Ele. A preocupação fixa nossos olhos na situação em vez de fixá-los no Salvador.

Funciona como a densa névoa de Londres — o tipo de névoa que é lendária. Ora, não seria uma história de Sherlock Holmes se não houvesse a névoa para ocultar o bandido e permitir sua fuga. "Densa como sopa de ervilha", descrevem os londrinos. Dizem que não é possível enxergar a mão que está diante do rosto.

No entanto, embora a névoa da natureza possa parecer densa e quase sólida, os cientistas dizem que um nevoeiro capaz de cobrir sete quarteirões de uma cidade é composto por menos de um copo de água. Dividida em bilhões de gotículas, ela não tem muita substância. Não obstante, tem poder para paralisar uma cidade inteira.[6]

A ansiedade também é assim. Nossa mente dispersa o problema em bilhões de gotículas de medo, ocultando a face de Deus. Levar nossa ansiedade ao Senhor é a última coisa que pensamos quando estamos

[6] Tony Evans, *No More Excuses* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1996), 223.

espiritualmente envoltos na névoa. Apenas o Filho tem poder para dispersá-la. Sem Ele, um medo conduz a outro e nossas vidas se reduzem a um doloroso rastejar.

Preocupação como um modo de vida

Em seu livro, *Bring Back the Joy*, Sheila Walsh escreve sobre um grupo de mulheres com quem conversou sobre o medo e o lugar ocupado por ele em nossas vidas. Uma mulher disse: "O medo é o que me mantém. Sem ele, sou como um suéter. Eu desfiaria". Todas as mulheres riram, escreveu Sheila, "mas sabíamos que havia alguma verdade em suas palavras. O medo era parte da estrutura de sua vida e ela tinha medo (essa palavra de novo) do que a sustentaria caso ela o perdesse".[7]

A preocupação pode se tornar um hábito — e não é fácil livrar-se dela. Afinal, às vezes ela realmente parece funcionar.

Podemos ser um pouco neuróticas, mas nossas crianças nunca se machucam. (Não as deixamos subir em nada que seja mais alto que o sofá.) Nossos maridos sempre usam cuecas limpas e recém-passadas. (Em caso de acidente, os paramédicos saberão que eles têm uma esposa que lhes trata bem.) Não saímos muito, mas nossas casas brilham com tanta limpeza. (Gostaríamos de convidar mais pessoas para uma visita mas, e se disserem "não"? E se disserem "sim"?)

Infelizmente, a idéia de que a preocupação nos ajuda de fato é somente uma ilusão — e uma perigosa ilusão. A preocupação não evita que as coisas ruins aconteçam. Na verdade, ela nos impede de ter a vida abundante que Deus deseja. Em vez de nos ajudar a resolver os problemas da vida, a ansiedade cria outros, inclusive uma tendência à introspecção doentia. Para muitas de nós, as preocupações são como os salgadinhos industrializados — é impossível comer um só.

O Dr. Hallowell conta que uma paciente assim descreveu sua preocupação: "É como um vento frio que atinge uma janela. Em segundos, estou lutando contra uma rede de perigos, de pormenores intrincados. Você não é capaz de acreditar como rapidamente vou de uma preocupação a uma soma confusa delas".[8]

---

[7] Sheila Walsh, *Bring Back the Joy* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1998), 53.
[8] Hallowell, *Worry*, 70.

Minha amiga Penny concorda. "Estou sentada no sofá, quando, de repente, um de meus pensamentos adquire vida." Logo depois, ela se vê chorando e aos soluços. "Em questão de segundos, meus filhos morreram, meu marido se divorciou de mim e estou vivendo nas ruas!"

O Dr. Hallowell diz que a imaginação das pessoas ansiosas é muito fértil. Em vez de basearem-se em fatos, elas permitem que sua preocupação se alinhe a outra, até o efeito dominó começar — um medo se move e toca o seguinte e assim por diante. Esta é a razão por que a verdade pode ser um antídoto poderoso contra a preocupação. "Compreenda os fatos", sugere o Dr. Hallowell, "pois uma boa parte da preocupação nociva se baseia no exagero ou na desinformação".[9]

Preocupação nociva. É realmente uma representação — mas é verdadeira para mim. Já passei pelos efeitos de sua má-digestão muitas vezes.

Incontrolada, a preocupação se infiltra nos pensamentos, contaminando nossa alegria e nos convencendo a desistir das soluções antes mesmo de tentar. Assim como o burrinho do desenho animado *Ursinho Puff*, permitimos que nossa vida seja consumida pelo negativismo. "Para quê? Nunca vai dar certo." Em vez de esperar pelo melhor, aceitamos o pior. Assim não ficamos tão surpresas quando o pior acontece.

Que modo terrível de viver! Não foi por acaso que Jesus nos ordenou para colocarmos de lado nossas preocupações, para não temermos.

Preocupação nociva versus preocupação natural

Não confunda. Quando Jesus nos disse para não nos preocuparmos, não estava nos pedindo para vivermos em um conto de fadas disfarçado. Ele não disse que não havia nada para nos inquietar.

A verdade é que vivemos rodeados de oportunidades para ter medo, ansiedade e preocupação. Considerando que o mundo está cheio de lutas e de dor, enfrentamos inquietudes todos os dias. Coisas ruins acontecem com pessoas boas — e também com as que não são tão boas. Problemas de verdade acontecem, principalmente no dia-a-dia. As pessoas não agem como deveriam. Os relacionamentos balançam e fracassam

[9] Anne Driscoll entrevistou o Dr. Edward Hallowell, "What, Me Worry?" *On Air Dateline NBC*, 4 de novembro de 1999, no site: http://MSNBC.MSN.com/news/210941.asp, 3.

às vezes. A dor é potencial em nossas vidas. E há certas coisas que requerem interesse e atitude de nossa parte.

Jesus sabia disso melhor do que ninguém. Elè passou a maior parte de sua vida sendo fustigado e perseguido por inimigos. Então, por que Ele diz para não nos preocuparmos? Cristo sabia que uma vida cheia de temor não deixa muito espaço para a fé. E, sem fé, nem agradamos a Deus, nem nos aproximamos a fim de obter o conforto e a orientação de que precisamos para enfrentar os cuidados e afazeres da vida.

Então, qual é a diferença entre a preocupação natural e a preocupação nociva? Aqui estão algumas coisas que descobri durante a minha batalha contra o medo:

Preocupação natural	*Preocupação nociva*
• Envolve um perigo verdadeiro	• Geralmente não tem fundamento
• É específica (uma coisa)	• É genérica (se desdobra em muitas coisas)
• Dedica-se ao problema	• Traz obsessão pelo problema
• Resolve os problemas	• Cria mais problemas
• Busca a resposta em Deus	• Busca respostas em si mesmo ou em outras pessoas

O pastor e professor Gary E. Gilley resume a diferença desse modo: "A preocupação nociva permite que os problemas e aflições fiquem entre nós e o coração de Deus. É a visão de que Deus perdeu o controle da situação e não podemos confiar nEle. A preocupação natural nos leva a ficar mais perto do coração de Deus e a depender e confiar nEle completamente".[10]

A preocupação natural nos aproxima de Deus. A preocupação nociva nos afasta dEle. Penso que essa distinção é especialmente útil para aqueles que tendem a espiritualizar a preocupação. Dizem que é nossa obrigação nos martirizarmos com as coisas, tais como o estado do mundo,

[10] Gary E. Gilley, "Think on These Things", boletim 4, nº 2 (Fevereiro de 1998).

nossas finanças, nosso futuro. Oswald Chambers, em *My Utmost for His Highest*, trata do assunto dessa forma:

> Exagero sempre termina em pecado. Imaginamos que um pouco de ansiedade e preocupação são um sinal de nossa inteligência; na verdade, são mais uma indicação de como somos pecadores. A inquietação surge da nossa determinação em resolver tudo sozinhos. Nosso Senhor nunca esteve ansioso e preocupado, porque Ele não estava disposto a concretizar seus próprios planos. Ele estava disposto a realizar os planos de Deus. Preocupação é pecado se você é filho de Deus... Toda a nossa inquietude e preocupação surgem quando excluímos Deus de nossos planos.[11]

Eis aí algo que devemos lembrar quando falamos em preocupação. Enfrentamos preocupações naturais todos os dias de nossas vidas. Mas, em vez nos martirizarmos e nos inquietarmos, precisamos discernir entre o que podemos fazer (com a ajuda de Deus) e o que deve ser deixado nas mãos de Deus.

E, sobretudo, precisamos nos lembrar de quem é Deus e o que Ele pode fazer.

As contas não se pagam sozinhas. Mas servimos a *Jeová Jire* — o Deus que provê. A mancha em nosso braço ainda precisa ser examinada, e pode até se tornar um câncer. Mas servimos a *Jeová Rafá* — o Deus que cura. Há muitas coisas legítimas com que se preocupar. Mas servimos ao *El-Shadai* — o Deus Altíssimo.

Jesus nos advertiu: "No mundo tereis aflições" (Jo 16.33). Tome essa palavra para si! Ele disse: tereis e não "podereis ter". Os problemas surgem neste mundo terreno.

"Mas tende bom ânimo!", disse Jesus, "eu venci o mundo".

Se tivermos Jesus Cristo como nosso Senhor e Salvador, não estaremos sozinhas. Nunca estamos sozinhas. Quando a vida aparece rugindo em nossa direção, ameaçando soprar, bufar e derrubar nossa casa, podemos descansar em paz. Porque vivemos dentro de uma grande fortaleza. Porque estamos escondidos sob as asas do Altíssimo. Porque temos um "irmão mais velho" bem ao nosso lado. E Ele está arregaçando as mangas.

---

[11] Oswald Chambers, *My Utmost for His Highest* (1935, reimpressão, Uhrichsville, Ohio: Barbour), 135.

Por esse motivo, podemos deixar para trás nossa preocupação — não porque não haja nada com que nos preocuparmos, mas porque temos alguém que pode lidar com ela muito melhor do que nós.

Três passos para a vitória

Paulo tinha todas as razões para se preocupar quando foi jogado em uma prisão de Roma e esperava uma possível sentença de morte. Todavia, em vez de escrever aos filipenses uma história de lamentos, escreveu uma incrível epístola de alegria. E essa carta inclui uma passagem que tem sido útil para mim quando tento aprender a evitar as preocupações.

Em Filipenses 4.6,7, Paulo escreveu: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus".

Nessa passagem, encontramos três passos resumidos e práticos para triunfar sobre a preocupação:

1. Não estar inquieto por coisa alguma.
2. Apresentar em oração todas as coisas.
3. Ser agradecido por tudo.

Quando Paulo escreveu essas palavras, "Não estejais inquietos por coisa alguma", ele quis dizer, literalmente, "nem por uma coisa sequer!" Nada. Nem por nossas famílias, nem por nossas finanças, nem por nosso futuro, nem por nosso passado. É importante que alguém como eu ouça, pois a preocupação é um hábito traiçoeiro. Permita apenas uma preocupação e atrás dessa virá outra, depois outra. É melhor cortá-la pela raiz. Não estar inquieta por coisa alguma.

Ocorre que a única forma de se beneficiar daquela primeira regra é executando a segunda — "orar por todas as coisas". E Paulo quis dizer, literalmente, "cada uma delas". Não há nada que seja tão grande, ou tão pequeno, que não possa ser apresentado ao coração do Pai. Corrie Ten Boom escreveu assim: "Uma preocupação pequena demais para ser apresentada em oração é também pequena demais para se tornar um peso".[12]

---

[12] Corrie Ten Boom, citada em *Moments — Someone Special* (Minneapolis: Heartland Samplers, 1997).

A compreensão dessa verdade tem sido grandemente útil para mim. Uma das maneiras pelas quais Deus me libertou do meu modo ansioso de viver foi a oração. Idéia recente, hein? Especialmente para alguém que passou a maior parte de sua vida dominada pelo seguinte princípio: Por que orar quando você pode se preocupar?

Veja o que fiz: em vez da obsessão mental com meus problemas, comecei a transformar, conscientemente, minha preocupação em oração.

Em vez de me preocupar, pensando "E se meu marido sofrer um acidente enquanto estiver na estrada?", eu orava, "Querido Jesus, esteja com John enquanto ele dirigir o carro hoje..."

Em vez de dizer a mim mesma "Se eu não terminar essa roupa, Jéssica vai ficar muito desapontada", eu falava com Jesus, "Senhor, tu sabes o quanto essa roupa significa para Jéssica..."

Isso pode parecer banal e excessivamente simplista, mas algo nessa pequena atitude pôs fim à escravidão. Em vez de alimentar e treinar minhas inquietações, comecei a transferi-las ao Senhor. Gradualmente, vi que a ansiedade crônica perdera sua força sobre mim.

Como você pode ver, a inquietação exalta o problema, mas a oração exalta a Deus. "Nossos problemas parecem opressores, pois permitimos às coisas desta vida se mostrarem maiores aos nossos olhos do que as coisas eternas", relata Selwyn Hughes em *Every Day Light*. "As menores moedas, quando seguradas próximas aos olhos, podem encobrir o sol."[13]

Talvez por esse motivo Paulo concluiu seu preceito sobre a preocupação com a última parte de sua recomendação crucial: "Sejam agradecidos por tudo!" Olhe para tudo o que Deus tem feito. Conforme as palavras do antigo hino "Conta as bênçãos, dize quantas são!" Se não formos gratos pelo que Deus fez no passado e no presente, não teremos fé para crer em Deus com respeito às coisas no futuro.

A gratidão é importante, pois ela tem poder para mudar nossa postura. Quando estamos dispostas a agradecer a Deus por tudo, não apenas por algumas coisas — agradecer conscientemente mesmo quando não nos sentimos muito gratos — algo em nossa vida começa a mudar. Começamos a ver a vida como Cristo a vê, com mais oportunidades do que obstáculos. E quando vemos a vida pelos olhos da fé, o medo tem que sair.

---

[13] Selwyn Hughes, *Every Day Light* (Nashville: Broadman & Holman, 1998), dia 1.

A escolha que nos conduz à paz

Muitas coisas dependem de nossa perspectiva. Se o meu Deus não for maior do que a vida, a minha vida é maior do que Deus — e esse é o momento em que a ansiedade assume seu posto.

"A mente humana é algo interessante", dizem os autores Bill e Kathy Peel em seu livro *Discover Your Destiny* (Descubra o seu Destino), "ela consegue se concentrar em muitas coisas de uma vez só. Quando estamos preocupados com um problema e nos concentramos em nossa incapacidade para lidar com ele, não há espaço para Deus. A habilidade de pensar racionalmente volta somente quando mudamos nosso foco para a capacidade de Deus".[14]

E quando agimos assim, Paulo diz, "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4.7). Quando decidimos orar em vez de nos preocupar — quando escolhemos ter um coração grato em circunstâncias não muito boas — então a paz de Deus surge e nos leva para a "prisão preventiva". Ela fica de guarda na porta do nosso coração, transcendendo, excedendo e desconcertando nosso entendimento humano, trazendo-nos paz.

Aliviadas das obrigações, podemos tirar nossos "colares da preocupação" e apanhar o escudo da fé. Depois, podemos recuar e assistir à operação de Deus.

Por falar em colares de contas, o uso do *komboloi* diminuiu significativamente na Grécia há três ou quatro décadas, quando os jovens gregos tentaram adotar estilos mais modernos. Mas parece que agora esses velhos redutores de estresse estão voltando com tudo. Até mesmo na cosmopolita Atenas é possível encontrá-los em todos os lugares. Você pode comprar colares da preocupação feitos de plástico, mais baratos, em bancas de jornal, ou deixar milhares de dólares em uma joalheria e adquirir algo mais adornado. Executivos em ternos Armani tocam em suas contas de marfim e nas lisas pedras negras. Homens idosos dão estalidos em contas de madeira. Jovens gregos deprimidos giram seus colares de contas, comparando estilos e etiquetas de preço. É uma tradição que ainda traz uma forma de conforto.

---

[14] Bill e Kathy Peel, *Discover Your Destiny* (Colorado Springs, Colorado: NavPress, 1997), 202.

Pergunto-me: quantos deles conhecem a origem do *komboloi*? Gostaria de saber se eles se ocupam dos toques e estalidos com o propósito original que esses colares representam. *Komboloi*, você sabe, foi usado primeiro em outras culturas com a única finalidade de contar orações. Conta a conta, oração a oração, o *komboloi* foi uma expressão visível de um coração dedicado a Deus.

Essa é a mesma escolha que nos é oferecida hoje. Nós vamos orar? Ou vamos nos preocupar? De fato, não podemos fazer os dois.

O campo de batalha da mente

"Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai" (Fp 4.8). Paulo conclui seu conselho sobre a preocupação com uma lista de coisas que merecem reflexão. Nossos pensamentos vão se concentrar no que é verdadeiro ou no que é falso? Naquilo que é honesto ou no que é desonesto? No que é justo ou no que é injusto? No que é puro ou no que é impuro? Naquilo que é amável ou no que é detestável? No que é de boa fama ou no que é abominável? No que é excelente e digno de louvor? Ou naquilo que é sórdido e desprezível?

"Entra lixo, sai lixo." Todas nós já ouvimos o ditado. Aquilo que colocamos em nossas mentes afeta nossos corações. E a boca fala do que está cheio o coração. Nossas mentes se agitam. Nossa concupiscência queima. E as vidas se destroem.

Não podemos subestimar o efeito de nossos pensamentos. A guerra da preocupação, bem como a batalha da tentação, é vencida e perdida no campo de batalha de nossas mentes.

Os olhos acinzentados da jovem mulher moveram-se rapidamente atrás dos óculos de aros de metal no momento em que observava a biblioteca abarrotada. Por um instante, pensei que ela pudesse se virar e ir embora. Mas, em vez disso, dirigiu-se até a mesa do bibliotecário e esperou por sua vez.

"Você tem algum livro sobre medo e preocupação?", ela perguntou ao homem sentado atrás da mesa, com uma voz baixa e suave. Reconheci a dor que enlaçou o seu mundo. Eu também já havia vivido em seu mundo de ansiedade.

Deus trabalhou muito em minha vida no campo da ansiedade. Eu fui alguém que queria consertar tudo, fazer a todos felizes. Estava tentando fazer tudo certo para impressionar a Deus através de minhas obras. Como Marta, estava continuamente agitada e preocupada com muitas coisas. Queria crescer em Cristo; porém, sempre que me deparava com um obstáculo, não seguia adiante por causa do medo. Em vez de transpor com um salto aquela barreira "por meio daquEle que me fortalece", eu ficava estática. Então, voltava para dar mais uma olhada e tentar imaginar uma outra forma de conseguir vencer o obstáculo sozinha.

Agora, na biblioteca, eu me perguntava se teria uma chance para compartilhar o que Deus fez por mim. A jovem veio até mim com os braços cheios de livros sobre superação do medo. "Eu deveria interrompê-la, Senhor?", meu coração sussurrou. Mas ela e o bibliotecário continuavam conversando. Então esperei.

"A propósito", ouvi a jovem perguntar, "você tem o último livro de Stephen King?"

Uma nova mente

Fico embaraçada em admitir que não falei com a jovem mulher. O momento certo para abordá-la parecia perdido em ironia e falta de habilidade. Voltei ao meu trabalho sentindo que meu conselho não seria bem aceito naquele momento.

Tenho experiência de que Deus não nos afasta de nossos "amigos", aqueles que procuramos para nos confortar — mesmo aqueles amigos que não são bons para nós. Devemos estar dispostos a libertá-los através de nossa própria iniciativa. E até que o façamos, a batalha na mente vai ficando mais intensa.

Muitos de nós, até mesmo cristãos, reclamamos da luta contra o pecado, mas depois, secretamente, fornecemos a Satanás a munição de que ele precisa. Sabemos que não deveríamos ler aquele livro. Sabemos que a conversa ao telefone de ontem não glorificou ao Senhor. Sabemos que a relutância em perdoar que abrigamos por tanto tempo está se fortalecendo. Mas ainda nos apegamos a isso — e depois nos perguntamos por que temos tantas dificuldades para fazer mudanças positivas em nossas vidas.

Devemos estar dispostos a assumir uma postura ativa na batalha contra a ansiedade. Por muito tempo, permiti que Satanás tivesse acesso total à minha vida e, assim, dei-lhe liberdade para reinar.

No entanto, quando comecei a levar "cativo todo entendimento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5), a ansiedade começou a perder sua influência. Em vez de me desviar do caminho com medo, observei novamente cada pensamento. Muitos eram incógnitos, disfarçados como emoções normais. Contudo, em vez de distraí-los, algemei os pensamentos intrometidos que causavam medo e os levei a Jesus. Juntos, nós os interrogamos com duas perguntas:

- De onde você veio? (Qual é a origem desse medo? É real ou imaginária?)
- Aonde você vai? (Esse pensamento vai me conduzir a Deus ou ao medo? Posso resolver esse problema ou deveria transferi-lo para Cristo?)

Por um tempo, dei liberdade aos meus pensamentos, sem perceber que se Satanás controla meus pensamentos, ele me controla. Antes disso eu deixava, desatenta, que as emoções me conduzissem aos caminhos traiçoeiros da autoconfiança, em vez de confiar em Deus. Permitia que as preocupações me levassem às águas venenosas da dúvida. Meus medos me fizeram descansar nos verdes pastos da autocompaixão.

Mas isso não durou a vida toda. Uma nota à margem da antiga *Versão revisada* da Bíblia inglesa usa o termo "imaginação" na passagem de Isaías 26.3. "Tu conservarás em paz aquele cuja *imaginação* está firme em ti..."[15]

A Palavra cresceu aos meus olhos no dia em que li essa tradução peculiar. Era o diagnóstico que eu precisava ouvir. A imaginação havia controlado minha vida durante tanto tempo que cresceu como um cão pastor gigante, percorrendo sem limites as campinas da minha mente. Minhas emoções seguiam a imaginação como filhotes brincalhões, incertos do lugar para onde estavam sendo levados, mas muitos felizes com o passeio.

"Aqui, Imaginação! Aqui, garota." Era o que eu gritava às vezes. O puxão que me conduzia ao medo era forte a ponto de somente um comando mais forte ser capaz de me levar de volta ao centro. Eu tinha que

[15] Citado em Chambers, *My Utmost for His Highest*, 30.

apontar para um ponto ao meu lado e instruir a imaginação e qualquer outra emoção perdida para se dirigem até lá.

Loucura? Talvez. Mas deu certo para mim. Nada poderia ser mais maluco do que o meu modo ansioso de viver.

Comecei a procurar nas Escrituras versículos sobre o medo, a preocupação e a mente. Quando encontrava um versículo que se encaixava, eu o decorava. Então, quando a tentação do medo vinha, eu respondia com a Palavra de Deus: "Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (2 Tm 1.7).

À semelhança do rei Davi em Salmos 1.2, comecei a meditar na Palavra de Deus de dia e de noite. A palavra "meditar" pode ser comparada a uma vaca mastigando o alimento. Em vez de remoer meu problema, treinei minha mente para "ruminar" as promessas de Deus. E quando eu, com a ajuda do Espírito Santo, me lembrava da Palavra, algo emocionante acontecia. A ansiedade desaparecia diante da verdade. Então, a paz — o tipo de paz que acalmou a violenta tempestade dos discípulos — surgia.

O tipo de paz que apenas Jesus pode dar. Paz. Sossegai.

A perfeita paz

"... a perfeita caridade lança fora o temor", nos diz 1 João 4.18. Gosto bastante do modo como J. B. Phillips traduz esse versículo: "O amor não contém o medo — antes, o amor inteiramente desenvolvido repele cada partícula de medo; porque o medo sempre contém a tortura do sentimento de culpa. Isso significa que o homem que vive no medo ainda não teve seu amor aperfeiçoado."

Esse versículo é bastante proveitoso para mim, pois indica a raiz do hábito de me preocupar. Eu era ansiosa pela mesma razão que o primeiro homem e a primeira mulher: não estava segura em relação ao amor de Deus.

Bem, eu sabia que era salva e que se morresse, iria para o céu. Mas, em algum ponto da jornada, distorci tudo e comecei a pensar que deveria fazer algo para merecer o amor de Deus. Se conseguisse ser boa o suficiente, então Deus me amaria. Naturalmente, acabei tropeçando várias vezes. Em cada vez, eram necessárias semanas para eu sentir que estava ao lado de Deus novamente.

Não era por acaso que me preocupava. Não era por acaso que tinha medo. Constantemente, eu buscava folhas de figueira, tentando encobrir minha imperfeição.

Quando Jesus disse "Marta, Marta..." tão mansamente naquele dia agitado em Betânia, estava falando com você e comigo também. Com amor, se ouvirmos, Ele sussurra o diagnóstico concernente ao estado de nossa alma: "Você está preocupada", salienta. "Você está ansiosa. Não apenas com a refeição, mas com tudo".

E com o diagnóstico vem a escolha.

Venha encontrar o amor, Jesus nos convida. Venha ao encontro de um amor tão perfeito que cobre todas as transgressões e a declara "inocente". Venha ao encontro do amor que afugenta o medo! Venha encontrar tudo o que você sempre desejou. Encontre paz para sua alma.

"Joanna, Joanna...", o Senhor diz à minha vida hoje. Ouça com atenção. Você vai ouvir Jesus chamando seu nome também. Ele está dizendo: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim" (Jo 14.1).

Ele nos insta a abandonar nossos colares da preocupação, a desistir de consertar o que não conseguimos e a buscar sua face.

Jesus está nos chamando para a "grande troca" — aquela em que nunca perdemos. Quando trocarmos as "muitas coisas" que nos tornam ansiosas, Ele nos dará "uma só coisa" que acalma nossos corações: Ele mesmo.

Porque Ele é o Príncipe da Paz.

Dez maneiras de domar o hábito da preocupação

10. *Faça distinção entre a preocupação nociva e a preocupação natural.* Verifique se você pode fazer alguma coisa a respeito de sua situação. Em caso positivo, trace um plano para resolvê-la (Pv 16.3).
9. *Não se preocupe sozinha.* Partilhe suas preocupações naturais com um amigo ou conselheiro. Você pode receber conselhos úteis. Conversar sobre seus temores com alguém sempre revela soluções antes invisíveis (Pv 27.9).

8. *Cuide de seu corpo.* Exercícios regulares e descanso adequado podem acalmar muito a preocupação. Quando nossos corpos são sadios, nossas mentes conseguem controlar melhor o estresse e reagir mais convenientemente (1 Co 6.19,20).
7. *Faça o que é certo.* Uma consciência culpada pode causar mais ansiedade do que um mundo de problemas. Faça o melhor para não ter uma vida reprovada. Seja cautelosa com os erros, confessando e buscando o perdão (At 24.16).
6. *Veja o lado positivo.* Concentre-se no que é bom à sua volta. Não se permita falar negativamente, ainda que sobre si mesma (Ef 4.29).
5. *Controle a imaginação.* Seja realista com os problemas que está enfrentando. Tente viver "aqui e agora" e não pensando "no que pode acontecer" (Is 35.3,4).
4. *Prepare-se para o inesperado.* Faça uma reserva de dinheiro e tome medidas sensatas a fim de estar preparada quando as dificuldades surgirem (Pv 21.20).
3. *Confie em Deus.* Lembre-se sempre de colocar Deus em sua equação. Então, quando o medo bater à porta, você pode mandar a fé atendê-lo (Sl 112.7).
2. *Medite nas promessas de Deus.* As Escrituras têm o poder de transformar nossas mentes. Procure passagens bíblicas que tratam especificamente de ansiedade. Responda às dificuldades da vida com a Palavra de Deus (2 Pe 1.4).
1. E qual será a recomendação número um para domar a preocupação? *Ore!* O hino de Joseph M. Scriven diz tudo: Oh! que paz às vezes perdemos/ Oh! que dor inútil carregamos/ Isso é porque não levamos/ tudo a Deus em oração" (Cl 4.2).[16]

Busquei ao Senhor, e ele me respondeu; livrou-me de todos os meus temores. Olharam para ele, e foram iluminados; e os seus rostos não ficarão confundidos.

Salmos 34.4,5

[16] Joseph M. Scriven, "What a Friend We Have in Jesus", *The Hymnal for Worship & Celebration* (Waco, Texas: Word Music, 1986), 435.

Capítulo 4

A Cura

Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas,
mas uma só é necessária...

Lucas 10.41,42

Conta-se a história de um homem que um dia encontrou Deus em um vale.[1]

— Como você está nesta manhã? — perguntou Deus ao companheiro.

— Estou bem, obrigado — respondeu o homem. — Posso fazer alguma coisa pelo Senhor hoje?

— Sim — disse Deus —, tenho uma carroça com três pedras e preciso que alguém a leve até a colina para mim. Você está disposto?

— Sim, gostaria muito de fazer alguma coisa pelo Senhor. As pedras não parecem tão pesadas e a carroça está em boas condições. Ficaria feliz em fazê-lo. Onde o Senhor gostaria que eu a deixasse?

Deus deu ao homem instruções específicas, desenhando um mapa no chão, à beira da estrada.

— Passe pelo bosque e suba pela estrada que termina no alto da colina. Quando chegar ao cume, deixe lá a carroça. Obrigado por sua boa vontade em me ajudar.

[1] Adaptada da história de Rosemarie Kowalski. Usada com permissão.

— Tudo bem! — o homem replicou e começou sua caminhada animado.

A carroça se arrastava devagar, mas a carga era leve. Ele começou a assobiar enquanto caminhava rapidamente pela floresta. O sol atravessava as árvores e aquecia suas costas. Que alegria ser capaz de ajudar o Senhor, pensou ele admirando o lindo dia.

Perto da terceira curva, entrou em uma pequena vila. As pessoas sorriam e o cumprimentavam. Então, na última casa, um homem o parou e lhe perguntou:

— Como você está nesta manhã? Que linda carroça você tem aí. Aonde você vai?

— Bem, hoje de manhã Deus me deu um trabalho. Vou deixar essas três pedras no topo da colina.

— Que maravilha! Você acredita? Pela manhã, estive orando porque não sabia como levar essa pedra até o cume da montanha — disse o homem com grande entusiasmo. — Você poderia levá-la para mim até lá? Seria como uma resposta à minha oração.

O homem com a carroça sorriu e respondeu:

— É claro. Não creio que Deus se incomode. Coloque-a atrás das três pedras.

Então, partiu com três pedras e uma rocha dentro da carroça.

A carroça parecia um pouco mais pesada. Ele podia sentir o solavanco de cada batida e a carroça já puxava para o lado. O homem parou para arrumar a carga enquanto cantava um hino de louvor, satisfeito por ajudar a um irmão e também a Deus. Depois, partiu novamente e logo chegou a um outro pequeno vilarejo à beira da estrada. Um grande amigo vivia lá e lhe ofereceu um refresco.

— Você está indo para o topo da colina? — indagou o velho amigo.

— Sim! Estou muito entusiasmado. Imagine, Deus me deu algo a fazer!

— Ei! — disse o amigo. — Preciso levar essa mala de seixos para lá. Estava preocupado porque não arranjava tempo para levá-la eu mesmo. Mas você poderia encaixá-la entre as três pedras, aqui no meio. Deste modo, colocou sua carga na carroça.

— Isso não deve ser problema — disse o homem. Acho que consigo levar. Terminou de beber o refresco, levantou-se e esfregou as mãos antes de pegar a carroça. Despediu-se com um aceno e começou a puxar a carroça de volta para a estrada.

Definitivamente, a carroça pesava em seus braços agora, mas não chegava a ser desconfortável. No início da subida, ele começou a sentir o peso das três pedras, da rocha e dos seixos. Apesar disso, sentia-se bem por estar ajudando um amigo. Certamente Deus ficaria orgulhoso de sua energia e disposição para ajudar.

A uma pequena parada seguiu-se outra e a carroça começou a ficar cada vez mais pesada. O sol estava quente e seus ombros doíam por causa do esforço. Logo as canções de louvor e de gratidão que enchiam seu coração deixaram seus lábios e o ressentimento começou a crescer em seu interior. Não foi isso que ele aceitou pela manhã. Deus havia lhe dado uma carga mais pesada do que ele era capaz de suportar.

A carroça parecia enorme e desajeitada enquanto se movia com dificuldades e pendia nos sulcos da estrada. Frustrado, o homem começou a pensar em desistir e em deixar a carroça rolar ladeira abaixo. Deus estava fazendo um jogo cruel com ele. A carroça cambaleou e a carga se chocou com a parte de trás de suas pernas, machucando o homem.

— Já chega! — irritou-se. — Deus não pode esperar que eu puxe tudo isso até o alto da montanha. Ó, Deus — lamentou. — Isso é muito duro para mim! Pensei que estivesses me ajudando nessa viagem, mas estou oprimido por uma carga muito pesada. O Senhor tem que arrumar mais alguém para levá-la. Não sou forte o bastante.

Quando orou, Deus apareceu ao seu lado.

— Parece que você está em dificuldades. Qual é o problema?

— Tu me deste um fardo pesado demais — queixou-se o homem. — Isso não é para mim!

Deus caminhou até a carroça, apoiada em uma pedra.

— O que é isso? — e levantou a mala de seixos.

— Isso pertence a John, meu grande amigo. Ele não tinha tempo para trazê-la sozinho. Pensei que poderia ajudar.

— E isto? — Deus derrubou duas peças de xisto ao lado da carroça enquanto o homem tentava explicar.

Deus continuou a esvaziar a carroça, retirando tanto os itens leves como os pesados. Caíram no chão e a poeira levantou. O homem que esperava ajudar a Deus ficou em silêncio.

— Se você permitir que os outros levem as suas próprias cargas — disse Deus —, eu o ajudarei com sua tarefa.

— Mas eu prometi que ajudaria! Não posso deixar essas coisas abandonadas aqui.

— Deixe que os outros carreguem seus próprios pertences — disse Deus mansamente. — Sei que você estava tentando ajudar, mas enquanto você estiver sobrecarregado com todos esses cuidados, não conseguirá fazer o que eu lhe pedi.

O homem logo se pôs de pé, percebendo subitamente a liberdade oferecida por Deus.

— Quer dizer que só preciso levar as três pedras? — perguntou.

— Foi o que eu lhe pedi. — Deus sorriu. — Meu jugo é suave e meu fardo é leve. Nunca vou lhe pedir para carregar mais do que você consegue suportar.

— Eu consigo fazer isso! — disse o homem, sorrindo de orelha a orelha. Agarrou o cabo da carroça e começou sua jornada novamente, deixando o resto das cargas junto à estrada. A carroça ainda cambaleava e sacudia um pouco, mas ele nem percebia.

Um novo canto encheu seus lábios e ele sentiu uma brisa perfumada soprando pelo caminho. Com grande alegria, atingiu o topo da colina. Foi um dia maravilhoso, pois ele havia feito o que o Senhor lhe pedira.

Uma carroça sobrecarregada

Senti-me como o homem puxando pedras — sobrecarregada, trabalhando demais e oprimida. O que começou com alegria tornou-se um trabalho penoso e tive vontade de desistir.

Nada é mais difícil de suportar do que uma carga que não nos pertence. Embora Deus nos ensine a carregar as cargas uns dos outros, não disse que deveríamos interferir e fazer o que os outros não querem. E, conquanto haja muitas necessidades, Deus não nos pede para satisfazermos todas elas.

Na verdade, nós, assim como Marta, nos surpreendemos com o pouco requerido por Deus.

Os judeus, ávidos para agradar a Deus, são prolíferos em regras e regulamentos. Deus deixou a Lei, e como eles o amavam, estavam determinados a vivê-la na íntegra. Se um pouco de lei era bom, mais leis era ainda melhor. Ao menos essa era a opinião dos fariseus, um dos dois grupos religiosos que mais influenciavam as pessoas comuns nos dias de Jesus.

Com o desejo de serem uma nação perfeita, os fariseus pegaram os preceitos básicos deixados por Deus a Moisés e começaram a criar formas de aplicá-los à vida cotidiana. Conseqüentemente, criaram o *Mishnah*, um conjunto de mais de seiscentas regras e regulamentos, destinados a ajudar os judeus a cumprirem a Lei integralmente. As ordens iam do sublime ao ridículo. Especialmente as que diziam respeito ao dia sabático.

A lei de Deus exigia um dia de descanso na semana, a interrupção do trabalho e uma pausa nas obrigações. Desde o aparecimento da primeira estrela da noite de sexta-feira até o pôr-do-sol no sábado, os judeus tinham que cessar todo o trabalho — e as regras sobre o que constituía o trabalho eram bem definidas. Os fariseus interpretaram que se um homem trouxesse um alfinete em seu manto no sábado, estaria costurando. Se arrastasse uma cadeira no solo, estaria arando a terra. Se carregasse seu colchão, estaria desempenhando uma responsabilidade. Se apanhasse milho e o esfregasse em suas mãos, estaria segando. Em todas essas coisas, ele estaria desobedecendo à Lei.[2]

Os fariseus também argumentavam que era errado comer um ovo posto no sábado, pois a galinha havia trabalhado. O ônus do dia sabático "oficial" que alguém conseguiria cumprir legalmente tinha o peso de um figo seco.[3]

Em vez de atrair a nação de Israel para junto de Deus, a lei dos fariseus tornou-se uma pedra de tropeço. Era impossível cumprir cada pormenor daquilo que Jesus chamou de "fardos pesados" (Mt 23.2-4).

É nesse ambiente legalista que encontramos Marta. A religião dos judeus era patriarcal por natureza. Apenas aos homens era permitido o assento no Sinédrio. Apenas os homens eram admitidos nas sinagogas; as mulheres sentavam no lado de fora. Somente os homens podiam usar os filactérios com trechos das Escrituras em sua fronte ou em seu braço esquerdo, para lembrá-los de que deveriam obedecer à lei de Deus. As tiras de couro, demonstrações exteriores da devoção a Deus, pertenciam amplamente ao domínio masculino.

As mulheres que quisessem demonstrar seu amor a Deus eram estimuladas a fazê-lo através de boas obras — era a única opção. Permitia-se que elas entrassem no Pátio das Mulheres para a adoração, mas não

---

[2] Bernard R. Youngman, *The Lands and Peoples of the Living Bible* (Nova York: Hawthorn, 1959), 213.
[3] Youngman, *Lands and Peoples*, 213-4.

podiam passar dali. No deserto, só podiam chegar até a porta do Tabernáculo. Até mesmo Salomão, em sua descrição de mulher perfeita, pouco mencionou a respeito de sua vida espiritual com Deus — deteve-se mais nas obrigações desempenhadas por ela.

Uma mulher judia tinha dezenas de obrigações. Mesmo a guarda do sábado significava muito trabalho para as mulheres do tempo de Jesus. Embora o dia sabático fosse uma ordenança para o descanso de homens e mulheres, o dia anterior ao sábado reservava uma preparação frenética. Era preciso preparar três refeições *kosher* (alimento preparado conforme os preceitos judaicos), encher as lâmpadas de azeite e os cântaros de água até a borda para a cerimônia da purificação. A casa tinha que estar em ordem, e toda a família precisava de túnicas limpas e alinhadas para usar no dia seguinte.[4]

E isso era para um sábado "comum". Dias de festas e eventos especiais demandavam preparações extras.

Provavelmente, Jesus visitou Marta e Maria em um dia mais alvoroçado do que o usual. A Festa dos Tabernáculos se aproximava, e havia muito a cozinhar e a fazer. Essa festa da peregrinação acontecia no início do outono e era uma das três comemorações que todo homem judeu, dentro de um raio de vinte e quatro quilômetros, deveria ir a Jerusalém para celebrar.

A Festa dos Tabernáculos durava sete dias, depois de um sábado especial. Comemorada logo após a colheita, era uma ocasião de grande celebração e alegria. As pessoas deixavam suas casas para viver em barracas ou pequenas tendas em memória de sua jornada no deserto. William Barclay, em seu comentário sobre João, descreve-a assim:

> A Lei determinava que as tendas não deviam ser estruturas permanentes, mas construídas especialmente para a ocasião. Suas paredes eram feitas com galhos e folhagens e deveriam oferecer proteção contra o tempo, mas não impedir a entrada de sol. O telhado era de sapé e deveria ser disposto de uma forma que permitisse ver as estrelas à noite. O significado histórico de tudo isso era lembrar às pessoas, através de um modo inesquecível, que uma vez foram peregrinas no deserto e não tiveram um telhado sobre suas cabeças.[5]

---

[4] G. Ernest Wright, ed., *Great People of the Bible and How They Lived* (Pleasantville, N.Y.: Reader's Digest Association, 1974), 324-5.

[5] William Barclay, *The Gospel of John*, vol. 1, ed. rev., Série *The Daily Study Bible* (Filadélfia: Westminster, 1975), 248.

Betânia situava-se na encosta oriental do monte das Oliveiras, a apenas três quilômetros de Jerusalém. Na época da visita de Jesus, provavelmente as ladeiras suaves da cidade estavam cheias de tendas de peregrinos. A fim de proporcionar espaço para os adoradores durante as grandes festas, os limites de Jerusalém geralmente eram estendidos, abrangendo Betânia, inclusive.

Deste modo, no momento em que Marta convidou a Jesus e os discípulos para ficarem em sua casa durante a jornada para Jerusalém, eles aceitaram sua amável hospitalidade. Marta continuou com seus presumidos afazeres — deixando tudo confortável para que todos pudessem adorar a Deus.

A idéia de se juntar a Jesus e aos discípulos nunca lhe ocorreu, simplesmente porque isso não era permitido. Mas ela amava a Jesus. Acredito que Marta sabia que estava hospedando o Messias. E ela demonstrou sua devoção dando o que tinha de melhor. O presente de seu trabalho.

Logo Marta descobriu que até mesmo as carroças bem-vindas podem se tornar pesadas. Especialmente quando estão carregadas com o peso extra de nossas agendas humanas e expectativas.

Descarregando as pedras

Jesus veio à terra e imediatamente derrubou a carroça de regras e regulamentos dos judeus. Ele atingiu a liderança religiosa na ferida que mais incomodava — com um golpe bem no meio de seu orgulho espiritual. "Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas!" (Lc 11.46)

Para os desamparados que estão sob o peso da Lei, Cristo se tornou um "carregador de cargas": "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Mas, para aqueles que colocam a fé em seus afazeres religiosos, Ele adicionou mais um fardo: "Falta-te uma coisa", disse Jesus ao jovem rico, "vai, e vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres [...] e vem e segue-me" (Mc 10.21). Jesus sabia que mais cedo ou mais tarde, o fardo legalista ficaria pesado demais para ser carregado e os religiosos clamariam por alívio. E lá estaria Ele.

Jesus derrubou todas as "tradições dos homens", a ditadura do "faça isso e não faça aquilo", que obscurecia a face de Deus. "Este é Deus",

declarou ao mundo. "Olhe e perceba! Ele o ama. Ele me enviou para que você tenha vida e amizade com Ele. Não é a aparência exterior que interessa ao Pai. É o seu interior."

Foi o que Jesus disse a Marta naquela tarde agitada. "Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária". E qual era essa coisa necessária? Não era cozinhar, limpar ou fazer boas obras, mas conhecer a Deus. Ouvir sua voz. Deixar a *cozinha* por tempo suficiente para experimentar a comunhão e a intimidade da *sala de estar.*

"Uma só [coisa] é necessária". Com essas palavras, Cristo repeliu todo o chauvinismo e preconceito, toda tradição e ritual. No tocante aos assuntos espirituais, as mulheres não precisavam mais ficar do lado de fora olhando. Certamente, assim como a morte de Cristo restaurou o relacionamento entre Deus e a humanidade, as palavras de Jesus naquele dia removeram o obstáculo que separava as mulheres de seu Criador.

As Escrituras não relatam a resposta de Marta à declaração estupenda de Jesus. Todavia, posso ver Jesus oferecendo sua mão, dando boas-vindas a Marta para se juntar a Maria, que estava aos seus pés.

Gostaria de saber o que Marta fez então. Talvez tenha dado depressa alguma desculpa: o jantar, seu avental, seu cabelo. Talvez ela tenha se retirado como alguém que recebe uma repreensão. Ou, quem sabe, quando parou ali e contemplou os olhos do Mestre, tenha dobrado os joelhos e começado a ouvir.

O fato é que não sabemos. Embora as respostas negativas ao convite de Jesus, em geral, sejam mencionadas na Bíblia — o jovem rico partiu triste e os defensores da Lei foram embora furiosos — o desfecho dessa história particular não foi descrito. Talvez seja para nos dar a oportunidade de escolher a nossa própria resposta.

O que faríamos se soubéssemos que perdemos a melhor parte preparada por Deus para nós? Dobraríamos os joelhos ou voltaríamos para nossa rotina? Daríamos desculpas esfarrapadas ou teríamos um coração humilde?

É difícil ignorar o amor de Jesus. A doce persuasão do Espírito Santo acalma nossos temores e despedaça nossas justificativas. Com base em seus encontros posteriores com Jesus, que abordaremos nos próximos capítulos, penso saber exatamente o que aconteceu com Marta. Acredito que ela seguiu a recomendação de seu Mestre. Dobrou os joelhos e ficou aos seus pés. Ela permitiu que Deus esvaziasse a sua carroça, tão carregada de cuidados, e depois a enchesse com sua presença.

Somente quando Marta abandonou a extensa lista de obrigações e começou a fazer a única coisa necessária é que começou a dar a Deus o que realmente Ele desejava.

Descarregando pedras

Quando minha amiga Trícia começou a se sentir oprimida por sua vida agitada demais, ela e o marido decidiram tirar algumas pedras de suas carroças sobrecarregadas. Aqui está o simples procedimento seguido por eles. Talvez seja útil para você também.

1. Fizeram uma lista de todas as atividades em que estavam envolvidos (filhos, trabalho, igreja, etc.).
2. Oraram a respeito e priorizaram as atividades conforme sua importância, classificando cada uma com um número de 1 a 4.
3. Então, eliminaram todas os itens classificados com o número 4.

Embora possa parecer bastante simplista, esse processo realmente ajudou John e Trícia a aliviarem o peso. "Foi difícil deixar as coisas de que gostávamos do lado de fora!", diz Trícia. "Mas a liberdade e a paz que ganhamos valem mais do que elas."

Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos:
Aplicai o vosso coração aos vossos caminhos.

AGEU 1.5

Dando o presente desejado por Deus

Eu e meu marido éramos casados há menos de um ano, e o dia do meu aniversário estava próximo. Ele fazia segredo quanto aos seus planos para a comemoração, e eu estava certa de que aquele aniversário seria maravilhoso. E foi. Cheguei em casa e encontrei luzes de vela e rosas, nossa porcelana nova sobre a mesa e, sobre o balcão, um bolo de aniversário feito em casa. John tinha visitado nossa vizinha, a Sra. Chapman, e ela lhe mostrou como preparar tudo — a partir do zero!

Eu estava muito impressionada. No entanto, o que mais me intrigou foi a grande caixa no centro da mesa. O que poderia ser? Lingerie? Um vestido novo? Chocolate? John parecia tão entusiasmado quanto eu, e insistia que eu abrisse a caixa antes do jantar.

— Espero que você goste — disse John com os olhos tão brilhantes como os de um garotinho. — Você disse que precisava disso.

"Precisava disso." Devia ter sido minha primeira pista. Mas, jovem e ingênua, compreendi que o presente seria ainda melhor do que eu pensava. Devia ser aquele caro processador de alimentos que admirei no centro da cidade.

Cuidadosamente, desfiz o nó e comecei a desenrolar a fita até o fim. — Abra! — John apressava. Rasgue o papel e abra!

Ríamos enquanto eu rasgava o lindo embrulho em grandes pedaços. Nenhum de nós poderia imaginar minha reação.

E lá estava, debaixo do papel de presente mais caro — meu presente de aniversário em todo o seu resplendor. O amor da minha vida havia me dado não um, mas dois (pois ele é um homem muito generoso!) organizadores. Um para encaixar o ferro e a tábua de passar. O outro para colocar o esfregão e a vassoura.

Eu não sabia o que dizer. John estava tão entusiasmado que insistia em pendurá-los imediatamente. "Você disse que precisava", ele tagarelava enquanto procurava a chave de fenda.

— Eu precisava, não é? — respondi baixinho, enquanto o seguia até a área de serviço.

Felizmente, éramos ainda recém-casados. Mordi os lábios antes de lhe dar um beijo de agradecimento e, por muitos anos, John pensou ter me dado um presente maravilhoso. É, ele deu.

Com freqüência, oferecemos um presente a Deus imaginando que isso é o que Ele precisa ganhar. Na verdade, deveríamos parar e descobrir o que Ele deseja.

Fazemos promessas e tomamos decisões no ano novo para ocupar ainda mais a nossa mente. Nesse ano, vamos ler a Bíblia toda. Nesse ano, vamos fazer parte do grupo de oração — ou começar um novo grupo sozinhas. Nesse ano, vamos experimentar aquele jejum de quarenta dias de que todos falam.

Traçamos metas para sermos mais amáveis e menos egoístas. Procuramos oportunidades para servir a Deus. Visitamos um doente na segunda-

feira, integramos o serviço de aconselhamento por telefone na terça-feira, nos apresentamos como voluntárias na escola na quarta-feira, trabalhamos na assistência social na quinta-feira, digitamos os boletins da igreja na sexta-feira, brincamos com nossos filhos no sábado e vamos à igreja no domingo. E tudo que fazemos é importante. Tudo isso é bom.

O problema é que, ao contrário da opinião popular, não podemos fazer tudo. Nem devemos tentar.

Paulo explicou esse assunto em Romanos 12. Ele disse que o corpo de Cristo tem muitos membros e cada um deles tem um dom diferente — isso significa que cada um tem um trabalho diferente para fazer. O fato de que 20% da igreja faz 80% do trabalho não é exatamente o que Deus deseja.

As palavras de Jesus para Marta são direcionadas àqueles que também estão estendendo os limites do trabalho da igreja: "Uma só [coisa] é necessária". Precisamos reservar um tempo para sentar aos pés de Jesus, para adorá-lo e conhecê-lo melhor. Quando colocamos as coisas importantes em primeiro lugar, Ele se agrada em revelar sua vontade. A nossa parte é cumpri-la.

Às vezes, penso que tenho dificuldades em discernir a vontade de Deus porque estou cercada pelo óbvio. Obviamente, alguém precisa cuidar das crianças pequenas durante o culto. Obviamente, alguém precisa visitar Kathleen, que está de cama por causa de uma gravidez de risco. Obviamente, alguém precisa selecionar os quarteirões para o trabalho missionário — e falar sobre Jesus com o meu vizinho. Estou rodeada de necessidades legítimas, e quero atender a todas. E então eu tento. Mas no meio de um dia tumultuado de trabalhos, encontro-me aflita e frustrada, não mais com a mesma disposição com que levantei naquela manhã.

Foi exatamente o que aconteceu há alguns anos, quando nossa igreja no Oregon programou uma festa de missões. Alguém — obviamente — precisava tomar a frente; então, me apresentei com alegria, certa de que estava fazendo um favor para Deus. Estava irrompendo em criatividade e energia para esse projeto. "Ó, Senhor", eu disse, "tu vais amar o que planejei para ti!" Então, comecei a trabalhar, certa de que Deus estava ao meu lado.

Infelizmente, tudo relacionado ao evento foi uma luta. Houve reclamações por parte dos outros e eu também murmurei. Mas, depois que terminou, fiquei bastante satisfeita. A festa estava linda; a comida, delicio-

sa; e a decoração, requintada. As pessoas foram tocadas pela mensagem missionária e foi arrecadado dinheiro para necessidades cruciais.

Lembro que suspirei com orgulho: "Não estava maravilhoso, Senhor?", mas não ouvi nenhuma resposta em meu espírito. Foi como se eu me virasse para falar com Deus e não o encontrasse.

"Deus", clamei em meu coração, "onde tu estás?"

Sua voz pareceu distante: "Bem aqui, Joanna". E lá ficou Ele, pacientemente esperando no lugar onde eu havia lhe contado, pela primeira vez, meu plano glorioso.

"Pensei que estivesses nisso, Senhor", disse enquanto caminhava até o local onde Ele se encontrava. "Pensei que ficarias satisfeito."

Mansamente, Ele pegou minha mão e depois enxugou minhas lágrimas. "Foi bom. Talvez tenha sido importante. Mas não era o meu plano para você."

Então entendi que, mesmo havendo muitas coisas necessárias a serem feitas — coisas que sou capaz e quero fazer — não devo fazer sempre tudo sozinha. Mesmo se eu tiver a responsabilidade sobre uma certa necessidade ou projeto, meu interesse ou preocupação não é um sinal infalível de que devo me encarregar de tudo. Deus pode estar me chamando apenas a orar pedindo que a pessoa certa apareça e realize a tarefa. Além disso, posso estar roubando a bênção de outra pessoa quando faço tudo sozinha.

Como eu desejava ter aprendido antes a esperar no Senhor! Uma boa parte de minha alegria e energia foi tragada por trabalhos e obrigações que não eram para mim. Ainda sou propensa a me precipitar, presumindo conhecer a vontade de Deus em vez de esperar e ouvir o que Ele deseja.

É um grande erro quando o Espírito Santo me pede algo e estou debruçada em outro projeto, ou cansada demais por causa do meu último exercício de futilidade para fazer o que Deus quer de mim.

O poder prático da "única coisa necessária"

A única coisa necessária na vida de Marta, de acordo com Jesus, era a comunhão com Ele. E isso também se aplica a nós. Mas o princípio dessa "única coisa" pode ter implicações menores e práticas, que serão úteis quando a vida estiver oprimindo você. Aqui estão algumas maneiras de praticar esse pensamento quando seu coração se sentir sobrecarregado.

1. *Convide Jesus para decidir e reinar.* Todas as manhãs, antes de levantar-se da cama, convide o Senhor a se assentar no trono de sua vida. Peça para que Ele seja a "única coisa necessária" em sua vida. Ofereça a Jesus o seu dia e peça sabedoria e orientação.
2. *Peça a Deus para lhe revelar o próximo passo.* Durante o dia, continue perguntando ao Senhor: "Qual é a próxima coisa que preciso fazer?" Não permita que as circunstâncias a sobrecarreguem. Siga o próximo passo quando Ele o revelar — lavar a louça, dar um telefonema, vestir a roupa apropriada para caminhar. Então, siga o próximo passo... e assim por diante.
3. *Creia que as coisas necessárias serão realizadas.* Considerando que você dedicou o seu dia ao Senhor, creia que Ele vai lhe mostrar a(s) coisa(s) que deve(m) ser feita(s). Faça o que puder durante o tempo disponível. Então, creia que aquilo que não foi realizado não era necessário ou está nas mãos de Deus.
4. *Sujeite-se à direção do Espírito Santo.* Seu dia pode ser interrompido por ordens divinas. Em vez de resistir às interrupções, deixe-se levar pelos caminhos de Deus. Você vai se surpreender com a alegria e a liberdade quando entregar sua agenda e colaboração ao Espírito Santo.

Confia ao Senhor as tuas obras, e teus pensamentos serão estabelecidos.

Provérbios 16.3

O que Deus deseja?

Estamos de volta à pergunta crucial: O que Deus deseja?

Se tivéssemos uma fórmula mágica para compreender a vontade de Deus, então seria fácil agradá-lo. Mas essa foi a ruína dos fariseus. Reduziram seu relacionamento com Deus a uma série de "faça isso e não faça aquilo", ignorando completamente o propósito para o qual Deus os havia separado. Vestiam roupas dos cerimoniais, despercebidos de que Deus não procura criados e criadas — mas um povo para chamar de "seu".

Não estou dizendo que o trabalho para Deus não tenha importância. A Bíblia diz: "Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as

tuas forças" (Ec 9.10). Segundo Tiago 2.17, "... a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma". Conforme veremos no capítulo 6, servir a Deus e aos outros é realmente importante. O trabalho árduo também faz parte das tarefas que fomos chamadas para fazer.

Mas o trabalho não deve ser nossa prioridade. Trabalhar não é nossa primeira obrigação — inclusive trabalhar para o Senhor. De fato, nossos próprios esforços são tão pequenos diante da vontade de Deus que nem são mencionados na conversa de Jesus com Marta.

Uma só coisa é necessária — e ela está acontecendo, não na *cozinha*, mas bem aqui na *sala de estar*.

Observe, contudo, que Jesus não repreendeu Marta por preparar o jantar e nem instituiu o décimo primeiro mandamento em razão disso: "Não cozinharás". Mas essa seria uma desculpa conveniente quando eu estivesse sem vontade de preparar o jantar. Jesus não estava interessado nas habilidades exteriores de Marta. Ele esquadrinhava suas inaptidões interiores — os cantos escuros do orgulho e do preconceito, o obstáculo espiritual da vida agitada — que não lhe permitiam desfrutar da intimidade da presença dEle.

Afinal, a intimidade pode ser ameaçadora. Ficar perto de Jesus significa que não conseguiremos mais esconder nossas imperfeições. Sua luz revela tudo o que é errado e desagradável em nossas vidas. Inconscientemente, portanto, fugimos da presença de Deus em vez de a procurarmos. Satanás estimula nosso afastamento, nos dizendo que não somos boas o suficiente para merecer o favor de Deus. Ele diz que só poderemos entrar na *sala de estar* quando estivermos com a vida em ordem.

No entanto, não estaremos com a vida em ordem se não entrarmos, primeiro, na *sala de estar*.

Nem sempre é fácil entrar lá. A intimidade com Deus pode requerer que deixemos o nosso conforto. Algumas pessoas sentem-se receosas na presença de Deus. Repudiam a adoração, descrevendo-a como emocional demais, dando preferência ao estudo intelectual da Bíblia e da doutrina. Ou talvez tenham dificuldades em ficar em silêncio, por causa de sua personalidade. Mas, independentemente de nosso temperamento e preferência emocional, todos somos chamados para a intimidade com Deus. A única coisa de que Marta precisava é a única de que precisamos também.

Se você reluta em ficar aos seus pés, peça ao Senhor para revelar o que a impede. Não é necessário deixar de lado seu intelecto ou sua

personalidade para entrar na *sala de estar*. Venha como você é. Como uma filha de Deus.

Afinal, os filhos amam a intimidade. "Abrace-me, mamãe!" Com braços estendidos, imploram "Papai, me pegue no colo!" Durante a infância, quando assustados ou doentes, o primeiro lugar onde nossos filhos desejam estar é o mais perto possível dos nossos corações. Eles nos abraçam, apertando-se contra o nosso corpo.

Essa é a intimidade que o Pai anseia partilhar conosco. Não porque merecemos, mas porque Ele deseja. E nós também, mesmo quando conhecemos ou não essa verdade.

Desejo de comunhão

Eu não havia percebido o quanto desejava o Senhor, até aquela noite escura em que clamei para ouvir as Boas Novas. Embora eu o servisse desde a infância, havia um vazio devastador em meu relacionamento com o Pai celeste. Eu havia trabalhado muito para agradar a Deus, sem, contudo, sentir o seu amor.

Os gálatas conheceram o mesmo tipo de vazio. Eles aceitaram a Cristo como Salvador e floresceram sob os cuidados e ensino de Paulo. No entanto, quando Paulo deixou a Galácia, os judaizantes se levantaram, dizendo-lhes que havia um longo caminho antes de desfrutar uma proximidade verdadeira com Deus. Eram judeus cristãos que acreditavam que as práticas cerimoniais do Antigo Testamento — inclusive a circuncisão — ainda eram obrigatórias para a Igreja do Novo Testamento. Paulo, diziam, tinha removido do evangelho, sem razão, as exigências da Lei para atrair os gentios.

Assim como os escribas e fariseus acrescentaram regras e regulamentos à Lei, os judaizantes procuraram combinar uma nova forma de legalismo com o evangelho da graça. Desejavam uma manifestação exterior daquilo que só poderia ser interior.

Por essa razão, Paulo mandou uma carta de despertamento para sua querida igreja na Galácia. Ele chamou o evangelho dos judaizantes de escravidão e acrescentou: "Ó insensatos gálatas! Quem vos fascinou...? Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?" (Gl 3.1,3)

Se não tivermos cuidado, podemos ser vítimas do mesmo tipo de mentiras que os gálatas — mentiras que dizem que devemos fazer algo

para merecer o amor de Deus. Podemos adicionar tantas exigências à nossa fé de modo que aquela "uma só coisa" acaba sendo engolida pelas "muitas" coisas, e o "melhor" acaba suprimido pelo "bom".

Devemos compreender que Deus não nos escolheu para nos "usar". Não somos como os Oompa-Loompas[6] em alguma fábrica universal de chocolates, trabalhando noite e dia para produzir um cristianismo mais agradável e mais gostoso.

Não fomos criadas para satisfazer alguma necessidade egoísta que Deus tem de louvor — os anjos adoram ao redor do trono eternamente.

Não somos um projeto celestial de ciências; ratos de laboratório deixados soltos para que se conheça a sua interação.

Não, a Bíblia deixa claro que Deus nos criou para que tenhamos um relacionamento com Ele. Nosso Pai deseja nos dar uma vida abundante, nos presentear com uma herança e compartilhar sua natureza divina.

O que Deus deseja? É realmente muito simples.

Ele quer você. Por inteiro.

Uma só coisa é necessária

Quando Jesus disse a Marta que apenas uma coisa era necessária em sua vida, o contexto do versículo aponta claramente para um chamado espiritual. A melhor parte que Maria descobriu não era para ser encontrada na mesa, mas aos pés de Cristo.

Não obstante, o termo grego para "uma só [coisa] é necessária" também se refere a porções de alimento. Talvez, através de uma alteração sutil da palavra, Jesus estava fazendo dois convites:

- Primeiro, para conhecê-lo — para colocar a adoração antes do trabalho;
- E também para não exagerar — até mesmo nos esforços em seu favor.

Em vez de tomar parte de entradas extravagantes sobre o aparador, Jesus geralmente comia da grande tigela comum, colocada no meio da mesa. Os convidados partiam o pão e molhavam os pedaços na sopa ou no caldo. Jesus talvez lembrou a Marta que seu esforço excessivo em

[6] Oompa-Loompas são personagens de uma história infantil, mais conhecida pelo filme *A Fantástica Fábrica de Chocolates* (N da T).

preparar vários pratos a manteve ocupada demais na cozinha. E, dessa forma, ela estava perdendo o verdadeiro "alimento", a parte principal da festa.

"Seu erro não foi servir", escreve Charles Spurgeon sobre Marta em seu clássico devocional *Morning and Evening*. "A condição de servo se ajusta a todo cristão. Seu erro consistiu em tornar-se 'distraída em muitos serviços', de modo a esquecer-se do Senhor e lembrar-se somente do trabalho."[7]

Como é fácil confundir dever com devoção ou comunhão. Esse foi o erro de Marta e também pode ser o meu. Em seu esforço de preparar uma mesa digna do Filho de Deus, ela quase perdeu o banquete verdadeiro. Da mesma forma, também posso ficar tão sobrecarregada a ponto de minha adoração se transformar em trabalho em vez de prazer, e a devoção se tornar somente um dever.

Se eu não tiver cuidado, as disciplinas espirituais da oração, estudo bíblico e louvor podem se tornar um pouco mais do que itens a serem conferidos em minha lista. Ou pedras que desejo descarregar da minha carroça porque me fazem andar devagar. Então, preciso receber a cura de Jesus para toda a minha preocupação e angústia.

"Uma só [coisa] é necessária" — e a encontramos na verdadeira comunhão com Ele.

Pois Ele, afinal, é o Pão da Vida, a Água Viva, o único alimento de que precisamos. Ele deseja mudar nossas corações e fortalecer nossas vidas. Deseja que encontremos a grande liberdade de Lucas 10.42.

Não posso fazer tudo, mas posso fazer "uma só coisa".

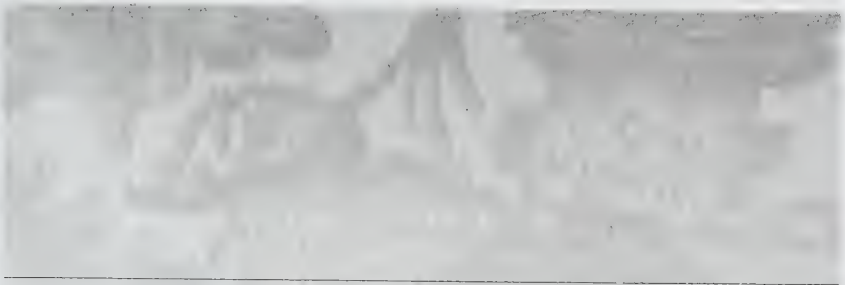
Não consigo satisfazer a todas as necessidades, mas posso ser obediente à necessidade do Espírito Santo habitar em meu coração.

Não consigo carregar todos os fardos, mas consigo carregar o fardo que Deus tem para mim.

Porque, decerto, o seu jugo é suave e o seu fardo é realmente leve.

---

[7] Charles H. Spurgeon, *Morning and Evening* (Nashville: Nelson, 1994), 24 de janeiro, noite.



Capítulo 5

A Intimidade da Sala de Estar

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e com ele cearei, e ele, comigo.

Apocalipse 3.20

Provavelmente, Simeão era como a maioria dos garotos de sua idade em 430 d.C. O jovem de treze anos passava uma boa parte do tempo cuidando dos rebanhos de seu pai nas encostas da Silícia.

Mas um dia, depois de ter ouvido uma pregação sobre o Sermão do Monte, o coração de Simeão foi agitado e transformado. Ele deixou a família e o lar e começou uma busca incessante por Deus, que o levou de um mosteiro até o deserto da Síria e a três décadas sentando-se sobre uma coluna.

Sim. Uma coluna.

Simeão, o Estilita, iniciou uma moda espiritual que duraria mais de mil anos. Ele foi o primeiro "eremita da coluna".

O fervor espiritual sempre se reveste de várias formas, e os primeiros mil anos de cristianismo foram caracterizados por muitas bizarrices. Do mesmo modo que a igreja, o mundanismo também cresceu. Em reação, muitos cristãos recolheram-se para uma vida de pobreza, castidade e

separação. Famintos por santidade, os monges reuniram-se em comunidades, sempre competindo entre si na busca por abnegação.

Eu diria que Simeão venceu a disputa.

"Simeão foi para o deserto da Síria e viveu com uma corrente de ferro em seus pés antes de se enterrar até o pescoço por vários meses", escreve Robert J. Morgan em sua obra *On This Day*. "Quando as multidões congregaram-se para ver seus atos de notória santidade, Simeão resolveu escapar das distrações vivendo no alto de um pilar. A primeira coluna tinha 1,80m de altura, mas logo ele construiu outras mais altas, até que sua residência permanente atingisse 18 metros."[1]

Ele viveu ali por trinta anos, exposto a tudo, amarrado ao seu poleiro por uma corda para evitar uma queda enquanto dormia. Através de uma escada, seus seguidores lhe traziam comida todos os dias e removiam o lixo. Milhares de pessoas vinham para olhar o homem estranho sobre a coluna. Centenas ouviam as pregações diárias de Simeão sobre a importância da oração, da abnegação e da justiça.

Mas a pergunta que aflora em mim e talvez naqueles que foram ouvi-lo é essa: a vida de Simeão em um pilar o levou, de alguma forma, a ficar mais perto de Deus?

O fardo da espiritualidade

Intimidade com Deus. O que isso significa para você — e como você a alcança? É necessário sentar em uma coluna como Simeão ou ser enterrado na areia até o pescoço? Será um nível de consciência atingido somente através da devoção profunda?

Algumas religiões dirão que sim. De acordo com o hinduísmo, uma religião baseada no carma das boas obras, a vida de uma pessoa não é suficiente para a alma alcançar a iluminação espiritual. Os matemáticos hindus calculam serem necessárias 6,8 milhões de rotações por meio da reencarnação para que o mal e o bem em nós se equilibrem. Só então poderemos experimentar o último nível espiritual do nirvana.[2]

No Extremo Oriente, durante os festivais religiosos, os homens geralmente têm ganchos introduzidos na pele, em suas costas. Esses ganchos

[1] Robert J. Morgan, *On this Day* (Nashville, Nelson, 1997), 5 de janeiro.
[2] Phillip Yancey, *What's So Amazing About Grace?* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1997), 97.

são amarrados a carroças cheias de pedras, que são arrastadas pelos homens nas ruas, na esperança de obter o perdão para os pecados. Em determinadas áreas do México, os homens se arrastam de joelhos em longas peregrinações.

Em todo o mundo, as pessoas percorrem distâncias inimagináveis para encontrar a Deus — o que é uma tristeza, quando você considera os caminhos inimagináveis que Deus já percorreu para nos encontrar.

Não precisamos de milhares de vidas para sermos puros o bastante e vermos a Deus. Não necessitamos colocar ganchos em nossas costas ou dilacerar nossos joelhos para receber o favor de Deus.

Só precisamos de Jesus. Pois Ele é a única prova de que necessitamos. De fato, o Pai nos quer perto de si e está disposto a fazer o que for necessário para isso acontecer.

É difícil imaginar que o Criador do universo deseja nos conhecer. Nos sentimos tão indignas. Por essa razão, muitas de nós continuamos a pensar que devemos merecer nosso lugar no céu e que apenas os superespirituais — somente os "Simeões" desse mundo — podem realmente conhecer a Deus. Oprimidas pelo peso de nossa própria espiritualidade, nos esforçamos sob o fardo da auto-imposição de deveres: "Eu tenho que fazer isso..." ou "Não conseguirei conhecer a Deus enquanto não fizer aquilo..." Passamos tanto tempo de nossas vidas nos preparando para conhecer a Deus ou afastando o medo de desagradá-lo que nunca chegaremos até a intimidade da *sala de estar* proporcionada por Jesus.

Na verdade, a intimidade com Deus é o objetivo principal da encarnação e da morte de Jesus. Paulo escreve em Efésios 2.13: "Mas, agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto". Pois, quando Jesus morreu, a cruz cobriu como uma ponte o grande abismo do pecado que nos separava de Deus. Com seu último suspiro, Jesus rasgou o véu que impedia o contato entre o pecador e Deus. Agora podemos entrar na presença de Deus, limpos e aprovados, não por nossas obras, mas por sua graça. Jesus derribou "a parede de separação que estava no meio" (v. 14) e separava a humanidade de Deus.

Quando não podíamos alcançar o paraíso, ele desceu até nós e nos recebeu na *sala de estar* através de Jesus Cristo.

Essas são as Boas Novas do evangelho.

O caminho foi aberto. O preço foi pago. Apenas precisamos nos aproximar.

O preço foi pago

Conta-se a história de um jovem que deixou sua terra natal e viajou de navio até a América para ter uma nova vida no Novo Mundo. Antes de partir, seu pai lhe deu algum dinheiro. Não era muito, mas era tudo que tinha. Esperava que o dinheiro ajudasse até o jovem encontrar um emprego. Sua mãe lhe entregou uma caixa com alimentos para a jornada. Depois se beijaram, se abraçaram e com lágrimas se despediram.

No navio, o jovem deu sua passagem ao funcionário e achou o caminho para a minúscula cabine que dividiria com muitos outros durante a viagem de um mês até Nova York. Mais tarde, na hora do jantar, o jovem foi até o convés e desembrulhou um sanduíche feito por sua mãe. Ele comeu em silêncio enquanto assistia à fila dos passageiros dentro de uma ampla dependência cheia de mesas. Ouvia as risadas dos que conversavam e via os garçons trazerem pratos com comida quente e fumegante. Mas ele apenas sorriu, desfrutando do pão fresco feito por sua mãe e da maçã fresca colhida por seu irmão pela manhã. Ele orou: "Seja abençoada minha família".

Os dias se passaram devagar, e os alimentos da caixa do jovem rapaz diminuíram rapidamente. As refeições oferecidas no restaurante deviam custar muito caro, e ele precisaria do dinheiro mais tarde.

Agora ele comia sozinho na cabine. O cheiro do restaurante fez seu estômago roncar de fome. O jovem havia reservado alguns biscoitos e uma porção de queijo para cada dia, sussurrando uma oração de gratidão antes de raspar o bolor do queijo duro. Uma maçã murcha e a água morna da chuva colhida com uma lata completaram sua escassa refeição.

A três dias de Nova York, não havia mais nada a comer, senão uma maçã estragada. O jovem já não podia mais suportar. Pálido e fraco, perguntou ao funcionário do navio em um inglês mal falado:

— Quanto?

O funcionário olhou confuso.

— Comida — disse o jovem enquanto mostrava algumas moedas e apontava para o restaurante. — Quanto?

Finalmente o comissário entendeu. Ele sorriu e apertou sua mão.

— Não custa nada — disse ele, fechando a mão do imigrante que estava com o dinheiro. — Você pode comer o que quiser! O custo das refeições estava incluído no preço da passagem.

Essa história significa muito para mim. Durante anos, vivi como indigente em vez de viver como princesa. Acomodei-me ao queijo envelhecido e a maçãs murchas em vez de desfrutar da rica mesa que Deus preparou para mim. Aguardava o dia em que seria digna de sentar à sua mesa, não percebendo que o custo dessa comunhão estava incluído no preço pago por Jesus.

O preço foi pago. Por favor, ouça essa simples verdade. Se você aceitou a Jesus Cristo como Salvador, o preço já foi pago para você.

Isso significa que não há nada que nos afaste da intimidade da *sala de estar*. A "parede de separação que estava no meio" foi derrubada, pelo menos do lado de Deus. Mas pode ser preciso um pouco mais de trabalho de demolição, pois o inimigo de nossas almas está muito ocupado construindo barreiras para bloquear a intimidade espiritual.

Barreiras à intimidade

Antes da salvação, Satanás dizia que estávamos bem. Não precisávamos de um Salvador.

Mas, agora que somos salvas, o acusador aponta seu dedo para nós e nos diz que não somos boas. Não merecemos um Salvador.

É claro que ele está mentindo. Jesus diz isso em João 8.44. Satanás é o "pai da mentira". De fato, ele mente muito bem — é a "sua língua materna". A palavra grega para "mentira" é *pseudos*, que significa falsidade ou uma "tentativa de enganar". Usamos o prefixo *pseudo* para transmitir a idéia de imitação, uma falsa semelhança.

É exatamente o que temos quando ouvimos as mentiras de Satanás e nos acomodamos ao pior em vez do melhor: pseudo-cristianismo, pseudo-graça. Satanás geralmente não tenta nos fazer engolir uma mentira espalhafatosa — ele é esperto demais para tal. Em vez disso, ele altera a verdade segundo lhe convém para nos manter o mais longe possível de Deus.

"Olhe o que você fez", ele sussurra. "Como Deus poderia perdoá-la?" Ele torna a verdade do pecado em um porrete de culpa e vergonha e nos golpeia com ele. "Você não é boa, querida, você não é boa."

E se permitirmos, ele vai cantar isso de novo. Pois todas as vezes que ouvimos sua música de mentiras, retrocedemos um passo, afastando-nos da *sala de estar*, para longe da proximidade desejada por nossos corações.

Talvez você não lute contra as mentiras descritas acima. Quem sabe você nunca experimentou a loucura solitária da dúvida e da culpa. Na verdade, seu relacionamento e posição diante de Deus estão seguros e inabaláveis. Mas, tome cuidado! Satanás pode usar outras circunstâncias eficazes para afastá-la de Deus.

A vida agitada, por exemplo.

Anne Wilson Schaef menciona uma propaganda, veiculada na área da baía de San Francisco, a respeito de uma série de doze encontros. As reuniões eram voltadas para pessoas viciadas em trabalho. No final do panfleto estava escrito: "Se você estiver muito ocupado para as reuniões, nós vamos compreender".[3]

Gostaria de saber se Deus compreende quando estamos ocupadas demais para considerarmos sua presença em nossas vidas. Ou cansadas demais. Ou embaraçadas demais para admitir que fizemos algo que desagradou a Deus.

Não se engane. Satanás gosta de usar nossa agenda sobrecarregada, nossos corpos estressados e nossas desordens emocionais para construir obstáculos à intimidade com Deus. Por essa razão, é preciso olhar com cuidado cada pensamento, sentimento ou atividade que diminui nossa vontade de ter uma amizade íntima com o Senhor.

Barras de chocolate espirituais

Teri Myers era a esposa do pastor quando minha família vivia em Grants Pass, Oregon. Ela foi e ainda é uma amiga querida e uma conselheira espiritual, o retrato de um coração de Maria em um mundo de Marta. Ao longo dos anos, enquanto observava sua conduta em relação a Deus, me animei para aprofundar meu relacionamento com o Senhor. Mas Teri é a primeira a admitir que nem sempre é fácil estar perto dEle.

Ela conta que em uma noite iria receber visitas para jantar. Trabalhou arduamente o dia todo para preparar uma bela refeição — quatro pratos e uma sobremesa caprichada. Seria maravilhoso. No entanto, em um momento no meio da tarde, Teri percebeu que estava com fome.

---

[3] Anne Wilson Shaef, *LAUGH! I Thought I'd Die If I Didn't* (Nova York: Ballantine Books, 1990), 27 de maio.

"Estive tão ocupada cozinhando e limpando", diz ela, "que me esqueci completamente de almoçar". Mas eram apenas quatro horas e os convidados não chegariam antes das seis. "Eu sempre tenho uns docinhos escondidos", disse ela com um largo sorriso. Então, apanhou algumas barras de chocolate e sentou-se para descansar, apreciando a sala de estar limpa e a linda mesa.

"Fiz uma mágica! Meu estômago não roncava mais. Eu podia tomar banho, arrumar o cabelo e me vestir com tempo de sobra."

Teri só descobriu o problema quando se sentou à mesa do jantar. "Lá estava eu, diante do jantar maravilhoso que levei o dia todo para preparar, sem apetite algum!" O lanche da tarde havia lhe tirado toda a fome. Ela acabou "beliscando" algo enquanto via todos se servirem à mesa, deleitando-se com a refeição.

"O Senhor falou comigo naquele instante", Teri conta. "Ele me mostrou que costumamos preencher nossas vidas com barras de chocolate espirituais — coisas tais como amigos, livros e compras. Essas coisas podem ser boas, completamente inocentes — mas não quando tiram a nossa fome de Deus".

A ilustração de Teri esteve em meu coração por muitos anos, porque se encaixa direitinho à minha vida. Constantemente, luto contra a tendência de preencher o vazio dentro de mim, que é do tamanho de Deus, com outras coisas. Não gosto da solidão; então, ocupo o espaço com telefonemas, eventos sociais e passeios ao shopping. A solidão, contudo, segundo minha amiga Jeanne Mayo, pode ser "o chamado divino para termos comunhão com Deus". Não gosto da quietude; eu a preencho com seriados de TV, programas de entrevista, música cristã e o canal de noticiário — mas foi no silêncio da noite que Samuel ouviu a voz de Deus.

Fomos feitos para estar junto a Deus. Assim como nossos corpos sentem fome e sede, nossos espíritos têm fome e sede de sua presença. No entanto, da mesma forma que é possível inchar nossos corpos com calorias inúteis, podemos encontrar formas de apaziguar nosso desejo espiritual sem ingerir o verdadeiro alimento necessário. Podemos nos encher com barras de chocolate espirituais, enquanto nossos espíritos fracos clamam pelo alimento genuíno.

Se você tem tido problemas para se sentir mais próxima do Senhor — ou tem desejado se aproximar —, você precisa levar em consideração o que está usando para preencher o vazio da sua vida. O que está tirando a sua fome de Deus?

Pode ser que você apenas precise começar a "comer" o alimento que vem do Senhor para descobrir o nível de sua fome espiritual. Entenda, a fome e a sede espirituais não funcionam da mesma forma que nossas necessidades físicas. Quando nosso corpo físico sente fome, comemos e nossa fome é saciada. Mas, espiritualmente falando, não é possível perceber o quanto estávamos famintos mesmo depois de comermos. Quando nos servimos da mesa de Deus, algo estranho acontece. Ficamos com mais fome. Com mais sede. Queremos mais! Temos que comer mais.

"Nossas almas são flexíveis", escreve Kent Hughes em seu livro *Liberating Ministry from the Success Syndrome*. "Não há limites para sua capacidade. Sempre podemos nos abrir para reter mais e mais de sua plenitude. As paredes sempre podem se alargar; o teto sempre pode ficar mais alto; o chão sempre pode suportar mais. Quanto mais experimentamos de sua plenitude, mais podemos experimentar!"[4]

Quando provar o gosto da intimidade da *sala de estar* oferecida por Jesus, você verá que nada mais vai satisfazê-la. Nem mesmo as "barras de chocolate" se comparam à doçura da presença do Senhor. Quando você provar o melhor dos melhores, estará disposta a descartar a comida calórica e nada nutritiva que o mundo oferece, para ter uma verdadeira refeição com o Salvador.

"Provai", como diz o salmista, "e vede que o Senhor é bom" (Sl 34.8).

Dê lugar ao Salvador

Poucas coisas estimularam minha fome de Deus como o curso de discipulado que fiz em 1987. Enquanto os outros lutam contra as tentações mundanas, minha luta se refere à área da disciplina espiritual. Minha vida devocional esteve ao acaso. Como não desenvolvi, durante a infância, o hábito de manter um momento reservado, tive dificuldades para encontrar tempo para o Senhor quando a agitação da vida adulta chegou.

Talvez algumas de vocês fiquem chocadas com esse pensamento. Sua vida devocional funciona como um relógio. Você acha impossível passar o dia todo sem reservar um tempo para Deus.

Se isso acontece, posso lhe dizer como você é abençoada? Levei quase vinte anos para adquirir essa disciplina e, mesmo assim, foi pela graça divina, e não por algo que eu tenha feito.

---

[4] Kent Hughes, *Liberating Ministry From the Success Syndrome* (Wheaton, Ill.: Tyndale, 1988), 139.

Antes do curso de discipulado *Navigator's 2:7*, eu não sabia o que estava perdendo. Há muitos programas de discipulado maravilhosos e não destaquei esse por nenhuma razão especial, mas porque era o método usado por minha igreja. Ele me deu as ferramentas do discipulado de que precisava e também a responsabilidade necessária.

A aula era maravilhosa. Meu espírito começou a germinar e florescer conforme a Palavra de Deus arava e alimentava o solo do meu coração. Mas então, meu lado perfeccionista de Marta surgiu e me levou a considerar o momento devocional como mais uma obrigação a cumprir. Gostava da sensação de marcar os capítulos em minha leitura bíblica e de ter conseguido decorar mais um versículo. Para ser honesta, boa parte da minha motivação veio da minha natureza competitiva. Queria ser a melhor aluna, uma das preferidas do professor.

O artigo de Robert Boyd Munger, "My Heart Christ's Home", mudou tudo isso. Através da simples analogia por ele sugerida, descobri o significado de ter um coração de Maria em relação a Deus. De repente, meus olhos se abriram para ver o que é realmente a devoção.

Não é uma obrigação. É um prazer.

Não é um exercício de piedade. É um privilégio.

Não é apenas uma visita, mas uma volta ao lar.

"Indubitavelmente, uma das doutrinas cristãs mais notáveis é a de que Jesus Cristo, através da presença do Espírito Santo, entra de fato no coração, instala-se e faz ali o seu lar", diz Munger. "[Jesus] passou pela escuridão do meu coração e ligou a luz. Ele acendeu uma chama no gélido coração e baniu a frieza. Ele trouxe música para onde havia apenas silêncio e preencheu o vazio com sua companhia adorável e maravilhosa."

Munger continua e nos conta como mostrou a casa de seu coração a Cristo e o convidou a "instalar-se e sentir-se em casa", recebendo-o bem e mostrando-lhes os aposentos. Juntos, visitaram a biblioteca de sua mente — "uma sala muito pequena, com paredes muito espessas". Observaram a sala de jantar de seus apetites e desejos. Passaram um certo tempo na oficina onde seus talentos e habilidades eram guardados, e no salão de festas de "certas parcerias e amizades, atividades e divertimentos". Remexeram também o quartinho repleto de coisas mortas e fétidas que ele acumulou.

As descrições de cada aposento refletem o meu coração. Mas foi sua descrição da sala de visitas que mudaria para sempre o modo como eu enxergava os momentos com o Senhor.

Aproximamo-nos da sala de visitas. Esse aposento era mais íntimo e confortável. Eu gostei. Tinha uma lareira, cadeiras estofadas, uma estante de livros e uma atmosfera tranqüila.

Ele também parecia satisfeito e disse: "Esse é certamente um aposento aprazível. Vamos freqüentá-lo mais vezes. É reservado e quieto, e podemos nos confraternizar juntos".

Bem, naturalmente, como um jovem cristão, eu estava emocionado. Não conseguia pensar em mais nada senão em ficar a sós por alguns minutos com Cristo, em íntima comunhão.

Ele prometeu: "Estarei aqui todas as manhãs. Encontre-se comigo aqui e começaremos o dia juntos". Então, manhã após manhã, eu descia as escadas até a sala de visitas e Ele pegava um livro da Bíblia... abria e líamos juntos. Ele me contava sobre suas riquezas e explicava-me suas verdades. Eram horas maravilhosas. De fato, chamamos a sala de visitas de "sala de recolhimento". Era um período em que passávamos um momento tranqüilo juntos.

No entanto, pouco a pouco, sob a pressão de muitas responsabilidades, o tempo começou a diminuir... Comecei a perder um dia e depois outro... Perdi dois dias seguidos e depois mais.

Lembro-me de uma manhã quando estava apressado... Ao passar pela sala de visitas, a porta estava entreaberta. Olhei e vi fogo na lareira e o Senhor sentado.

— Bendito Mestre, perdoe-me. O Senhor esteve aqui todas as manhãs?

— Sim — disse Ele —, eu falei que estaria aqui todas as manhãs para encontrá-lo.

Então fiquei ainda mais envergonhado. Ele havia sido fiel apesar de minha infidelidade. Eu pedi seu perdão e Ele prontamente me concedeu.

Ele disse: "O seu problema é o seguinte: você pensa no momento tranqüilo, no estudo bíblico e na hora da oração como fator para seu progresso espiritual, mas se esquece de que esse momento também tem significado para mim".[5]

Que consideração surpreendente — a de que Cristo deseja passar um tempo de qualidade comigo. A de que Ele aguarda com interesse o nosso momento juntos e sente falta quando não apareço. Quando essa mensagem começou a perfurar o meu coração, comecei a ver o meu momento

[5] Extraído de *The Growing Disciple*, The 2:7 Series, Curso 1 (Colorado Springs, Colorado: NavPress, 1987), 69-73.

devocional com outros olhos — não como um ritual, mas como um relacionamento.

E um relacionamento não acontece do nada. Ele deve ser cultivado, protegido e amado.

Criando uma sala de visitas

Há algo especial em um espaço consagrado ao Senhor — um aposento separado especialmente para os momentos de tranqüilidade. Mas, se você não tiver um quarto extra em casa, considere as seguintes idéias para criar um local de oração onde quer que você esteja:

- *Emilie Barns*, escritora e locutora que inspirou milhares de mulheres cristãs a terem uma vida bela, mantém uma cesta especial para ajudá-la com os devocionais. Na cesta ela guarda: (1) a Bíblia, (2) um devocional diário ou outra leitura inspirativa, (3) uma pequena caixa de lenços de papel "para os dias em que choro de alegria ou de dor", (4) uma caneta para anotações e (5) alguns cartões bonitos, caso seja movida a escrever para alguém por quem esteja orando. Para Emile, ver a cesta é um convite e uma lembrança para passar um tempo com o Senhor. Como a cesta é portátil, ela pode levá-la a qualquer lugar.[6]
- Durante anos, *Gwen Shamblin*, uma consultora cristã sobre perda de peso, acorda no meio da noite para passar o seu momento com Deus. Como "preparação para esses encontros com Deus", ela deixa uma almofada elétrica de aquecimento debaixo da almofada do sofá, com um cobertor e a Bíblia em cima. "Eu me agasalho, abro minha Bíblia e converso com Deus. São momentos que aguardo com ansiedade.[7]

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai, que vê o que está oculto; e teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará.

MATEUS 6.6

[6] Adaptado de Emilie Barnes, *The Spirit of Loveliness* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1992), 109-10.
[7] Extraído de Gwen Shamblin, "Love the Lord with All Your Mind", Semana 2 da série de vídeos *Weigh Down Workshop: Exodus Out of Egypt*, Weigh Down Workshop, Inc., 1997.

O conforto do lar

O lugar que Marta encontrou ao pés de Jesus também está disponível para mim e para você. É um local onde podemos estar confortáveis, onde podemos tirar os sapatos e soltar os cabelos. É um lugar de transparência e sensibilidade; um lugar onde somos completamente conhecidas e amadas. É um lugar verdadeiramente chamado de lar.

Se o amarmos e obedecermos aos seus ensinamentos, Jesus diz em João 14.23 que Deus virá e fará morada em nós. "Meu Pai o amará", disse Ele a respeito daqueles que o seguirem, "e viremos para ele e *faremos nele morada*" (ênfase minha).

Isso tem dois lados. Jesus não apenas deseja morar em nós; também quer que façamos morada nEle. "Deus quer ser sua habitação", escreve Max Lucado em *A Grande Casa de Deus*.

> Ele não tem interesse em ser um refúgio para o fim de semana, um bangalô para o domingo, ou um chalé para o verão. Não cogite usar a Deus como uma cabana de férias, ou um retiro ocasional. Ele quer você sob o seu teto agora e sempre. Ele quer ser seu endereço, seu ponto de referência; quer ser o seu lar.[8]

Que linda e maravilhosa oferta do Deus dos hóspedes. É difícil imaginar alguém dizendo não à oportunidade de viver em Deus e descansar nEle. Mas podemos — e com freqüência dizemos "não". O capítulo 28 de Isaías nos dá uma viva descrição do que acontece quando recusamos. "Este é o descanso, dai descanso ao cansado", disse Deus aos israelitas através do profeta Isaías (28.12). "Este é o refrigério", disse o Senhor, convidando-os para estarem com Ele em casa.

Mas os israelitas não ouviram. Em vez de fazerem de Deus a sua morada, insistiram em uma vida mais independente. O que lhes aconteceu é um retrato verdadeiro do que acontece conosco quando recusamos a oferta do Pai para desfrutar a intimidade do lar. Isaías diz assim no versículo 13:

---

[8] Max Lucado, *A Grande Casa de Deus* (Rio de Janeiro: CPAD, 2001), 5.

> Assim, pois, a palavra do Senhor lhes será mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento, regra sobre regra, regra e mais regra: um pouco aqui, um pouco ali.

Matthew Henry, ao escrever sobre esse versículo, diz que os israelitas "não deram ouvidos... entraram pelo caminho das realizações exteriores... A pregação do profeta continuamente soava em seus ouvidos, mas isso era tudo; não os comoveu; tinham a letra do preceito, mas nenhuma experiência com o poder e o espírito da norma; *o preceito continuamente batia sobre eles, mas não dentro deles*" (ênfase minha).[9]

Isso lhe parece familiar, Marta? A mim, parece. Quando recusamos a oferta divina do descanso na *sala de estar*, a única alternativa é a tirania dos trabalhos — que, conforme vimos, não funcionam! Seremos levadas a fazer mais e mais — mais projetos na igreja, mais presidências de comissões, mais atividades espirituais extra-curriculares — tentando obter a aprovação de Deus. E ainda assim vamos fracassar, pois o que o Pai realmente deseja é que encontremos nossa própria identidade — nosso "endereço para correspondência", como Max Lucado escreve — nEle e somente nEle.

Como viver juntos

Jesus veio para nos mostrar o caminho até a casa do Pai. Em vez de uma visita anual ao Santo dos Santos, somos convidados a habitar ali. Convidados a construir nosso lar na sala do trono de Deus — ou, se você prefere, sua *sala de estar.*

Mas, de maneira prática, como isso é possível? Jesus nos dá uma dica no Evangelho de João.

"Estai em mim", disse Jesus em João 15.4, "e eu, em vós".

A *King James Version* esclarece essa relação, quando usa o termo *abide*, que significa viver ou habitar.

Habite em mim, Ele promete. E eu habitarei em você.

Então, para nos esclarecer um pouco mais sobre o significado de estar em casa com Deus, Jesus usa uma ilustração tão simples que até mesmo uma criança consegue compreender, embora possa levar a vida toda para realizar.

---

[9] Matthew Henry, *Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible*, v. 4 (Nova York: Revell, n.d.), 153.

"Vê essa videira?" Posso ouvir Jesus perguntando, segurando uma para o exame. "Você vê esse ramo? Consegue ver onde estão ligados? Bem, é assim comigo e com você."

"Eu sou a videira", foi o que Ele disse. "Vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer" (Jo 15.5).

Todos os nossos "mandamentos sobre mandamentos" e "regras sobre regras" nunca farão o que Jesus pode fazer se o deixarmos dirigir nossa vida. Mas, para que isso aconteça, devemos estar ligados a Ele. Não basta ser apenas associado ou conhecido. Devemos estar espiritualmente enxertados — para dEle retirarmos a nossa vida. É preciso estarmos tão intimamente unidos que, se fôssemos cortados, murcharíamos e morreríamos.

Não entendi esse ponto durante muito tempo. Passei boa parte da minha vida concentrada no "fruto" da santidade pessoal, e ignorei a conexão, a doce intimidade de estar ligada à "videira". Como resultado, o que tentei fazer era tão ridículo quanto um ramo de macieira tentando produzir maçãs por si só.

"Seja boa, seja boa. Faça o bem, faça o bem", o galho quebrado canta enquanto está caído sobre a grama do pomar.

"A maçã deveria brotar a qualquer tempo", diz o galho impotente e sem vida.

Não é assim que funciona. É a árvore, e não o ramo, que determina o fruto. A árvore é a fonte de vida. O ramo não tem capacidade por si mesmo. Mas, uma vez unido à árvore, a seiva começa a fluir e as folhas começam a crescer; então o insignificante galhinho se enche de fruto. E não é preciso fazer nada — exceto ficar ali.

Ficando perto

Meu relacionamento com Deus funciona da mesma forma. Minha única responsabilidade é manter sólida e segura a conexão com Jesus Cristo. Como isso é feito? Não é complicado. Parece repetitivo, mas a fórmula para ter intimidade com Deus permanece a mesma desde o início:

ORAÇÃO + PALAVRA + TEMPO = INTIMIDADE COM DEUS

No capítulo 7 falaremos mais sobre como desenvolver esse momento de intimidade. Por enquanto, vamos olhar por um instante para esses componentes necessários ao relacionamento estreito com Deus.

Em primeiro lugar, o que é oração? Há livros inteiros sobre o assunto, mas, na essência, orar é falar com Deus. A oração é o clamor do meu coração por sabedoria e direção, por minhas necessidades e as dos outros também. Quando concentro meu coração nEle, a oração me permite expressar o meu amor através da adoração e declarar que dependo totalmente de Deus. Então, quando estou diante do Senhor, Ele me revela o seu coração.

Uma das formas pelas quais Deus mais demonstra seu amor por nós é a Palavra, a Bíblia, que é o segundo fator fundamental da intimidade. A palavra hebraica para "Bíblia" é *mikra*, que significa "o chamado de Deus".[10]

Isso não é maravilhoso? Não precisamos ter dúvidas sobre o que Deus pensa e acha sobre certos assuntos, pois Ele já o revelou, em grande proporção, através das Escrituras. Melhor ainda: não é preciso ter dúvidas se Ele nos ama ou não. De acordo com o meu dicionário, a palavra do inglês arcaico para Evangelho é *godspell*[11]. Deus explica o seu amor nos mínimos detalhes para que o mundo todo entenda. Está lá na Bíblia.

"Não temas, porque eu te remi", diz o Senhor em Isaías 43.1-4. "Chamei-te pelo teu nome... Enquanto foste precioso aos meus olhos, também foste glorificado, e eu te amei". Somos um povo escolhido. Santificado. Profunda e afetuosamente amado por Deus. Como sei disso? Eu ouço a voz de Deus todas as vezes que abro sua Palavra.

O tempo é um fator essencial para a intimidade da *sala de estar* por uma razão meramente prática. Se eu não reservar um tempo para a oração, não haverá comunicação de verdade em nosso relacionamento. Se eu não reservar tempo para ler a Palavra de Deus, não ouvirei o seu chamado.

---

[10] Confirmado em uma conversa telefônica com Eugene Peterson, 29 de janeiro de 2000.

[11] Junção das palavras *God* (Deus) e *spell* (dizer, soletrar). (N da T)

Descobrindo a vontade de Deus

Você já se perguntou como as pessoas aprenderam a discernir a vontade de Deus? George Mueller, um pastor inglês do século XIX, conhecido por sua vida de oração e por sua relação estreita com Deus, revelou o método simples para conhecer a vontade de Deus através da oração e da Palavra:

1. "Volto ao início para deixar meu coração em um estado em que não tenha vontade própria com respeito a uma determinada questão...
2. Tendo feito isso, não submeto o resultado ao sentimento ou à simples impressão. Se fizer isso, eu serei responsável por grandes desilusões.
3. Busco a vontade do Espírito de Deus de acordo com a Palavra de Deus... Se o Espírito nos guia, Ele o fará segundo as Escrituras, e nunca contra elas.
4. Depois, levo em conta circunstâncias oportunas. Elas claramente indicam a vontade de Deus de acordo com sua Palavra e seu Espírito.
5. Peço em oração que Deus me revele sua vontade.
6. Portanto, através (1) da oração a Deus, (2) do estudo bíblico e (3) da reflexão, chego a um julgamento deliberado, conforme a minha melhor capacidade e conhecimento. E, se minha mente, deste modo, fica em paz e continua assim depois de duas ou três petições, eu procedi adequadamente."[12]

E os teus ouvidos ouvirão a palavra que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho; andai nele...

Isaías 30.21

[12] Adaptado da citação em Henry Blackaby, *Experiencing God* (Nashville: LifeWay Press, 1990), 34.

E se não arranjar tempo para estar a sós com Jesus, nossa relação sofrerá, pois o tempo é parte integrante de qualquer relacionamento.

Gosto do modo como Kent Hughes descreve o impacto profundo de passar o tempo com Deus. "Pense nesses termos", escreve Hughes. "Nossas vidas são como chapas fotográficas e a oração é como o tempo de exposição a Deus. Quando nos expomos a Deus por meia hora, uma hora, ou talvez duas horas, a imagem dEle é impressa mais e mais sobre nós. Absorvemos mais e mais a imagem de seu caráter, amor, sabedoria e seu modo de lidar com a vida e com as pessoas."[13]

É isso o que desejo. É disso que preciso. E é o que recebo quando dedico tempo à Palavra de Deus e à oração. Ganho mais de Jesus e, dessa forma, perco um pouco de mim.

Mantendo a intimidade

Deus almeja habitar em nós. E também quer que façamos dEle a nossa habitação. Pense nisso. Cristo "em nós" (1 Jo 4.13). Nossa vida "escondida com Cristo em Deus" (Cl 3.3). Que inacreditável, a intimidade envolvendo a humanidade e a divindade!

Há apenas uma coisa capaz de impedir essa intimidade da *sala de estar*: o nosso pecado. Embora não haja nada que possamos fazer de nós mesmos para alcançar a salvação, há muito a ser feito para manter nossa ligação com a videira. Como o pecado interrompe o fluxo de seiva necessária ao nosso crescimento, devemos fazer o máximo para manter um coração puro diante de Deus.

Aprendi a fazer uma coisa com regularidade — algo que representa uma grande diferença no nível de intimidade que desfruto com Cristo.

Eu chamo de "limpeza espiritual diária".

Nós tendemos a sofrer de um impulso por acumular coisas em nossa casa. Você conhece a aflição? Chegamos em casa e deixamos tudo o que temos pelos cantos. Depois de mais uma ida ao shopping, voltamos com outras tantas coisas para amontoarmos. Isso deixa uma bagunça enorme pela casa e uma dona de casa frustrada. Assim como eu.

Mas, espiritualmente falando, costumo fazer o mesmo. Coloco uma palavra grosseira aqui, uma atitude negativa lá, permito que o ressenti-

[13] Hughes, *Liberating Your Ministry*, 72-3.

mento fique no canto onde o deixei. Não demora muito para que a desordem do pecado atinja a altura dos joelhos e meu coração fique paralisado, sem saber por onde começar a limpeza e sentindo-se distanciado de Deus.

Não é uma maneira boa de viver, tenho certeza de que você concorda — seja em uma casa ou em um coração.

Mas estou aprendendo. E melhorando.

Agora, em vez de deixar o pecado se acumular, tento fazer a limpeza todos os dias. Minha meta é a obediência — evitar o pecado seguindo os mandamentos de Deus. Mas, quando faço bagunça, tento escolher o arrependimento. Digo a Deus que estou arrependida e procuro formas de corrigir o que estraguei. Conscientemente, entrego a Deus as coisas que não consigo consertar e fazer melhor, dependendo de Deus para tornar isso possível.

"O arrependimento consciente conduz à santidade inconsciente." Essa frase, extraída dos escritos de Oswald Chambers, fez coisas incríveis em minha caminhada com Deus. Levantou-me do chão do pomar e me enxertou na árvore.

Antes, eu tentava produzir o fruto da santidade sozinha, com poucos resultados, como o fracasso e a autocondenação. No entanto, quando percebi que a santidade vem da operação do Espírito Santo e que minha responsabilidade era a de me manter ligada à videira, fui capaz de abandonar minha tentativa infrutífera e ficar perto daquEle que dá a vida.

Intimidade com Deus? É muito simples, realmente.

Não é uma coluna sobre a qual nos assentamos; é uma casa onde vivemos.

Não é uma lista de "faça isso e não faça aquilo"; é um ramo ligado à videira.

Não estou me empenhando em conhecer a Deus, mas compreendendo que nosso Pai deseja nos conhecer. E isso é de graça — pelo menos para mim e para você.

Mas jamais devemos esquecer — custou a vida preciosa de Jesus.

Capítulo 6

O Serviço da Cozinha

Tudo quanto te vier à mão para fazer,
faze-o conforme as tuas forças...

Eclesiastes 9.10

"Eu sei quem são vocês." Os olhos do presidente chinês estavam serenos e calmos enquanto ele falava em um inglês meticuloso. Seu comentário interrompeu a conversa que já durava quase a tarde inteira.

Don Argue olhou o homem, não sabendo o que ele queria dizer.

Era 1998. Como presidente da Associação Nacional Evangélica, o Dr. Argue havia sido convidado para conhecer o presidente da República Popular da China, Jiang Zemin, com a finalidade de discutir a posição do país sobre a liberdade religiosa. Dez mil cristãos foram perseguidos por sua fé, mais alguns milhares foram presos ou executados. O Dr. Argue logo apresentou o motivo para se permitir aos cristãos a prática de sua fé. "Eles serão seus melhores trabalhadores", ele disse ao presidente. "São honestos e confiáveis." Mas a conversa se distanciou do assunto, que foi engolido pela postura política e gentilezas diplomáticas.

"Eu sei quem são vocês", repetiu o presidente Jiang, agora em voz baixa, enquanto se inclinava em direção ao Dr. Argue. Com o auxílio de

um intérprete, ele contou sua história: "Quando era jovem, estive muito doente em um hospital. Uma enfermeira cristã cuidou de mim. Mesmo ao final de um longo e atarefado dia, ela não ia embora antes de atender nossas necessidades".

O presidente Jiang sorriu e acenou com a cabeça.

"Eu sei quem são vocês."[1]

Modelos de cristianismo

De todos os sinais identificadores de um cristão, Jesus disse que o amor seria o que nos revelaria. "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos", disse Ele, "se vos amardes uns aos outros" (Jo 13.35). O amor *ágape* deve ser a nossa marca, o amor infindável e incondicional fluindo através de nossas vidas. O bom *phileo* não é o tipo de amor suficiente. Precisamos de um amor que ame o "apesar de" e o "por causa de". Apesar da rejeição, da privação, da perseguição, nós amamos. Por causa da grande compaixão que Deus nos concedeu, nós a repartimos com o mundo — através de palavras e do trabalho sacrificial.

Fomos cheios com um grande tesouro para um propósito: transbordar.

Cristo ilustrou o amor *ágape* aos seus discípulos quando lavou os pés deles. "Que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós", disse Jesus em João 13.34 ao grupo de homens cujos pés recém lavados eram provas de suas palavras.

O feito de Jesus dever ter chocado os discípulos. O *Midrash* dizia que a nenhum hebreu, mesmo escravo, deveria ser imposta a obrigação de lavar os pés. As ruas e estradas da Palestina eram rudes, não pavimentadas e sujas. William Barclay informa: "No tempo seco, eram cheias de poeira e, no chuvoso, eram barrentas".[2] Acrescente o fato de que a maioria das pessoas usava sandálias, uma simples lingüeta de couro amarrada ao pé por algumas tiras, e que lavar os pés era um trabalho vil.

Embora os discípulos, por tradição, atendessem as muitas necessidades de seu Rabi, eles nunca cogitaram sobre uma tarefa tão imunda. Nem era esperado. Simplesmente, isso não era feito.

---

[1] Sermão e entrevista gravada com o Dr. Donald Argue, Billings, Montana, março de 1999.

[2] William Barclay, *The Gospel of John*, ed. rev., vol. 2. Filadélfia: Westminster, 1975, 138-9.

Então, quando Jesus dobrou os joelhos para servir aos seus seguidores, foi uma demonstração viva de humildade. O Mestre se tornou o menor dos menores. Depois, foram convidados — e não ordenados — a fazer o mesmo. "É importante observar que Jesus disse apenas uma vez que estava deixando o exemplo aos discípulos. E isso ocorreu quando Ele lavou os pés deles", menciona J. Oswald Sanders.[3]

O *serviço da cozinha*, como você pode ver, não é uma opção para os cristãos. Devemos passar uma boa parte de nosso tempo seguindo o exemplo do Senhor. Devemos servir os outros e demonstrar-lhes amor — e, então, revelar Jesus para o mundo ao nosso redor. Infelizmente, como o mundo bem sabe, os cristãos esquecem facilmente o porquê de estarem aqui. É fácil cair na hipocrisia de dizer uma coisa e fazer outra — ou ficar tão envolvido com as atividades religiosas a ponto de ignorar a necessidade de alcançar aqueles ao nosso redor.

"Não olhem para as pessoas", podemos asseverar. "Olhem para Jesus." Mas, embora isso possa parecer correto, a verdade solene ainda permanece: queiramos ou não, somos o único Jesus que as pessoas vêem. Dwight L. Moody expressa dessa forma: "Um entre cem homens lerá a Bíblia; os noventa e nove lerão os cristãos".[4]

O apóstolo Paulo compreendeu como é importante a responsabilidade de revelar Cristo aos outros. Por mais de nove vezes no Novo Testamento, Paulo escreveu alguma coisa relacionada a "imitem-me da mesma forma que imito a Cristo". Aqui estão algumas passagens:

- "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (1 Co 4.16).
- "O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei..." (Fp 4.9)
- Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo" (1 Co 11.1).

Nesses versículos, Paulo não está estimulando ninguém a reproduzir a vida dele, mas a viver a vida como modelo de cristianismo. Paulo diz isso em 1 Tessalonicenses 1.6,7: "E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor... de maneira que [*vós*] fostes exemplo para todos os fiéis..." (ênfase minha)

Não havia "bíblias dos Gideões" na igreja do Novo Testamento. Não havia bíblias de espécie alguma, exceto o Cânon Judaico. A única evidên-

---

[3] J. Oswald Sanders, *Discipleship Journal 76* (Julho/Agosto de 1993): 39.

[4] Citação em Philip Yancey, *What's So Amazing About Grace?* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1997), 262.

cia desse novo modo de vida veio na forma de andar, respirar e viver as epístolas, que encheram os salões de reuniões da jovem igreja e transbordaram pelas ruas.

"Porque já é manifesto que vós sois a carta de Cristo...", Paulo lembrou aos cristãos de Corinto, "escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração" (2 Co 3.3).

Paulo disse que você é uma carta conhecida e lida por todos.

Isso também vale para nós hoje. Somos a carta do amor de Deus para o mundo. Fomos separados para um propósito — comunicar a sua glória ao mundo perdido e agonizante.

Vida frutífera

Uma vez, ouvi sobre um homem que gostava de fazer experiências com seu jardim. Ele sempre aparecia com uma forma híbrida disso ou daquilo. Sua realização premiada consistia de uma árvore híbrida. Parte ameixeira, parte damasqueiro, parte pessegueiro, era a árvore mais loucamente misturada que você já viu. Mas aquela árvore tinha um grande problema.

Sim, ela estava viva. E crescia linda. As folhas estavam lá. De vez em quando, na primavera, até mesmo brotava uma flor. Mas a árvore nunca produziu um fruto sequer.

João Batista notou o mesmo problema na vida de muitos de seus seguidores judeus. Ele não media palavras para adverti-los sobre a falta de frutos em suas vidas. Ele não misturava pêras com *kumquats*.[5]

Você identifica uma árvore pelo fruto produzido por ela, disse João — e uma árvore que não produz não tem valor algum. "Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento e não comeceis a dizer em vós mesmos: Temos Abraão por pai, porque eu vos digo que até destas pedras pode Deus suscitar filhos a Abraão" (Lc 3.8).

João estava punindo os judeus por acreditarem em seu DNA — sua "linhagem" era suficiente para agradar a Deus. Não bastava ser filho de Abraão, ele disse. Era necessário viver como pessoas escolhidas — para

[5] Fruta cítrica do gênero *Fortunella*, parecida com uma laranja (N da T).

produzirem frutos dignos de sua ascendência. Se não atendessem, Deus estaria preparado para encontrar quem o fizesse. "E também já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não dá bom fruto é cortada e lançada no fogo" (Lc 3.9).

Da mesma forma, não é suficiente nos denominarmos cristãos. Devemos viver como cristãos. "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus", disse Jesus certa vez, ao falar a respeito da vida estéril de muitos (Mt 7.21).

Macieiras produzem maçãs. Ameixeiras dão ameixas. Se somos cristãos, então nossas vidas devem ser inequívoca e obviamente como a de Cristo.

O fruto acontece

Por toda a Palavra de Deus, a analogia do fruto é empregada. Os quatro Evangelhos incluem a ilustração da videira e seus ramos. Dos vinte e sete livros do Novo Testamento, quinze mencionam os tipos de frutos que devemos ter em nossa vida, incluindo:

- *O fruto dos nossos lábios:* "Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13.15).
- *O fruto das nossas obras:* "Para que possais andar dignamente diante do Senhor, agradando-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus" (Cl 1.10).
- *O fruto das nossas atitudes:* "Mas o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gl 5.22).

Como posso ter a certeza de que minha vida produz esse tipo de fruto?

Não é difícil. Como você sabe, o fruto não é algo que você pode sentar e fabricar em sua vida. O fruto "acontece". Você se liga à videira e logo terá frutos — toneladas e toneladas de frutos.

Tanto fruto que você será obrigado a repartir!

Quando "permanecemos" no relacionamento íntimo com Cristo de que falamos no capítulo 5, algo incrível acontece. Começamos a amar como nunca amamos antes. Nossas vidas mudam e se tornam exemplos dignos de imitação.

Começamos a produzir fruto. Fruto suculento, atraente, saboroso. Frutos que relatam ao mundo quem somos e como Deus é. Mesmo quando estamos presas na cozinha lavando a louça.

Alegre-se na cozinha

Que meta! Estar tão ligado à presença de Deus que lavar os pratos se torna um ato de adoração. Os momentos de nossa vida, até os mais cotidianos, se tornam brilhantes com Deus.

No momento em que Jesus repreendeu Marta, lembre-se, Ele não estava repreendendo o seu ato, mas sua postura. "Ele acusou Marta, não por seu serviço amoroso e cuidadoso", diz o escritor Charles Grierson, "mas por permitir que o trabalho a irritasse, a agitasse e a absorvesse".[6]

O trabalho sem a espiritualidade é exaustivo e desanimado. Da mesma forma, a espiritualidade sem o trabalho é infrutífera e egoísta. Precisamos unir esses dois fatores e fazer tudo "como para o Senhor".

Quando agimos assim, algo maravilhoso acontece com nosso trabalho na cozinha. As pias se tornam um altar. Os esfregões limpam o lugar santo. As tarefas domésticas diárias, que costumavam nos incomodar ou nos esgotar, tornam-se oportunidades para expressarmos nossa gratidão.

Servindo como Jesus

Nossa santificação "não está em mudar as nossas tarefas, mas em desempenhá-las por amor ao Senhor, da mesma forma que costumamos fazer para nós mesmos".

Por três anos e meio, Jesus de Nazaré fez exatamente isso. Ele servia em seu dia-a-dia. Em vez de alugar um estádio ou construir uma sinagoga e esperar que o povo viesse, Jesus ia até eles. Tinha tempo para atender as necessidades do povo. Nosso Salvador interrompeu sua caminhada para curar uma mulher com fluxo de sangue. Ele deixou a tarde livre para oferecer colo aos pequeninos. Jesus enfrentava os religiosos hipócritas e confortava as almas perdidas — confortava cada uma delas, conforme surgia a oportunidade.

---

[6] Charles Grierson, "Martha", *Dictionary of the Bible*, ed., James Hastings (Nova York: Scribner, 1909), 588.

É exatamente esse tipo de ministério espontâneo que Deus confia a mim e a você. "Ele parece não fazer nada que não possa ser delegado às suas criaturas", escreve C. S. Lewis. "O Senhor nos manda fazer devagar e mesmo sem jeito o que Ele poderia fazer com perfeição e num piscar de olhos."[7]

Para pessoas imperfeitas como eu e você, Deus dá o ministério da reconciliação — a tarefa de trazer a humanidade de volta para Deus. Sim, um trabalho considerável. Mas não é impossível quando reservamos um dia e seguimos o exemplo que Jesus estabeleceu.

Vejo três princípios básicos do ministério na vida de Cristo que podem nos mostrar como viver no serviço frutífero da *cozinha*:

- Jesus serviu quando *estava dentro de seu itinerário.*
- Jesus serviu quando *estava fora de seu itinerário.*
- Jesus serviu de *todas as formas.*

A patrulha da cozinha de Deus

Você quer trabalhar para o Senhor mas não sabe o que fazer? Talvez as sugestões abaixo despertem uma idéia em seu coração para servir a Deus enquanto você serve os filhos dEle. Quando começar, verá que as oportunidades são infinitas.

- *Junte-se ao "serviço secreto" de Deus.* Encontre formas de servir anonimamente — envie um bilhete de estímulo, deixe um prato de biscoitos na soleira da porta, responsabilize-se por uma criança no acampamento, pague a conta de energia elétrica de alguém.
- *Dê um copo de água no nome dEle.* Ofereça-se para trabalhar junto com a turma das bebidas nas para-olímpiadas. Distribua picolés no parque em dias quentes. Monte uma banca de refrescos para viajantes sedentos perto de uma parada de ônibus.
- *Procure pela virtude que há em você.* Deus sempre coloca uma pessoa necessitada em nossas vidas para que a sirvamos. Em vez de resistir, aceite aquela pessoa como um "serviço divino" e ame-a como ao Senhor.

[7] C. S. Lewis, "The Efficacy of Prayer", *The World's Last Night* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1960), 9.

- *Console com o mesmo consolo que recebeu.* Freqüentemente, servimos melhor em uma área com a qual tivemos experiência. Se você sobreviveu ao câncer, pode oferecer esperança e apoio a quem recebeu o mesmo diagnóstico recentemente. Se você perdeu um ente querido, conhece as palavras que as pessoas angustiadas precisam ouvir.

Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças...

Eclesiastes 9.10

Servindo dentro de nosso itinerário

Em primeiro lugar, Jesus estava disponível. Ele ministrava quando era solicitado — quando estava dentro de seu itinerário. Ele libertou o homem possuído por demônios quando passava pela província dos gadarenos (Mt 8.28-34). Em sua jornada por Cafarnaum, usou o tempo para ensinar os discípulos (Mc 9.33-37). Quando retornava de Decápolis, aproveitou a oportunidade para curar uma mulher doente e ressuscitar a jovem morta (Lc 8.40-56).

Até mesmo o incidente que compõe o assunto central desse livro — a história de Marta e Maria, contada em Lucas 10.38-42 — aconteceu quando Jesus "ia de caminho". Em vez de se apressar a Jerusalém, para onde rumava, Jesus aparentemente fez uma parada não prevista em Betânia quando, conforme diz o versículo 38, "certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa".

Esse é o Deus que vem até nós. Quando abrimos nossas vidas, Ele entra em nossos corações e habita em nós. Então, nos convida a nos juntarmos a Ele em sua jornada — e aí entra o nosso trabalho para Deus. Deus não vem para assinar o livro de visitas. Ele vem para nos tornar seus.

"Jesus observou onde o Pai trabalhava e se juntou a Ele"[8], lembra-nos Henry Blackaby em seu livro *Experiencing God*. Jesus por si mesmo não fazia coisa alguma, de acordo com João 5.19, "se o não vir fazer ao Pai, porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente".

[8] Henry Blackaby, *Experiencing God* (Nashville: LifeWay Press, 1990), 13-5.

Esse é o segredo do trabalho da *cozinha*. Em vez de esperar que Deus consinta com nossos planos, sonhos e projetos — ou de tentar impressioná-lo com nossos esforços em sua obra — precisamos, simplesmente, "observar onde o Pai está trabalhando e [nos juntarmos] a Ele!"[9]

Quando agimos assim, o *serviço da cozinha* se torna um prazer em vez de distração. Torna-se um fluxo natural de nosso relacionamento com Deus, em vez de uma obrigação a mais que nos mantém afastadas do que realmente queremos fazer. Quando ministramos em nosso itinerário, todo dia pode ser uma aventura!

Nunca vou me esquecer de uma ocasião, no inverno, quando voltava para casa após a despedida de um jovem pastor. Ao atravessarmos o leste do Estado de Montana, encontramos um desvio que nos tirou da estrada rural e nos levou para uma rodovia suja e cheia de neve. Quilômetro após quilômetro, nosso carro era o único veículo na vasta planície de Montana, com apenas uma cerca de arame farpado para delinear o caminho.

— Acho que estamos perdidos — eu disse.

— Não estamos perdidos — John retrucou. — Volte a dormir.

Como esposa obediente que sou, atendi ao pedido. Não sei a distância que percorremos, mas acordei quando o carro diminuiu a velocidade e entrou em uma pista de rolamento — a única pista que, segundo eu soube depois, John havia visto nos últimos oitenta quilômetros.

— Estamos perdidos — ele admitiu.

Mas não completamente perdidos.

O velho homem que veio ao nosso encontro pareceu um pouco desapontado quando John saiu do carro. Era o aniversário dele. E esperava que o carro visto na pista fosse o de seu filho, vindo de Minnesota para visitá-lo.

Mas o homem pareceu se animar quando ficamos, conversamos um pouco, e lhe demos como presente de aniversário um bichinho de pelúcia que comprei na viagem. Havia uma lágrima em seus olhos, mas um sorriso em sua face, quando ele apertou a mão de John e mostrou o caminho para estrada principal.

Creio que, quando estamos dispostos a servir como Jesus — enquanto estamos no nosso itinerário —, compromissos divinos como esse começam a aparecer subitamente em todos os lugares. E, se reservarmos tempo para parar e escutar, encontraremos nosso destino, mesmo quando pensamos que estamos perdidos.

---

[9] Ibid.

Saindo de nosso itinerário

No livro *Love Adds a Little Chocolate*, Linda Andersen relata:

> A obrigação pode ser um embrulho adequado para o almoço, mas o amor pode resolver incluir um pequeno bilhete de amor lá dentro... O dever manda as crianças para a cama na hora certa, mas o amor dobra os cobertores e distribui beijos e abraços (inclusive nos adolescentes)... O dever fica ofendido quando não é atendido prontamente, mas o amor aprende a sorrir e produz a alegria de desempenhar as tarefas. A obrigação pode encher um copo de leite, mas com bastante freqüência, o amor adiciona um pouco de chocolate.[10]

Essa descrição de amor é uma linda representação do modo como Cristo conduziu sua vida. Por muitas vezes, Ele foi além da obrigação e expressou o amor em ações. Ele saiu de seu itinerário para servir — e creio que deseja que façamos o mesmo.

Jesus devia estar exausto naquela noite que vemos resumida em Mateus 14, há muito tempo. Durante todo o dia, as multidões o pressionavam com suas necessidades, e Jesus deve ter realizado outros milagres nessa ocasião. Por que não dar asas ao pensamento e imaginar os olhos cintilantes de uma garotinha aleijada ao dar seu primeiro passo? Ou então ouvir o brado de alegria da multidão ao contemplar o milagre? Ou quem sabe ver um homem de idade avançada agradecer a Jesus por tê-lo feito enxergar? Foi por esse real motivo que Ele veio — para "restaurar os contritos de coração e proclamar liberdade aos cativos" (Is 61.1).

Mas, quem restauraria o coração contrito de Jesus? Seu primo João fora executado havia apenas alguns dias e Jesus estava aflito. A cidade de Tiberíades brilhou naquela noite na Galiléia. Tochas clareavam o prematuro anoitecer, iluminando o palácio do rei Herodes. Jesus soube que dentro de seus muros havia uma bandeja com a cabeça de seu querido amigo.

Agora, com a chegada da noite, Jesus queria estar sozinho. Ele precisava ficar sozinho. Apenas o Pai poderia consolar sua tristeza esmagadora e suavizar o seu cansaço.

---

[10] Linda Andersen, "Love Adds a Little Chocolate", in Medard Laz, *Love Adds a Little Chocolate: One Hundred Stories to Brighten Your Day* (Nova York: Warner, 1998), 15. Republicado como *Love Adds the Chocolate* (Colorado Springs, Colo.: WaterBrook, 2000).

"Lá está Ele!" Vozes ecoaram pela água enquanto a multidão se acercava do lago. Os discípulos suspiraram. Eles haviam visto a dor nos olhos de seu Mestre. E, de igual forma, também estavam esgotados por causa das exigências do dia. Certamente, mereciam um pouco de descanso.

"Vamos mandá-los embora", um dos discípulos sugeriu a Jesus.

Mas Jesus disse não.

Em vez de mandar a multidão embora, Jesus foi "possuído de íntima compaixão para com ela, e curou os seus enfermos" (Mt 14.14). Ele sobrepujou sua própria necessidade e amou aquelas pessoas. Fez o que pôde para ajudá-las. E, como se não fosse o bastante, providenciou o jantar para o povo faminto. Peixe e pão para cinco mil.

A palavra usada por Mateus para "compaixão" nessa passagem é *splagchnizomai*. Significa que Jesus não atendeu o povo por obrigação; Ele o serviu porque sentiu sua aflição. Tão profunda e intensa era sua compaixão, sua *splagchnizomai*, que Jesus literalmente sentiu em suas entranhas. Ele deixou de lado sua ferida para que pudesse assimilar a dor do povo. Deixou de lado seus desejos para se tornar o único desejo da multidão. Abandonou sua agenda para que pudesse atender todas as necessidades daquelas pessoas.

Essa é a essência do ministério que sai do itinerário. Significa colocar de lado o seu "eu" e atingir a verdadeira compaixão.

Servindo de todas as formas

Quando você realmente é uma serva fiel, a posição ou o cargo são secundários. Você está disposta a fazer tudo o que tem que ser feito.

Jesus não teve um escritório luxuoso no lado oriental de Jerusalém, com uma placa de metal na porta com a inscrição "Messias". Não teve um campo de muitos acres para estabelecer seu ministério. Ele ministrava enquanto caminhava. Dentro de seu itinerário. Fora de seu itinerário. De todas as formas.

Acho que isso é uma coisa importante para ser observada quando falamos do *serviço da cozinha* — especialmente nessa época de estudos motivacionais dos "talentos". As últimas duas décadas trouxeram uma onda de livros, seminários e outras oportunidades educacionais voltadas para nos despertar quanto aos nossos talentos naturais e espirituais. Essas ofertas, que variam do clássico *Discovering Your Spiritual Gifts* ao *Wagner-*

Modified Houts Spiritual Gifts Questionnaire[11], têm ajudado milhares de cristãos a se conscientizarem dos dons especiais, concedidos por Deus para a edificação da Igreja.

O propósito de tais contribuições era o de preparar os santos para a obra do ministério. O princípio era claro: trabalhar com os talentos dados por Deus libera, em maior extensão, a potencialidade ministerial e permite que os vários membros do corpo trabalhem harmoniosamente.

Receio, contudo, que em vez de mobilizar o corpo de Cristo, essa ênfase nos dons seja uma cômoda desculpa para alguns de nós. Nessas circunstâncias, quando as igrejas clamam por cooperadores, temos uma razão espiritual para não ajudarmos.

"Não é o meu dom", podemos dizer piamente, apontando para os capítulos 12 de Romanos e de 1 Coríntios.

"Pastor, eu gostaria muito de ajudar, mas não tenho jeito com bebês."

"Não tenho talento para trabalhar com os adolescentes."

"Não tenho talento para trabalhar com asilos."

"Sou um pregador, você sabe — não limpo banheiros!"

Quando a "fumaça verbal" finalmente se dissipa, uma pergunta ainda permanece: Qual é exatamente nosso verdadeiro dom?

Não quero diminuir a importância de compreender nossos pontos fortes e fracos. Há muito para ser aprendido sobre os dons ministeriais concedidos por Deus à Igreja e sobre a nossa parte no corpo de Cristo, conforme Romanos 12. Ademais, como já falamos antes, uma necessidade não é obrigatoriamente um chamado — e ninguém é chamado para fazer tudo. Por essa razão, devemos começar sempre na *sala de estar*, passando um tempo com Deus e perguntando-lhe o que quer que façamos.

A descrição bíblica dos dons e os lembretes de servir prudentemente nunca foram desculpa para escolhermos as atividades mais confortáveis e convenientes e ignorarmos as demais!

Afinal, o mesmo capítulo de Romanos, que relaciona os dons ministeriais, também esclarece que todos nós somos chamados a servir, independentemente de nossos dons específicos. Podemos ter ou não a virtude da hospitalidade, mas todos somos chamados a praticar a hospita-

[11] Kenneth C. Kinghorn, *Discovering Your Spiritual Gifts* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1984); C. Peter Wagner, *Finding Your Spiritual Gifts: Wagner-Modified Houts Spiritual Gifts Questionnaire* (Ventura, Calif.: Regal, 1995).

lidade (Rm 12.13). Tenhamos ou não o dom de repartir (v. 8), todos somos chamados a comunicar "com os santos nas suas necessidades" (v. 13).

"Em vez de escolhermos e optarmos por oportunidades ministeriais, considerando unicamente nossos talentos e interesses", escreve Jack Hoey em *Discipleship Journal*, "somos instruídos a 'nos entregar inteiramente à obra do Senhor'."[12]

Foi o que o nosso Salvador fez. Ele ministrava em todos os lugares por onde passava e de todas as formas. Parou para conversar com uma mulher solitária. Contou histórias às crianças e assou peixe para os discípulos. Jantou com publicanos e pecadores; até mesmo chamou um deles para descer de seu esconderijo em uma árvore, com o fim de compartilharem da comunhão *(koinonia)*.

Em vez de guardar sua vida, Jesus a entregou — e Ele nos chama para fazer o mesmo. Quando nos entregamos para sermos usadas por Deus, não temos sempre que escolher a ocasião, o método ou o lugar de servir. De fato, algumas vezes nos encontramos não fazendo nada — a não ser orar e esperar pela orientação de Deus.

"Ele também serve a quem está apenas parado e a esperar", escreveu uma vez o grande poeta inglês John Milton.[13] Frustrado pelas limitações da cegueira, Milton lutou contra sentimentos de inferioridade — sentimentos que o impediam de ser usado por Deus. No entanto, o poeta descobriu que a chave não está em nossas ações, mas em nossa receptividade à voz de Deus — e em nossa disposição para sermos usados de todas as formas apresentadas por Ele.

Quando entregamos a Deus a nossa disposição para servir, Ele sempre nos mostra algo que podemos fazer. E essa tarefa sempre terá algo a ver com o amor.

Amor, compaixão e poder

O amor a Deus resultará naturalmente em compaixão pelas pessoas. Não podemos amar ao Pai sem amar seus filhos também — mesmo quando não são dignos de amor.

---

[12] Jack B. Hoey Jr., "Breaking the Unplowed Ground", *Discipleship Journal* 39 (Maio/Junho de 1987): 4.
[13] John Milton, "When I Consider How My Light Is Spent", *Norton Anthology of English Literature*, v. 1, ed. rev. (Nova York: W. W. Norton, 1968), 1015.

Em sua linda obra *Love Beyond Reason*, John Ortberg nos conta a história de Pandy, a boneca de pano de sua irmã. "Ela já tinha perdido uma boa parte do cabelo, um dos braços e, genericamente falando, já nem tinha mais o enchimento." Mas ainda era a boneca preferida de sua irmã.

Verificando seus motivos

O *serviço da cozinha* é uma parte vital da vida cristã, mas nunca devemos esquecer que as razões por que servirmos são tão importantes quanto o modo como servimos — os motivos de nosso coração realmente fazem diferença. Jan Johnson, autora de *Living a Purpose-Full Life*, sugere uma série de perguntas úteis que podem nos ajudar a "fazer o trabalho de Cristo com o coração de Cristo".

- Estou servindo para impressionar alguém?
- Estou servindo para receber recompensas materiais?
- Meu trabalho é afetado pelo mau humor e caprichos [meus e dos outros]?
- Estou usando esse trabalho para me sentir bem comigo mesma?
- Estou usando o meu trabalho para encobrir a voz de Deus me pedindo para mudar?[14]

Porque o Senhor não vê como vê o homem.
Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração.

1 Samuel 16.7

Quando descobriu-se que Pandy não estava junto com a família na volta das férias, o pai de Ortberg retornou e dirigiu de volta ao Canadá para encontrá-la. "Somos uma família dedicada", escreve Ortberg. "Talvez não uma família brilhante, mas dedicada." Eles encontraram Pandy no hotel, envolta em lençóis na lavanderia, "prestes a receber a lavagem da morte".

[14] Jan Johnson, *Living a Purpose-Full Life* (Colorado Springs, Colo.: WaterBrook, 1999), 151-3.

O que tornou Pandy tão valiosa para aquela família? Não era sua beleza. Era porque a irmãzinha de Ortberg a amava demais. "Se você amasse [minha irmã], naturalmente amaria Pandy também."

Isso também acontece com o nosso Pai celeste. Como seus filhos, somos falhos e feridos, quebrados e, às vezes, prostrados. "Todos nós somos bonecas de pano", diz Ortberg. "Mas somos as bonecas de pano de Deus." E Jesus esclareceu que servir a Deus também significa servir aos seus amados.

"'Ame-me, ame minha boneca de pano', diz Deus", escreve Ortberg. "É um pacote fechado."[15]

Creio que por essa razão, em Atos 3, Pedro e João não puderam simplesmente passar pelo coxo sentado à porta do Templo chamada Formosa. Quando olharam o homem, feito uma boneca de pano amarrotada, não viram um aleijado, mas um filho de Deus. Então eles o amaram. Quiseram ajudar. Seu amor por Deus espalhou-se naturalmente em compaixão pelo necessitado. Mas, em vez de oferecerem dinheiro ao homem, eles lhe deram algo ainda mais precioso — algo que todos nós devemos lembrar quando realizamos um trabalho de caridade.

"Não tenho prata nem ouro", disse Pedro. Então, com todo o amor e poder do Espírito Santo, Pedro continuou, "mas o que tenho, isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta e anda" (At 3.6).

Como você vê, a compaixão é apenas o início do que devemos oferecer às pessoas amadas por Jesus. Afinal, o mundo está cheio de obras de caridade, pessoas e fundações que dão dinheiro e tempo e fazem coisas louváveis em favor dos pobres. Sei que essa compaixão agrada o coração de Deus — mesmo quando provém de não-cristãos.

No entanto, não era da caridade de Pedro que o coxo precisava naquele dia. Ele precisava de algo que não é encontrado dentro de bolsos e carteiras, ou até mesmo na solidariedade das pessoas. Aquele homem precisava da cura. Necessitava do poder de Deus para transformar sua vida.

E poder foi exatamente o que ele recebeu. Pela autoridade do Espírito, Pedro tomou o homem pela mão direita e o levantou. "... e logo os seus pés e tornozelos se firmaram. E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus" (At 3.7,8).

---

[15] John Ortberg, *Love Beyond Reason* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1998), 11-14,18.

O que temos a oferecer

E isso, mais do que qualquer coisa, é o que o mundo precisa de nós hoje. As pessoas ouvem os sermões da TV, vêem os prédios de nossas igrejas e lêem nossos folhetos. Mas estão famintas pela manifestação da glória de Deus. Algo maior do que elas. Algo maior do que nós. Elas querem ver a Deus.

Sempre foi assim. Paulo referiu-se à mesma realidade quando escreveu em 1 Coríntios 2.4,5 "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder". Por que isso era importante? "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus."

O mundo já tem sabedoria humana o suficiente. Se é de um pouco de *know-how* extra que sua vizinha precisa, ela encontrará as respostas para todas as perguntas da vida em algum programa de TV. Se tudo o que seu cunhado precisa é um conselho, ele poderá consegui-lo com os colegas de trabalho ou na Internet. No entanto, não vai encontrar ali o que realmente precisa — uma nova vida. Se a sabedoria humana fosse o bastante para resolver os problemas do mundo, estaríamos livres das guerras, da fome e das doenças. E não teríamos necessidade alguma de Deus.

Obviamente, isso não aconteceu. O mundo ainda está emaranhado em discórdias, definhando com o vazio físico e espiritual, e ainda se encontra ferido e agonizante. Continua desesperado pelo tipo de cura que somente Deus pode oferecer.

Seria uma boa idéia, então, se cada uma de nós parasse periodicamente durante o trabalho para o Senhor e perguntasse: "Em que estou confiando? Quem estou mostrando às pessoas?"

Porque se o nosso *serviço da cozinha* não mostra Jesus às pessoas, corremos o risco de nos tornar messias substitutos. Se nós, e não Deus, nos tornarmos a fonte de esperança, acabaremos conduzindo as pessoas à decepção total. E também chegaremos à destruição completa — porque não fomos chamadas para a tarefa de salvar o mundo. Segundo Pedro e João diante da porta chamada Formosa, não temos nada a oferecer de nós mesmos. Mas em Cristo recebemos o poder de dar às pessoas o que elas mais desesperadamente precisam.

Somente Deus, como você pode perceber, pode consertar bonecas de pano. Nosso trabalho é ser apenas mensageiras, formadas à sua semelhança, cheias do seu amor e dotadas de seu poder. E presenteadas com o privilégio de repartir um Pai amoroso com o mundo órfão.

Espalhando Jesus por toda parte

Conta-se a história de um garotinho que se aproximou de um evangelista, depois de uma reunião de avivamento.

— Com licença, senhor — disse o garoto educadamente. — O senhor disse que todos deveriam pedir para Jesus entrar em seus corações, certo?

— Certo, filho. — o evangelista agachou para que pudesse olhar nos olhos do menino. — Você pediu para que Ele entrasse?

— Bem, eu gostaria — disse o menino, arrastando a poeira do chão com o bico do sapato antes de voltar o olhar para evangelista. — Mas eu estive pensando... sou tão pequeno e Jesus é tão grande — Ele não vai caber dentro de mim e vai se espalhar por toda parte.

— Eis a questão, filho — respondeu o evangelista com um sorriso. — Eis a questão.

Não sei quanto a você, mas eu quero que Jesus seja evidente em minha vida, de modo que as pessoas não me vejam apenas como uma pessoa de boa índole, cheia de boas obras. Desejo que meu relacionamento com Deus seja real e vital, semelhante ao dos apóstolos Pedro e João, que era notado por todas as pessoas.

Não seria maravilhoso que falassem sobre nós o que está registrado em Atos 4.13? "Então, eles, vendo a ousadia de Pedro e João e informados de que eram homens sem letras e indoutos, se maravilharam; e tinham conhecimento de que eles haviam estado com Jesus."

Creio que foi isso que o presidente Jiang Zemin estava dizendo quando contou a Don Argue a história do começo do capítulo. Ele "teve conhecimento" da diferença através de uma vida cristã desconhecida. E isto permaneceu gravado em sua memória.

Infelizmente, ao contrário de Paul Harvey[16], não tenho o "resto da história" quanto a essa narrativa particular. Cristãos chineses ainda são perseguidos por sua fé todos os dias. Oficiais chineses não dão sinais de que irão suavizar sua postura.

Mas, quem sabe? Talvez a compaixão terna de uma mulher — uma enfermeira cristã que, enquanto estava em sua trajetória, saiu de seu itinerário, de todas as formas — possa mudar, enfim, o coração de um presidente e de seu país.

---

[16] Alusão ao autor do livro *O Resto da História*, de Paul Harvey (N da T).

Apenas uma coisa é certa. A causa de Cristo está bem e viva na China por causa de cristãos como aquela enfermeira. Cristãos que se atreveram a amar. Cristãos que se atreveram a servir. Cristãos que deixaram Jesus se espalhar por toda parte.

Em vez de brigarem com o governo durante os últimos quarenta anos de comunismo, "os cristãos chineses dedicaram-se à adoração e ao evangelismo, à missão original da Igreja", escreve Philip Yancey em *What's So Amazing About Grace?* "Concentraram-se em mudar as vidas e não as leis." E algo inacreditável tem acontecido nesses quarenta anos.

"Havia 750.000 cristãos quando deixei a China", contou a Yancey um velho missionário, um perito sobre a China. E agora?

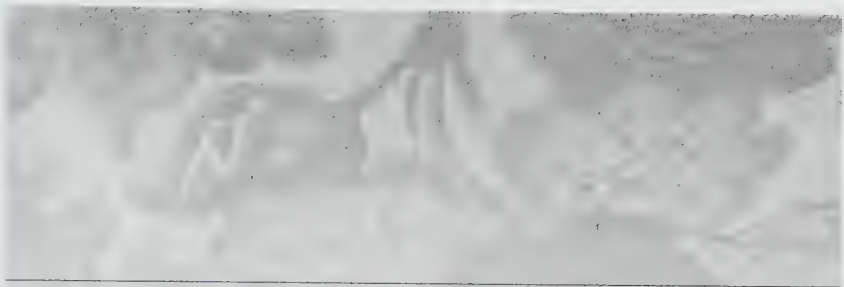
"Você ouve vários números", diz o homem. "Mas penso que, seguramente, chegam a 35 milhões."[17]

Uma vida, de fato, faz diferença. Sua vida mais a minha são duas.

Vamos nos ligar à videira para que comecemos a dar frutos. Vamos começar a levar a vida de maneira que Jesus possa se espalhar por toda parte. Vamos começar a amar de tal maneira que as pessoas apontem nossas vidas e digam: "Eu sei quem você é!"

Ou, melhor ainda, "Eu sei de quem vocês são" — porque elas vêem em nós o nosso Senhor e o seu amor.

[17] Yancey, *What's So Amazing About Grace?* 258-9.



Capítulo 7

A Melhor Parte

Mas uma só *[coisa]* é necessária;
e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

Lucas 10.42

Às vezes, uma imagem vale mais do que mil palavras.

O dia do meu aniversário de trinta e poucos anos amanheceu radiante e cheio de trabalho. Junto a uma pilha de contas e propagandas de cartões de crédito, encontrei um cartão enviado por minha amiga Janet McHenry. A mensagem desejava-me um "aniversário bamboleante" e isso me fez sorrir, mas a foto do cartão foi o que realmente me chamou a atenção. Ela ilustrava todos os meus sentimentos naquele triste dia em que eu ficava mais velha.

"Essa sou eu", disse ao meu marido, apontando para a brilhante foto em preto e branco.

Tirada no início no início dos anos cinqüenta, a foto mostrava uma jovem com oito ou nove bambolês girando loucamente ao redor de sua cintura. "Como ela faz isso?" Eu queria saber.

Tinha sido um dia frustrante, de muitas responsabilidades e de pouco tempo para dedicar a mim. Um por um, dei nomes aos bambolês que eu

tentava manter em movimento: esposa (de pastor), mãe, amiga, escritora, professora de piano, cozinheira, dona de casa e o maior — a torcedora de dois pequenos jogadores da Pequena Liga. Quando não estava levando nossos filhos aos jogos de beisebol, estava correndo para a igreja; quando eu não estava arrumando a roupa para lavar, estava ganhando alguns momentos para escrever.

"Essa sou eu!", disse rindo. Fiz movimentos exagerados com meus quadris, tentando manter girando os meus bambolês invisíveis. Meus olhos correram da foto para o rosto preocupado do meu marido e depois voltaram para o cartão. "Essa sou eu!"

Depois de algumas xícaras de chá de camomila e alguns sedativos de chocolate — quero dizer, biscoitos — me acalmei e li a carta de minha amiga, enquanto meu marido apressava nossos filhos para mais um jogo de beisebol. Eloqüente e cheia de humor, Janet falou sobre seus horários agitados e as coisas que o Senhor lhe havia ensinado.

Terminei a carta; depois fechei o cartão e olhei mais uma vez para a garota da foto. Havia tantos bambolês, mas ela parecia calma. A parte de cima de seu corpo parecia perfeitamente serena, os braços esticados levemente, enquanto os bambolês moviam-se rapidamente em torno de sua cintura, em um caos sincronizado.

Seu rosto prendeu minha atenção. Enquanto olhava diretamente para a câmera fotográfica, ela sorria em paz, como se não tivesse uma preocupação sequer no mundo.

Então, tudo ficou claro — eu descobri seu segredo. "Ela encontrou o ritmo", sussurrei para mim mesma. "Ela determinou o centro e depois deixou que tudo se movesse em volta dele."

Era exatamente o que eu não estava fazendo em minha vida. Todas as coisas que estava tentando realizar eram importantes, mas eu havia perdido o meu centro. Com tantas ocupações, tinha esquecido de cuidar do meu interior, da minha parte espiritual. Como uma roda sem o eixo, adernei pela vida, batendo com força contra uma obrigação e depois contra outra.

Se houvesse um intervalo conveniente, eu passaria algum tempo com o Senhor. Porém, recentemente e com muita freqüência, meus dias atarefados passavam sem um momento de tranqüilidade sequer. E minha vida revelava o que o meu espírito não compreendia.

"Ensina-me, Senhor. Mostra-me o ritmo da vida", orei.

"Sê o meu centro."

Bambolês e santidade

A vida está cheia de bambolês. Todas nós temos responsabilidades, coisas importantes que demandam nossa atenção. Se não tivermos cuidado, contudo, nossos corações e mentes podem ser consumidos pela obrigação de mantê-los no ar. Em vez de nos centrarmos em Cristo e deixar que os outros elementos da vida tomem o seu lugar correto ao redor do centro, acabamos deslocando nossa atenção de um dever importante para o outro, tentando freneticamente manter todos eles em movimento.

É fácil esquecer que há o tempo de trabalhar e há também o tempo de adorar — é a adoração, o tempo que passamos com Deus, que proporciona o centro sereno para uma vida ocupada e complexa.

Maria não se deixou seduzir pela agitação. Ela sabia a diferença entre o trabalho e a adoração. Marta não sabia. Foi por essa razão que ela quase perdeu a melhor parte.

Quase consigo ver Marta ao receber Jesus quando este passava por Betânia. Não creio que os bambolês estivessem visíveis quando ela saiu ao encontro do Senhor, mas eu não ficaria surpresa se houvesse um leve movimento ao redor dos quadris de Marta. "Entre! Entre!", provavelmente ela disse. *"Mi casa, su casa!* Agora, se o Senhor me permite, preciso verificar a sopa."

Eu, do mesmo modo, seria culpada se desse ao Senhor um oi esbaforido e um rápido abraço. Eu o receberia bem em minha vida e o deixaria confortável, mas, depois, me comportaria como Marta, girando freneticamente enquanto desempenhava outras tarefas.

Maria não fez isso. Ela deixou de lado os bambolês e sentou-se aos pés de Jesus. Quem tem tempo para brincadeiras quando se está na presença do mais sábio professor que já existiu?

Deduz-se que Maria não tinha nenhum bambolê (que criatura preguiçosa!). "Por esse motivo, ela teve tempo para sentar aos pés de Jesus", gostamos de enfatizar, como se fôssemos Marta. Mas não temos prova disso, e creio que a Escritura omite esse fato de propósito.

Os estereótipos nos impedem de abraçar a verdade. A história de Marta e Maria nunca pretendeu ser um perfil psicológico ou um papel de uma peça, em que escolhemos o personagem com o qual mais nos identificamos. Essa é a história de duas reações diferentes em uma ocasião

particular. Nela, não devemos encontrar nosso tipo de personalidade, mas o tipo de coração desejado por Cristo.

Um coração centrado apenas nEle.

Mantendo o foco

Enquanto lia o cartão de aniversário naquele dia, foi inevitável não me maravilhar diante da obra que Deus tem feito com minha amiga. Mãe de quatro filhos e casada com um advogado-fazendeiro, Janet tinha um trabalho integral lecionando inglês para o Ensino Médio, além de escrever livros e artigos em momentos encontrados aqui e ali. Sua vida era ocupada. Bambolês em abundância.

Um ano antes, Janet mandou um pedido de socorro aos amigos através de um e-mail. Diversas crises dolorosas, incluindo um processo judicial injusto, haviam atingido a vida de sua família. "Orem por mim", escreveu. "Estou afundando."

De personalidade melancólica, agravada ainda mais pelas circunstâncias, Janet se encontrou submersa em desespero. Ela não conseguia consertar aquela situação. Não podia mudá-la. Mas, em meio a tudo isso, Deus a chamava para si.

"Estou acordando uma hora mais cedo e orando enquanto caminho", ela nos escreveu alguns meses depois. Todas as manhãs antes do trabalho, Janet suava a camisa e passava uma hora andando pela sua pequena cidade da Califórnia, orando pelas pessoas e situações que lhe vinham à mente. "Não consigo acreditar na mudança ocorrida em minha vida, depois que passei a ter meus momentos a sós com Deus", ela relatou no cartão de aniversário. "Eu me peguei cantando outro dia!"[1]

Hudson Taylor disse certa vez: "Todos nós passaremos por provações. A questão não é quando a pressão virá, mas onde a pressão vai se alojar. Ela virá para ficar entre nós e o Senhor? Ou ela nos pressionará ainda mais contra o seio divino?"[2] Em vez de deixar que as circunstâncias a afastassem de Deus, Janet escolheu deixar que elas a aproximassem mais do Senhor.

---

[1] Consulte Janet Holm McHenry, *Prayer Walk: Becoming a Woman of Prayer, Strenght, and Discipline* (Colorado Springs, Colorado: WaterBrook, 2001).

[2] Citado em Dennis Rainey, *Planting Seeds, Pulling Weeds* (San Bernardino, Calif.: Here's Life, 1989), 114.

Minha amiga estava experimentando a verdade descrita por Selwyn Hughes: "A vida funciona melhor quando damos uma rápida olhada nas coisas e observamos o Senhor fixamente. O ato de ver claramente a Deus nos permitirá ver todas as outras coisas com maior clareza".[3]

É muito fácil perder o foco na vida; perder o nosso centro. A vida conspira para afastar nosso olhar da face do Salvador, hipnotizando-nos pela influência contínua de nossos problemas.

"Hoje não posso dedicar um momento para o Senhor", posso pensar. "Não tenho tempo." Mas o cerne da questão é o seguinte: quanto mais agitado for o dia, mais tempo será necessário para dedicar ao Salvador. Quanto maior a quantidade de bambolês que eu tiver, maior será a necessidade de manter o meu centro.

É importante lembrar que, se Maria não tivesse escolhido separar um tempo em meio aos movimentados horários da ocupada Marta para se sentar aos pés de Jesus, o encontro não teria acontecido. Os Evangelhos não registrariam esse intervalo pessoal entre uma mulher e seu Salvador. E não veríamos a diferença que a intimidade da *sala de estar* pode fazer em uma vida — em uma família — rendida a Deus.

Abrindo espaço

Se eu quiser ter alguma esperança de manter o meu centro, descobri que preciso de um pouco de solidão, de um momento de quietude diário com Deus. Quando me submeto aos meus próprios planos, sou volúvel e inconstante. Um dia, estou entusiasmada: "Ó, Senhor, eu te amo! Seja glorificado em minha vida." No dia seguinte, estou desanimada: "Lamento, Senhor, tenho que correr." Tenho percebido que as palavras do compositor são verdadeiras:

> Propenso a vaguear, eu me sinto Senhor,
> Propenso a deixar o Deus a quem amo.[4]

A única maneira que encontrei de lutar contra essa tendência de divagar em minha vida é mantendo o meu coração centrado em Cristo, e meu

---

[3] Selwyn Hughes, *Everyday Light* (Nashville: Broadman & Holman, 1998), 1º dia.

[4] Robert Robinson, "Come Thou Fount of Every Blessing", *The Hymnal for Worship & Celebration*. (Waco, Tex.: Word Music, 1986), 2.

olhar fixo nEle. Mas isso leva tempo e exige uma disposição de minha parte. Preciso estar disposta a abrir espaço em minha vida se quiser experimentar a melhor parte.

Em seu livro, *First Things First* (Primeiro as coisas mais importantes), Stephen Covey conta a história de um homem que dava aulas sobre a administração do tempo em um seminário. A fim de ensinar um ponto, o homem tirou uma jarra de boca larga, com capacidade para quatro litros, que estava debaixo de um balcão que servia como tribuna. Ele pegou algumas pedras do tamanho de um punho e as colocou na jarra. Então, olhou para a classe e perguntou: "A jarra está cheia?"

Alguns alunos, não sabendo aonde ele queria chegar, responderam sem pensar:

— Sim.

O professor deu um pequeno sorriso e disse:

— Não, não está cheia. — Ele tirou um balde de pedregulhos do tamanho de ervilhas e começou a colocar na jarra. A classe observava os pedregulhos se infiltrando debaixo das pedras, preenchendo os espaços até chegar ao topo. — E agora, a jarra está cheia?

A classe relutou um pouco para responder. Afinal, eles já haviam se enganado antes. Em vez de esperar pela resposta, o homem despejou um balde de areia no meio dos pedregulhos e das pedras grandes. Ele agitou suavemente a jarra para que a areia assentasse. Depois, adicionou mais até que finalmente a areia chegasse à boca da jarra. Então, perguntou novamente:

— A jarra está cheia?

E eles responderam:

— Provavelmente não.

Em continuação, o professor pegou um recipiente com água e a derramou suavemente na jarra. A água penetrou no fundo da jarra e foi subindo até transbordar.

— A jarra está cheia? — perguntou o consultor em administração do tempo.

A classe respondeu:

— Achamos que está.

— Certo, classe —, disse ele. — Qual é a lição que extraímos dessa experiência?

Alguém atrás levantou a mão e respondeu:

— Não importa quão ocupada seja a sua vida, sempre há espaço para mais!

— Não —, disse o professor, arrancando risos de toda a classe. — Não é isso! A lição é a seguinte —, respondeu quando as risadinhas diminuíram, — se você não colocar as pedras grandes primeiro, nunca conseguirá colocá-las depois.[5]

Que ilustração eficiente de uma verdade eficaz! Lembra-nos as palavras de Jesus quando disse: "Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33).

As coisas importantes devem estar em primeiro lugar, dizia o Senhor. Cuide do meu negócio e eu tomarei conta do seu. Abra espaço em seu coração para mim e eu abrirei espaço para todas as outras coisas.

Ocupados demais para o conforto

Fomos criadas para a plenitude, compreende? De acordo com Efésios 3.17-19, quando conhecemos a Jesus como nosso Senhor através da fé, começamos a compreender o amor incrível de nosso Salvador. E, quando começamos a conhecer melhor esse amor, somos "cheios de toda a *plenitude* de Deus" (v. 19, ênfase minha).

Fomos criadas para sermos cheias de Deus, sem nenhum litro ou quilo a menos. Mas, estamos prontas para tal? Afinal, ser preenchida com a medida de toda a plenitude de Deus provavelmente irá nos esticar. E isso, no mínimo, vai incomodar o nosso conforto.

Estamos dispostas a permitir que Deus destrua nossa área de conforto e expanda nossa capacidade para si? Ou queremos um Deus que pode ser controlado por nós?

Infelizmente, na maioria das vezes, queremos um Deus suficiente para nos fazer felizes — mas não para nos transformar. Nunca dissemos isso, mas essa postura foi o que Wilbur Rees tinha em mente quando escreveu:

> Gostaria de comprar US$ 3 de Deus, por favor; não o bastante para explodir a minha alma ou perturbar o meu sono, mas apenas o equivalente a uma xícara de leite quente ou a uma soneca à luz do sol. Não

[5] Adaptado de Stephen R. Covey, *First Things First* (Nova York: Simon & Schuster, 1994), 88-9.

> quero uma quantidade dEle que me faça amar um homem negro ou colher beterrabas com um imigrante. Quero êxtase, não transformação; desejo o calor do útero, mas não um novo nascimento. Quero meio quilo do Eterno Deus em um saco de papel. Gostaria de comprar US$ 3 de Deus, por favor.[6]

O problema é que Deus não trabalha dessa forma. Ele não está no mercado para ser negociado, em porções oferecidas na liquidação. Em primeiro lugar, Ele não está à venda no mercado. E não está à procura de compradores, mas olhando para comprar — a mim e você. Ele quer um povo que está à venda. De todas as formas. Liquidação total. Ele não está disposto a negociar por troca. Não está olhando para fazer um favor. Ele até já pagou o preço. Seu Filho morreu na cruz para pagar nossa dívida e resgatar nossas almas.

Entretanto, a transação nunca é uma venda forçada — é crucial compreender isso. Deus é um cavalheiro, não um ladrão nobre. Ele vai nos cortejar e procurar, mas nunca vai se atirar sobre nós. De fato, podemos dizer não ao Criador do universo. Podemos fazer a escolha de deixá-lo num canto de nossas vidas.

A autora e professora Cynthia Heald afirma: "Escolhemos o grau de intimidade que temos com Deus."[7] As únicas limitações à presença de Deus em nossas vidas são as mesmas impostas por nós — desculpas criadas para evitar que sejamos cheios com a medida de Deus.

A desculpa de Marta era o dever. Ela deveria limpar e cozinhar. Pensava que não tinha tempo para sentar-se aos pés de Jesus.

Talvez a sua justificativa seja o trabalho ou as crianças. Ou, assim como eu, talvez sua única desculpa para o devocional seja a pura preguiça. Mas, seja o que for — qualquer coisa que nos impede de passar um tempo regularmente com Deus —, é pecado.

Parece severo demais dizer que limpar, cozinhar, cuidar das crianças ou realizar algum trabalho possa ser pecado? Pense nisso. A verdadeira definição de pecado é a separação de Deus. Não importa quão significativa seja a atividade, não importa o quanto pareça boa; se eu a uso como desculpa

[6] Wilbur Rees, "$3.00 Worth of God", citado em Tim Hansel, *When I Relax I Feel Guilty* (Elgin, Ill.: David C. Cook, 1979), 49.

[7] Cynthia Heald, "Becoming a Friend of God", *Discipleship Journal* 54 (Novembro/Dezembro de 1989): 22.

para manter Deus à distância, essa atitude é pecado. Preciso confessar e me arrepender para que possa chegar perto do Senhor mais uma vez.

Pois, quanto mais caminho sem estar cheia da presença de Deus, mais seca, vazia e frustrada vou me tornar.

Deve haver mais

Quando eu e meu marido deixamos Montana, para que ele assumisse o ministério de música em Grants Pass, estávamos exaustos. A alta repentina do petróleo, no final da década de 70, golpeou o leste de Montana, deixando um rastro de falências, execuções de hipoteca e desespero. Em apenas um mês, cinqüenta famílias de nossa igreja deixaram a cidade à procura de trabalho. Foi uma época difícil para nós, tanto emocional quanto financeiramente. Mas eu não tinha idéia do quanto isso havia me esgotado espiritualmente.

Alguém comentou recentemente: "Eu não sabia que estava 'seca' até me aproximar de pessoas 'molhadas'." Eu sabia o que ela queria dizer, pois foi exatamente o que aconteceu comigo quando chegamos ao Oregon. As pessoas em Grants Pass estavam "todas molhadas!" Completamente ensopadas, encharcadas por Deus. A presença do Senhor era tão doce em nossos cultos, as pessoas tão amadurecidas na fé... que tudo o que consegui fazer foi chorar.

Eu conhecia o Senhor há muitos anos. Era esposa de pastor há quase uma década. Mas estava espiritualmente seca. Tão seca como um osso.

Quem eram essas pessoas? — eu me perguntava. Como podiam ser tão felizes? O que elas tinham que eu não tinha? Como podiam se sentar e desfrutar da presença do Senhor quando eu sempre me sentia compelida a estar em movimento constante, ocupada e exausta com o esforço de manter os bambolês no ar?

Às vezes, temos que diminuir a velocidade para fazer um inventário espiritual e averiguar onde estamos com Deus. Em algumas ocasiões, devemos perceber quão vazias estamos antes de nos dispormos a sermos cheias. Durante aquele primeiro ano em Grants Pass, eu fiz ambas as coisas.

Quando olhei para o histórico de minha vida, pude ver uma série de grandes montanhas, onde a chuva caía abundante e intensamente, e alguns vales secos também. Tempos de escassez, quando eu estava tão

seca e tão fraca emocionalmente que mal podia me sentir viva. Eu tinha a personalidade sangüínea clássica quando comecei a andar com Deus. Grandes, grandes altitudes. Grandes, grandes depressões. E agora, mais recentemente, me senti perdida em um deserto sem traços característicos e estéril.

"Derruba as montanhas se for necessário, Senhor", clamei uma noite. "Mas, preenche os meus vales! Traze firmeza à minha vida para que eu possa me portar fielmente nos momentos bons e nos ruins. Quero conhecer-te! Quero ser cheia de ti — e continuar cheia."

O que havia de errado comigo? Quando terminei de pensar nisso, soube parte da resposta. Meus momentos pessoais estavam desordenados ao máximo. Minha vida de oração era evasiva e minha leitura da Palavra, esporádica. E, como não estava passando um tempo com Deus com regularidade, eu não me colocava na posição para ser cheia e reabastecida.

Sem dúvida, eu continuava a me esvaziar!

Na verdade, eu só me encontrava com Deus quando tinha vontade. E isso, aprendi, não era o bastante. Se quisesse ser cheia de Deus de maneira mais firme, deveria consentir com meu estiramento. Assim, seria possível abrir espaço para a melhor parte diariamente em minha vida. E isso significa aprender a abandonar a bússola das minhas emoções e começar a treinar minha vontade.

Um ato de vontade

Não é fácil abrir espaço para a melhor parte em nossas vidas. Muitos grandes homens e mulheres de Deus esforçaram-se para ter um momento a sós com o Salvador. Gosto muito da sinceridade e do humor de J. Sidlow Baxter, quando ele descreve sua luta para restabelecer o momento devocional regular depois que uma "voz aveludada lhe disse para ser prático... que ele não era do tipo espiritual e apenas algumas pessoas poderiam ser assim".

Isso foi o suficiente. Baxter ficou horrorizado em pensar que ele poderia ignorar a coisa de que mais precisava; então, começou a fazer algumas mudanças positivas. Ele escreve:

> Pela primeira vez, minha vontade e eu ficamos face a face. Fiz à minha vontade a seguinte pergunta:

— Vontade, você está disposta a uma hora de oração?

A Vontade respondeu:

— Eis-me aqui; estou pronta, se você estiver.

Então, a Vontade e eu demos os braços e fomos para o nosso momento de oração. Imediatamente, todas as emoções começaram a puxar do outro lado e a protestar:

— Nós não iremos.

Vi que a Vontade titubeou um pouco, então perguntei:

— Você consegue agüentar? — e ela respondeu:

— Sim, se você conseguir.

A Vontade continuou e partimos para a oração... Foi uma luta durante todo o caminho. Em certo ponto, uma daquelas emoções traiçoeiras enganou minha imaginação e fugiu para o campo de golfe; foi tudo o que pude fazer para detê-la.

No fim daquele período, se você tivesse me perguntado: "Você teve 'bons momentos'?" — eu responderia: "Não, foi uma luta cansativa contra emoções opostas e contra uma imaginação ociosa do começo ao fim."

Além disso, a batalha contra as emoções continuou por duas ou três semanas e, se você tivesse me perguntado no fim desse período: "Você teve 'bons momentos' em sua oração diária?", eu teria que confessar: "Não; algumas vezes era como se os céus fossem de bronze, Deus estivesse muito distante para ouvir, o Senhor Jesus estivesse estranhamente indiferente e a oração não tivesse efeito algum."

No entanto, algo estava acontecendo. Primeiro, eu e a Vontade ensinamos às emoções que éramos totalmente independentes delas. Ademais, em uma manhã, cerca de duas semanas após o início da peleja, justamente quando eu e a Vontade estávamos indo para mais um momento de oração, ouvi por acaso uma das emoções cochichando para as outras:

— Vamos, amigas, é inútil perder mais tempo resistindo: eles vão do mesmo jeito...

Então, algumas semanas depois, o que você acha que aconteceu? Durante um de nossos momentos de oração, quando eu e a Vontade não pensávamos mais nas emoções, uma das emoções mais fortes surgiu inesperadamente e gritou:

— Aleluia!

E as demais exclamaram:

— Amém!

> E, pela primeira vez, todo o meu ser — intelecto, vontade e emoções — estava unido em uma oração coordenada. Simultaneamente, Deus era real, o céu estava aberto, o Senhor Jesus estava presente e radiante, o Espírito Santo se movia através de meus desejos e a oração era surpreendentemente cheia de vida. Além do mais, naquele instante compreendi que o céu ouviu e assistiu a tudo durante aqueles dias de luta contra o mau humor e emoções rebeldes; e que também eu recebi a disciplina necessária de meu Mestre celestial.[8]

Quando li pela primeira vez as palavras de Baxter, elas abriram as cadeias de algo oculto dentro do meu coração. Então eu não estava sozinha! Outras pessoas lutavam também. De repente, tive esperança — esperança de que eu também poderia experimentar a alegria da melhor parte. Não era preciso esperar até me sentir espiritual para passar o tempo com Deus. Eu só tinha que tomar uma decisão e os sentimentos espirituais apareceriam.

Então, comecei a tentar, mas não era fácil. Às vezes, eu tinha que lutar como J. Sidlow Baxter. Em algumas ocasiões, Deus parecia tão distante e meu coração assemelhava-se ao aço frio. Algumas vezes, fiquei irritada e impaciente. Mas persisti e, gradualmente, as coisas começaram a mudar. Como uma paciente que desperta depois de um longo coma, comecei a ter fome de Deus como nunca tive antes — um tipo de "satisfação insaciável" que crescia pouco a pouco.

Graça maravilhosa

Quando comecei a entender a graça — graça maravilhosa, surpreendente e abundante de Deus — de uma nova forma, comecei a reconhecer o Espírito Santo trabalhando dentro de mim, dando-me o poder e o desejo de fazer a vontade divina como nunca.

Encontrei-me diante do altar, orando após o término do culto — buscando ao Senhor. Encontrei-me acordando no meio da noite para dedicar tempo à sua Palavra — buscando ao Senhor. Achei-me consultando livros e sintonizando programas de rádio evangélicos no meio do dia — buscando ao Senhor.

---

[8] Da correspondência pessoal de J. Sidlow Baxter, 8 de setembro de 1987, como citado em Kent Hughes, *Liberating Ministry from the Success Syndrome* (Wheaton, Ill.: Tyndale, 1987), 78-81.

Eu queria tudo o que Jesus tinha a oferecer. E, quando buscava sua face, achava que o Senhor estava lá, esperando o tempo todo, com um cântaro cheio de sua presença, pronto a ser derramado. Querendo me encher com "toda a plenitude de Deus". Apenas esperando que eu escolhesse a melhor parte e o encontrasse ali, na *sala de estar*.

A intimidade da *sala de estar*, entenda, não é um estado místico do ser (ou do não-ser), como a idéia hindu do nirvana. Não precisamos escalar as montanhas do Nepal para encontrá-la, nem continuar em uma busca do espírito, como os antigos nativos americanos. Não a encontraremos em uma estante, em uma velha caverna empoeirada ou em um museu iluminado.

A melhor parte não está em algum lugar lá fora. Está dentro de nós, onde Cristo habita por seu Santo Espírito. Não é maravilhoso? Não podemos tirar a melhor parte do seu lugar. Ninguém pode tirá-la de nós, embora, infelizmente, alguns prefiram ignorá-la.

Lembra-se da ilustração de Cristo batendo à porta? A linda cena estava pendurada acima da cômoda da vovó por anos, uma meiga lembrança para essa garotinha, em cujo coração Jesus desejava entrar. Não havia trinco do lado de fora da porta de madeira, diante da qual Jesus esperava. Ela só podia ser aberta por dentro.

A porta da minha vontade também é assim. Jesus não forçou as irmãs de Betânia a aceitarem sua companhia, nem vai me forçar. Tenho que deixá-lo entrar antes de poder desfrutar os momentos na *sala de estar* junto com Ele. E a porta nem sempre é fácil de abrir, mesmo do lado de dentro. Entretanto, descobri que três pequenas chaves podem fazer toda a diferença. São três verdades simples — tão simples que tendem a ser negligenciadas —, mas poderosas o bastante para abrir portas fortemente teimosas. Elas têm feito toda a diferença para mim, mantendo minha vida centrada em Cristo.

Quais são essas três pequenas chaves? São fáceis de lembrar, pois todas elas começam com a letra *C*:

- Constância
- Criatividade
- Conversa

Prática constante

Quando era adolescente, li um livro a respeito de Andraé Crouch, um músico evangélico popular na época. O pai de Andraé, pregador, orou pelas mãos de seu filho de vinte anos, pois a igreja necessitava de um

pianista, e Deus respondeu sua oração. Andraé não apenas tornou-se o pianista da igreja, mas também foi um instrumento para abençoar milhares de pessoas com sua música e canções poderosas.

Bem, isso definitivamente me inspirou. "Querido Jesus", orei na tarde seguinte quando me sentei ao piano, "tu sabes que não sou muito boa no piano. Farias por mim o que fizeste por Andraé?"

Esperei, porém nada aconteceu.

Em vez disso, a Palavra do Senhor veio a mim dizendo... bem, para ser honesta, não ouvi de fato a voz audível de Deus. Nunca ouvi. Mas, naquele momento foi como se eu a ouvisse. Em algum lugar, na região do lado direito do meu coração, a voz do Senhor veio até mim, dizendo:

"Pratique, Joanna, pratique."

Pratique. Tenho uma idéia do que Deus quer sussurrar aos nossos corações quando pedimos a melhor parte. "Você tem que investir tempo, querida. Você precisa fazer um pouco todos os dias." Se quisermos ser cristãs realizadoras e quisermos conhecer a Deus em toda a sua plenitude, é essencial buscar a Jesus de forma regular diariamente.

Aprendi com minha vida que, se eu quiser desenvolver constantemente um momento a sós com Deus, devo separar uma parte do meu dia para Ele. Depois, preciso conservar bem esse momento — até mesmo inserindo-o na minha agenda do dia. Pois, se eu não for cuidadosa, a melhor parte pode ser empurrada para muito longe da borda do prato e acabar no chão, em vez de alimentar a minha alma.

De fato, não importa o momento do dia escolhido por mim. Pessoas fiéis, ao longo dos séculos, tiveram sucesso com uma variedade de momentos. Daniel, por exemplo, orava três vezes por dia: pela manhã, à tarde e à noite (Dn 6.10). Davi devia ser uma pessoa matutina, de acordo com Salmos 5.3: "Pela manhã, ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã, me apresentarei a ti, e vigiarei". Jesus também gostava da manhã, conforme Marcos 1.35: "E, levantando-se de manhã muito cedo, estando ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava".

Eu oscilei entre a manhã e a noite, mas finalmente estabeleci a manhã. Não apenas porque para mim é mais fácil encontrar um momento sem interrupções pela manhã, como também uma forma maravilhosa de começar o dia.

Mas, novamente, não importa a hora que escolho para me encontrar com Deus todos os dias. O que realmente importa é que eu me apresente

com regularidade — e, para ser honesta, é aí que sempre falho. Por causa do meu temperamento "tudo ou nada", perder um dia ou dois de devocional era o suficiente para eu sair dos trilhos por dias, até mesmo por semanas. Longe dos olhos, transformou-se em longe do coração. Fico constrangida em admitir que passei meses inteiros sem o momento de sentar com minha Bíblia na mão, orar e estar a sós com Deus.

Mas a constância, afinal, não quer dizer perfeição; significa simplesmente recusar-se a desistir. E foi isso que me salvou. Assim como Sidlow Baxter, recusei-me a ceder à idéia de que eu não era "do tipo espiritual". Então, com uma quantidade enorme de graça e uma vontade inflexível de continuar tentando, fui capaz de voltar aos trilhos dos meus devocionais.

E, em algum lugar do cotidiano, naquela familiaridade diária que surge quando passamos um tempo juntos, senti que ficava mais perto do Senhor. Regular e constantemente mais perto. E, conseqüentemente, mais cheia com sua presença. Mais calma e serena. Mais centrada de fato.

É surpreendente o que um pequeno tempo fora da agitação da vida pode fazer por você. Especialmente quando você passa esse tempo com Jesus.

Algumas estratégias criativas

Na faculdade e nos anos que se seguiram, tentei diversas vezes ler a Bíblia de forma sistemática, mas inevitavelmente desistia, em geral próximo de Levítico e Números. Em algum lugar entre as leis e as genealogias, eu acabava adormecendo. Depois, perdia as forças. E então, estava de volta aos meus velhos hábitos apressados de mergulhar entre as minhas passagens prediletas, sem aprender nada de novo.

No entanto, quando comecei a usar um guia de leitura que ia e voltava do Antigo ao Novo Testamento, tudo mudou. A variedade despertou meu interesse quando comecei a ver Cristo no Antigo Testamento e a perfeição da aliança do sangue no Novo Testamento. Eu mal podia esperar para voltar à leitura da Bíblia todos os dias e ver o que aconteceria na heróica história do plano de Deus para a humanidade.

A *Bíblia de Estudo NVI*, que meu marido me deu de presente de aniversário, animou os meus estudos ainda mais. Amei a linguagem contemporânea da *Nova Versão Internacional*. E, possuir tudo o que precisava

na ponta dos dedos — uma concordância completa, referências cruzadas e também notas de estudo para me ajudar quando eu não entendesse algo — impediu a interrupção do estudo.

Naquelas duas pequenas mudanças — o estudo em vai-e-vem de vários livros da Bíblia e a leitura de uma versão mais contemporânea — descobri um pouco do poder que a criatividade pode ter em nossos momentos com Deus.

É muito fácil aderir aos hábitos e rituais — aqueles que nos são impostos, bem como aqueles que impomos a nós mesmas. Contudo, embora a constância do hábito e a beleza do ritual possam nos capacitar e enriquecer, também podem nos conduzir ao aborrecimento. "Mais três capítulos", bocejamos, "depois, eu posso dormir..." E, embora o aborrecimento da rotina não seja de fato uma desculpa para abandonarmos nossos momentos devocionais, na realidade é mais fácil persistir quando somos estimuladas pelo interesse e pela vontade.

Em outras palavras, há mais de uma forma de ter prazer nos momentos a sós com Deus. Há muitas maneiras de começar a estudar as Escrituras. Há vários modos de interceder e orar. A verdade é que, se não aprendermos a alimentar nossa alma, ela vai definhar e morrer lentamente. E isso pode requerer um pouco de variedade em nossa dieta espiritual — um pouco de criatividade no modo como começamos nossos momentos devocionais.

Devocionais criativos

Se você já se pegou bocejando durante os devocionais — ou está ansiosa por uma mudança — talvez queira levar em consideração as seguintes sugestões para uma intimidade criativa com Deus.

1. *Convide o Senhor para um café.* Procure um lugar tranqüilo no restaurante ou até mesmo em uma lanchonete e encontre-se com Deus. Leve sua Bíblia e uma caderneta para anotações. Pegue uma xícara de café e você estará pronta para uma conversa sincera com seu melhor amigo.
2. *Acrescente um clássico espiritual à sua dieta.* Embora nada possa substituir a Palavra de Deus, livros cristãos podem ser um delicioso e enriquecedor prato coadjuvante!

3. *Exercite a sua fé.* Caminhe com Deus! Louve-o pelas obras de suas mãos. Ouça a Bíblia ou um sermão em fita. Ore. Seu corpo e espírito vão gostar do exercício.
4. *Tome nota de sua jornada.* Mantenha um diário para assuntos espirituais. Registre pensamentos extraídos de sua meditação das Escrituras. Escreva declarações de amor para o Senhor. Faça uma lista dos pedidos de oração.
5. *Apresente-se diante do Senhor com cânticos.* Acrescente música aos seus devocionais. Use uma fita de louvor ou cante uma canção. Leia um hino em voz alta.
6. *Permita que a fé venha pelo ouvir.* Encomende fitas de seus pregadores favoritos ou programe os momentos de oração perto do rádio.
7. *"Cave" mais fundo.* Um bom estudo bíblico vai incrementar sua leitura da Palavra. Ele a ajudará a demarcar corretamente a Palavra da verdade e aplicá-la.
8. *Leia outras versões da Bíblia.* É importante encontrar uma tradução da Bíblia que você compreenda durante os devocionais regulares. Ocasionalmente, leia outras versões para obter uma perspectiva mais clara. Leia o texto em voz alta.
9. *Esconda a Palavra.* A memorização das Escrituras planta a Palavra de Deus no fundo do seu coração. Escreva os versículos em cartões ou em lembretes adesivos. Leve-os com você para praticar.
10. *Passe a metade do dia em oração.* Pode parecer impossível, mas quando você separa uma porção extensa de tempo para passar com Deus, Ele vai ao seu encontro de formas surpreendentes. Você vai encontrar um plano para passar metade do dia em oração no Apêndice C.

Como o cervo brama pelas correntes das águas,
assim suspira a minha alma por ti, ó Deus!

Salmos 42.1

Um pouco de conversa

A última chave para a melhor parte é a conversa. Ora, isso pode lhe parecer um pouco estranho. O que a conversa tem a ver com os momentos a sós com Deus?

Nosso relacionamento com Deus deve ser íntimo e afetuoso; que tipo de relacionamento consegue prosperar sem diálogo — uma comunicação boa, honesta e recíproca? Nós precisamos dela no casamento e também em nossa jornada com Deus.

Alguns anos atrás, olhei para o meu relacionamento com Deus e percebi que o meu estilo de comunicação durante o devocional envolvia uma série de monólogos e pouco diálogo. Eu lia sobre o que Deus pensava. Em seguida, passava alguns minutos dizendo a Deus o que eu pensava. Todavia, nunca permiti que chegássemos ao ponto da conversa, do discurso mútuo, de perguntas e respostas que conduzem ao relacionamento.

Mas isso mudou quando comecei a ler a Bíblia como a carta de amor de Deus para mim. Comecei a ouvir sua voz me chamando nas páginas das Escrituras e comecei a responder com meu coração. Dei início a um diário de leitura bíblica, no qual destacava tudo o que Deus me dizia através de sua Palavra. (O formato usado por mim pode ser encontrado no Apêndice B.)

Em lugar da leitura de dois ou três capítulos da Bíblia, antes estudados às pressas, eu lia pequenas porções por vez, geralmente um capítulo. Em vez da simples leitura de uma passagem, passei a meditar nela, grifando versículos importantes. Então, escolhia o versículo que parecia falar mais claramente comigo e lhe respondia em meu diário. Às vezes, eu parafraseava o versículo com minhas próprias palavras. Às vezes, fazia perguntas. Comumente, no entanto, o versículo se tornava uma oração, quando eu pedia ao Senhor para aplicar a verdade de sua Palavra à minha vida e ao meu coração.

Conseqüentemente, o meu diário de destaques bíblicos se tornava também um diário de oração. Derramar no papel o meu coração ao Senhor permitiu que eu fosse sincera sobre minhas lutas, esperanças e necessidades. Também tentava registrar as respostas recebidas — tanto as palavras que o Senhor falava ao meu espírito quanto as respostas reveladas nos acontecimentos ao meu redor. Dessa forma, meu diário servia como um registro do meu relacionamento com Deus e do meu diálogo vivo com Ele. E, além daquela conversa simples, coisas maravilhosas começaram a acontecer.

Em primeiro lugar, eu não estava somente lendo a Bíblia toda, mas a Bíblia estava penetrando em mim. Isso se tornou intenso quando comecei a estudar e "cavar" mais fundo.

Minha vida de oração, de igual forma, tomou um novo rumo. Eu não estava mais apresentando a Deus minha lista de desejos e algumas sugestões para Ele agir conforme a minha vontade. Estava conversando com Ele — falando e ouvindo.

Eu não era mais como o homem descrito em Tiago 1.23,24, "que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e foi-se, e logo se esqueceu de como era". Esse novo tipo de conversa com Deus não permitia que isso acontecesse. O registro escrito delineava uma figura bem detalhada da minha condição — uma figura difícil de ignorar.

Quando reconheci o que tinha visto, arrependi-me e apliquei a verdade descoberta por mim. E, gradualmente, o Espírito Santo começou a me transformar no "homem" do versículo 25, "que atenta bem para a lei perfeita da liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito".

Constância. Criatividade. Conversa. Não posso expressar o quanto esses três "C" me ajudaram a manter minha vida centrada em Cristo. E ainda tenho um longo caminho a percorrer! Estou longe da perfeição em termos de zelo espiritual. Mas estou longe de onde eu costumava estar. Estou mais estável. Mais centrada. Mais constante. Menos propensa a faltar aos meus momentos com Jesus e mais rápida para voltar aos trilhos.

E o mais importante: minha capacidade de Deus está maior, de fato. Não estou mais vazia, não estou mais seca. Sei aonde ir para me encher e tenho ainda mais pressa para chegar lá. Mais ansiosa do que nunca para escolher a melhor parte... para ser cheia da plenitude de Deus, para estar centrada e estabilizada em Cristo.

Um centro estável

Lembra-se da garota dos bambolês, do meu cartão de aniversário? Ela sabia o segredo. Ela encontrou o seu centro, e nós também podemos se continuarmos a escolher a melhor parte diariamente.

Na verdade, podemos encontrar estabilidade exemplificada por outro conjunto de argolas sobre o qual gostaria de falar. Outro brinquedo de criança. Talvez você se lembre dele. É um instrumento de argolas metálicas chamado

giroscópio. A *Enciclopédia Britânica* o define como "uma roda girante montada de forma que lhe permite girar em qualquer dos três eixos. É como um super pião. Quando você o coloca em movimento, ele continua se movendo e é muito difícil pará-lo. De fato, quando você tenta derrubá-lo, ele resiste firmemente em sua posição original e continua a girar na mesma direção.

"Quando eu era um garotinho, os giroscópios me fascinavam", recorda Howard E. Butt Jr., em *Renewing America's Soul*. "Para mim, o giroscópio parecia um círculo dançante: girando livremente, perfeitamente equilibrado e constante, e aprumado por alguma força secreta misteriosa."

Mais tarde, no início da vida adulta, Howard aprendeu que giroscópios são mais do que brinquedos girantes científicos; eles têm diversas utilizações práticas também. "Estabilizam nossos aviões na turbulência, dão equilíbrio às nossas embarcações nos mares bravios e os guia, de modo automático, através de suas bússolas."

Que descrição da vida que devemos ter em Cristo! Quando entregamos nossas "argolas" ao Senhor Jesus e nos centramos nEle, algo maravilhoso acontece. Ele pega aquelas argolas e as faz girar. O Senhor transforma os círculos de nossas vidas caóticas em um giroscópio constante, estável, montado e sustentado apenas pelo Senhor.

Ele nos dá estabilidade na turbulência da vida. Ele nos dá firmeza no meio do mar bravio e nos guia pela bússola do seu amor eterno. Quando participamos da melhor parte, Jesus Cristo se torna o balanço regular em nossa vida de movimento constante.

"O garotinho dentro de mim ainda diz: isso parece divertido!", escreve Howard a respeito do giroscópio e da aplicação fascinante de uma vida centrada em Cristo. "E o adulto surpreso dentro de mim, olhando ao redor, sussurra: 'Não vamos precisar mais do giroscópio'."[9]

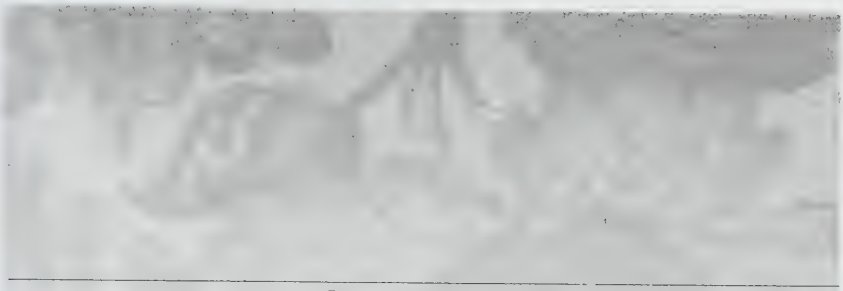
Eu concordo. Naqueles dias malucos, agitados, quando não me sinto tão "bamboleante", estou aprendendo a buscar ao Senhor em vez dos sedativos de chocolate. Estou aprendendo a deixar a *cozinha* e seguir para a *sala de estar*, onde Jesus espera, pois lá encontrarei tudo o que preciso e quero.

Afinal, não são mais os bambolês que preciso controlar.

Verdadeiramente, preciso mais e mais do meu Mestre.

---

[9] Howard E. Butt Jr., *Renewing America's Soul: A Spiritual Psychology for Home, Work, and Nation* (Nova York: Continuum, 1996), 232-3.



Capítulo 8

Lições de Lázaro

Estava, então, enfermo um certo Lázaro... [mandaram], pois, suas irmãs dizer [a Jesus]: Senhor, eis que está enfermo aquele que tu amas.

João 11.1,3

Gosto de uma boa história. Não há nada como beber chá gelado à sombra de uma árvore e me perder em um livro intrigante num dia quente de verão. Consigo me envolver por horas nas reviravoltas e mudanças da vida dos personagens. Para mim, suspense, mistério e romance são os elementos de uma grande ficção. Os obstáculos e curiosidades irresistíveis me fazem virar páginas e páginas e comprar as continuações.

Tratando-se da vida real, todavia, preferiria ir direto ao final feliz. Vamos pular a maçã envenenada; estou mais interessada no príncipe e no beijo. E foram felizes para sempre — esse é o tipo de história que desejo para mim.

Mas a vida raramente funciona assim. Em vez das histórias de amor com lindos príncipes, a maioria de nós passa boa parte da vida pondo em ordem a casa dos anões. E, infelizmente, quando os momentos ruins aparecem e as lutas de nossas vidas se intensificam, não podemos virar as páginas até o fim do livro e satisfazer a curiosidade ou minorar o suspense.

Não há um modo fácil de saber como a história termina.
Temos que persistir firmemente enquanto o enredo se desenrola.

Um enredo intrincado

Posso imaginar como Maria e Marta devem ter se sentido quando seu irmão, Lázaro, ficou doente. Tudo ia muito bem. Desde o momento em que Jesus os visitou, nada mais era como antes. Havia uma nova paz. Uma nova alegria. Um novo sentido para o amor que permeava a casa toda. O incidente, registrado em Lucas 10.38-42, foi mais do que alguns pequenos parágrafos. Aquele encontro reescreveu completamente a história de suas vidas. Mas parecia que agora o enredo estava tomando um rumo intrincado.

Talvez tudo tenha começado com uma febre. "Um pouco da minha canja de galinha, uma boa noite de sono e você se sentirá melhor." Foi o que provavelmente a prática Marta disse enquanto levava uma colher de sopa saborosa à boca de seu irmão. É possível que Maria tenha acenado com um sorriso quando se sentou ao seu lado com um pano úmido para esfriar a testa do irmão.

"Tenho certeza de que estou bem, Marta", Lázaro deve ter dito com gratidão, enquanto voltava para o travesseiro sob os cuidados hábeis de suas irmãs. "Estarei bem."

Mas, como você já sabe, Lázaro não estava bem.

A passagem de João 11.1 não apresenta detalhes sobre a enfermidade, limitando-se a dizer que havia um homem, chamado Lázaro, que estava doente.

Mas, através dos relatos seguintes, é óbvio que Lázaro deve ter sido um homem muito especial. Ele era afetuosamente amado — não apenas por suas irmãs, mas por Jesus também. A mensagem enviada por Maria e Marta dizia: "Senhor, eis que está enfermo *aquele que tu amas*" (11.3, ênfase minha). Seu relacionamento deve ter sido excepcionalmente próximo. Ele não era um estranho. Era um amigo.

Posso imaginar a esperança a que elas se apegaram quando enviaram o mensageiro. Certamente, tudo ficaria bem. A doença parecia grave, mas Jesus viria. Lázaro seria curado e a vida deles continuaria como antes.

Possivelmente, os discípulos de Jesus supuseram o mesmo. Afinal, quando as notícias sobre Lázaro chegaram, Jesus lhes disse especifica-

mente que a enfermidade não era para morte, "mas para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela" (11.4).

"Boas notícias", devem ter pensado os discípulos. Lázaro viverá!

Mas Deus tinha outros planos para Lázaro e suas irmãs. Eles estavam inseridos em uma história maior e mais rica; uma história com mais reviravoltas do que qualquer romancista poderia imaginar por si só. É a história da relação contínua de Deus com a raça humana. E é a narrativa que o Mestre "contador de histórias" tem contado desde o início da criação.

O enredo se complica

A Bíblia fornece o esboço. O primeiro rascunho de Deus foi produzido para ser uma perfeita história de amor. Deus criou um homem e uma mulher para viverem em comunhão com Ele e um com o outro. O cenário era tão bonito que dispensava descrições. E a história era atraente. Longos passeios à tarde. Novas descobertas durante o dia. Nenhuma lágrima. Nenhuma tristeza.

Esse foi o propósito original de Deus — não apenas para Adão e Eva, mas para você e para mim também. Então, uma serpente intrometeu-se e o pecado corrompeu o Paraíso. A desobediência atirou o homem e a mulher para fora do Éden. A história tinha acabado ou, pelo menos, era o que parecia.

Mas, em vez de uma conclusão cruel, a tentativa de Satanás de interromper a história épica de Deus serviu apenas como introdução. Pois, "no momento em que o fruto proibido tocou os lábios de Eva", diz Max Lucado, "a sombra de uma cruz apareceu no horizonte".[1] Com a queda do homem, Deus começou a revelar a maior história de todas — seu inacreditável plano de redenção.

E assim a saga continua até os dias de hoje. O bem e o mal ainda estão em guerra pela alma humana. O conflito entre amor e ódio continua sendo o tema central. O que Satanás quer para o mal, Deus torna em bem.

Mas vá em frente e folheie as páginas.

Você verá que essa história tem um final feliz. Um final feliz incrível e sobrenatural! Um final glorioso com trombetas e clarins, e uma grande reunião no céu!

---

1 Max Lucado, *God Came Near* (Portland, Oregon: Multnomah, 1987), 79.

Mas é bem no meio da história que eu e você estamos. Embora todas nós saibamos o fim, não podemos pular para o fim da história — ainda não. Creio que isso ocorre porque Deus tem muito a nos ensinar enquanto a história se desenrola. As reviravoltas e mudanças do enredo cotidiano são lições valiosas sobre quem é Deus, como Ele trabalha e como nos encaixamos na narrativa.

Lições como as aprendidas por Maria e Marta certo dia. Elas temeram que a história de seu irmão tivesse terminado e que não havia mais nenhuma esperança.

Uma grande glória

Sempre gostei muito de quebra-cabeças. Quando olho as peças, tenho uma idéia de como é a figura. Mas não é dessa forma que as coisas acontecem nos planos de Deus, como Maria e Marta descobriram naquele dia trágico em Betânia. O que elas aprenderam com a experiência dolorosa foi a primeira das lições que podemos aprender através da história de Lázaro:

- ***A vontade de Deus nem sempre opera em linha reta.***

Isso significa que nem sempre verei uma conexão clara entre o ponto A e o ponto B. Nem sempre verei um padrão naquilo que acontece comigo. Nem sempre verei o plano.

Uma razão para isso é que Deus está imaginando uma glória maior do que a minha própria. Como Paulo explica em Romanos 8.28, "sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto". É o decreto de Deus, e não o meu, que deve prevalecer. Ele está interessado não apenas na necessidade individual, mas também na necessidade do conjunto.

Deus une o meu bem-estar com o seu e o bem-estar de ambos com o dos outros. As linhas do enredo de nossas histórias individuais são entrelaçadas para formar seu plano principal. Nada é desperdiçado. Nada é ignorado. Não há finais monótonos ou desvios de assunto; cada linha da história recebe sua maior atenção e seu cuidado. Nossa história importa para Jesus, assim como as histórias de Maria, Marta e Lázaro foram

importantes para Ele. Mas Ele sempre tem o quadro completo em mente enquanto manuseia a história de nossas vidas. Ele conhece o começo e o fim e trabalha corretamente.

Dessa forma, não fique surpresa se o seu enredo pessoal tem algumas reviravoltas aqui e ali. Não fique aborrecida quando o ponto A não leva automaticamente ao ponto B. Não há desvios na linha da história de Deus. Apenas complicações que Ele é mais do que capaz de resolver.

Satanás faz o que pode para colocar tudo a perder, mas Deus neutraliza as manobras diabólicas com um único movimento. Posso imaginar o que acontece nas regiões espirituais quando Deus age assim. "Pegue essa!" Consigo ouvir Satanás rindo enquanto planeja uma mudança diabólica no enredo. "Está bem", diz Deus, "vou pegar". Em seguida, com um sorriso que ilumina a eternidade, Deus pega o pior de Satanás e o transforma no melhor. E com cada sacudida e reviravolta, nossa história fica mais clara, mais rica e mais divina. O Autor da nossa salvação realmente sabe o que está fazendo, mesmo quando não entendemos.

Quando Deus deu a José o sonho da lua e das estrelas inclinados diante dele, o rapaz percebeu que havia grandes coisas guardadas para si. Ele não esperava uma viagem para o Egito. Mas o plano de Deus era muito maior do que qualquer coisa que o jovem José poderia imaginar. Ele usou aqueles anos de escravidão e prisão para moldar um homem que salvaria da fome não apenas a sua família e Israel, mas todo o mundo conhecido.

Quando o rei Dario foi compelido a lançar Daniel na cova dos leões, creio que este se perguntou se estava prestes a encontrar com o Criador como comida de felinos. Não tinha idéia de que seu resgate miraculoso serviria como catalisador para a conversão de uma nação. Mas Deus tinha um plano.

Deus sempre tem um plano. Mas esse plano pode não seguir a lógica humana. De fato, pode parecer, às vezes, que vai contra tudo o que acreditamos sobre Deus.

Quando coisas ruins acontecem

"O problema mais difícil que enfrento como cristão", disse uma vez o pastor e escritor Ray C. Stedman, "é o que fazer quando Deus não age da

forma esperada; quando Deus sai da linha e não opera da forma como eu acho que Ele deveria. O que devo fazer nessa situação?"[2]

Estas são perguntas difíceis que enfrentamos na história de Lázaro. Por que Jesus permitiria que essa tristeza chegasse a uma família que o amava tanto? Por que Ele negaria o seu poder para curar, quando já havia curando tanto antes?

Esses não são assuntos fáceis de entender. Não são realidades fáceis de suportar — e algumas de vocês, enquanto lêem este livro, provavelmente tenham enfrentado uma dor e uma tragédia tão grandes que eu nem posso imaginar. Algumas de vocês perderam filhos. Algumas de vocês estão enfrentando um diagnóstico que sempre temeram. Algumas de vocês passaram por um casamento destruído e estão encarando a vida sozinhas.

Por quê? Não há respostas fáceis. O fato é que podemos não saber o propósito por trás da dor até vermos a Jesus face a face. Até lá, não teremos explicações seguras. Temos apenas uma promessa: "E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas" (Ap 21.4).

Porque vivemos neste mundo, presas à velha ordem das coisas, a tragédia vai tocar nossas vidas. É simplesmente um fato — igual para cristãos e não-cristãos. Todas nós vamos perder pessoas queridas. Todas nós vamos morrer. A passagem de Romanos 8.28 é geralmente distorcida para significar "apenas coisas boas acontecerão com aqueles que amam a Deus". Mas Paulo queria dizer justamente o contrário. Em Romanos 8.35,38,39 ele descreve os tipos de "coisas" que podemos esperar neste mundo:

> Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? [...] Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor!

As tribulações são reais. Coisas ruins acontecem — igualmente para pessoas boas e pessoas más. E nós, que somos cristãos, não fugimos da

[2] Ray C. Stedman, "God's Strange Ways", sermão proferido em 9 de setembro de 1994, na Peninsula Bible Church, Palo Alto, Califórnia.

vida, diz Paulo. Nós a sobrepujamos: "Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou" (Rm 8.37).

Como uma âncora, a promessa prende nosso mundo trêmulo ao Reino inabalável de Deus.

As lições de Lázaro também. Embora a vida possa se abalar e se agitar, essa verdade sólida como a rocha, extraída de João 11.5, permanece: "Ora, Jesus amava a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro".

Amor: uma âncora fidedigna. Vá em frente. Coloque o seu nome no espaço em branco: "Jesus ama _____".

O amor de Cristo é um amor ao qual você pode se agarrar, pois ele vai sustentá-la. Embora não consigamos entender os métodos divinos, isso não muda o fato de que Deus é amor.

Mesmo quando esse amor parece tardar.

Quando o amor de Deus tarda

O senso comum declara que Jesus deveria desprender-se de tudo o que estava fazendo e viajar imediatamente para Betânia ao saber da enfermidade de Lázaro. Em vez disso, quando as más notícias chegaram, Ele "ficou ainda dois dias no lugar onde estava" (Jo 11.6).

Em retrospecto, podemos ver os propósitos de Deus nessa demora. Afinal, temos o relato do Evangelho. Sabemos que tudo acabou bem.

Mas, o que Maria e Marta pensaram naquele momento? O que pensaram os discípulos?

E o que acontece com a minha vida — e com a sua? O que fazemos quando Deus não age ou se move do modo como pensamos que Ele deveria?

Se estivermos prestando atenção a esses momentos, podemos entender melhor a segunda lição que a história de Lázaro tem a nos ensinar:

- ***O amor de Deus às vezes tarda para o nosso bem e para sua glória.***

Como seres humanos, temos a tendência de esperar motivos racionais para tudo. Os judeus dos tempos de Jesus estavam especialmente interessados nos "porquês" e "para quês" da vida. Por essa razão, quando encontraram o cego de nascença, os discípulos queriam saber imediata-

mente o que havia de errado. "Rabi", perguntaram a Jesus, "quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (Jo 9.2)

Uma pergunta razoável. Afinal, os professores de religião daquela época desenvolveram o princípio de que "não há morte sem pecado, não há sofrimento sem iniqüidade". Isso significava que, onde havia aflição também devia haver pecado. Talvez o homem tivesse pecado no ventre ou em um estado preexistente. Talvez o homem merecesse sua cegueira. Ou, quem sabe, ele era uma vítima inocente do pecado de seus pais.

A elite religiosa, juntamente com o povo comum, pensava em termos de causa e efeito muito mais do que pensamos hoje. Queremos explicações. Queremos saber o porquê.

Com uma pequena frase, Jesus derrubou o raciocínio dos religiosos e fez em pedaços suas filosofias baseadas na ignomínia. "Nem ele pecou, nem seus pais", Jesus respondeu no versículo 3, "mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus".

Que esperança deve ter brotado no coração do homem cego quando ouviu Jesus falar essas palavras. Não era culpa dele! Ele não era vítima de pais iníquos ou de um carma ruim. Deus tinha um plano!

Com a saliva e a poeira do chão, Jesus fez uma compressa de lodo e colocou-a sobre os olhos do homem, dizendo-lhe para ir e lavar-se no tanque de Siloé. O homem estava curado e seus vizinhos ficaram maravilhados. O Sinédrio tentou não levar em conta o milagre, mas através da tragédia de um homem sobreveio outro triunfo divino.

Por causa do mundo caído, o homem nasceu cego. Mas, por meio daquele homem, Jesus Cristo foi glorificado.

Não somos peças de um "tabuleiro de xadrez celestial", consumíveis e sem importância. Somos estimados e fortemente amados. "Não se vendem cinco passarinhos por dois ceitis?", Jesus nos faz lembrar docilmente em Lucas 12.6,7. "E nenhum deles está esquecido diante de Deus. [...] Não temais, pois; mais valeis vós do que muitos passarinhos."

Embora não seja possível compreendermos inteiramente por que o amor de Deus às vezes tarda, podemos descansar, certas de que este amor está sempre trabalhando. Talvez Deus não aja conforme nossos horários, mas sabe a hora certa para fazer o melhor. E Ele sempre faz o que é melhor para nós.

Confiando no caráter de Deus

A terceira lição de Lázaro sublinha essa esperança:

• ***Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos, mas o seu caráter ainda é fidedigno.***

Em outras palavras, não devemos nos atormentar, mesmo quando parece que a esperança morreu. Não somos capazes de ver o fim da história. Mas podemos confiar no "contador de histórias".

Marta e Maria, enquanto esperavam pela chegada de Jesus sentadas junto ao leito de morte de Lázaro, só podiam se apoiar no conhecimento que tinham do caráter do Mestre. O que elas sabiam era suficiente para sustentá-las. Sabiam que Jesus amava o irmão delas. Sabiam que Jesus tinha poder para curar. Estavam cientes de que Jesus saberia o que fazer. Embora devam ter lutado contra o medo e a dúvida, creio que elas tinham a certeza fundamental de que Jesus faria tudo certo.

Se você está lutando para persistir em meio às suas circunstâncias difíceis, deixe-me lembrá-la de voltar para o que você sabe sobre Deus. Abra a Bíblia, encontre as passagens e apegue-se a elas — passagens que revelam o coração e a fidelidade de Deus. Lembre-se que Deus é a sua força. Ele é a sua fonte de consolo. Ele não a deixará cair. Ele a ama intensamente e deseja apenas o melhor para você.

"Confiamos apenas em quem conhecemos", diz Martha Tennison, uma conhecida conferencista. "Se você está lutando para confiar em Deus, deve ser porque você não o conhece de verdade."

Martha Tennison experimentou essa verdade na pele. Na volta para casa após um fim de semana em um parque de diversões, o ônibus que levava sessenta e sete membros da juventude de sua igreja sofreu uma colisão frontal por causa de um motorista bêbado. Vinte e quatro adolescentes e três adultos morreram no inferno resultante de um tanque de gasolina perfurado. Nas horas seguintes, Martha e seu marido, o pastor da igreja, tiveram de contar às famílias que os filhos e os amigos queridos estavam mortos. A dor era quase insuportável. Por várias vezes, Martha foi buscar a Palavra, clamando ao Senhor, cuja fidelidade ela conhecia bem.

"Você descobre as coisas em que acredita de verdade nas horas mais escuras", diz Martha. "Descobre que o Deus que você conhece é o Deus em quem você pode se apoiar também."[3]

Mesmo quando suas histórias não são como achamos que deveriam ser.

Lições da gramática de Deus

Minha experiência com gramática foi, no mínimo, manchada. Minha professora de inglês da sétima série era uma mulher graciosa, mas ela não estava disposta a escolher os pronomes corretos ou particípios. Em vez de analisarmos frases e conjugarmos verbos, passávamos as tardes pintando aquarelas e fazendo suflês. É verdade.

Isso acontecia até o fim do semestre, quando parecia ser necessário dar mais atenção ao inglês do para as outras tarefas. Então, nossa professora colava uma grande faixa de papel ao redor da sala com 150 questões de gramática, escritas nitidamente com caneta bastão. Era uma prova com consulta. Ela nos estimulou a espiar os livros de inglês que quase não eram abertos para que assim obtivéssemos as respostas. Não havia nenhum exercício para verificar se havíamos aprendido alguma coisa, apenas informações transferidas do livro para o nosso papel pautado escolar.

Todos nós obtivemos notas impressionantes. Mas foi somente no Ensino Médio que aprendi a utilidade da preposição. E que você nunca deveria terminar uma frase com uma delas.

Levou ainda mais tempo para que eu aprendesse as regras na escola divina de gramática.

Você não sabia que Deus me ensinou gramática? Bem, Ele ensina. Tudo o que precisamos saber é conhecer um pouco da Palavra, porque esse curso também envolve uma prova com consulta. Mas o "professor" não espera até o fim do trimestre para imprimir as questões e aplicá-las à turma. Pelo contrário: Deus permite que as vejamos todos os dias. Essas questões saem das nossas vidas. As respostas são encontradas nEle e em sua Palavra.

Tenho curiosidade de saber o que Maria e Marta sentiram quando finalmente receberam notícias de Jesus. Elas estavam esperando há dias. Mas, em lugar do Mestre, a única pessoa vista subindo a rua era um

[3] Martha Tennison, em sermão proferido em 25 de setembro de 1999 em Billings, Montana.

mensageiro sem fôlego, com uma mensagem que soou vazia em seus ouvidos: "Essa enfermidade não é para morte".

É difícil ter esperança quando ela já está morta. É difícil crer nas promessas de Deus quando o corpo do seu irmão jaz na sala de estar.

No entanto, os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Seus enredos geralmente não tomam a direção que esperamos. E até mesmo a gramática de Deus não é a nossa gramática. É neste cenário de desespero que encontramos a regra número um da gramática de Deus. Ouça com atenção. Haverá uma prova.

• ***Regra nº 1 da gramática divina: Nunca coloque um ponto final onde Deus coloca uma vírgula.***

Com bastante freqüência, de acordo com Ray Stedman, interpretamos a demora de Deus como uma negativa. Mas a história de Lázaro nos diz que "a demora em responder não é sinal da indiferença de Deus ou de que não está ouvindo. É um sinal de seu amor. A demora vai nos ajudar. Vai nos tornar mais fortes".[4]

Jesus poderia ter dito uma palavra e Lázaro ficaria bem. Ele fez isso pelo criado do centurião romano (Mt 8.5-13). Também agiu assim no caso da filha da mulher siro-fenícia (Mc 7.24-30). Mesmo sem estar presente fisicamente, Jesus curou com apenas uma palavra. Ele poderia ter feito isso com Lázaro — como bem o sabiam Maria e Marta.

Mas os caminhos de Deus não são os nossos caminhos e o seu tempo raramente coincide com o nosso. Embora Deus nunca esteja atrasado, acho que dificilmente está adiantado. É por essa razão que devemos confiar em seu tempo, bem como em seu caráter.

CeCe Winans escreve em seu livro *On a Positive Note*:

> A fé tem a ver com o modo como você vive no ínterim, como toma decisões quando não tem certeza sobre qual é a decisão seguinte. O que fazer em relação a si mesmo entre a última vez que você ouviu a Deus e a seguinte é o desafio contínuo de uma vida de fé.[5]

---

[4] Stedman, "God's Strange Ways".

[5] CeCe Winans, *On a Positive Note* (Nova York: Pocket Books, 1999), 207.

Quatro dias de espera tornaram Jesus atrasado para a cura, mas pontual para a ressurreição. Então, nunca coloque um ponto final onde Deus coloca uma vírgula. Justamente quando você pensa que a frase terminou, a coisa mais importante ainda está por vir.

Simão Pedro aprendeu a segunda regra da gramática divina de um modo difícil. O discípulo que não pensava antes de falar tinha boas intenções. Mas, no momento em que Jesus o repreendeu, ele entendeu a mensagem em alto e bom som.

• ***Regra nº 2 da gramática divina: Nunca coloque uma vírgula onde Deus coloca um ponto final.***

Em cada um dos Evangelhos, encontramos a menção de Jesus sobre sua morte. Em Mateus 16.21, a Bíblia diz que "começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia".

Mas Pedro não deu ouvidos. Ele chamou o Mestre à parte e começou a censurá-lo. "Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso", disse ele no versículo 22.

Provavelmente, Pedro pensou que estava sendo corajoso, protegendo e corrigindo o Senhor. Ele deve ter se sentido muito bem... até Jesus censurar sua repreensão.

"Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens", disse Jesus a Pedro no versículo 23.

Ai! Não é todo dia que o Filho de Deus o chama de "Satanás" e, quando o faz, isso deve doer. Se você estiver tentando colocar uma vírgula onde Deus pretende colocar um ponto final, não se surpreenda quando Jesus estourar suas lindas bolhas de sabão. Porque quando você tenta dar vida a alguma coisa para a qual Deus planeja um fim, você se torna um escândalo para Cristo.

Há momentos na vida em que Deus escreve o fim do capítulo, quando nos pede para dizer adeus a algo ou a alguém muito importante para nós. Pode ser ao esposo, à esposa, ao pai, à mãe, ao amigo, à amiga. Pode ser a um trabalho que amamos, a uma cidade de que gostamos, a um preconceito ou a uma suposição que sempre pensamos ser verdadeira.

Finais, de certo modo, são inevitáveis. A morte, negócios malsucedidos e muros de tijolos sempre vão nos desapontar. E, quando esses finais surgem, podemos combatê-los como Pedro, que aconselhou a Jesus. Ou podemos aceitá-los como Jesus aceitou, porque vinham das mãos do Pai.

Laura Barker Snow narra esses momentos de um modo maravilhoso:

> Meu filho, tenho uma mensagem para você hoje; deixe-me sussurrá-la aos seus ouvidos, pois podem vestir de glória quaisquer nuvens negras que se levantem e aplainar os lugares acidentados sobre os quais você tenha que pisar. É curta, com apenas cinco palavras, mas permita que elas penetrem no íntimo de sua alma; use-as como um travesseiro para descansar sua cabeça cansada: "Esse negócio provém de mim".[6]

Naturalmente, essas palavras nos levam de novo à verdade fundamental por trás das lições de gramática divina. O Pai sabe o que é melhor.

Seus pontos finais podem não ser os nossos. Suas vírgulas podem não ser as nossas. Seus caminhos podem não ser os nossos caminhos. Mas Deus é aquEle que está contando a história. Podemos confiar que Ele vai guiar a narrativa na direção certa. Podemos crer que realmente tudo vai dar certo.

E é a verdadeira fé que nos conduz à próxima lição ensinada pela história de Lázaro.

Cedendo o controle

Você já se pegou agarrada à caneta, não permitindo que Deus escrevesse nas páginas de sua vida? Descobri que o Senhor é infinitamente gentil e paciente ao lidar conosco. Deus vai nos mostrar como ceder nossos direitos pelo melhor que Ele quer nos dar. Se você está em conflito nessa área, talvez esses passos a ajudarão:

1. *Peça disposição a Deus.* Às vezes, esse é o primeiro passo necessário. Se você não consegue dispor de boa vontade para entregar o controle a Deus, ore antes por uma mudança de postura.

[6] Citado em L. B. Cowman, *Streams in the Desert* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1996), 35.

2. *Reconheça que você tem um adversário.* A última coisa que Satanás deseja é que você entregue totalmente a sua vida a Deus. Ore pedindo forças e sabedoria para não ouvir as mentiras dele.
3. *Ceda uma parte de cada vez.* Muitas vezes não abrimos mão do controle, pois ficamos receosas quanto a possíveis mudanças drásticas para as quais não estamos preparadas. Mas Deus, em sua bondade, nos conduz em um passo que conseguimos acompanhar. Se simplesmente obedecermos ao que Deus nos pede em determinado momento, Ele nos guiará ao próximo passo quando estivermos prontas.

E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus , meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo e seja achado nele...

Filipenses 3.8,9

Desenvolvendo a fé

É provável que a casa em Betânia estivesse cheia de pessoas ao redor do corpo de Lázaro. A fé judaica considerava que expressar compaixão era uma obrigação sagrada. O pranto era tão importante para os judeus que se desenvolveu uma verdadeira indústria a esse respeito. Se o falecido não tivesse amigos suficientes para o pranto, a família contratava lamentadores para assegurar que o morto tivesse um enterro adequado. Quanto mais barulhento, melhor.

Mas Maria e Marta não tiveram que contratar ninguém quando Lázaro morreu. Elas tinham pranteadores em abundância, de acordo com João 11. Amigos e familiares se congregaram para dar apoio às irmãs em sua dor, mesmo os residentes fora da cidade (v. 19).

Isso significa que Marta, mais uma vez, estava em companhia de várias pessoas quando Jesus chegou a Betânia. No entanto, quando alguém trouxe a notícia de que Jesus estava a caminho, foi Marta, e não Maria, quem correu para encontrar o Mestre. Os convidados, os deveres, todas as distrações — nada importava mais do que ver a Jesus.

Ela o encontrou em algum lugar no caminho para Betânia e, com toda a sinceridade de uma tristeza profunda, Marta extravasou sua dor. Ela clamou: "Senhor, se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido".

Sua reação foi natural e sincera. No entanto, depois Marta acrescentou algo que deve ser notado; algo que revelava o quanto ela havia mudado desde o último encontro. "Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá", continuou ela (v. 22).

Não vemos mais uma mulher tentando manipular a Deus. Em vez de tentar reescrever a história da morte de seu irmão — em vez de colocar uma vírgula onde havia um ponto final ou vice-versa — Marta colocou a pena de escrever nas mãos de Jesus.

"Faze o que quiseres", disse ela. "Coloca a pontuação conforme o teu agrado. Faça-se a tua vontade."

É esse tipo de entrega e de determinação que põe o milagre em movimento. Quase posso ver a glória no rosto de Jesus ao declarar o seu propósito a Marta naquele dia na estrada: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isto?" (Jo 11.25,26)

Quão preciosa deve ter soado a resposta de Marta aos ouvidos de Jesus. Ela lhe disse: "Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo".

Eu creio. Poderia haver duas palavras mais doces? Na grande declaração de fé proferida por Marta e nos acontecimentos miraculosos que se seguiram, encontramos a quarta lição da história de Lázaro:

- ***O plano de Deus é liberado quando cremos e obedecemos.***

Essa é uma das lições mais empolgantes, pois significa que a história de Deus, de certo modo, é interativa. Somos parte integral do processo de elaboração. Nossas escolhas fazem parte do desenvolvimento do enredo. Assim como a desobediência de Adão e Eva obstruiu o propósito divino, nossa obediência libera o plano de Deus.

Fé e obediência andam de mãos dadas. É preciso ter fé para escolher a obediência e, se você for como eu, precisa de obediência para escolher a fé quando você está tremendo de medo. Mas quando Deus faz uma promessa ao nosso coração, podemos crer em sua palavra. Foi o que

Marta fez. E, quando ela creu, sua fé foi restaurada, o que a ajudou a tomar o passo seguinte: obedecer às palavras de Jesus, mesmo que pareçam completamente impraticáveis.

O poder da ressurreição

Quando Jesus chegou a Betânia, Lázaro estava morto e sepultado havia quatro dias. O tempo transcorrido era significativo para os judeus. "Muitos judeus acreditavam que a alma fica perto do corpo por três dias após a morte, na esperança de retornar a ele. Se aquelas pessoas acreditavam nisso, obviamente pensaram que já não havia esperanças — Lázaro estava irrevogavelmente morto."[7]

Durante séculos, os dois grupos principais de líderes religiosos judeus — os saduceus e os fariseus — discutiram sobre a vida após a morte. Os saduceus diziam que não havia ressurreição, vida futura, céu ou inferno. A vida na terra era tudo o que existia. Por outro lado, os fariseus acreditavam em um futuro para os mortos. Criam na imortalidade da alma e na recompensa ou castigo após a morte.

Mas nenhuma seita entendia o conceito de ressurreição. Não o tipo de ressurreição que estavam prestes a testemunhar.

Posso imaginar o que passou pela cabeça de todos quando Jesus pediu que retirassem a pedra. Nos sensibilizamos quando lemos a resposta de Marta: "Senhor, já cheira mal". Ela ousou dizer o que todos estavam pensando. Havia um cadáver atrás da pedra — um corpo putrefato lá dentro. Arrhh!!!

Marta não estava entendendo. Ninguém estava. Mas por que Jesus quis abrir o sepulcro de um homem morto há quatro dias? Para prestar as últimas homenagens?

Observe, Marta tinha fé no que poderia ter acontecido: "... se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido" (Jo 11.21).

Marta tinha fé no que iria acontecer no futuro: "Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último Dia" (v. 24).

Entretanto, Marta precisava ter fé no que estava acontecendo naquele momento: "Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?", perguntou-lhe Jesus no versículo 40.[8]

---

[7] *Bíblia de Estudo NVI: Nova Versão Internacional* (São Paulo: Editora Vida, 2003), nota sobre João 12.
[8] Tennison, sermão proferido em 25 de setembro de 1999.

É a mesma pergunta que Jesus nos faz hoje: "Você vai crer?" A resposta de fé proferida por Marta foi rápida, e sua obediência, evidente. "Tiraram, pois, a pedra", nos diz o versículo 41. E o resto é história. O tipo de história incrível, transformadora de vidas, nunca vista antes.

Quando Jesus ficou em pé do lado de fora da sepultura e disse "Lázaro, vem para fora", o inferno tremeu. Em questão de semanas, o domínio da morte sobre a humanidade — no passado, no presente e no futuro — seria completamente destruído. A região sombria e escura da morte seria cheia de uma luz gloriosa. E nunca mais leríamos novamente a história da vida eterna do mesmo jeito.

A última lição da história de Lázaro ainda ecoa hoje:

- ***O "fim" nunca é o fim; é apenas o começo.***

Quando Jesus chegou "atrasado" em Betânia, seu atraso foi um ato de amor. Um presente de perspectiva. Um prenúncio de misericórdia, não apenas para Marta, Maria e Lázaro, mas para os discípulos, para mim e para você.

Jesus sabia que teríamos conflito com o conceito de ressurreição. Sabia que teríamos dúvidas quando seu túmulo ficou vazio. Sabia que haveria teorias conspiradoras e salas de bate-papo entupidas de pessoas querendo debater a possibilidade do morto voltar à vida. Então, o Autor da nossa fé, nosso grande Deus "contador de histórias", prefaciou a morte de seu Filho através de um ato que foi o prenúncio da ressurreição. Quando Jesus trouxe Lázaro da morte, Ele pôs por terra a mentira de Satanás de que o fim é peremptório.

A verdade de Lázaro e o segredo da ressurreição é: Se Jesus Cristo pode transformar morte em vida, tristeza em alegria, sofrimento em triunfo — então nada realmente ruim pode tocar nossas vidas de novo. Não coisas ruins de verdade. Fatos infelizes podem acontecer. Dificuldades podem surgir. Mas tudo isso se torna um pano de fundo para um acontecimento maior e mais glorioso.

Philip Yancey aponta para a cruz e o túmulo vazio como pontos decisivos na visão de sofrimento das Escrituras: "Quando os escritores do Novo Testamento falam de tempos difíceis, não expressam nem um pouco da indignação que caracterizou Jó, os profetas e muitos dos salmistas.

Eles não fornecem explicações reais para o sofrimento, mas sempre apontam para dois eventos — a morte e a ressurreição de Jesus".[9]

Como resultado da obra de Cristo na cruz, Yancey diz: "Os eventos ocorridos naqueles três dias — tragédia, escuridão, triunfo — tornaram-se para os escritores do Novo Testamento um padrão que deve ser aplicado a todos os momentos de prova".[10]

De fato, olhando para trás podemos ver este modelo na história inteira de Deus. José o experimentou. Jó também, embora não compreendesse. Os discípulos o reconheceram. E o nosso Senhor também. A tragédia pode vir. E também a escuridão. Mas o triunfo está bem próximo.

Essa é a lição que a ressurreição de Lázaro nos provê — a verdade provada triunfantemente pela ressurreição de Jesus.

Uma casca vazia

Filipe não era como as outras crianças da igreja. Embora fosse um garoto divertido e feliz, ele tinha dificuldades com coisas que eram fáceis para as outras crianças. Sua aparência também era diferente, e todos sabiam que era assim porque ele tinha síndrome de Down. Seu professor de escola dominical trabalhava com afinco para que os alunos da classe da terceira série brincassem juntas, mas a incapacidade de Filipe tornava difícil sua adaptação.

A Páscoa estava próxima e o professor teve uma idéia maravilhosa para sua classe. Ele juntou ovos grandes de plástico, usados como embalagens de meia-calça, e deu um para cada criança. Depois, juntos, foram para fora, em um lindo dia de primavera.

"Quero que cada um de vocês encontre algo que lembre a Páscoa, que lembre uma nova vida", explicou o professor. "Coloquem dentro do ovo e, quando entrarmos, veremos o que cada um achou."

A busca foi maravilhosa. Foi confusa. Foi alegre. Os meninos e meninas examinaram todas as áreas ao redor da igreja reunindo seus símbolos até que, finalmente, ficaram ansiosos e prontos para entrar na sala.

---

[9] Philip Yancey, *Disappointment with God* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1988), 211.
[10] Ibid.

Colocaram seus ovos sobre a mesa e, em seguida, o professor começou a abri-los um por um. As crianças ficaram ao redor da mesa assistindo.

Ele abriu um e lá estava uma flor. Todos exclamaram com surpresa.

Abriu outro e achou uma borboleta. "Linda", disseram todas as garotas.

Então abriu um de onde caiu uma pedra. As crianças riram. "Uma pedra?" Mas o garoto que a encontrou disse: "Eu sabia que vocês todos pegariam flores, folhas e coisas assim; então peguei a pedra, porque eu queria ser diferente. Isso é vida nova para mim." As crianças riram de novo.

Mas quando o professor abriu o ovo seguinte, o grupo todo ficou em silêncio. "Não há nada aí!" disse uma criança. "Isso é estúpido", disse outra. "Alguém não fez certo."

O professor sentiu um puxão na camisa e virou-se para ver Filipe de pé ao seu lado. "É o meu ovo."

As crianças disseram: "Você nunca faz nada certo, Filipe. Não há nada lá!"

"Eu fiz sim", respondeu Filipe. "Eu fiz certo. Está vazio. O túmulo está vazio!"

Houve outro silêncio. Uma espécie de silêncio muito profundo para crianças de oito anos de idade. E naquele momento aconteceu um milagre. Filipe se tornou parte da classe de terceira série da escola dominical. Elas o acolheram. Ele estava livre do túmulo da indiferença. Daquele momento em diante, Filipe passou a ser amigo delas.

Três meses depois Filipe morreu. Sua família sabia desde o seu nascimento que ele não sobreviveria por muito tempo. Uma infecção, que sara rapidamente na maioria das crianças, colheu sua vida.

No dia do funeral, a igreja estava cheia de pessoas lamentando a morte de Filipe. Mas foi o olhar de nove crianças da terceira série, andando pela nave da igreja com o professor, que trouxe lágrimas à maioria dos presentes.

As crianças não trouxeram flores. Em vez disso, subiram até o púlpito e colocaram ali um ovo vazio — uma embalagem velha e vazia de meia-calça.[11]

---

[11] Adaptado de Harry Pritchett Jr., *Leadership* (Verão de 1985), citado em Charles Swindoll, *Tales of a Tardy Oxcart* (Nashville: Word, 1998), 491-2.

O Deus que chora conosco

Todos nós vamos morrer. Lázaro morreu. O pequeno Filipe também. Eu e você morreremos.

Mas nunca se esqueça: o fim não é o fim. É apenas o começo. Quando pertencemos a Jesus, simplesmente deixamos nossas cascas vazias para trás e seguimos para a glória. "Onde está, ó morte, o teu aguilhão?", escreve Paulo em 1 Coríntios 15.55. "Onde está, ó inferno, a tua vitória?"

A morte ainda continua a aguilhoar, mesmo quando a conhecemos melhor. Dói deixar as pessoas que amamos. Dói ser deixado para trás. Todos nós vamos encontrar muitas outras feridas em nossa jornada até o túmulo. Às vezes a história de nossas vidas parece um episódio doloroso após outro.

E Jesus sabia disso.

Embora Jesus soubesse que Lázaro estava prestes a ser ressuscitado, compreendeu a dor de Maria e Marta. Ele fez mais do que compreender. Ele também a sentiu. João 11.35 nos diz que "Jesus chorou". A palavra para "chorou" denota uma tristeza profunda com grande emoção.

Porque Jesus amava a família de Betânia, Ele chorou e também chora conosco. Embora Jesus conheça nossas vitórias triunfantes vindouras, embora veja o fim alegre bem perto, Ele ainda desce até o âmago das nossas almas e nos abraça forte, misturando suas lágrimas com as nossas.

E essa, creio eu, é a essência da história que Deus escreve ao longo de nossas vidas.

Jesus compreende

"Jesus chorou" é famoso como o versículo mais curto da Bíblia. Para mim, contudo, o poder real da passagem de duas palavras extraída da história de Lázaro é mais uma prova de que Jesus compreende como a vida é para nós. Ele não nos pede nada que não esteja disposto a fazer também e promete estar conosco em tudo o que estamos enfrentando. Por exemplo:

- *Jesus conheceu a tentação.* "E ali esteve no deserto quarenta dias, tentado por Satanás" (Mc 1.13).

- *Jesus conheceu a pobreza.* "... as raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8.20).
- *Jesus conheceu a frustração.* "... e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas... Tirai daqui estes e não façais da casa de meu Pai casa de vendas" (Jo 2.15,16).
- *Jesus conheceu o cansaço.* "Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte" (Jo 4.6).
- *Jesus conheceu a decepção.* "Jerusalém, Jerusalém... Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?" (Lc 13.34)
- *Jesus conheceu a rejeição.* "Desde então, muitos dos seus discípulos tornaram para trás e já não andavam com ele" (Jo 6.66).
- *Jesus conheceu a tristeza.* "A minha alma está cheia de tristeza até à morte" (Mt 26.38).
- *Jesus conheceu a zombaria.* "E feriram-no na cabeça com uma cana, e cuspiram nele, e, postos de joelhos, o adoravam" (Mc 15.19).
- *Jesus conheceu a solidão.* "... Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46)

Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.

Hebreus 4.15

Hoje nós sofremos. Hoje não entendemos. Mas um dia, no eterno amanhã, o mesmo Salvador que chora conosco enxugará de nossos olhos toda lágrima. Ele vai nos desatar da mortalha desta carne terrena e seremos livres. Um dia, todos os pedaços espalhados vão se juntar no lugar certo, e, de repente, vamos entender que a mão de Deus esteve sobre nós o tempo todo. Toda a tragédia — toda a escuridão — será tragada instantaneamente pelo triunfo.

Que final perfeito para nossas histórias imperfeitas.

É o amor do nosso Mestre "contador de histórias".

Capítulo 9

O Coração Receptivo de Marta

Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente, sereis meus discípulos e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

João 8.31,32

"Não é preciso experiência anterior. Nós vamos treiná-lo", dizia o anúncio. Parecia mais um anúncio de emprego para o turno da noite no McDonald's. Exceto pelo fato de ter sido publicado nas páginas de um dos mais importantes jornais de negócios da América.

Após décadas de capitalismo selvagem, parece que as maiores companhias da América estão começando a procurar por um novo tipo de trabalhador. Embora os diplomas continuem sendo importantes, muitas empresas estão procurando mais qualidades pessoais em seu grupo de funcionários. "Como você interage com os outros?", perguntam. "Você trabalha em equipe ou trabalha de modo independente?"

No fundo, querem saber: "Você é receptivo ao ensino?"

As companhias estão ignorando currículos brilhantes, deixando de lado os *headhunters*[1] e indo direto aos campus das universidades para

[1] Descobridor de talentos; recrutador de executivos (N do E).

recrutar sua força de trabalho. Por quê? "Gastamos mais tempo e dinheiro 'destreinando' as pessoas do que treinando alguém sem experiência", disse um executivo em um programa de entrevista. "Não precisamos de sabichões; precisamos de pessoas que estejam dispostas a aprender."

Um coração disposto a aprender

Se Jesus colocasse um anúncio nos classificados da "Folha de Jerusalém" para iniciar o seu ministério dois anos antes, penso que seria o mesmo do começo deste capítulo. "Não é preciso experiência anterior. Nós vamos treiná-lo." Jesus não estava tão interessado em encontrar pessoas capazes, mas disponíveis. Ele estava procurando corações dispostos a aprender.

Talvez seja por essa razão que disse: "Deixai os pequeninos e não os estorveis de vir a mim, porque dos tais é o Reino dos céus" (Mt 19.14). As crianças aprendem com facilidade — principalmente por não terem idéias preconcebidas que as impedem de ouvir algo novo e apreender.

Quem sabe seja esse o motivo por que Jesus chamou um grupo do populacho para o acompanhar em vez da turma de religiosos desagradáveis. A mente dos educados escribas e fariseus de Israel estava carregada de idéias falsas e rituais criados por homens; levaria anos para "reprogramar" o pensamento deles segundo o modo divino. Então, Jesus chamou homens sem currículo, sem educação formal, sem experiência anterior com trabalhos evangélicos.

Ao resto do mundo, eles pareciam insignificantes. Gente de classe inferior, incultos e, algumas vezes, desajeitados. Mas Jesus viu neles exatamente o que precisava — seguidores com potencial para a transformação.

Infelizmente, embora aprovemos a transformação, a maioria de nós não gosta do processo que nos leva até lá. Ser transformado significa que devemos mudar, e a mudança, com muita freqüência, dói. Entretanto, como Paul W. Powell escreve, "Deus está mais interessado em nosso caráter do que em nosso conforto. Sua meta não é a de nos mimar fisicamente, mas a de nos aperfeiçoar espiritualmente".[2]

---

[2] Citado em *Daybreak Quotes* (Wheaton, Ill.: Tyndale, 1991).

Você é uma pessoa receptiva ao ensino?

Observe as seguintes declarações, que lhe darão uma idéia sobre o seu grau de receptividade ao ensino. Responda (S) para *sempre*; (O) para *ocasionalmente* e (R) para *raramente*.

	S	O	R
1. Sinto-me à vontade para pedir conselhos.			
2. Admito facilmente quando estou errada.			
3. Gosto de ler para obter informações, e não como um escape.			
4. Consigo receber as críticas sem me ofender.			
5. Gosto de ouvir as idéias e opiniões das outras pessoas sem sentir a necessidade de expressar as minhas.			
6. Quando leio algo na Bíblia, penso automaticamente em uma forma de aplicar o que li.			
7. Gosto da igreja e das aulas sobre a Bíblia, e normalmente faço anotações.			
8. Sou capaz de discordar de alguém e não ter a sensação de estar debatendo o assunto.			
9. Estou disposta a ver todos os lados da questão antes de formar a minha opinião.			
10. Prefiro ser justa a estar sempre "certa".			

Atribua 3 pontos para cada resposta assinalada com S; 2 pontos para cada resposta O e nenhum ponto para cada R. Se você alcançou entre 24 e 30 pontos, tem realmente um coração disposto a aprender. Se atingiu entre 15 e 23 pontos, empenhe-se! Você definitivamente precisa treinar. Se alcançou entre 0 e 14 pontos, você precisa orar por seu grau de receptividade e para entender que um coração disposto a aprender é um dos maiores tesouros da vida.

Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida.

Provérbios 4.13 (ARA)

Creio que por este motivo Jesus achou melhor confrontar a postura de Marta depois de seu pequeno furor relativo à ajuda na cozinha registrado em Lucas 10. Havia mais em jogo no incidente do que se podia ver. No acesso de raiva de Marta, Cristo pôde observar o engano fluindo pela "psique" da mulher até chegar ao íntimo de sua identidade. Marta pensava ter valor porque era produtiva. Para Jesus, Marta precisava entender que ela tinha valor pois pertencia a Ele.

Tenho certeza de que os sentimentos de Marta devem ter mudado ante a repreensão de Jesus. Afinal, ninguém gosta de ver os próprios erros expostos. Eu não ficaria surpresa se, em algum momento, Marta fosse tentada a fazer a mala de seu ego ferido e sair da sala pisando firme. Ela sabia quando não estava sendo estimada. Que cozinhem o próprio jantar! Aí veriam como ela trabalhava arduamente.

Mas, em lugar disso, Marta continuou ali e esperou Jesus terminar de falar. E, se quisemos ser seus discípulos, devemos estar dispostos a fazer o mesmo. Ainda que as palavras dEle risquem a nossa vontade.

Entre em meu coração

Minha mente estava tumultuada enquanto eu levava as crianças para a escola naquela manhã de inverno, há muitos anos. Nuvens ameaçadoras enchiam o céu, e eu me esforçava para abrir caminho nas ruas cheias de neve. A neve parcialmente derretida do dia anterior havia endurecido e os sulcos feitos pelos carros estavam congelados, jogando meu carro de um lado para o outro. Tive que me esforçar para manter o volante sob controle. Mas a luta de verdade estava dentro de mim.

"Que retrato da minha vida", pensei, observando com atenção, através do pára-brisa, a paisagem cinzenta. Escura. Sombria. Fria. Glacial.

Uma grande divergência havia surgido entre mim e uma querida amiga vários meses antes, e nada do que tentei foi capaz de restabelecer a amizade. Errei e pedi desculpas. Por que ela não me perdoava? Os sulcos mentais na circunstância congelada agitavam minhas emoções de um lado para o outro, tirando-me a alegria e a paz, deixando-me vazia, rude e oca.

A doce voz de Jéssica ecoava do banco de trás enquanto ela cantava junto com o rádio uma conhecida canção cristã. A voz dela competia com o agradável som da pergunta que fazia parte da letra: "Jesus já entrou em seu coração?"

As palavras soaram estranhamente familiares para mim. Elas ecoavam as palavras que usei no dia anterior para julgar minha amiga. "Bem, espero que você descubra como as pessoas realmente são quando você as maltrata", disse ao meu marido em um momento de raiva. Mas agora eu sentia o Espírito Santo invertendo minhas próprias palavras como um holofote na escuridão da minha alma.

"E você, Joanna?", senti o Senhor me instigando com ternura. "O que esse mau humor do seu coração lhe trouxe?"

O que Ele me mostrou não era bonito. Havia coisas em minha vida que não foram resolvidas, questões essenciais que eu me recusava a considerar. Mas era a hora de enfrentá-las e eu sabia disso. Para mim, o simples fato de estar pronta ilustra uma das coisas mais lindas que aprendi sobre o meu Senhor.

Jesus sai de seu itinerário para preparar meu coração, visando a que eu ouça e aprenda. Ele espera o momento em que estou mais inclinada a obedecer. E embora eu ainda possa recusá-lo a qualquer momento, sua repreensão é suave. Ela me corteja ao mesmo tempo em que me desarma, tornando-me desejosa, disponível e pronta para mudar.

Se você não experimentou esse doce aspecto da disciplina de nosso Salvador, posso sugerir que você passe um pouco mais de tempo na *sala de estar*? Pois, quando você está ocupada na *cozinha*, a repreensão parece ríspida e exigente; apenas mais um dever a ser atendido.

Foi onde Marta a encontrou. Na *sala de estar*. Ela recebeu a repreensão de seu Salvador, e somos testemunhas de sua mudança. Em vez de se exaltar diante de Deus, ela se humilhou e encontrou a verdade das palavras do rei Salomão: "Melhor é a repreensão aberta do que o amor encoberto. Fiéis são as feridas feitas pelo que ama..." (Pv 27.5,6).

Especialmente quando esse alguém é Jesus.

Aprender ou não aprender

— Mãe?

Os olhos de John Michael estavam sombrios e sérios. Uma criança brilhante (naturalmente!), meu filho de doze anos de idade tinha uma mente que funcionava a todo vapor, explorando e — ocasionalmente — confundindo as palavras.

— Sim, Michael? — perguntei.

— Tenho uma dúvida. As pessoas que são pobres de verdade... — começou ele lentamente. — Elas parecem que estão na puberdade, certo?

Bem, como você pode imaginar, gentilmente corrigi o engano e tivemos uma conversa significativa sobre a situação das pessoas que morrem de fome ao redor do mundo.

Certo: aquilo era o que deveria ter sido feito.

Em vez disso, explodi em gargalhadas.

— Puberdade!? — gritei, tentando manter a voz baixa. — Você quer dizer pobreza?[3]

— Sim. Isso — ele me olhou. — O que eu disse?

Expliquei ao meu filho a diferença entre as duas palavras e nós dois demos uma boa risada. De fato, descobrimos um código para sua iminente adolescência.

— Acho que estou com uma espinha — ele disse alguns dias depois, quando examinava um pequeno inchaço no queixo diante do espelho do banheiro.

— Fique calmo, Michael.

Era o seu primeiro "defeito" genuíno. Dei um tapinha em suas costas e o parabenizei.

— Você está finalmente entrando na "pobreza".

Momentos propícios para o ensino. Aquelas ocasiões na vida quando a verdade aparece de súbito, dando-nos a chance de crescer. Aprender ou não aprender, eis a questão. Pois quando somos corrigidos, repreendidos ou castigados, temos uma escolha. Podemos recebê-la ou recusá-la.

John Michael poderia ter se ofendido pelo meu descaso com seus sentimentos durante o seu "engano vocabular". Ele poderia ter saído e batido a porta. No entanto, escolheu receber o meu esclarecimento com bom humor e, ao fazê-lo, abriu a porta para a conversa entre mãe e filho sobre um assunto não muito fácil de abordar.

Quanto a mim, aprendi uma lição muito necessária: não devo me levar tão a sério. Michael ensinou-me a rir e a aprender com meus erros em vez de tentar me esconder deles.

A verdade é que todas nós ficamos confusas às vezes. A maioria das pessoas é rápida em dizer que não são perfeitas — contanto que participem de conversas específicas. Mas, quando alguém aponta uma falha em

[3] O filho da autora confundiu a palavra *poverty* (pobreza) com *puberty* (puberdade) (N da T).

nossas vidas, não ficamos tão calmas. E, diferentemente do temperamento bom de meu filho, não riremos da crítica também. Pelo contrário, ficamos todas constrangidas e ressentidas. Ou ficamos com armas em punho e não medimos palavras no esforço de liquidar as teorias a nosso respeito. "Isso não é verdade", dizemos enquanto ouvimos as explicações. Quando isso não funciona, partimos para a ofensiva, relacionando os erros dos outros. "Irmão, deixa-me tirar o argueiro que está no teu olho", dizemos, como aquele homem descrito por Jesus em Lucas 6.42, sem atentar para a trave em nosso próprio olho.

Mas Marta não agiu assim quando Jesus a corrigiu naquele dia na sala de estar. Ou, pelo menos, é isso o que penso.

Quando Ele comentou "Estás ansiosa e afadigada com muitas coisas... Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada", não foi registrada nenhuma refutação feita por Marta. Nenhuma resposta alvoroçada. De fato, o incidente termina com as palavras repreensivas de Jesus.

A Bíblia não nos conta como Marta reagiu naquele dia. Mas estou convencida de que Marta recebeu a repreensão de Jesus com humildade e aprendeu com ela. Creio que seu coração estava disposto a aprender — pois nada mais poderia explicar sua transformação misteriosa na Marta de João 11 e 12.

Nesses dois capítulos, vemos uma mulher completamente diferente daquela encontrada em Lucas 10.38-42. Bem, ela ainda era insistente, um pouco impaciente e prática demais para seu próprio bem. No entanto, como temos visto, também havia uma terna vulnerabilidade que não existia antes. Uma nova fé. Um novo tipo de intimidade com Jesus que somente surge quando recebemos e colocamos em prática a correção de Deus.

Já mencionamos a transformação de Marta no capítulo "Lições de Lázaro". Mas eu gostaria de enfocar as mudanças que vemos em João 11, pois elas pintam o retrato de uma mulher transformada através de um coração disposto a aprender. Em primeiro lugar, Marta deixou uma casa cheia de convidados e apressou-se para ver Jesus. Antes, era uma mulher que costumava ser obsessiva quanto à hospitalidade. O que a teria feito deixar a casa cheia de visitantes?

O mais estranho é o fato de que Marta muito provavelmente era a primogênita. Ela foi acostumada a ser a mais forte. Ela já havia sido o pilar da família antes e, em meio a tanta dor, certamente sentiria a necessidade de sê-lo novamente. Entretanto, quando Jesus chegou a Betânia,

em vez de agüentar firme, Marta deixou de lado suas obrigações e correu em direção ao Senhor.

"Senhor", disse Marta a Jesus em João 11.21, "se tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido". Suas palavras verteram junto com a dor e confusão. Mais tarde, essas mesmas palavras foram usadas por Maria para manifestar sua dor. Entretanto, apenas Marta disse uma coisa a mais. Sem nenhuma interrupção ou pausa, ela acrescentou: "Mas também, agora, sei que tudo quanto pedires a Deus, Deus to concederá" (v. 22).

Fé. Era esse o diferencial. Em vez de chorar como uma criança, exigindo que Jesus fizesse as coisas do jeito dela, Marta declarou sua fé. Manifestou a convicção de que Jesus poderia fazer tudo o que fosse necessário. Não havia mais argumentações do tipo: "Dize-lhe, pois, que me ajude!" Naquela ocasião, ela não estava mandando Jesus fazer algo. Pelo contrário, humildemente deu a Jesus a autoridade e o ensejo para decidir o que fosse melhor.

E foi a esse coração aberto e receptivo que Jesus revelou-se em toda a sua glória: "Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; [...] Crês tu isto?" — perguntou Jesus a Marta em João 11.25,26.

Ela respondeu: "Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que havia de vir ao mundo" (v. 27).

Os estudiosos dizem que essa declaração é uma das afirmações de fé mais incríveis da Escritura, pois resume, essencialmente, quem Jesus era e é. Essa manifestação criteriosa não veio da contemplativa e sensível Maria, mas da organizada e atarefada — mas receptiva — Marta.

Agora, livre da sombra da dúvida e do egoísmo, Marta era uma mulher cujos olhos estavam abertos. Ela sabia quem era Jesus — não apenas um bom homem ou um professor fascinante, mas o verdadeiro Filho de Deus. Ela o proclamou como Cristo, seu Messias.

Mas, além da compreensão teológica de Marta, encontro no versículo 28 a mudança mais doce de todas: "E, dito isso, partiu e chamou em segredo a Maria, sua irmã, dizendo: O Mestre está aqui e chama-te".

Espere um minuto! O que aconteceu com a rivalidade das irmãs que vemos em Lucas 10? Não havia mais ressentimento. Não havia mais nenhuma forma de competição. Marta não apenas sentia a dor da perda de seu irmão, mas também solidarizava-se com a dor de sua irmã. E, naquela hora, em lugar de afastar Maria dos pés de Jesus, Marta os indicava.

Estava claro que essa não era a mesma mulher que vimos antes naquela casa em Betânia. Não existia mais a ansiosa e exigente "rainha de

tudo". Em seu lugar, ficou uma mulher com um coração transformado. É o tipo de coração transformado que todas nós desejamos, mas passamos a maior parte da vida nos perguntando como alcançá-lo.

Creio que ganhamos um novo coração do Senhor da mesma maneira que Marta — sendo receptivas ao ensino. E ser receptiva ao ensino envolve três coisas:

- Estar disposta a ouvir.
- Agir conforme o que ouvimos.
- Corresponder à disciplina.

Você tem ouvidos?

"Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor." Durante centenas de séculos, todas as manhãs, os judeus religiosos têm recitado Deuteronômio 6.4. Esse versículo abre o *Shema*, a principal confissão de fé do povo judeu: "Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder" (Dt 6.5).

Shema. A presente palavra hebraica significa "ouve tu." E é também uma palavra para nós. A Escritura contém a grande verdade. Palavras poderosas, que podem mudar a vida, se estivermos dispostas a *shema* — dispostas a ouvir.

Infelizmente, parece que o povo de Deus sempre teve problemas para ouvir. Talvez seja hereditário. Muitas vezes, lemos no Antigo Testamento sobre os esforços de Deus para comunicar-se com seus filhos teimosos:

> Porém, falando-vos eu, não ouvistes; antes, fostes rebeldes ao mandado do Senhor, e vos ensoberbecestes, e subistes à montanha.
>
> Deuteronômio 1.43

> Porém enviou profetas entre eles, para os fazer tornar ao Senhor, os quais protestaram contra eles; mas eles não deram ouvidos.
>
> 2 Crônicas 24.19

> Porém estendeste a tua benignidade sobre eles por muitos anos e protestaste contra eles pelo teu Espírito, pelo ministério dos teus profetas; porém eles não deram ouvidos; pelo que os entregaste na mão dos povos das terras.
>
> Neemias 9.30

Não é difícil enxergar um padrão aqui. Quase desde o início dos tempos, o povo de Deus se opõe à obra transformadora de Deus ao recusar-se a ouvir, ao tirar a voz divina da "sintonia". Fazemos a mesma coisa quando nos recusamos a prestar atenção à voz do seu Espírito em nossas vidas.

Algumas vezes, a recusa para ouvir é deliberada; não queremos enfrentar o que achamos que Deus tem a dizer. Outras vezes, penso que é quase inconsciente; vivemos em estado de recusa, pois não conseguimos mais desempenhar nenhuma tarefa que o Senhor deseja que façamos. Às vezes, permitimos convenientemente que a voz de Deus seja suprimida pela confusão de nossa existência diária; recusamos ouvi-lo nos ocupando demais com a leitura bíblica e a oração. É quase como se fôssemos crianças insubordinadas, que tapam os ouvidos, batem o pé e começam a zunir bem alto, justamente para não ouvirem o que os pais estão tentando lhes dizer.

Independentemente do modo como o fazemos, o resultado final é o mesmo. Quando nos recusamos a ouvir o Senhor, nós o excluímos. Negamos ao Senhor a oportunidade de nos ensinar, de transformar nossas vidas e de trabalhar através de nós para transformar o mundo.

Certamente é por essa razão que Jesus recompensa o ato de ouvir. Por repetidas vezes, o chamado da trombeta de Cristo entremeia os Evangelhos, repetindo as palavras do *Shema*: "Quem tem ouvidos, ouça". E, por oito vezes em Apocalipse, Jesus instrui sua noiva, a Igreja, a ouvir: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas".

Sem sombra de dúvida, o Senhor ainda fala hoje. Através das Escrituras. Através de nossas circunstâncias. Em nosso coração, através da voz do Espírito Santo. Nós podemos ouvi-lo se desistirmos da rebelião e da recusa. Podemos ouvir sua voz e, quando a escutarmos atentamente, Ele vai nos ensinar.

Quem tem ouvidos... ouça e preste atenção.

Como Deus fala com você?

Embora saibamos que Deus fala claramente através da Bíblia, muitas de nós ainda não sabemos como ouvir a voz de Deus em nosso espírito. "Como Deus fala com você?" — alguém perguntou à escritora e palestrante Carole Mayhall. Achei a resposta dela imensamente prática e útil:

Comigo, Ele fala através de um sinal inconfundível em meu coração. Ele nunca falou comigo em voz alta, mas, às vezes, o pensamento

colocado pelo Senhor em minha alma é tão vívido que só pode ser dEle! Muitas vezes, é apenas um pensamento ou uma idéia que flameja em minha mente, e eu sei que vem do Senhor...

Às vezes, é um pensamento tão diferente de tudo o que eu estava pensando, ou tão criativo que eu jamais seria capaz de imaginá-lo, ou ainda oposto ao que eu *queria* ouvir de Deus. Quando isso acontece — e o pensamento está em conformidade com a Bíblia — sei que ouvi a voz de Deus de um modo inconfundível...

Oro freqüentemente para que possa ouvir a voz divina mais vezes e com maior clareza. Quando não consigo, sei que Ele não parou de falar; eu é que parei de ouvir.[4]

As minhas ovelhas ouvem a minha voz, e eu conheço-as, e elas me seguem.

João 10.27

Fazendo o que Jesus diz

Apenas ouvir a Palavra de Deus não é o bastante, naturalmente. A Bíblia deixa isso muito claro. O poder transformador de Deus em nossas vidas é expandido quando não só ouvimos, mas também agimos conforme o que ouvimos.

De fato, com a nossa verdadeira recusa em aplicar a verdade divina em nossas vidas, podemos acabar não ouvindo sua voz no futuro. O pecado verdadeiramente bloqueia nossos ouvidos espirituais, da mesma forma que a cera em excesso tapa o ouvido físico. Quando isso acontece, podemos aparecer para ouvir, acenando com a cabeça e dizendo "sim", mas não estamos compreendendo absolutamente nada. Pessoas com ouvidos tapados espiritualmente estão sempre aprendendo, mas "nunca podem chegar ao conhecimento da verdade", como Paulo escreve em 2 Timóteo 3.7.

O fato triste é que não podemos ficar acostumadas a ouvir a voz de Deus a ponto de não mais nos comovermos. Podemos nos tornar como

[4] Carol Mayhall, "Listening to God", em Judith Couchman, ed., *One Holy Passion* (Colorado Springs, Colo.: WaterBrook, 1998), 109-11.

as pessoas sobre as quais Deus nos advertiu através do profeta em Ezequiel 33.31,32:

> E eles vêm a ti, como o povo costuma vir, e se assentam diante de ti como meu povo, e ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra; pois lisonjeiam com a sua boca, mas o seu coração segue a sua avareza. E eis que tu és para eles como uma canção de amores, canção de quem tem voz suave e que bem tange; porque ouvem as tuas palavras, mas não as põem por obra.

Essa declaração soa assustadoramente familiar, não? Da mesma forma soam as palavras de Tiago, o irmão de Jesus: "E sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes..." (Tg 1.22).

Já falei bastante sobre obediência nesse livro, principalmente porque acredito que ela seja o ingrediente essencial da intimidade com Deus e a chave para termos um coração de Maria. E a obediência é exatamente sobre o que estamos falando aqui. Ou levamos as palavras de Jesus ao coração e mudamos ou vamos ouvir e desprezá-las. E desprezar a voz de Deus é pior do que não ouvir, especialmente quando dizemos que o amamos.

Quando os meus filhos se recusam a ouvir, tenho vontade de citar as palavras de Jesus em João 14.21: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama". "Não me diga que você me ama" — é o que quero dizer quando eles vêm suplicando para assistir a desenhos animados depois de terem recebido a ordem para limparem seus quartos. "Obedeçam às minhas ordens."

Jesus não mede palavras conosco. Ele diz com franqueza tudo o que realmente é importante em nossas vidas. Ele coloca o dedo em nosso ponto sensível, nos lugares afetados pelo pecado que tentamos esconder com tanta dificuldade; aponta para o nosso quarto bagunçado e diz: "Faça isso e viverá". Temos que obedecer porque Ele deseja que vivamos.

Oswald Chambers iluminou minha vida de muitas formas, mas talvez nenhuma foi tão penetrante como essa verdade simples sobre a importância da obediência:

> Todas as revelações de Deus estão seladas até serem abertas por nós através da obediência... Obedeça a Deus do modo como Ele lhe mostra e, instantaneamente, a próxima etapa se torna acessível para você... Deus

nunca vai revelar mais sobre si mesmo até que você tenha obedecido ao que já conhece.[5]

Infelizmente, é mais fácil falar sobre obediência do que fazer alguma coisa a respeito. Dissecamos e analisamos a verdade divina, a colocamos em debate e filosofamos sobre ela — fazemos qualquer coisa, mas não permitimos que ela atinja a nossa vida.

"O que Jesus realmente queria dizer?" — perguntamos uns aos outros enquanto refletimos sobre as palavras de Cristo no estudo bíblico de quarta-feira à noite. "Certamente Ele não quis dizer que precisamos vender tudo que temos e dar aos pobres", concluímos. Depois, continuamos a explicar por que precisamos reduzir a oferta de missões até que tenhamos saldado a dívida do carro novo.

Esse é um exemplo extremado, naturalmente. Mas penso que há algo dentro de nós que se rebela contra a autoridade de Deus em nossa vida. Algo profundo que insiste em fazer as coisas do nosso jeito. Isso acontece hoje da mesma forma como aconteceu quando Eva resistiu a Deus no jardim; quando os filhos de Israel ignoraram as advertências dos profetas; e quando os judeus crucificaram a Jesus.

E a pergunta de Pilatos aos judeus ainda ecoa hoje: "O que vocês farão com o homem?" Conhecer a Cristo significa ouvir as suas palavras e obedecê-lo amorosamente; caso contrário, não o conhecemos de fato.

Kathleen Norris, autora de *Amazing Grace: A Vocabulary of Faith*, descreve uma simples experiência que afetou sua realidade e mudou sua vida. O grupo de mulheres de sua igreja pediu-lhe para conduzir um estudo bíblico sobre o Anticristo, uma tarefa para a qual ela não se sentia preparada. O conjunto de materiais de estudo lhe deu alívio, mas não muita ajuda prática, pois afirmava que até mesmo Agostinho havia desistido do assunto. Ele alegou que a questão estava além de seu entendimento.

Então, Kathleen pediu ajuda ao seu pastor. "Rapidamente, ele resumiu e repudiou a tendência que os cristãos têm de sempre identificar o Anticristo com seus inimigos pessoais, ou com as autoridades detestadas por eles. É uma tentação indolor", escreve Norris. "Em nosso século, o Anticristo foi identificado como Adolf Hitler, Joseph Stalin, Pol Pot e, tendo

[5] Oswald Chambers, *My Utmost for His Highest* (1935; reimpresso, Uhrichsville, Ohio: Barbour), 210.

em vista a histeria política generalizada na América, sem dúvida, também o foi em relação a Bill e Hillary Clinton".

Mas, então, escreve Norris, o pastor disse algo tão simples, mas que ficaria em seu coração para sempre: "Cada um de nós age como um anticristo", ele disse, "sempre que escutamos o evangelho e não lhe damos ouvidos".[6]

Recebendo a repreensão

O que acontece quando nos recusamos a ouvir a Deus e agir conforme suas palavras?

A Bíblia diz claramente que Deus, como um pai amoroso, vai aplicar a correção adequada às nossas vidas. "Porque o Senhor repreende aquele a quem ama", declara Provérbios 3.12, "assim como o pai, ao filho a quem quer bem".

O nível de disciplina que recebemos depende principalmente do nível de nossa receptividade ao ensino. Quando minha mãe era pequena, bastava que seu pai a olhasse com decepção e ela já estaria nos braços dele, desfazendo-se em lágrimas e implorando seu perdão. Quanto ao meu pai, foi preciso que ele tivesse mais energia com a filha mais velha. Eu não fui apenas bem criada, mas bem "disciplinada" também. E, com muita freqüência, isso vem à minha mente.

Isso também se aplica à vida espiritual. Se estivermos dispostas a aprender, obedeceremos prontamente. Como conseqüência, a intensidade da disciplina é razoavelmente menor; às vezes, indolor. Mas, se não estivermos receptivas e recusarmos a repreensão divina, a intensidade da disciplina aumenta consideravelmente, assim como a "correção" que eu recebia do meu pai. Não porque Deus seja implacável, mas porque nossos corações estão rebeldes. Nosso Pai amoroso fará tudo o que for necessário para destruir essa rebeldia, antes que ela nos destrua. Mesmo que isso signifique nos deixar esperando (como ter que esperar por algo que queremos), tirar nossos brinquedos (como o computador novo que acabou de quebrar) ou permitir que alguma aflição surja em nossa vida.

Escreve o salmista: "Antes de ser afligido, andava errado; mas agora guardo a tua palavra" (Sl 119.67). Antes de pensar que Deus é cruel,

[6] Kathleen Norris, *Amazing Grace: A Vocabulary of Faith* (Nova York: Riverhead Books, 1998), 14-5.

continue a ler. Este não é um filho trêmulo e maltratado. É um filho que recebeu a disciplina; alguém como eu. Alguém que pode olhar para trás e dizer ao Pai com total segurança: "Tu és bom e abençoador; ensina-me os teus estatutos" (119.68).

Jesus foi direto quando repreendeu Marta. Suas palavras foram suaves, mas penetraram diretamente no âmago de sua fraqueza. Marta deu atenção. Ela era receptiva ao ensino. Foi necessária apenas uma terna repreensão de alguém amado por ela. Jesus não teve que convencê-la. Ela não iniciou uma discussão. Simplesmente aceitou as palavras de seu Mestre, embora eu tenha certeza de que foi doloroso ouvi-las.

Marta conheceu o segredo que todo filho disciplinado com carinho aprende. Você não deve fugir do papai. Embora a disciplina seja dolorosa e a repreensão arda, há uma grande recompensa no final. Diz-nos Hebreus 12.11 que "... toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela".

Eu sou incrivelmente agradecida pela disciplina que meus pais me aplicaram. Em vez de me queixar por maus-tratos, eu os bendigo. Em razão do zelo que tiveram em corrigir os meus erros de infância, lido com menos tentações agora, como adulta. Por exemplo: não sou tentada a roubar — não, desde que minha mãe me levou de volta ao mercado, quando eu tinha cinco anos de idade, e me fez devolver o doce que havia pegado. De igual forma, não tenho problema com palavrões. Nunca mais falei nenhum depois que senti o gosto do sabão em minha boca.

E agora, como adulta, estou aprendendo a receber com tranqüilidade a disciplina do Senhor em minha vida. Em vez de fugir da repreensão, eu me pego esperando por ela. E até mesmo — deveria dizer? — pedindo por ela. As palavras do Salmo 23 tocam minha alma como uma canção preciosa: "...a tua vara e o teu cajado me consolam".

Há muitos anos, Joshua Wiedenmeyer, de quatro anos de idade, ensinou-me uma lição sobre a disciplina que nunca vou esquecer. Quando os pais de Joshua, Jeff e Tammy, saíram de férias, o Glacier National Park estava no topo da lista dos que mereciam uma visita. Enchemos o furgão com as duas famílias na manhã seguinte e partimos para um dia de turismo. As crianças tagarelavam enquanto passávamos pelos lugares principais. O furgão subia a estrada entre pinheiros e cedros antigos, a ponto

de ficarmos bem acima do vale. Passamos uma hora no topo, onde almoçamos alegremente, apreciando a beleza inacreditável ao nosso redor.

Eram quase duas horas quando descemos a montanha. Hora do cochilo. O pobre Josh não estava se divertindo. Ele não gostou do banco do carro. Não queria um biscoito. Tammy tentou confortá-lo. Tentou distraí-lo. Mas nada deu certo. Finalmente, o pai interveio. "Josh, você quer levar umas palmadas?"

Eu já havia perguntado o mesmo aos meus filhos várias vezes; porém, até aquele dia, nunca tinha ouvido uma resposta como aquela. Joshua parou por um momento, os olhos cheios de lágrimas. Aos soluços, disse ao pai com aquela voz fininha: "Sim, papai. Eu quero".

"John, você poderia encostar o carro, por favor?" — Jeff pediu ao meu marido. Então saiu do assento dianteiro, abriu a porta do furgão e esperou que Joshua fosse para os seus braços. Andaram um pouco e Jeff aplicou uma palmada com amor, mas firme, no traseiro do filho; depois o abraçou e lhe deu um terno conselho. Voltaram ao furgão e Joshua dirigiu-se para o banco de trás, respirando daquele modo típico após um período de choro.

Joshua recebeu o que precisava e ficou bem o resto da viagem. Que lição. Em vez de evitar a disciplina, ele a abraçou. Aos quatro anos de idade, Joshua descobriu o segredo que muitos, em uma vida inteira, nunca conseguirão aprender.

"Bem-aventurado é o homem a quem tu repreendes, ó Senhor, e a quem ensinas a tua lei, para lhe dares descanso dos dias maus..." (Sl 94.12,13).

Uma santa renovação

Você quer conhecer a Deus? Deseja realmente ter um relacionamento íntimo e sincero com Ele? Se quiser, então corresponda à repreensão divina. Não recuse a correção do Senhor. Provérbios 1.23 diz: "Converteivos pela minha repreensão; eis que abundantemente derramarei sobre vós meu espírito e vos farei saber as minhas palavras". Reaja com um coração receptivo e você ficará surpresa com a santa renovação que vai acontecer na sua vida.

Eu quero isso para minha vida. Quero uma renovação santa, tão transformadora como a que Marta experimentou. Meu maior temor é despertar daqui a trinta anos e perceber que não mudei — que ainda

continuo lutando contra os mesmos hábitos inúteis, atitudes mesquinhas e escondendo pecados cometidos.

Que coisa terrível seria. Mas, se eu não tiver ao menos um coração receptivo, tal estagnação espiritual será o meu destino. Amargurada e receosa, estarei encravada às coisas do passado que eu deveria ter deixado há muito tempo. E tudo porque me recusei a ser ensinada por meu Pai celeste.

O propósito da morte de Jesus na cruz não foi o de oferecer seguro contra incêndio ou uma viagem para o céu com todas as despesas pagas. Ele morreu e ressuscitou para que fôssemos nova criatura. Então, não deveríamos ficar em nossas transgressões e pecados, envolvidas com emoções, feridas e decepções do passado. Ele morreu para que fôssemos "transformados de glória em glória, na mesma imagem", como Paulo diz em 2 Coríntios 3.18. Não devemos mais nos esconder atrás do véu da vergonha. Em lugar disso, "com cara descoberta", refletimos "como um espelho, a glória do Senhor... como pelo Espírito do Senhor".

Não se conforme com este mundo, Paulo nos diz em Romanos 12, mas seja transformada. Esse é o resultado de um coração disposto a aprender e receptivo às lições do Senhor. Quando escolhemos a transformação, optamos por algo magnífico. A palavra grega usada é *metamorphoo*, que significa ser transfigurado ou mudado. É a mesma palavra usada para descrever o que aconteceu com Jesus no Monte da Transfiguração.

Transformação. Também podemos experimentá-la.

Tudo o que temos a fazer é ter um coração receptivo.

Jesus nos transformará. Tudo o que precisamos fazer é apresentar os nossos velhos corpos em sacrifício — e Ele nos renovará.

A borboleta

Joanie Burnside brilha. Morena, seus cabelos moldam o rosto radiante de quarenta e poucos anos, e a armação metálica dos óculos exalta os lindos olhos azuis. Joanie também é muito talentosa; eu tive o privilégio de assisti-la representando um monólogo, no chamado Domingo de Ramos, no *Mount Hermon*, um centro cristão de conferências.

O culto que antecede a Páscoa em *Mount Hermon* sempre é comovente. É inevitável não me emocionar diante da imensidão da obra de Cristo na cruz. Mas a apresentação de Joanie naquele ano não me fez recordar

apenas o que Jesus fez, mas também o que Ele deseja fazer em mim e em você.

Entenda, Jesus não veio para tornar as pessoas ruins em boas. Ele veio para nos transformar em algo inteiramente novo.

Minhas palavras não conseguem descrever o poder por trás das imagens que vi naquela manhã; porém, com a permissão de Joanie, gostaria de tentar. Imagine comigo uma velha mulher, no centro do palco, vestida com um casaco escuro e carregando no ombro uma bolsa desbotada, como as de lavanderia. Ela segura com firmeza uma bolsa fora de moda. Sapatos velhos cobrem seus pés. Curvada e apoiando-se em uma bengala, o velho rosto cingido com desconfiança e, com a voz aguda e frágil, ela começa a contar sua história.

"Vim para lhes contar a história da borboleta", inicia a mulher. Os únicos acessórios usados no palco são as roupas que ela veste e uma simples cruz de madeira ao fundo. "Ela começou como todas as outras; era uma lagarta vil, alguém que deveria crescer, mas nunca mudar. Sua vida se tornaria desprezível, horrenda e amargurada sem a graça do Criador."

"É assim que ela deveria ter ficado", diz a velha mulher, apontando para sua aparência retorcida e decrépita. "Embora tivesse o desejo de mudar... não conseguia. Submeter-se ao poder de Deus era a sua única chance."

Lá estava um lenço, cobrindo-lhe a cabeça, o precioso cérebro e a inteligência acima da média. As universidades e os títulos eram o que ela tinha à disposição para manter-se, ostentar e impressionar... e para diminuir os outros.

O cabelo que deveria haver na cabeça era meramente um reflexo das ansiedades de sua vida e, no caso dela, estava prematuramente grisalho. Ela se preocupava com tudo — seu futuro, seu passado, seus erros e sonhos.

"Os dentes dela", a velha mulher os exibe para enfatizar, "os guardiões de sua boca, uma das armas mais malévolas, estavam prontos para morder, para mutilar as pessoas rapidamente com sarcasmo e com farpas. Pois a boca fala do que o coração está cheio. Às vezes, parecia uma fofoca inocente; outras vezes, julgamento e, em alguns momentos, mentiras completas com as quais ela destruía a reputação dos outros."

Sua bolsa estava em segurança, porque guardava seu estimado talão de cheques. Ela nasceu na riqueza e, enquanto houvesse dinheiro no

banco para protegê-la, estaria salva. Ninguém poderia tocá-la, ninguém conseguiria atingi-la. Ela cercou-se de bens materiais — nenhum prejudicial em si mesmo, mas todos maléficos por não serem usados para o Senhor.

Sua bengala era usada como um dedo, para acusar nos outros os pecados que ela cometia. Tornou-se uma muleta maravilhosa, esse superego superdesenvolvido, que nunca a deixava se sentir mal consigo mesma. Ela facilmente poderia encontrar o mal na vida das outras pessoas ao seu redor.

Os sapatos cobriam um dos aspectos mais tristes, os seus pés. Aqueles pobres e malhados tocos. Ela passou uma vida inteira vagando sem destino. Não tinha objetivos, ninguém para seguir, nenhum lugar aonde ir. Cada dia significava apenas mais vinte e quatro horas sem esperança.

A mulher tira do ombro um grande saco que ela carrega e depois aponta para ele. Lá estava sua carga, cada ano mais pesada. Ela encheu o saco com aqueles pecados, esperando que ninguém mais pudesse notar o óbvio. Sua vida tinha se tornado grotesca com o peso e seus pecados desfiguraram a beleza que ela deveria ter.

Finalmente, lá estava o seu coração, uma imagem atrofiada do que o Criador havia lhe dado.

Através da mímica, a mulher pega um pequeno coração de pedra em seu peito e o segura entre dois dedos. Era duro e inflexível, não permitia que entrasse nenhum amor... não permitia que saísse amor... protegido contra intrusos por sua cabeça, boca, bolsa e bengala.

Então, um dia essa mulher encontrou alguns amigos que tinham a vida cheia de uma doce pureza. Eles lhe ofereceram a água da vida e, quando não podia mais suportar a sede, ela experimentou... só um pouquinho, pois, acredite, ela ainda não estava pronta para beber de verdade. Mas sua sede era incomparável, e o gosto da água era tão doce. Ela pegou e bebeu, e a água da vida a encheu e a satisfez da cabeça aos pés.

O rosto da mulher no palco agora brilha com a lembrança daquela água e com a nova vida que ela recebeu. Peça por peça, ela começou a remover os trajes desnecessários que antes a amarravam.

O lenço foi retirado, e o seu conhecimento passou a ser usado para a glória de Deus. Seus pensamentos tornaram-se os pensamentos do Senhor quando ela se entregou a Ele. A mulher desata o lenço e o joga no chão.

O cabelo, antes grisalho por causa das preocupações, se renovou, pois a alegria que era do Senhor também passou para ela. A mulher agita os cabelos com alegria.

A boca, que havia caluniado os outros, começou a exaltá-los, a cantar salmos, hinos e canções espirituais... a procurar maneiras de aliviar as feridas em vez de causá-las.

A bolsa se tornou um instrumento, assim como a bainha para a espada. Ela levava algo de grande poder. O dinheiro foi usado para expandir o Reino de Deus em vez de protegê-la, diz a mulher enquanto levanta a bolsa para que todos a vejam.

A bengala não foi mais necessária quando seu desejo de julgar desapareceu diante da luz da graça divina. Ela a deu para outras pessoas que precisavam dela para se apoiar, pois queria caminhar e ajudar os outros a levarem suas cargas.

Ah... A mulher hesita, sorrindo enquanto sacode o dedo. E os pés? Primeiro, eles começaram a andar, depois a correr, pular, saltar e dançar com alegria, pois, finalmente, ela tinha um motivo para viver. Um Mestre a seguir. Um caminho que Deus preparou especialmente para ela, que nunca havia conhecido tal alegria.

"Ele levou a carga de pecados", diz a mulher, com a voz mais forte e juvenil. Sua postura se fortalece enquanto deixa suas coisas na cruz. Como isso ocorreu, ela jamais entenderia de verdade. Mas sabia que Ele havia dito que morreu para levar os pecados embora.

O seu coração de pedra foi transformado em um novo e vivo coração. Com as mãos tremendo, ela levanta o seu pequeno coração imaginário em direção ao céu, recebendo em troca um coração grande e palpitante. Com a face erguida e os olhos maravilhados, a mulher coloca, através de mímica, um novo coração dentro do peito.

"Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto" (Sl 51.10).

As palavras são suaves, suplicantes e agradecidas enquanto vagueiam pelo do auditório. O momento é santo enquanto a oração de Davi ecoa dentro de cada um de nós: "Um coração puro, ó Deus. Um espírito reto. Em mim".

"Obrigada por ouvirem a minha história", diz a mulher finalmente. Sua voz é profunda e terna enquanto desabotoa o casaco. "Como vocês podem ver... eu sou a borboleta."

Ela deixa cair o manto, revelando um traje esplêndido de malha púrpura, com asas esvoaçantes de várias cores. Cintilante e tremeluzente sob a luz da manhã, o conjunto de saia e casaco era lindo. Extraordinário.

Com os braços estendidos, a mulher sai renascida. Flutuando, dançando, pulando. Deixando todas as roupas terrenas para trás. Convidando a cada um de nós a fazer o mesmo.[7]

Nova vida em troca da velha. É o que Jesus oferece. Corações fervorosos em troca dos frios. E tudo isso é pago quando somos receptivas ao ensino.

Quando entreguei minha vida para o ensino de Jesus, até mesmo para suas repreensões, aprendi o valor da terna disciplina de Deus. Somente quando nos libertamos dos "casulos" da nossa natureza vil é que a beleza verdadeira da nova vida, oferecida por Cristo, pode ser conhecida de verdade.

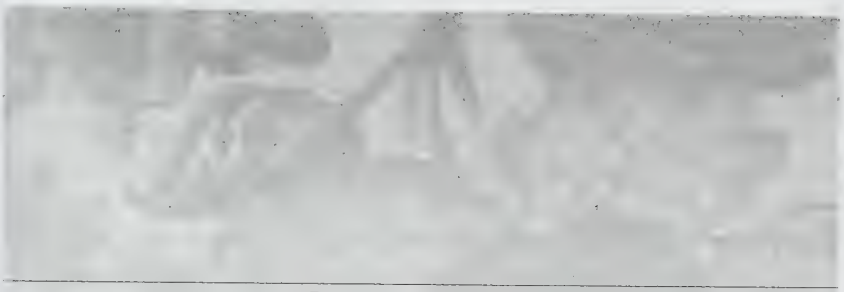
Então, não tenha medo de se despojar dos velhos padrões e das roupas maltrapilhas.

Lembre-se, Jesus veio para fazer tudo novo.

Assim, ouça o Senhor e o obedeça. Receba sua disciplina.

E depois... esteja pronta para voar.

[7] Adaptado com permissão da autora Joanie Burnside.



Capítulo 10

O Amor Extraordinário de Maria

Então, Maria... ungiu os pés de Jesus e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos; e encheu-se a casa do cheiro do ungüento.

João 12.3

Ele parecia cansado. O rosto amado por ela está enrugado e cansado no momento em que o recebe na porta. Sua testa está franzida, mas, ao vê-la, os olhos do Mestre se acalmam. Entra, passa pelo átrio abarrotado e pega as mãos dela.

— Maria...

— Estou feliz porque tu estás aqui, Senhor — diz ela. — Faz muito tempo. Suas viagens o afastaram de Jerusalém nos últimos tempos. Esteve distante dos pátios do Templo. Distante dos rumores sobre o preço de sua cabeça.

— Eu me preocupo com o Senhor — Maria sussurra.

Jesus sorri e suavemente balança a cabeça.

— Não esteja ansiosa por nada, Maria. Minha vida está nas mãos do Pai.

Suas palavras são ternas, porém profundas; como se contivessem um segredo.

Está claro que esta visita não será como aquela, alguns meses antes. E até agora, de alguma forma, Maria percebe alguma coisa que vai contra a lógica. Ela consegue ver a exaustão do Mestre. Os homens estavam visivelmente preocupados e confusos. E Maria sentiu um tremor dentro de si, como um único dedilhado na corda de um instrumento. Era esperança... ou era alegria?

Não há barulho algum, apenas uma expectativa. Era como se o céu estivesse ansioso para ouvir a canção. Era como se toda a eternidade estivesse concentrando forças para essa semana... para essa jornada... para esse Homem.

Uma pequena visão panorâmica

Ninguém sabe o que passou pelo coração de Maria quando ela encontrou Jesus naquele dia. No entanto, a doce melancolia e a sensação do que estava para acontecer, presentes nessa última viagem para Jerusalém, pareciam evidentes. Sabemos que Jesus estava angustiado com relação à Cidade Santa; em relação à prisão determinada e à morte certa. De todas as pessoas que o rodeavam, apenas Maria parecia compreender, pois somente ela tomou a atitude apropriada para a situação.

A história encontrada em João 12.1-8 é a última vez em que a Bíblia menciona Maria, Marta e Lázaro. (A mesma história é contada em Mateus e Lucas, embora essa família não seja mencionada pelo nome. Mas as similaridades da narrativa parecem indicar que esses escritores se referiam ao mesmo incidente.) Embora a tradição religiosa diga que os três estiveram diante da cruz, a Escritura não o declara especificamente. Está claro, contudo, que essa família amava a Jesus profundamente e era amada por Ele. Esse trio de Betânia havia proporcionado algo de que Jesus precisava após ter saído de Nazaré, três anos e meio antes.

Eles deram a Jesus um lar. Uma família. Um local para repousar a cabeça.

Além disso, essas duas irmãs e seu irmão, os quais amavam a Jesus de verdade, deviam estar confusos naquela última viagem para Jerusalém. De acordo com Mateus 26.2, Jesus contou aos discípulos o que lhe estava reservado: "... o Filho do Homem será entregue para ser crucificado". Ele não tinha segredos; entretanto, os discípulos ainda pareciam não compreender plenamente o que estava acontecendo.

Sabiam, é claro, que Jesus era um homem procurado. O fato havia sido bem divulgado. Depois da ressurreição de Lázaro, Jesus subiu à primeira posição na lista dos religiosos. Não era de se admirar. Parece que muitos da comunidade judaica haviam experimentado uma mudança verdadeira em seus corações (Jo 11.45). Depois de terem visto Jesus trazer da morte o amigo Lázaro, convenceram-se de que Ele era realmente uma pessoa especial — talvez o Messias. Se Jesus pôde fazer aquilo por um homem morto, pense no que poderia fazer por alguém vivo!

A freqüência no Templo diminuiu depois que as multidões passaram a se ajuntar para ouvir o homem da Galiléia. Os peritos em crescimento de sinagogas estavam profundamente interessados. Talvez precisassem ser mais sensíveis às pessoas. Talvez precisassem se concentrar em um programa de alimentação — o Nazareno era bem-sucedido nesse assunto. Estava claro que era necessário fazer alguma coisa — e rápido. Tudo estava em risco. Especialmente para a elite religiosa.

"Se o deixamos assim, todos crerão nele, e virão os romanos e tirar-nos-ão o nosso lugar e a nação" (11.48). Era o que argumentavam os principais dos sacerdotes e alguns fariseus diante da autoridade administrativa judaica, o Sinédrio.

Perda da posição. Perda do poder. Perda da influência. Naquele momento, esse era o risco para o qual os líderes judeus não estavam preparados — especialmente após terem trabalhado duro para adquirir tais privilégios.

Nos últimos tempos, o Sinédrio havia dado uma trégua para o procurador romano Pilatos; depois de um começo difícil, tudo finalmente estava bem. Quando o recém nomeado Pilatos exibiu em Jerusalém, pela primeira vez, as bandeiras romanas que ostentavam a imagem do imperador, o povo se levantou furioso contra a idolatria. Diante de tal oposição, Pilatos rapidamente recuou com um "não me incomodem e eu não os incomodarei", referindo-se ao Templo e a seus oficiais. Finalmente, o Sinédrio havia colocado o procurador no lugar onde o queria. Isto é, até o aparecimento de Jesus.

"Vós nada sabeis", bradou Caifás, o sumo sacerdote, durante a reunião. Assim como a maioria dos saduceus, ele não tinha diplomacia, nem gentilezas.[1] A seu ver, estava pensando estrategicamente, esperando levar a

[1] Josefo disse que os saduceus "em sua [conversa] com os colegas eram tão rudes quanto com os estranhos". *Bíblia de Estudo NVI: Nova Versão Internacional* (São Paulo: Editora Vida, 2003), nota sobre o texto de João 11.49.

situação a uma conclusão lógica. "Nem considerais que nos convém que um homem morra pelo povo e que não pereça toda a nação" (11.49,50).

Mas era Caifás quem não sabia de nada. Mesmo sem perceber, ele "profetizou que Jesus devia morrer pela nação", escreve João nos versículos 51 e 52, "e não somente pela nação, mas também para reunir em um corpo os filhos de Deus que andavam dispersos".

Dessa forma, enquanto a instituição religiosa tramava a destruição de Jesus, o plano de Deus de trazer a humanidade de volta amadurecia com rapidez. Os portões do céu começaram a se abrir, prontos para receber todos os que entrariam por eles através de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

A canção da eternidade começou a tocar. O Cordeiro "que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8) estava prestes a morrer para que eu e você pudéssemos conhecer a Deus.

Apenas Maria parecia ouvir os ecos daquela música. Somente ela parecia pronta para corresponder ao amor extraordinário de Jesus.

O amor extraordinário

É sempre um prazer especial colocar minha filha Jéssica na cama, à noite. Mas, de todas as nossas vagas lembranças, talvez nenhuma seja tão doce quanto os momentos antes de dormir, quando ela era pequena.

— Amo você, Jéssica — eu dizia enquanto puxava a manta até o queixo dela e alisava seu cabelo loiro e brilhante sobre o travesseiro.

— Eu te amo mais! — ela dizia em um piscar de olhos, e assim começava nosso jogo preferido.

— Bem, eu te amo muito mais — eu falava. Depois a beijava no rosto e fazia cócegas em sua barriguinha coberta pelo pijama cor-de-rosa.

— Bem, mas eu te amo mais e um montão — ela declarava quando terminava suas risadinhas. Então, abria bem os braços e acrescentava as últimas palavras: — Eu te amo do ta-maaa-nho do mundo!

Ufa! Fim do jogo. Do tamanho do mundo? Bem, isso é que é amor. Especialmente para uma criança de três anos de idade. Especialmente quando você considera o quanto isso é de amor. Amar a mamãe do tamanho do mundo significava que ela amava mais a mim do que ao sorvete. Mais do que a sua boneca preferida. Mais do que um passeio no parque. Mais do que presentes de aniversário e o seu novo triciclo. Mais do que chiclete e um passeio no pônei de manchas marrons feito

de fibra de vidro. Ela me amava — a mim — mais do que qualquer outra coisa.

Esse é o amor extraordinário. O tipo de amor que desconsidera todas as outras coisas para se concentrar apenas em uma: o objeto desse amor. O tipo de amor que renuncia a tudo, desejando apenas ter mais para oferecer. Nada é tão precioso. Nada é tão extraordinário. O coração exige que nós o demonstremos — e o demonstremos em sua plenitude.

Quando ungiu Jesus no banquete em sua homenagem, Maria deu o melhor ao Senhor. De fato, ela provavelmente sacrificou sua real esperança quando deitou o perfume nos pés do Mestre. Porque aquele vaso de perfume — descrito por Mateus e Marcos como um vaso de alabastro, e que foi quebrado para ser aberto — continha todas as esperanças e sonhos de Maria.

Estar casada figurava em primeiro lugar na lista de desejos de toda donzela judia. Sua cultura, e até mesmo sua religião, fizeram do casamento e especialmente do parto a mais alta expressão de honra. Ser estéril era uma desgraça. Mas não ser casada... bem, isso era verdadeiramente uma vergonha.

Aos doze anos de idade, a maior parte das mulheres judias era prometida em casamento, caso ainda não fossem casadas.[2] Os pais geralmente arranjavam as uniões, embora as garotas tivessem a oportunidade de se pronunciar sobre a questão. Vários fatores estavam envolvidos. Um era o preço da noiva: a retribuição paga ao pai da noiva pelo noivo. Mas também se esperava que a noiva trouxesse algo de valor para a união.

Quando os dois lados chegavam ao acordo, o noivado — o compromisso da solenidade — estava concretizado. Um documento adornado, chamado *ketubah*, era assinado pela futura noiva e seu noivo, e a cerimônia era selada por um beijo. A partir daquele momento, o casal estava legalmente obrigado a casar, embora a verdadeira cerimônia de casamento ainda fosse demorar vários anos para acontecer.[3] O acordo poderia ser rompido apenas pela morte ou pelo divórcio, opção considerada por José antes de ser tranqüilizado por um anjo.

Mas, o que Maria possuía? Sem um pai que lhe arranjasse um casamento, o tempo corria contra ela. O vaso de alabastro com o perfume

[2] James B. Pritchard, ed., *Everyday Life in Bible Times* (Washinton, D.C.: National Geografic Society, 1977), 305.
[3] Charles Panati, *Sacred Origins of the Profound* (Nova York: Penguin, 1996), 323.

devia ser parte, se não o total, do dote de Maria. Valia mais do que trezentos dinheiros, aproximadamente um ano de salário. Não era um perfume qualquer. Embora o nome não seja romântico, o nardo era raro, feito do óleo aromático extraído da raiz de uma planta que cresce principalmente na Índia.[4] Tinha que ser importado. Maria não conseguiria comprar o perfume nas prateleiras de um hipermercado. Não tenho certeza se ela o acharia na loja *Saks*, na Quinta Avenida. Na verdade, não há um perfume, que eu conheça, cujo valor seja comparável àquele — aproximadamente trinta mil dólares o vidro.

Por outro lado, o alabastro era um recipiente comum no Oriente Próximo. O gesso branco como a neve ficava lustroso e translúcido quando polido. Fácil de ser esculpido, convertia-se em cântaros ornados, caixas, vasos e frascos. Às vezes, recipientes de mármore também eram chamados de alabastro.[5] Mas a origem e o tipo de recipiente não era realmente importante. E ainda não o é.

O que mais importava — e o que ainda importa hoje — é o tesouro guardado dentro do recipiente. E o tesouro que Maria derramou naquele dia era mais do que um perfume caro. Ela estava derramando a sua vida toda em um serviço sacrificial e de amor.

Infelizmente, nem todas as pessoas naquele banquete tinham o mesmo coração de Maria.

A mesma cena vista pelo lado negativo

Que desperdício! Que demonstração desnecessária, exagerada e extraordinária de emoção. Por que um vaso inteiro quando algumas gotas seriam mais do que suficiente? Por que quebrar o vaso quando ele poderia ter sido facilmente entornado? E por que o cabelo? A situação estava totalmente confusa, nem um pouco adequada ou em ordem. Quando Maria afagou os pés do Mestre, o perfume pairou pungente no ar e os soluços da mulher eram o único som que quebrava o silêncio estonteante.

"Por que Ele não manda essa mulher parar?", Judas pensou enquanto observava a liberalidade de Maria. Ele saiu daquele cenário perturbado.

---

[4] *Bíblia de Estudo NVI*, nota sobre o texto de Marcos 14.3.

[5] Ruth V. Wright e Robert L. Chadbourne, *Gems and Minerals of the Bible* (Nova York: Harper & Row, 1970), 6.

Suspeitava de todas as formas de sentimento, de qualquer coisa que desviasse a atenção do ideal de destruição dos romanos para o estabelecimento do tão esperado reino. Seguir o Nazareno havia sido uma montanha-russa de altos e baixos emocionais para Judas, bastante instável para um homem em evidência como ele.

Mas Judas se juntou a Jesus em busca de sucesso e comprometeu-se a prosseguir, não importando quão difícil isso fosse. Não foi fácil. Certamente, o Salvador estabeleceria logo o seu reino. No entanto, todas as vezes que as multidões tentaram coroar Jesus como rei, Ele recusava, evitando a oportunidade.

Pior, as ofertas começavam a tornar-se escassas. Jesus já não era tão popular quanto antes, a julgar pelo peso da bolsa de dinheiro que Judas carregava na cintura. Estava ficando cada vez mais difícil desviar os fundos. Naturalmente, esse termo era muito feio. Judas preferia chamar de "retribuição por serviços prestados".

"Se algo não mudar rapidamente", pensou Judas, "devo começar a pensar em mudar de profissão".

Ele não era como os demais discípulos. O único não-galileu do grupo, esse rapaz da cidade de Queriote estava determinado a deixar sua marca no mundo. Mas deixar uma marca demandava dinheiro. Dinheiro que ele não tinha.

"Ei, Judas", um dos discípulos se inclinou e sussurrou. "Quanto você acha que vale meio litro de nardo puro nesses dias?"

"Nardo puro?" Judas não tinha reconhecido a fragrância. Ora, isso era pior do que ele pensava. O perfume mais caro do mundo — alguém tinha que dizer alguma coisa.

— Com licença, Mestre — aparteou ele. — Por que esse perfume não foi vendido e o dinheiro entregue aos pobres? Valeria os salários de um ano inteiro.

Alguns discípulos perto dele murmuraram em sinal de concordância.

— Deixai-a — respondeu Jesus. Os olhos do Mestre atravessaram Judas como se estivessem examinando a sua alma. Judas se moveu constrangido. — Para o dia da minha sepultura guardou isto —, continuou Jesus. — Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes.

Judas olhou para os outros discípulos, procurando apoio. Mas eles desviaram os olhos, olhando para longe, para os lados, mas não para Judas e o Mestre.

Assim sendo, Judas conteve-se enquanto sentia as coisas se deslocando e se solidificando dentro dele. Em vez de penetrarem em seu coração, as palavras de Jesus, de algum modo, haviam consolidado a transação. De repente, tudo pareceu claro como cristal para ele. Toda essa conversa sobre morte... não havia reino algum para vir. A coisa toda tinha sido uma farsa.

Tanta coisa para fazer parte do novo parlamento judeu. O trabalho havia terminado.

A menos que...

A história de dois seguidores

A história da unção de Jesus foi relatada com detalhes nos Evangelhos assim como a traição de Judas. Mesmo que o pensamento de Judas não tenha acontecido da forma como imaginei acima, o resultado foi o mesmo. Mateus e Marcos descrevem a mudança sombria no coração de Judas como um acontecimento imediatamente posterior ao gesto de amor extraordinário de Maria.

> E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais dos sacerdotes para lho entregar. E eles, ouvindo-o, alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro; e buscava como o entregaria em ocasião oportuna.
>
> Marcos 14.10,11

Apenas Mateus destaca a quantia pela qual Judas vendeu Jesus — trinta moedas de prata, a quantia exata predita quatrocentos anos antes em Zacarias 11.12,13. Era o preço exato pago por um escravo em Êxodo 21.32 — aproximadamente 120 denários.

Menos da metade do dinheiro que Maria, profusamente, havia derramado sobre os pés de Jesus.

A vida tem o seu modo de revelar quem realmente somos e as motivações profundas e escondidas de nosso coração. Disse Jesus em Mateus 12.34,35: "Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más".

Isso certamente aconteceu no caso de Judas. Mas aconteceu no de Maria também. Embora a situação tenha feito aparecer o mal latente dentro de Judas, também trouxe à tona o belo sentimento de uma moça de Betânia.

Pelo que se observa, Maria parece ser contemplativa por natureza. Embora a intuição espiritual tenha feito dela uma adoradora admirável, de igual forma a tornou suscetível ao desespero. Em vez de correr para encontrar-se com Jesus depois da morte de Lázaro, como você se lembra, ela permaneceu em casa. Abatida e sozinha no meio de uma multidão de amigos, ela mergulhou profundamente em sua tristeza e nem mesmo as notícias da chegada de Jesus foram capazes de aniquilar o seu pesar.

Mas — graça a Deus! — Jesus nos encontra onde estivermos. Ele passa pelos cantos escuros e escondidos das nossas vidas e, se estivermos dispostas, Ele faz brilhar a doce luz do céu, o precioso Espírito Santo. Se permitirmos, Ele se oferece para limpar nossas personalidades, temperando-as através do Espírito Santo, para que não pereçamos diante dos pontos fortes da nossa fraqueza e dos pontos fracos da nossa força.

E isso, pelo que posso lhes dizer, aconteceu com Maria. Mesmo tendo sentido, através de sua intuição aguçada, a gravidade da situação que o Senhor enfrentava, naquele momento ela não desfaleceu. Em vez de apenas sentar passivamente e ouvir o Salvador, em vez de se oprimir pela aflição, dessa vez Maria reagiu. Deu a si mesma para aquEle que havia dado tanto a ela e a sua família.

Aparentemente, contudo, isso não aconteceu com Judas. Embora Jesus conhecesse as fraquezas dos discípulos, Ele havia dado a Judas chance após chance nos três anos em que viajaram juntos. De acordo com João 13.29, Jesus até o havia nomeado para ser o guardador da bolsa do grupo.

"Às vezes", escreve William Barclay em *The Gospel of John*, "a melhor forma de corrigir alguém que está no caminho errado é tratando-o não com desconfiança, mas com confiança; não como se esperássemos o pior, mas o melhor".[6] Foi exatamente o que Jesus havia feito com Judas. Mas ele não mudou.

Imagine passar três anos de sua vida com o Messias, e continuar sendo mais ou menos o mesmo — ou até pior do que quando começou. Judas agiu exatamente assim. Isso pode acontecer com qualquer uma de nós se não consolidarmos, de uma vez por todas, a questão do senhorio de Cristo em nossas vidas.

Até escolhermos a quem servir, corremos o risco de desenvolver um coração de Judas no lugar de um coração cheio de amor sacrificial. Por-

[6] William Barclay, *The Gospel of John*, ed. rev., vol. 2 (Filadélfia: Westminster, 1975), 111.

que sempre que os nossos interesses entrarem em conflito com os interesses do Mestre, seremos tentadas a vender Jesus como um escravo ao melhor arrematante, em vez de ungirmos os seus pés.

Amor extraordinário versus amor mesquinho

"Para saber a quem você adora", diz Theodore Parker, "deixe-me vê-lo em sua loja, ouvi-lo em seu trabalho, deixe-me saber como você cobra o aluguel de suas casas, como consegue seu dinheiro, como o guarda e o gasta".[7]

Jesus diz basicamente o mesmo em Mateus 6.21: "Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração".

O tesouro de Maria não estava em seu dote. Sua esperança não repousava naquilo que ela poderia ganhar através de Jesus. Sua alegria repousava naquilo que ela podia oferecer.

Judas, por outro lado, estava atrás de tudo o que poderia ganhar. Essa é a primeira diferença entre um amor extraordinário e um coração egoísta e mesquinho.

Observe:

- *Maria possuía um coração grato.*

Seu irmão havia sido ressuscitado da morte. O Messias já viera e a chamou de amiga. Que grande honra, que grande alegria a de oferecer tudo àquEle que havia lhe oferecido tanto.

- *Judas possuía um coração avaro.*

As coisas não estavam acontecendo do modo como ele planejou. Uma das Leis de Westcott sobre a tentação, citada por William Barclay, é que "a tentação está relacionada às coisas para as quais temos uma certa propensão".[8] Nossa força pode ser a nossa ruína. A força de Judas era a ambição, seu objetivo e compromisso para prosperar. Também era, naturalmente, o seu ponto fraco. Fazia com que se preocupasse mais com a situação política e com sua conta bancária particular do que com a condição do seu coração.

A ganância é uma tirana. Nós, mulheres, podemos ser vítimas de suas mentiras tão facilmente quanto os homens. "A sanguessuga tem duas

---

[7] Theodore Parker, citado em Cora Lee Pless, "How Do We Return?" *God's Abundance: 365 Days to a Simpler Life* (Lancaster, Pa.: Starburst, 1997), 27/Dez.

[8] Citado em Barclay, *The Gospel of John*, 2:111.

filhas", diz Provérbios 30.15, "a saber: Dá, Dá". Um coração avaro nunca está satisfeito. O que tem nunca é o bastante.

"Mas é grande ganho a piedade com contentamento", Paulo diz ao jovem pregador Timóteo (1 Tm 6.6). O descontentamento pode vir se arrastando sorrateiramente, nos deixando insatisfeitas com o que temos. Não demora muito até que o descontentamento se transforme em determinação para conseguir o que julgamos merecermos, seja qual for o preço. Mas o preço é geralmente muito alto.

"E nessa cobiça alguns se desviaram da fé", adverte Paulo a Timóteo no versículo 10, "e se traspassaram a si mesmos com muitas dores".

O segredo da felicidade não está em conseguir o que você quer, mas em querer o que você tem. Judas compreendeu isso tarde demais. Sua avareza o levou a fazer o inimaginável — a trair um amigo. Trair o Filho de Deus. A dor que logo substituiu a ganância não pôde curar sua alma. Nem a sua mente. Depois de tentar devolver o dinheiro, Judas saiu, se enforcou e seu corpo foi enterrado em um campo comprado pelo sangue de Jesus.

Sem gratidão, estamos predispostas a ter a mesma dureza de coração e cegueira de entendimento que levaram Judas à traição. Se nos recusamos a reconhecer a imensidão da graça de Deus e o preço incrível de Jesus, mais cedo ou mais tarde, vamos acreditar que tudo isso não existe. Além disso, assim que começamos a abusar da graça divina, começamos a fazer mau uso dela — esmagando-a debaixo de nossos pés desatentos na tentativa insana de obter mais uma bênção.

Se não tivermos gratidão, seremos como as pessoas descritas em Romanos 1.21: "Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu". Mentes obscurecidas fazem coisas tenebrosas. Veja o exemplo de Judas.

Quão triste é conhecer a Deus sem nunca ter verdadeiramente experimentado o Senhor. Se quisermos ter intimidade com Deus, devemos cultivar um coração agradecido que glorifica a Jesus.

Dois tipos de corações

Observe as diferenças abaixo entre os corações de Maria e Judas. Que tipo de coração você tem? É um coração cheio de amor extraordinário ou de ganância?

- *Maria veio despreocupada.*
- *Judas veio com uma agenda.*

- *Maria ouviu o que Jesus disse — e correspondeu.*
- *Judas ouviu, mas não entendeu.*

- *Maria nada reteve.*
- *Judas nada abandonou.*

Em vez de se humilhar diante da "extravagância" de Maria, Judas criticou o que ela ofereceu. Sua ganância perverteu sua consciência. "Se nos surpreendermos criticando as outras pessoas", diz Barclay, "devemos parar de examiná-las e começar a examinar a nós mesmos".[9]

O amor extraordinário ainda é compreendido dificilmente. "Você não acha que está passando dos limites com 'essa coisa de Deus'?", pode perguntar um amigo. "Por que passar tanto tempo orando? Afinal, Deus conhece o seu coração", outro pode argumentar.

Mas o amor verdadeiro sempre tem um custo para quem o possui. Por outro lado, a oferta continua sendo apenas uma contribuição filantrópica. Na melhor das hipóteses, gentil. Na pior, auto-satisfação. À luz da total liberalidade de Maria, o amor parcial é, de fato, o mínimo que podemos fazer.

Você ama a Jesus do ta-maaa-nho do mundo? Ou apenas quando é conveniente?

O sacrifício extraordinário

Quando um canadense de quarenta e nove anos, executivo do ramo da mineração, entrou na floresta colombiana em outubro de 1998, esperava voltar com um de seus empregados. No entanto, ele não saiu de lá — pelo menos, não de imediato.

Por mais de três meses, Ed Leonard, um perfurador de sessenta anos de idade, que trabalhava na empresa de perfuração de Norbert Reinhart, ficou em poder de um grupo rebelde conhecido como Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia.

[9] Ibid., 2:112.

O seqüestro foi e ainda é um grande negócio na Colômbia. Apenas no ano de 1998, mais de vinte e uma mil pessoas foram levadas à força, embora a maioria tenha sido solta através do pagamento de resgate. Essa era a esperança de Reinhart. Junto com uma escova de dentes, alguns livros e uma câmera, segundo alguns boatos, ele encheu a mochila com cem mil dólares para pagar pela libertação de Leonard. Mas não havia garantias.

A mulher de Reinhard implorou para que ele não fosse. Certo, Leonard tinha esposa e filhos, mas eles também tinham duas crianças pequenas. No entanto, Reinhart prometera a Leonard, contratado por telefone, que o trabalho era seguro. Ele faria tudo o que fosse preciso para trazê-lo de volta para casa.

Em 6 de outubro, os guerrilheiros pegaram o dinheiro do resgate, mas exigiram também uma troca. O executivo do ramo da mineração concordou. À tarde, em uma estrada deserta e cheia de obstáculos, Norbert Reinhart encontrou seu empregado pela primeira vez.

"Você deve ser Ed Leonard", disse Reinhart, apertando a mão do homem mais velho. "Seu turno acabou. Está na hora de você ir para casa."

E assim ele trocou de lugar com Leonard e se tornou cativo dos rebeldes.

O mundo ficou chocado. Alguns chamaram Reinhart de louco. "Deixe que o governo e os profissionais especializados em reféns cuidem disso", diziam. Mas as negociações se arrastaram. Quando Reinhart, inesperadamente, foi libertado vários meses depois, resumiu a experiência dizendo: "Eu só fiz o que tinha que fazer".[10]

Sacrifício extraordinário. Norbert Reinhart arriscou sua vida por causa de seu empregado, sem saber o que lhe aconteceria. Embora algumas pessoas próximas da situação tenham apresentado motivos menos altruístas, o gesto de Norbert Reinhart continua sendo impressionante.

Entretanto, Jesus entregou sua vida sabendo perfeitamente que não sairia vivo. O negócio lhe custaria tudo, mas ainda assim Ele se entregou. E isso não é apenas impressionante; é revolucionário.

Jesus deu a vida por mim e por você. Ele não tinha que fazê-lo. Poderia ter dito uma só palavra e dez mil anjos viriam para socorrê-lo. Mas Ele optou por não usar o seu poder. Humilhou-se e escolheu o caminho da morte sacrificial. E não havia um sinal sequer de egoísmo em

[10] Tom Fennell Timmins, "Homecoming for a Hero", *Maclean's*, 25 de janeiro de 1999, 26.

seu sacrifício — nenhum interesse próprio, nenhuma razão para obter vantagem.

Por que Ele fez isso? Ele o fez por amor — um amor extraordinário, superabundante e transformador de vidas.

Amor superabundante

O apóstolo João escreve em 1 João 3.1: "Vede quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus". Que linda imagem — o amor superabundante de Deus. Amor tão maravilhosamente extraordinário que, assim como um creme para as mãos espesso e substancioso, deve ser espalhado em todas as direções. Tanto amor que o simples e o habitual não são o bastante.

Maria conhecia um pouco esse tipo de amor. Muitos cristãos que conheço também o sabem. Eles entregam a si mesmos e não parecem se cansar. A compaixão e o trabalho fluem ininterruptamente de suas vidas.

Sem dúvida, eles se cansam. Às vezes, sentem-se tristes — mas não por muito tempo. De fato, parece que, quanto mais eles dão, mais energia obtêm.

Tento me aproximar de pessoas assim. Eu as observo e tento aprender. Como a irmã Nita consegue cuidar de todos os relatórios da igreja sem reclamar? Como Ed e Judy parecem adivinhar quando as pessoas estão magoadas, embora ninguém lhes diga uma palavra? Como a tia Gert continua oferecendo sua casa para as reuniões de estudo bíblico todas as semanas? O coração dela está fraco, o corpo torcido pela escoliose, mas ela ainda ama e oferece — e oferece algo mais.

Esses são apenas alguns dos meus heróis da fé. Se você observar, os encontrará em todos os lugares ao seu redor, de todos os tipos de aparência e tamanho, idade e sexo. Geralmente, não chamam a atenção em uma multidão. Na maioria das vezes, seu trabalho compassivo não é notado ou visto. Eles sabem amar — não apenas por palavra, mas de verdade.

Foi isso que distinguiu o amor de Maria naquele dia em Betânia. Ela não somente amava a Jesus, mas tomou uma atitude em relação a isso. E, o que ela fez e como fez apontam para o segredo de amar plenamente a Deus e às pessoas.

- ***Maria amou com inteireza de coração.***

Ela não pediu nada em troca. Em lugar disso, através de um doce desprendimento, derramou tudo o que havia em seu interior, demonstrando, assim, o seu amor por Jesus.

Saltando para mergulhar no amor

Você já se deteve em alguns momentos de sua vida perguntando-se o quanto poderia oferecer e que até agora não o fez? Assim como Maria, você sente o chamado para o desprendimento total, mas uma entrega como essa a assusta. Se já se sentiu assim, saiba que você não é a única. Penso que todas nós chegamos a um momento crucial em nosso relacionamento com Deus quando nos deparamos com o dilema da entrega total ou parcial.

Lembro-me do dia em que Deus me levou a essa situação. Por quase um mês, o Senhor tentou entrar em acordo com meu coração, pedindo que eu me entregasse a Ele. Dizia-me que era a hora da entrega.

Eu quis obedecer, mas tive medo. E se eu dissesse "sim"? O que isso significaria? Eu era uma adolescente com muitos planos e sonhos. Se eu me entregasse totalmente a Deus, Ele levaria todos os meus sonhos embora e me faria ir à África? Naquele momento, isso era o pior que eu poderia imaginar — ou quase... E se Ele me fizesse casar com um homem calvo, gordo, baixinho, com acne na testa e nos obrigasse a trabalhar entre os pigmeus para o resto das nossas vidas? Ora, isso poderia ser muito pior!

Mas, em vez de responder as minhas perguntas e de acalmar os meus temores, o Senhor me pressionava por uma decisão. "Você vai se entregar completamente a mim?", perguntou o Mestre. Sem negociações. Sem outras opções. O desprendimento total era o que Ele exigia e não menos do que isso.

As operações dissonantes entre meu espírito e minha carne finalmente entraram em conflito naquele verão, no acampamento de jovens. Ainda me lembro da noite em que me rendi completamente. Foi como se eu estivesse em um trampolim de trinta metros de altura, com apenas a escuridão debaixo de mim. "Pule", pude ouvir o Senhor dizer. "Pule. Eu a pegarei."

Mas eu não conseguia ver as mãos divinas. Pular significava mergulhar no absoluto desconhecido. Será que Ele realmente me pegaria? Ou eu cairia, em uma interminável queda, como acontece nos sonhos que freqüentam ocasionalmente as minhas noites?

Fiquei ali, tremendo na escuridão, abraçando todas as minhas esperanças e sonhos; percebi que não havia mais volta. Era tudo ou nada. Afastar-se dessa decisão significava afastar-se de Deus. E isso, eu não poderia fazer, e não faria. Então, fechei os olhos, respirei fundo e me joguei para o obscuro desconhecido.

"Eu sou tua, Senhor", clamou meu coração. "Tudo de mim! Nada ficou para trás."

Esperava por uma queda interminável e continuei nessa expectativa. Mas, em vez disso, senti braços fortes ao meu redor. Braços que construíram o universo. Braços que sustentaram o mundo. Braços tão suaves que embalaram as crianças. Braços tão fortes que carregaram todas as cargas que jamais suportaríamos. Eram os braços eternos de Jesus. Segurando-me. Abraçando-me. Recebendo-me como sua propriedade.

Creio que sei um pouco como Maria deve ter se sentido naquele dia, aos pés de Jesus. Enquanto segurava seu precioso ungüento, ela devia estar tremendo por dentro. Pois ninguém lhe dá nada sem que ela trabalhe por isso. Ninguém oferece tudo sem querer, de alguma forma, reservar uma parte para si. Talvez Maria tenha lutado com a idéia da entrega, como eu fiz. Talvez ela tenha olhado fixamente o vaso de alabastro à noite. "Eu posso? Devo? Farei isso?" Até que finalmente ela disse: "Sim, Senhor. Eu lhe darei tudo de mim".

Assim, quando quebrou o vaso, Maria não parou para pensar no preço ou calcular a quantidade realmente necessária de ungüento. Ele derramou tudo. Abundantemente. Exageradamente. Até que seu tesouro desceu pelos pés de Jesus e molhou o chão.

Depois, ela fez algo que acho desconcertante: desamarrou os cabelos e com eles enxugou os pés de Jesus. Através de seu gesto, despojou-se de sua honra e, praticamente, ficou descoberta diante do Senhor, pois naquela cultura nenhuma mulher respeitável mostrava os cabelos soltos em público. O cabelo de uma mulher era a sua honra, sua identidade, seu sinal supremo de feminilidade, um presente íntimo destinado apenas ao seu marido. Mas, para Maria, nada era tão extravagante para Jesus; ela até estava disposta a arriscar sua reputação. Como alguém que ama diante do seu amado, ela se fez vulnerável e frágil e se expôs à rejeição ou repreensão.

Mas nada disso aconteceu. Somente a aprovação terna e silenciosa de um noivo para com a noiva. Jesus observou Maria enxugar os seus pés, e estou certa de que havia lágrimas em seus olhos.

O amor extraordinário pode ser mal compreendido pelas outras pessoas, mas não por aquEle a quem ela amava. "Ela fez algo muito bonito por mim", disse Jesus diante da reprovação dos discípulos. "Deixem-na. Ela me pertence."

Tornando Jesus o seu Senhor

Talvez assim como eu, você conheceu a Cristo como Salvador, arrependeu-se dos seus pecados, mas parece que ainda falta alguma coisa. No meu caso, encontrei o que faltava quando aceitei a Jesus não apenas como meu Salvador, mas como meu Senhor. Hannah Whitall Smith, em sua obra clássica *The Christian's Secret of a Happy Life*, resume os passos necessários:[11]

1. "Expresse, através de palavras definidas, sua fé em Cristo como seu Salvador e reconheça que Ele a reconciliou com Deus, de acordo com 2 Coríntios 5.18,19.
2. Admita, definitivamente, que Deus é o seu Pai e você é sua filha redimida e perdoada, segundo Gálatas 4.6.
3. Entregue-se definitivamente ao Senhor, por completo: corpo, alma e espírito, disposta a obedecer a Deus em tudo, segundo a sua vontade, de acordo com Romanos 12.1.
4. Creia e continue a crer, apesar de todas as aparências, que Deus toma posse de tudo o que você lhe entrega. Creia que daqui por diante Ele vai operar em sua vida, tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade. Isso só não vai ocorrer se você, conscientemente, se opuser à graça de Deus, de acordo com 2 Coríntios 6.17 e Filipenses 2.13.
5. Não considere seus sentimentos como uma prova de seu relacionamento com Deus. Simplesmente observe a condição da sua vontade e da sua fé, e leve em consideração todos os passos que você está tomando agora com determinação, embora o Inimigo tente fazer parecer diferente. Hebreus 10.22,23.

[11] Hannah Whitall Smith, *The Christian's Secret of a Happy Life* (Nashville: Nelson, 1999), 45-6.

6. Nunca, sob nenhuma circunstância, dê espaço para um único momento de dúvida e desânimo. Lembre-se de que todo o desânimo vem do Diabo e se recuse a admiti-lo, de acordo com João 14.1,27.
7. Cultive o hábito de expressar sua fé em palavras definidas e repita sempre: 'Eu pertenço inteiramente ao Senhor, que opera em mim tanto o querer como o efetuar', segundo Hebreus 13.21."

Hanna sugere que façamos de todos esses procedimentos uma prática diária espontânea: "Você deve descansar. Não há mais nada que você possa fazer... você pertence ao Senhor agora".

Tendo por certo isto mesmo: que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo.

Filipenses 1.6

Beijos puros

Jéssica e eu nos graduamos em um novo jogo de "boa-noite" na hora de dormir. Ele envolve beijos. Múltiplos beijos. Um na testa e em cada sobrancelha. Um no nariz e em cada bochecha. Uma "bicadinha" de leve nos lábios e no queixo, e depois — se conseguirmos agüentar — debaixo do queixo, provocando cócegas. Com beijos sussurrados e estalados em cada ouvido e um grande abraço no final, fazemos nossas orações e depois dizemos "boa-noite".

Não sei quanto à Jéssica, mas durmo melhor quando sei que sou amada a ponto de merecer tantos beijos. Demasiada, louca e exageradamente amada. Coberta de beijos.

Judas ofereceu a Jesus um único beijo. O beijo da traição. Como isso deve ter ferido o coração de Deus. Tanto tempo que estiveram juntos, tanto ensino, tanto amor — e depois ser rejeitado desse jeito. Jesus sabia que isso aconteceria, é claro, mas assim mesmo pareceu surpreso com o sinal escolhido naquela noite no Getsêmani. Você é capaz de perceber a dor descrita em Lucas 22.48, quando Jesus pergunta: "Judas, com um beijo trais o Filho do homem?"

Diferentemente do gesto decepcionante e mesquinho de Judas, a atenção afetuosa que Maria dedicou generosamente aos pés do Salvador nada tinha a ver com manipulação ou controle. Quando Jesus predisse sua morte, em vez de repreender o Mestre como Pedro o fez, ela preparou o caminho do Senhor. Além disso, em vez de cair em depressão, a contemplativa Maria deu espaço à soberana vontade de Deus quando ungiu o Amante de sua alma para a sepultura.

Um teste de amor

Suponha que Deus lhe apresente uma proposta e diga: "Eu lhe darei qualquer coisa que quiser. Você pode ter o mundo todo. Nada será impossível para você, nada será pecado, nada será proibido. Você nunca morrerá, nunca sentirá dor, jamais terá o que não deseja, e sempre possuirá tudo o que quiser — exceto uma coisa: você nunca verá a minha face".

> Será que um calafrio surgiu em seu coração, quando ouviu as palavras "você nunca verá a minha face"? Esse calafrio é a coisa mais preciosa em você; ele é o puro amor de Deus.[12]

Pois que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?

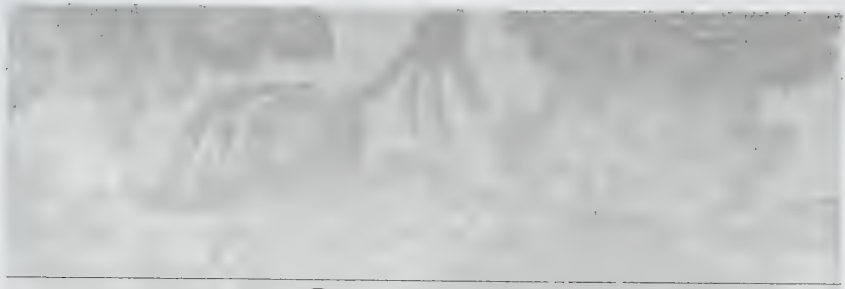
Marcos 8.36

Disse Jesus em Marcos 14.9: "Em verdade vos digo que, em todas as partes do mundo onde este evangelho for pregado, também o que ela fez será contado para sua memória".

E a história ainda é contada hoje — a história de uma mulher que amou tanto que renunciou a tudo. O doce perfume do sacrifício extraordinário de Maria se prolonga até hoje.

Sentimos o aroma precioso do amor extraordinário subindo mais uma vez ao céu sempre que os filhos de Deus dão tudo de si àquEle que se entregou completamente.

12 Peter Kreeft, *Three Philosophies of Life* (San Francisco: Ignatius Press, 1989), 94-5.



Capítulo 11

Equilibrando Trabalho e Adoração

E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração...

Colossenses 3.23

Gosto muito de gangorras. Minha irmã e eu costumávamos brincar por horas sobre a prancha de madeira, firmada em uma barra metálica no acampamento da igreja, que freqüentávamos todos os verões. Por ser mais velha, eu era a mais pesada e subia vários centímetros enquanto minha irmã sentava bem na ponta. Então, estávamos prontas. Para cima e para baixo, durante as tardes de julho salpicadas de sol, nos equilibrávamos entre os pinheiros do Acampamento Bíblico Glacier. Gostávamos principalmente daquela perfeita sincronia — movimentos para cima e para baixo, até que ambas as extremidades ficassem suspensas no ar. Equilíbrio genuíno e delicioso.

"Sem solavancos!" Linda gritava sempre que eu jogava meu peso para trás. Ela sabia o que iria acontecer. A mais insignificante mudança na distribuição do peso tirava o meu lado do prumo, fazendo com que a prancha acertasse o chão e lançasse minha irmã a dezesseis metros de distância.

Bem, nem tanto. Mas eu sempre tentei. Era uma grande diversão.

Isto é, até aparecer o meu primo Chuckie. Ele subia até o centro da gangorra e ficava com um pé sobre um dos lados da prancha. Assim, controlava qual lado subia e qual lado descia; que lado receberia os solavancos.

Linda e Chuckie sempre foram uma conspiração cruel contra mim. Eles trancavam a porta do quarto de Chuckie todas as tardes de domingo, deixando-me do lado de fora, para que eu não pudesse brincar com as peças da mini-cidade. Quando brincávamos de esconde-esconde no verão, eu procurava por horas enquanto eles ficavam dentro de casa, chupando picolés e assistindo televisão. Não que eu tenha ressentimentos, acredite. Eu só queria que você entendesse.

Então, quando os olhos azuis de Chuckie, do tipo "sou tão inocente", se apertavam naquelas tardes de julho, eu sempre sabia o que estava para acontecer. Um pouco de habilidade dos seus pés e eu estaria voando pelas árvores altas, segurando a prancha com as duas mãos, com minhas pernas compridas sacudindo contra o vento até que eu voltasse à prancha com um golpe de despedaçar a espinha.

Gosto muito de gangorras.

Gangorras em equilíbrio

Pergunto-me se Deus tinha gangorras em mente quando colocou a história de Maria e Marta entre duas passagens famosas: a história do bom samaritano (Lc 10.30-37) e o ensinamento de Jesus sobre a oração do Pai Nosso (Lc 11.1-4). Uma se refere ao nosso relacionamento com as pessoas. A outra nos ensina a orar. Uma destrói o muro que divide as culturas. A outra derruba o muro que separa Deus e a humanidade.

Talvez seja esse o motivo pelo qual essa pequena porção das Escrituras seja tão importante. Na história descrita em Lucas, sobre duas mulheres e um Salvador, encontramos o sustentáculo, o ponto central de nossas gangorras espirituais — o segredo de equilibrar a parte material com a espiritual e as obrigações com a devoção. Sem esse sustentáculo, essas histórias são duas pranchas de madeira separadas. As duas são importantes. As duas são verdadeiras. Mas, quando colocamos as verdades fundamentais do trabalho e da oração no eixo da viabilidade — quando enfrentamos a situação "o problema está aqui e o que devo fazer?", começa a diversão de verdade.

Tenho de admitir que me esforço para manter o equilíbrio. Há alguns meses, oferecemos nossa casa para uma festa da igreja e fiquei mais tempo na cozinha do que no culto de adoração. Eu mal conseguia ouvir o pregador. Ele parecia dinâmico. Meu marido até apareceu na porta da cozinha e disse: "Você está perdendo!" Mas eu estava inflexível. "Esses pratos têm que ser lavados", respondi enquanto assoprava uma mecha do meu cabelo que caía sobre os olhos. "Não queremos ficar aqui, limpando a noite toda."

Não sei exatamente em que momento da noite fui atingida. Obviamente, sou um pouco lenta — especialmente quando se leva em conta que eu já havia escrito metade deste livro. Mas ter um coração de Maria em um mundo de Marta era a última coisa em que pensaria naquela noite. Eu estava agindo como Martha Stewart! Os pratos brilhavam, os copos cintilavam e até mesmo o jogo de panelas incompleto parecia novo agora! No entanto, quando tudo terminou, percebi que havia perdido algo muito especial. Jesus estava no nosso meio e eu, ocupada demais lavando os pratos, perdi a oportunidade de sentar aos pés do Mestre.

Esqueci-me completamente de tudo que havia aprendido sobre o equilíbrio entre trabalho e adoração.

Ai! Solavancos de novo!

Nosso exemplo supremo

Jesus foi a pessoa mais equilibrada que já houve no mundo. De fato, Ele veio também para isso — para nos mostrar como administrar o complicado equilíbrio entre trabalho e adoração, entre o que fazemos e o que somos.

Ele demonstrou como a nossa "gangorra" deve ser em Lucas 10.25-28 — justamente antes da Parábola do Bom Samaritano.

"Mestre, que farei para herdar a vida eterna?", perguntou um doutor da lei para colocar Jesus em uma situação difícil naquele dia. O que posso fazer para garantir uma "passagem segura" ao céu?

Uma boa pergunta. Mas Jesus olhou para o coração do doutor da lei, e viu que ele estava mais interessado em debates do que em respostas, mais interessado na teoria do que na prática. Então inverteu a pergunta e deixou que o "doutor" desse sua opinião.

Jesus perguntou: "Que está escrito na lei? Como lês?"

Quase posso ouvir a voz do doutor da lei recrudescer enquanto mexia em suas vestes e assumia a postura adequada para citar um trecho das Escrituras. Todos interromperam o que estavam fazendo. Os bebês se acalmaram. As crianças pararam de caçar borboletas. Eles identificaram a já conhecida porção da Torá, enquanto ela ressoava pela boca do sábio: "Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10.27).

A última frase ficou no ar. A voz do doutor da lei diminuía, enquanto levantava sua mão em direção ao céu para enfatizar. Todos estavam em silêncio. A multidão aguardava fascinada; os olhares se transferiram do doutor da lei para Jesus. O que o Rabi itinerante diria diante de tão sábia resposta?

Posso imaginar Jesus sorrir e inclinar a cabeça para frente no momento em que dizia: "Respondeste bem; faze isso e viverás".

Fim da discussão. O sábio recebeu nota A+. Próxima pergunta?

Entenda, amar ao Senhor teu Deus e ao seu próximo como a si mesmo era e é exatamente o que Deus sempre quis de nós — uma imagem perfeita de uma vida equilibrada. Esses dois versículos resumem a unidade do Antigo Testamento com o Novo.

Deus quer que o amemos. Que amemos ao Senhor de verdade.

Além disso, Ele deseja que nos amemos uns aos outros. Que amemos uns aos outros de verdade. É a maneira de sabermos que pertencemos a Deus — se nos amarmos uns aos outros (Jo 13.35).

Amor a Deus. Amor ao próximo. Adoração e trabalho. Esses são dois extremos de nossa gangorra. Embora o amor a Deus venha em primeiro lugar, não pode ser separado do amor ao próximo. Um resulta do outro. É esse o significado de viver uma vida equilibrada, uma vida como a de Cristo.

Mas o doutor da lei pareceu não entender bem. E, mesmo se tivesse entendido, não parecia disposto a desistir. Esse rebelde vindo do populacho de Nazaré havia se saído melhor do que ele. Então, querendo "justificar-se a si mesmo", o homem desafiou a Jesus: "E quem *é* o meu próximo?" (Lc 10.29, ênfase minha)

"Agora sim", deve ter pensado o doutor da lei. "Eu o peguei." Essa pergunta simples havia embaraçado os sábios religiosos por séculos. Quando você faz de Deus sua propriedade exclusiva e chama a todos os

não-judeus de *goy* — ou cães gentios — sua lista de próximos admissíveis diminui dramaticamente.

Definitivamente, Jesus não é a pessoa certa quando você não está interessado na verdade e só deseja uma conversa animada. Porque Ele é a Verdade. Quando você bate, Ele abre a porta. Quando você busca, Ele se revela. E quando você pergunta, às vezes recebe a resposta que não gostaria de ouvir. Foi o que certamente aconteceu no caso desse pobre doutor da lei.

O que ele conseguiu foi um exemplo ruim de solavancos — quando Jesus golpeou sua perspectiva legalista e superespiritual através de uma ilustração prática sobre o amor ao próximo.

Medidas corretivas

Jesus é como o meu primo Chuckie, só que mais bondoso. Ele não nos dá solavancos para nos ver cair. Ele contrabalanceia nossas convicções e estilos de vida com um objetivo — o de nos trazer de volta ao equilíbrio. Mas, para o doutor da lei, a aproximação de Jesus tinha que acontecer através do impacto. Afinal, a história contada por Ele desafiou algumas crenças há muito tempo reinantes, e isso estremeceu o senso judeu de superioridade religiosa. Derrubou todas as desculpas usadas pelo doutor da lei para não se envolver com pessoas inferiores a ele.

O herói da história que Jesus contou não foi Moisés ou Josué. Ele nem era judeu — não um judeu de verdade. Era um daqueles samaritanos desprezíveis que viviam no Norte. Mas Jesus não parou por aí. Ele não apenas exaltou o samaritano ao chamá-lo de "bom". Também fez uma comparação pouco lisonjeira entre a generosidade do samaritano e a hipocrisia dos judeus que, em seu caminho para Jerusalém e para a igreja, passaram pelo homem sangrando e enfraquecido.

Provavelmente, o doutor da lei se mostrou aborrecido junto com o resto da elite religiosa que estava presente. Talvez a história tenha lhe trazido à lembrança o homem cego e esfarrapado pelo qual ele havia passado antes do debate. "Uma esmola! Uma esmola para um pobre!", o cego deve ter gritado. Mas o doutor da lei estava inflexível e, além disso, já havia dado a sua oferta no Templo.

Jesus estava chegando bem perto do alvo. Pisando no calo das pessoas em quem as sandálias se ajustavam tão bem.

Ele tinha uma maneira de fazer isso, você sabe — um modo de destacar as disparidades que preferimos ignorar. E, embora possamos estar bem confortáveis na gangorra, equilibrar a nossa vida é exatamente o que Jesus nos chama a fazer.

Ame ao Senhor teu Deus... e ame o teu próximo como a ti mesmo.

Amar a Deus? "Sem problemas!" — pensam algumas de nós. "Estou muito bem em minha caminhada espiritual. Você pode me considerar até uma doutora no assunto..." E assim ficamos, sentadas em um lado da gangorra, felizes por estar adorando na presença do Senhor.

No entanto, é preciso mais — mais do que adoração para essa caminhada cristã equilibrada.

Amar as pessoas? "Sim, eu as amo!" — algumas de nós dizem para si mesmas enquanto sentam na outra extremidade da gangorra. "Gosto muito de servir as pessoas. Definitivamente, sou uma Marta. Pois bem, no outro dia..." E assim recitamos os nossos trabalhos e fazemos uma lista de nossas realizações sacrificiais, felizes por estar ajudando o Senhor.

No entanto, é preciso mais do que o trabalho para essa caminhada cristã equilibrada.

Entenda, Jesus quer que sejamos como meu primo Chuckie (apenas com mais bondade). Ele nos aconselha — se assim posso dizer — a deixarmos o nosso conforto e fazer o trabalho árduo, mas recompensador, de equilibrar nosso cristianismo, passando a maior parte de nossas vidas na *sala de estar* e na *cozinha*, adorando e servindo, amando a Deus e amando as pessoas.

Trabalho árduo santo — é assim que Tim Hansel se refere a essa harmonia. Na verdade, ele escreveu um livro com esse título. "Trabalho árduo santo", escreve Hansel, "é a fusão ativa do espiritual e do terreno, do sagrado e do físico, um paradoxo sagaz que repousa no âmago dessa vida a que chamamos de cristã". Ele diz que "o sagrado está aqui, dentro de nós, esperando transbordar de nossas vidas, e... ele é muito mais acessível do que poderíamos imaginar".[1]

(Gosto disso!) Uma vez que fui justificada pela fé — salva, não por minhas obras, mas em razão do sacrifício de Cristo — devo trabalhar com Deus em parceria no processo da santificação, isto é, no processo de parecer mais com Ele. Devo permitir que a santidade de Deus influencie o meu modo de viver e de agir.

---

1 Tim Hansel, *Holy Sweat* (Waco, Texas: Word, 1987), 12.

Deus proporciona a santidade e eu providencio o trabalho árduo. Isso faz parte do significado de equilibrar trabalho e adoração. Foi para isso que fomos criados.

Embora tenhamos sido criados para a adoração, antes de tudo, também fomos "criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas" (Ef 2.10). Fomos criados para a comunhão íntima da oração do Pai Nosso, mas também recebemos a incumbência de servir como o bom samaritano.

Criados para dizer sim ao chamado do dever e da devoção.

Pratique dizer "sim"

Você se lembra que, há alguns anos, os especialistas em "reserve um tempo para si mesmo" nos instruíam a ir até o espelho e dizer "não", como forma de treinamento? Algumas de nós realmente o fizeram! Ponta da língua no céu da boca e um longo zunido "nnnn", seguido de um satisfatório "ão". Não era fácil no início, mas finalmente conseguíamos. Após certo tempo, até era divertido.

Creio que ter duas crianças pequenas me ajudou nisso e não demorou muito para que a palavra de três letras fluísse dos meus lábios. Não... não, não, NÃO! Eu conseguia dizer a palavra mesmo sem pensar: "Não, lamento, não estou disponível. Não, lamento, mas isso não é conveniente". Era tão eficaz que ninguém me aborrecia perguntando mais nada.

Isto é, ninguém exceto Deus.

Ele não estava impressionado com o meu cuidado comigo mesma ou com a minha desculpa de "prioridades de família". Deus conhecia meu coração, e sabia muito bem que o meu "não" tinha se tornado rápido demais; era quase uma reação impensada e reflexa. Eu estava tão ocupada me protegendo, que nem parei para pensar: um pedido para eu me envolver mais poderia fazer parte do chamado de Deus em minha vida. Então às vezes, quando dizia "não", eu não o dizia às pessoas ou aos ministérios. Eu o dizia a Deus. E, conforme descobri, você não pode dizer "não" para Deus sem sofrer alguns grandes efeitos espirituais.

Não aconteceu de uma vez só, mas aconteceu. Assim como os israelitas, comecei a experimentar a conseqüência espiritual de um prolongado egoísmo: "Cedo, porém, se esqueceram das suas obras; não esperaram o seu conselho... [então] ele satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar a sua alma" (Sl 106.13,15).

Creio que é isso que acontece quando o "não" se torna a resposta cômoda a qualquer atividade que não faça parte de nossa agenda pessoal. Nossas almas se tornam miseráveis, famintas e fracas, pois fomos criadas para a plenitude abundante, e não para a inércia negativa e estagnada. Fomos criadas para dizer um "sim" entusiasmado ao chamado de Deus a nossas vidas — ao chamado divino para a devoção e para o trabalho. Dizer "sim" a Deus libera o poder e alegria divinos em nossas almas. É o que nos dá força e energia para fazer o que Ele deseja.

Ao mesmo tempo, é importante lembrar que dizer "sim" a Deus não significa dizer "sim" a tudo! Quando nossas vidas estão sobrecarregadas de atividades, é fácil nos tornarmos espiritualmente secas e subnutridas. Mal conseguimos ouvir a voz de Deus em meio ao barulho e dizer "sim" ao que Ele nos está pedindo. Nesse caso, precisamos aprender a dizer "não"; só assim seremos capazes de dizer "sim" a Deus quando Ele quiser nos confiar uma tarefa.

"É um grande alívio saber que o segredo de 'fazer tudo' não está necessariamente em *fazer tudo*", escreve Jill Briscoe em seu excelente livro *Renewal on the Run*, "mas em descobrir que parte desse tudo Ele nos confiou e realizar essa tarefa plenamente".[2]

Quando passei a entender o impacto que o "sim" e o "não" têm em minha vida, comecei a olhar cada situação individualmente e até a orar sobre o pedido antes de dar a minha resposta, imagine! Dessa forma, embora ainda tenha que dizer "não" às vezes, o propósito dessa resposta é diferente.

Agora eu digo "não" para dizer "sim" a Deus: "Não, não poderei fazer parte do comitê de planejamento. O Senhor está me orientando a ajudar na área das casas de saúde". Enquanto me submeto a essa obediência dependente, sei que Deus não apenas abençoa minhas atividades, mas também levanta pessoas para fazer as tarefas que recusei. Tudo isso porque comecei a procurar maneiras para usar a palavra "sim".

Vá em frente! Pratique: "S-s-s..." Mesma língua, e quase o mesmo movimento; só que em vez de usar a ponta da língua de encontro ao céu da boca, você apenas faz um leve movimento, permitindo que o som flua — s-i-m! Ora, isso nos faz sentir bem. "Sim, acho que posso ajudar. Sim, penso que isso pode ser organizado — deixe-me orar por isso." O efeito pode ser absolutamente eufórico! Especialmente quando ganhamos um ponto dizendo "sim" a Deus.

---

[2] Jill Briscoe, *Renewal on the Run* (Wheaton, Ill.: Harold Shaw, 1992), 109.

O ritmo de uma vida equilibrada

Veremos aqui algo que descobri sobre o equilíbrio. Ser equilibrada não é tanto uma questão de estar em perfeito equilíbrio, mas uma questão de descobrir o ritmo certo de nossas vidas.

Entenda, o ponto de sincronia que eu e minha irmã encontrávamos na gangorra nunca durava muito tempo. Passávamos mais tempo subindo e descendo do que suspensas no meio. Na verdade, até certo ponto era divertido. Contanto que nos mantivéssemos subindo e descendo, estava tudo bem. Podíamos balançar à vontade e ficar mais ou menos em equilíbrio.

Achei que seria proveitoso lembrar disso. Pois, falando de um ponto de vista prático, o equilíbrio entre a *intimidade da sala de estar* e o *serviço da cozinha* assemelha-se mais ao movimento de subida e descida da gangorra do que àquele instante fugaz de sincronia.

Um lado de minha vida pode estar por cima em um momento; depois, o outro. Um dia dedico várias horas ao estudo bíblico e à oração, estabelecendo-me calmamente no lado da intimidade com Deus. No dia seguinte, me apresento como voluntária para ajudar na sala de aula de minha filha, pendendo para o lado do serviço. Se você julgar esses dois dias individualmente, eles vão parecer totalmente fora de equilíbrio. Mas não quando você os considera juntos.

Isso também vale, acredito, para os períodos da vida. Durante anos, passei a maior parte do tempo correndo atrás de duas crianças pequenas. Era difícil trabalhar como voluntária fora de casa ou conseguir alguns momentos a sós com Deus. Agora que as crianças estão na escola, tenho mais tempo para fazer ambas as coisas. E, um dia, em um futuro não tão distante, quando grande parte do meu tempo será só meu, poderei de fato conquistar aquela perfeita simetria entre o espírito e o trabalho.

Mas não preciso me preocupar demais se não conseguir. Essa é a beleza da harmonia dinâmica da gangorra. Uma vez que meu coração se dispôs ao trabalho e à adoração, não devo me sentir culpada quando minha vida parece ficar mais tempo de um lado. Sei que logo me desprenderei daquele ponto e passarei mais tempo no outro.

Fazer um planejamento ajuda. Se estou ciente de que vou dedicar um bom tempo ao trabalho, organizando um evento ou fazendo parte da cantata de Natal, por exemplo, sei que depois vou precisar arrumar tem-

po para a oração, devocionais e descanso adequado. Se sei que vou passar muito tempo em adoração intensa — em um retiro para mulheres ou em uma semana especial de cultos, por exemplo — devo estar ciente de que será preciso cumprir meus compromissos e fixar datas para repor o trabalho atrasado.

Mas não preciso fazer um planejamento de muitos dias. Não é necessário fazer um controle das horas dedicadas ao trabalho e à adoração e devoção. Nem se preocupar para que cada momento de sua vida

Ouvindo a sua alma: Um teste de equilíbrio

Como fomos criados para o equilíbrio, percebemos a diferença na alma quando nossas vidas pendem muito para uma ou outra direção. O desequilíbrio se revela em nossas atitudes, em nosso grau de energia e no modo como interagimos com as outras pessoas. A presença de quaisquer dos itens abaixo pode ser uma indicação de que você precisa se inclinar em direção ao trabalho ou à devoção.[3]

Sinais de que você precisa passar mais tempo na cozinha:

- *Depressão leve.* Você sente um vago descontentamento, parece estar triste.
- *Ressentimento.* Em vez de receber as pessoas em sua vida com alegria, você gostaria que elas fossem embora.
- *Frustração em relação ao rumo da sua vida.* Você percebe que as coisas não têm sentido e, às vezes, se pergunta: "Será que é só isso?"
- *Aumento da auto-condescendência.* Você deseja ansiosamente comer seus alimentos prediletos e fazer compras.
- *Postura apática.* Você percebe que poucas coisas a comovem. Sabe que seu nível de compaixão está baixo, mas uma parte de você simplesmente não se importa com isso.

[3] Observe que alguns desses sintomas podem indicar um desequilíbrio físico ou emocional além do espiritual. Se os sinais persistirem ou forem graves, talvez você precise consultar um médico e orar, pedindo direção a Deus para equilibrar sua vida.

esteja em um equilíbrio perfeito e eterno. O que devo fazer é submeter a minha vida ao Senhor e permitir que Ele me ajude a "fazer como meu primo Chuckie". Ele me mostrará como me aplicar aos dois lados da minha vida.

Na verdade, esse ritmo "para cima e para baixo" pode fazer com que minha vida se mova para uma direção positiva. Nossas vidas devem ser dinâmicas, não estáticas. Como o pêndulo de um relógio ou a bomba de um poço de petróleo, o ritmo, de fato, gera energia para nossas vidas. A

- *Nível baixo de energia.* Assim como o mar Morto, você tem muitos pontos de entrada, mas nenhum de saída — e, portanto, está se estagnando.

Sinais de que você precisa passar mais tempo na sala de estar:

- *Irritabilidade e frustração.* Você se surpreende revidando às pessoas; está tão oprimida a ponto de "estourar" consigo mesma e, principalmente, tem pouca paciência com as pessoas que, na sua opinião, são preguiçosas ou não estão dispostas a colaborar.
- *Incomodada com o silêncio.* O silêncio a deixa nervosa, então você liga o rádio ou a TV.
- *Nível baixo de contentamento.* Faz muito tempo que você não sente aquela alegria abundante enchendo o seu coração.
- *Sentimento de isolamento.* Você se sente sozinha — como se não houvesse ninguém para a defender e compreender.
- *Compulsão pelo trabalho.* Você é perseguida pela sensação de que deve fazer mais e mais. Continua se apresentando para trabalhar em mais projetos e comitês, embora já esteja totalmente ocupada.
- *Sensação de sequidão e vazio.* Não é de se admirar! Você tem muitos pontos de saída e demandas, mas nenhum ponto de entrada ou fonte para se fortalecer.

Examina-me, Senhor, e prova-me; esquadrinha a minha mente e o meu coração. Porque a tua benignidade está diante dos meus olhos: e tenho andado na tua verdade.

Salmos 26.2,3

---

verdade é que prosperamos quando a vida é ritmicamente equilibrada, não paralisada.

Gangorra. Para cima e para baixo. Trabalho e adoração. Amar ao Senhor e amar as outras pessoas. É o ritmo dinâmico que conduz a uma vida equilibrada, centralizada e significativa.

Seu ritmo de vida pode ser diferente do meu — Maria e Marta certamente tinham estilos diferentes. No entanto, essa necessidade é tão básica em nossas vidas que o Senhor ordenou certos princípios de equilíbrio aplicáveis a todo mundo. Eles proporcionam ritmo, bem como harmonia para nossas vidas, mas nós os ignoramos para o nosso próprio prejuízo. Nesses últimos anos, o Senhor trouxe ao meu coração dois desses princípios — talvez porque esses dois sejam tão fáceis de esquecer em nossa cultura frenética. Um é o princípio do descanso do *Shabath*. O outro é o princípio da hospitalidade.

O presente do Shabath

Conta-se a história de uma tribo migrante da África do Sul que partia para longas jornadas. Caminhavam pelas estradas dia após dia. Mas, então, de repente, paravam de andar e acampavam por alguns dias. Quando perguntados sobre a causa das paradas, explicaram que precisavam de um tempo de repouso a fim de que suas almas não ficassem para trás.

Não é uma grande idéia? Permitir que sua alma não fique para trás. Quando li essa pequena história, ela ressoou dentro de mim. Posso correr tão rápido a ponto de deixar tudo para trás. Não apenas Deus. Não apenas as pessoas. Posso perder a minha própria alma também.

Creio que por essa razão, Deus nos instruiu para que observássemos um período regular de descanso prolongado durante nossas vidas ocupadas. Foi por isso que nos deu o *Shabath*, ou dia do descanso.

Em hebraico, a palavra *Shabath* significa literalmente "cessação do trabalho". Refere-se especificamente a um dia da semana separado para o descanso e a adoração.

Os judeus observam o *Shabath* desde o pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado. Nós, cristãos, separamos o domingo, o dia da ressurreição de Jesus, como o nosso *Shabath*. Mas o dia escolhido não é tão importante quanto o propósito eleito — trazer equilíbrio e perspectiva semanalmente para nossas vidas exaustas de trabalho.

Diz o profeta Isaías: "... se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor digno de honra, e se o honrares... então, te deleitarás no Senhor" (Is 58.13,14). Infelizmente, nossa cultura sem pausas tem suprimido o *Shabath* e isso se apresenta como um grande problema de equilíbrio na vida de muitos cristãos.

Em primeiro lugar, quase sempre achamos difícil resistir à mentalidade do trabalho como costume que isso se tornou uma norma. Mesmo se separarmos a manhã e a noite de domingo para a igreja, é difícil resistir à sedução do shopping center à tarde. Achamos que podemos ter encontros de negócios ou outras responsabilidades agendadas no domingo. De modo crescente, é difícil resistir à tentação de usar o *Shabath* como um período para colocarmos as coisas em dia, em vez de um período de adoração e descanso.

Em segundo lugar (e, em parte, como resultado), muitas pessoas se encontram em uma posição de ter que trabalhar no Dia do Senhor. Elas têm medo de insistir para conseguirem o domingo livre, com receio de perderem o emprego ou, simplesmente, ficarem para trás. Conquanto os empregadores não possam negar um tempo livre para que os empregados pratiquem sua fé (legalmente falando), a não ser em circunstâncias extremas, é evidente que a pressão existe. Mas, apesar de todas as agitações (reais e imaginárias), acredito realmente que, se quisermos equilibrar nossas vidas, devemos dispor nossos corações para a obediência do quarto mandamento (Êx 20.8). O que isso significa especificamente para você e sua família estará entre você e Deus. Creio que guardar o *Shabath*, conforme ordenado por Deus, envolve três coisas.

Primeiramente, o *Shabath* deve ser diferente, separado; ele deve diferençar-se visivelmente dos outros seis dias. Não deve ser um dia em que cuidamos das tarefas não realizadas no sábado ou em que terminamos o trabalho trazido para casa na sexta-feira.

Em segundo lugar, o *Shabath* deve ser um dia de devoção. Significa que ele deve ser passado na *sala de estar*. As tarefas da *cozinha* podem esperar. É o momento de concentrarmos os nossos corações e mentes somente em Deus.

Finalmente, o *Shabath* deve ser, em parte, o dia da família — um tempo dedicado não apenas às nossas famílias biológicas, mas também à família de fé, reunida para a adoração conjunta e a comunhão. O autor sagrado nos diz em Hebreus 10.25: "não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia".

Como essas prioridades se traduzem na prática? Aqui vão algumas orientações que Elizabeth e sua família estabeleceram: "Nossa família freqüenta os cultos de domingo [...], não importa quão cansados ou esgotados estejamos, exceto se estivermos doentes. Não vamos à lavanderia, não limpamos a casa, não fazemos compras nem refeições trabalhosas. Caminhamos, lemos a Bíblia, realizamos visitas, tiramos uma soneca ou fazemos algo no jardim".[4]

Esse tipo de guarda do *Shabath* requer uma certa dose de disciplina. As tarefas domésticas e a lição de casa devem ser feitas antecipadamente. Os membros da família podem ficar impacientes com a quietude. Mas aqueles que têm a guarda do *Shabath* como prioridade testificam que o poder equilibrante do descanso sabático realmente vale o sacrifício. Afinal, como diz Elizabeth, "Deus nos deu o *Shabath* porque nos ama".[5]

Se por alguma razão, você não consegue separar o domingo como o seu *Shabath*, posso encorajá-la a ser criativa e escolher outro momento da semana? Algumas igrejas têm cultos no meio da semana ou nos lares, enquanto noutras há cultos de louvor nas noites de sexta e sábado. Embora eu acredite que o Dia do Senhor deva ser verdadeiramente o Dia do *Senhor*, creio também que se formos sinceras ao buscar sua face, Deus nos ajudará a reservar o descanso e a adoração para o *Shabath*, do qual precisamos tão desesperadamente.

Gostaria de acrescentar mais um conselho sobre o assunto, um que se aplica especificamente àqueles que "trabalham aos domingos" para o Senhor — seja ensinando na Escola Dominical, tocando no louvor ou cuidando das crianças no berçário. Embora esse trabalho não impeça de nos reunirmos ao corpo de Cristo, ele ainda é um trabalho. Precisamos encontrar um momento reservado para o *Shabath*. Um momento em que nós, igualmente, possamos abrir os braços e fruir as vantagens do descanso sabático, da devoção e da comunhão.

O presente divino da hospitalidade

A guarda do *Shabath* não é o único princípio equilibrante ordenado por Deus que parece estar esquecido em nossos dias. Um outro, que pende para o lado do trabalho na gangorra, é a prática da hospitalidade. Não estou falando apenas sobre as festas com jantares. Falo

[4] Elizabeth Moll Stalcup, "Seizing the Sabbath", *Virtue*, Agosto/Setembro de 1998, 26-7.
[5] Ibid.

sobre a prática de abrir os braços e receber bem os outros em nossas vidas.

Rachel Crabb, autora de *The Personal Touch*, diz: "As mulheres cristãs não têm escolha sobre serem ou não hospitaleiras. É um mandamento bíblico. As Escrituras dizem que nos últimos dias as pessoas serão amantes de si mesmas. Mas, em vez disso, somos chamadas para sermos doadoras".[6]

Por muitas vezes na Bíblia, somos encorajadas a demonstrar a hospitalidade estendendo a mão e nos doando aos outros, recebendo-os bem em nossa vida. Temos o exemplo de Abraão, que hospedou três visitas santas sem saber quem eram. Jesus nos exortou a acolher aqueles que não podem nos recompensar (Lc 14.12-14). Paulo registra a hospitalidade como um requisito para se trabalhar na igreja (1 Tm 3.2) e nos estimula a seguir a hospitalidade (Rm 12.13). Pedro acrescenta a recomendação de fazê-lo "sem murmurações" (1 Pe 4.9).

Ai! Essa última acertou bem em mim. Mas é o versículo de Romanos 12 que me conforta, pois a hospitalidade definitivamente não é a área para a qual me sinta vocacionada ou habilitada. A exortação de Paulo para praticar a hospitalidade me dá a esperança de que um dia eu possa me aperfeiçoar. Pelo menos, devo me esforçar. "Pratique, Joanna, pratique."

Geneticamente, eu deveria ser predisposta para a hospitalidade. Meu pai costumava trazer pessoas "estranhas" para casa. Ao invés de se opor, minha mãe sempre os recebia muito bem, com seu coração amoroso e algo para comerem. De fato, por um bom tempo, nos referíamos à casa dos meus pais, de modo zombeteiro, como o "Lar Gustafson para Garotos e Garotas Rebeldes". Eles faziam a hospitalidade parecer fácil.

Mas ela não o é — pelo menos, nem sempre. É algo com que luto — em parte porque não sou uma dona de casa muito talentosa, mas principalmente porque sou muito ocupada. É um desafio abrir um espaço em minha vida para trazer pessoas para casa.

Ai! Como é fácil sermos apanhados por nossas vidas ocupadas, de modo a esquecermos a razão pela qual Jesus veio e o propósito para o qual fomos chamados.

---

[6] Entrevista com Jane Johnson Struck, "Hospitality on the Run", *Today's Christian Woman*, Janeiro. Fevereiro de 1992, 58-9.

"Praticando" a hospitalidade

Se você é como eu, a hospitalidade não surge naturalmente. Aqui vão algumas dicas do livro clássico de Karen Main, *Open Heart — Open Home*, que me ajudaram muito, embora tenha descoberto algumas delas sozinha!

1. *Não fique limpando a casa diante do hóspede.* Em vez disso, tente desobstruir sua agenda e organizar-se conforme as circunstâncias; então, você estará sempre pronta para hóspedes inesperados.
2. *Concentre-se em receber bem, e não em seu desempenho.* O propósito da hospitalidade é o de abrir os braços para os outros e não o de impressioná-los. É melhor manter as coisas simples e acolhedoras do que exagerar.
3. *Faça o máximo possível com antecedência.* Prepare-se para a hospitalidade — inclusive cozinhando com antecedência. Karen diz que "o trabalho árduo significa que não estou usando bem o meu tempo, não estou planejando ou me preparando com antecedência, estou trabalhando demais e não estou dependendo do Senhor, mas apenas de mim mesma".
4. *Inclua pequenos toques de beleza.* Algumas velas e um vaso de margaridas colhidas do jardim podem fazer do queijo quente uma delícia requintada.
5. *Use toda a ajuda que surgir em seu caminho.* Quando alguém se oferece para ajudar, diga "sim"! Muitas mãos diminuem o trabalho — e dividir as tarefas pode ser uma boa oportunidade para o companheirismo.
6. *Mantenha um registro.* Karen possui uma pasta com receitas fáceis e dicas criativas de entretenimento. Outras mulheres fazem anotações sobre os hóspedes e sobre o que foi servido. Vi que essas anotações organizam meus pensamentos dispersos e me ajudam a concentrar minha energia mais eficazmente.[7]

Sendo hospitaleiros uns para os outros, sem murmurações.

1 Pedro 4.9

[7] Adaptado de Karen Mains, *Open Heart — Open Home* (Elgin, Ill.: Davis C. Cook, 1976), 171-6.

Quando morávamos nas dependências da igreja, visitantes inesperados apareciam diversas vezes por semana, vindos da estrada de ferro vizinha, procurando alimento ou abrigo. Eu estava ocupada. Eles estavam sujos e até com mau cheiro. Tenho vergonha de admitir, mas houve momentos em que eu dizia para mim mesma: "Vão embora! Estamos tentando administrar uma igreja aqui!"

Mas então, invariavelmente, eles diziam algo como: "Os caras do posto de gasolina me disseram para vir aqui. Disseram que essa igreja ajudava qualquer pessoa".

Ai e novamente ai! Como cristãos, fomos chamados para a hospitalidade, a verdadeira hospitalidade. Nossas vidas deveriam ser um refúgio para os feridos e não um clube de campo para pessoas satisfeitas.

Tiago pergunta: "Que aproveita se alguém disser que tem fé e não tiver as obras?" (Tg 2.14) "E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e sem o mantimento cotidiano", pondera o irmão de Jesus, "e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquentai-vos e fartai-vos; e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, *que proveito* virá daí?" (v. 16, ênfase minha) Tiago repete a pergunta e, então, conclui: "Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma".

A hospitalidade não é uma opção para aquele que deseja dizer "sim" a Cristo. Ela faz parte do chamado que recebemos dEle, embora possa ser difícil colocá-la em prática em nossas vidas ocupadas.

Inclinando-se para as fraquezas

Em meu conflito com a hospitalidade, descobri outra lição sobre o equilíbrio que deve ser compreendida. Para termos uma vida equilibrada, como Deus quer para nós, precisamos colocar mais peso no lado em que nos sentimos mais fracas.

Minha irmã e eu nunca sairíamos do lugar na gangorra se eu não fizesse um esforço para nos movimentar. A minha "força" teria que ser maior do que a sua "fraqueza". Eu tinha que me movimentar na direção dela para atingir o equilíbrio.

Isso também vale para equilibrar nossas vidas. Há momentos em que devemos concentrar nossos esforços e nos inclinarmos em direção à fraqueza, para colocarmos mais peso na área da intimidade ou do trabalho, o que não é fácil.

Foi o que Marta fez. Deixou o conforto de sua *cozinha* e desviou o peso de sua atenção para a *sala de estar*. Maria fez o mesmo quando deixou seu lugar aos pés do Mestre e se inclinou para o trabalho de ungir seu Senhor. E eu, da mesma forma, estou tentando aprender essa lição de medidas corretivas, melhorando os pontos fracos da minha vida.

Mas não preciso fazê-lo sozinha. Sempre que ouvir a voz doce e corretiva do Espírito Santo apontando minhas incongruências, sei que Ele está pronto e disposto a me ajudar a mudar. Se a hospitalidade é a minha fraqueza, Ele me ajudará a correr em direção a este tipo de trabalho. Quando preciso de mais peso no lado do descanso semanal, Ele é fiel para me ajudar a inclinar para essa direção, fazendo-me "deitar em verdes pastos". Enquanto eu mantiver meus olhos no Senhor, amarei a Deus e terei compaixão pelas pessoas — e o tipo de equilíbrio que Deus deseja para mim durante todo o tempo.

Abaixo da superfície da água

Então, como equilibramos trabalho e adoração? Todas as coisas sobre as quais falamos — manter a prática do sim, encontrar o ritmo, inclinar-se para as fraquezas — podem nos ajudar a manter uma vida equilibrada. O assunto sempre retorna à realidade fundamental que transformou as vidas de Maria e Marta de Betânia. É para a mesma realidade que retornamos sempre neste livro.

O segredo do equilíbrio entre trabalho e adoração, devoção e serviço, amar a Deus e amar aos outros é manter a nossa ligação com Jesus Cristo. Nosso relacionamento com Ele é o sustentáculo, a âncora, o ponto firme que torna possível o equilíbrio em primeiro lugar. E quanto mais profundo for o relacionamento, mais estável e equilibrado ele será.

"Tudo começa na superfície da água." É assim que Jeanne Mayo se expressa. Pude apreciar não apenas o ensino dessa mulher incrível, mas também o modo como conduz sua vida. Ela faz mais em vinte e quatro horas do que eu em duas semanas. Mas, em meio a sua vida agitada, ela assumiu um compromisso importante com o equilíbrio.

Não é fácil. Além de ser esposa de um pastor em Rockford, Illinois, Jeanne lidera um grupo de novecentos jovens e dirige a escola da igreja, com mil e trezentas crianças, para não mencionar as diversas palestras que tem ministrado.

Como ela mantém o equilíbrio? Eu lhe fiz essa pergunta há não muito tempo. Ela disse: "É necessário um compromisso rigoroso de fazer as coisas mais importantes primeiro. Tenho que pedir constantemente ao Senhor para que realize o Salmo 139 em mim: 'Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração' (Sl 139.23)". Depois, Jeanne contou-me uma história que se tornou uma alavanca espiritual em sua vida. Deus é fiel para trazê-la à memória quando sua vida começa a sair dos eixos e fica fora de controle.

No outono de 1992, um homem chamado Michael Plant iniciou uma cruzada solitária pelo norte do Atlântico. Iatista experiente, Plant já havia feito a viagem várias vezes antes. Seu veleiro novinho em folha, o *Coyote*, era tão avançado em tecnologia como poucos no mundo.

Plant partiu sozinho, deixando que sua equipe de apoio monitorasse a viagem por satélite e rádio. Tudo ia bem. Mesmo quando uma tempestade interrompeu as comunicações, ninguém se preocupou muito. Afinal, esse homem era um dos melhores velejadores e navegadores que se podia encontrar. Seu barco estava provido com os melhores aparelhos e equipamentos de emergência. Plant recuperaria o contato por rádio quando tudo se acalmasse.

Mas Michael Plant não foi ouvido novamente. Depois de numerosas tentativas de localizá-lo pelo rádio, a Guarda Costeira enviou helicópteros para procurá-lo. Eles acharam o *Coyote* flutuando de cabeça para baixo. Seu capitão e único passageiro nunca foi encontrado.

Por quê? O que poderia ter acontecido? Foi o que perguntaram os peritos. Todo mundo sabe que veleiros são difíceis de virar. Suas quilhas profundas e lemes pesados os endireitam sozinhos. No entanto, quando a embarcação foi examinada, a causa da tragédia ficou clara. Apesar de seus avanços tecnológicos e de sua beleza, o *Coyote* não tinha peso suficiente abaixo da superfície da água. Não havia lastro pesado o bastante para sustentar a engenhoca monumental de cima. Então, ele virou bruscamente quando perdeu a capacidade de se equilibrar na água.[8]

Jeanne conclui: "Nossas vidas vão soçobrar da mesma forma se o que estiver por baixo da superfície da 'água espiritual' não for mais pesado do que o que estiver por cima". Não importa quão boa seja nossa aparência na superfície, não importa quão equilibradas possamos parecer; é o que está por baixo que realmente conta.

[8] William Plummer, "Taken by the Sea", *People*, 14 de dezembro de 1992, 59-61.

Se quisermos ter uma vida equilibrada, devemos nos concentrar nos sustentáculos da vida. Jesus agiu assim. Estava em comunhão constante com o Pai. Devemos fazer o mesmo se esperamos navegar com sucesso pela vida. E nós podemos, porque a cruz comprou o mesmo privilégio desfrutado por Cristo — um relacionamento íntimo e pessoal com Deus.

Quando passamos um tempo na *sala de estar*, andando e conversando com Ele, preenchemos o casco de nossos navios com as riquezas de Deus. E dessa abundância virão a firmeza em meio à tempestade e um excedente que poderemos partilhar com os outros.

Estaremos amando a Deus e ao nosso próximo. Passando um tempo na oração do Pai Nosso e agindo como o bom samaritano. Guardando o *Shabath*. Praticando a hospitalidade.

Estaremos vivendo no ritmo, mas com uma âncora sólida e profunda. O trabalho se tornará honroso. A adoração será um prazer.

Estaremos fazendo como Chuckie — e com alegria!

Capítulo 12

Tendo o Coração de Maria no Mundo de Marta

Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, [...] seja glória e majestade, domínio e poder, [...] agora e para todo o sempre. Amém!

Judas 24

O coração de Maria. O mundo de Marta. Podem as duas partes se juntar? Será que encontrarei a alegria pura e maravilhosa de estar centrada apenas em Cristo? É realmente possível ter uma vida equilibrada entre a *intimidade da sala de estar* e o *serviço da cozinha*?

Agora, mais do que nunca, creio que a resposta seja positiva. Assim como Paulo disse em Filipenses 3.12, "não que a tenha alcançado ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus", eu, do mesmo modo, desejo prosseguir. Ainda não cheguei, mas sei para onde estou seguindo.

A mansão Wainwright, situada em Long Island, é como um cenário de cinema de alguma história de amor do século XIX. As trepadeiras se espalham por seus três pavimentos de rocha lavrada com destreza, envolvendo torres e janelas de vidro que cercam a velha mansão de cem anos. Era minha primeira visita à Costa Leste, e estar nesse lindo lugar era como um sonho realizado.

Junto com outros quatorze participantes, reuni-me na imponente biblioteca da mansão Wainwright para ouvir Elizabeth Sherrill, a escritora líder de vendas e autora da obra *The Hiding Place*, que ensinava como escrever uma experiência pessoal para a revista *Guidepost*.

Foi um outono empolgante. Não muito depois de haver recebido o convite para o curso, soube que a WaterBrook Press estava interessada em publicar *Como Ter o coração de Maria no Mundo de Marta*. Notícias maravilhosas! Exceto pelo fato de que eu, verdadeiramente, tinha que escrever o livro.

Eu estava muito assustada. Naquele primeiro dia, sentada em uma sala de janelas de vidros escuros, alguns pensamentos passaram pela minha cabeça, criticando-me e escarnecendo de mim. "Quem você pensa que é para escrever sobre intimidade com Deus?" Certamente, eu não era uma especialista no assunto, embora meu coração desejasse ser. Havia outras pessoas mais qualificadas — disso eu tinha certeza.

"Acima de tudo..." — a voz de Elizabeth interrompeu minhas reflexões no momento em que falava sobre escrever sob o ponto de vista da primeira pessoa — "o narrador deve ser um lutador".

Ela teve minha atenção total. Elizabeth continuou: "Em vez de descrever o indivíduo como um especialista, precisamos ver a pessoa crescer através da história. Precisamos vê-la mudar". Algo saltou dentro de mim. Agitação. Esperança.

Certamente, eu me sentia como uma lutadora em relação à intimidade com Deus. Meu coração abatido começou a revigorar-se. Será que Deus estava me escolhendo para escrever esse livro exatamente porque eu me sentia incapaz?

"Ó, Senhor, eu sou tua", orei em silêncio enquanto anotava as palavras de Elizabeth. "Toma os meus trabalhos e usa-os para tua glória. Mas, independentemente do que fizeres, por favor, não permita que eu seja a mesma. Transforma-me. Dá-me um coração de Maria em meu mundo de Marta."

Eu não tinha idéia de quão maravilhosa e difícil seria a resposta do Senhor àquela oração.

O Senhor do processo

Você não gostaria que sua cozinha tivesse um duplicador? Sabe, aquele tipo de máquina que costumamos ver em alguns filmes, para a qual você diz: "Café colombiano, duas colheres de açúcar e um pouquinho de raspas de chocolate belga", e de repente... está pronto!

Infelizmente, ainda estou presa à minha cafeteira elétrica, que passa o café aos pingos, e a essa realidade fundamental: é necessário um processo para chegar a um resultado.

O anel de diamantes que uso na minha mão esquerda não surgiu do acaso. Antes que eu e John o escolhêssemos na vitrine da joalheria, alguém moldou o ouro. Antes disso, outra pessoa viu esperança em uma pedra opaca e cheia de protuberâncias, e esculpiu facetas para revelar a beleza escondida. Antes ainda, um trabalhador encontrou aquela pedra nas profundezas de uma montanha. E, milhares de anos antes daquele momento, toneladas de rocha, pressão e vapor trabalharam juntos para comprimir carbono comum em uma substância que chamamos de diamante.

É preciso um processo para obter um resultado. O carro que dirijo não apareceu subitamente no pátio do vendedor. A casa onde moro levou quatro meses para ser construída — e muito mais tempo se você levar em conta o período para o crescimento das árvores usadas na construção, a mineração necessária para fazer os pregos e a mistura de areia e calor usada para o vidro.

Entendeu?

Um resultado requer um processo. O mesmo vale para nossa vida cristã. Ser como Jesus também requer um processo.

Essa simples descoberta revolucionou minha vida nos últimos tempos. Veja, passei a maior parte dos meus trinta e sete anos esperando para alcançar. Para ser aperfeiçoada.

Em algum lugar do meu coração, eu ainda nutria a esperança de que quando realmente entregasse o meu coração a Cristo, sairia da cabine telefônica do Espírito Santo vestida completamente de azul e vermelho — com uma linda saia, uma longa capa esvoaçante e um grande *S* fixado em meu busto de "supercristã"! Eu seria capaz de saltar obstáculos altos através de um simples pulo. Seria mais rápida do que os dardos inflamados do Inimigo. Mais poderosa do que todas as tentações do inferno.

Você consegue ouvir a música e ver o vento agitando a minha capa enquanto vôo?

Bem, isso não aconteceu. Na verdade, me pareço mais com Clark Kent do que com qualquer super-herói espiritual. Alguns dias, é tudo o que consigo fazer para sair da cama. E, por mais que me esforce, nunca consegui usar o uniforme.

Você pode imaginar como me senti aliviada quando finalmente entendi que o cristianismo é um processo, e não um evento. É uma jornada, não um destino.

Há alguns séculos, Samuel Rutherford escreveu: "Pensei que seria fácil ser cristão, mas fui conduzido por sinuosidades, reviravoltas, altos e baixos".[1] São as provas emaranhadas da vida que produzem caráter e fidelidade a Deus, conclui Rutherford. Vi que isso é verdade.

É preciso um processo para produzir um resultado — e isso se aplica a cristãos consagrados tanto quanto aos diamantes, automóveis e casas. Certamente isso também é válido para se ter um coração de Maria em um mundo de Marta. Se quisermos ser como Jesus, não poderemos escapar do processo de "refinação".

Mas podemos ter "por certo isto mesmo", Paulo escreve em Filipenses 1.6, "que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao Dia de Jesus Cristo".

O que Deus começou no dia em que lhe entreguei minha vida será completado por Ele se eu continuamente me entregar. É necessário um processo para que eu me torne o tipo de cristã que desejo ser — mas Jesus Cristo é o Senhor do processo, e o processo é sublime.

Isso não significa que sempre compreenderemos os métodos do Senhor. É um mistério para mim como Deus pode pegar algo imperfeito como a minha vida e transformá-la em um representante de sua glória. No livro *When God Shines Through*, Claire Cloninger escreve sobre esse Deus Criador, que pega os pedaços quebrados e dispersos de nossas vidas e os transforma em um caleidoscópio:

> Para mim, uma das grandes frustrações de caminhar pelo "dia-a-dia" de minha vida como cristã é que nem sempre consigo ver como as partículas e partes que me compõem se encaixam no grande quadro do plano de Deus. É tentador, às vezes, ver minha vida como uma refeição aqui, um encontro ali, uma carona, um telefonema, um saco de mantimentos — todos fragmentos separados de uma criação em particular.
>
> E também sei que sou chamada, como filha de Deus, a crer pela fé que eles se somam. Que de alguma forma, cada simples pedaço da minha

[1] Citado em Howard L. Rice, *Reformed Spirituality* (Louisville, Ky.: Westminster/John Knox, 1991), 179.

vida, cada passo e cada esforço encontram-se no processo de ser moldada conforme o imenso e perfeito modelo de Deus.[2]

Claire conclui que aqueles pedaços dispersos são os usados por Deus para fazer um caleidoscópio. Em vez de esperar o nosso êxito, Deus resplandece a luz de Cristo através dos fragmentos que colocamos em suas mãos, transformando "a desordem em beleza e simetria", espalhando as cores de nossos cacos como fogos de artifício pelo céu.

Parceiras de Cristo

Não se engane. O processo de se entregar e permitir que Cristo trabalhe em você não é tão passivo como parece.

Sim, o Senhor saiu do itinerário para nos tornar propriedade dEle. Sim, Ele morreu e ressuscitou. Enviou o Espírito Santo para nos ensinar e guiar. Deu sua própria vida para nos fazer santos e transformará o que lhe oferecermos em algo bom. Mas espera-se ainda que sejamos co-participantes do processo.

"Quando todos nós juntarmos nossas forças, juntarmos, juntarmos, quando juntarmos nossas forças quão felizes seremos." Sempre gostei dessa canção. Julie Olson e eu formávamos um par na Escola Dominical e realizávamos os gestos; nossas saias plissadas faziam ruge-ruge enquanto íamos para frente e para trás. Delicadamente. Suavemente. Não como Brian Larson e os outros garotos desajeitados da terceira série, que transformavam a canção em uma disputa de luta romana.

Julie e eu cantávamos "porque o seu trabalho é o meu trabalho", apontando uma para a outra com um sorriso, enquanto os garotos batiam um no peito do outro. E continuávamos: "e o nosso trabalho é o trabalho de Deus", repetindo o coro, depois batendo palmas para enfatizar, "quão felizes seremos".

É fantástico como eu costumava ser bem comportada. Naturalmente, é fácil cantar com doçura na Escola Dominical. A vida, contudo, é outra coisa.

Tenho vergonha de admitir que, quando me tornei mais velha, minha canção se assemelhou à dos garotos desajeitados e às lutas romanas.

---

[2] Claire Cloninger, *When God Shines Through* (Dallas, Tex.: Word, 1994), 132.

Fiquei confusa e um pouco hostil sobre qual é o meu trabalho e qual é o trabalho de Deus. De vez em quando, espiritualmente, faço como um lutador de luta romana: "É o seu trabalho, não o meu", vocifero, batendo na porta do céu. Eu reclamo, tentando me agarrar ao Altíssimo: "Estou cansada de juntar forças. É o teu trabalho, Deus! É o teu trabalho".

No entanto, quando sossego o suficiente para ouvir, quando acalmo o coração para ouvir a voz de Deus, o Salvador me assegura: "Sim, a sua salvação é o meu trabalho. *Está* concluída. Eu a consumei na cruz. Mas agora quero me associar a você daqui por diante".

Uma vida de bem-estar, por favor

Eu não sei o que esperava quando comecei. *Como Ter o Coração de Maria no Mundo de Marta* cozinhou lentamente em meu coração por dois anos. Que mensagem incrível: Jesus deseja nos conhecer! Cada uma de nós. Assim como conheceu Maria e Marta, com todas as nossas diferenças de personalidade, dons e estilos de trabalho.

Era grande. Muito grande. Superlotado de graça divina. Mas, quando sentei para escrever, minhas palavras persistiam em embaralhar-se. Só o capítulo 2 tem seis versões e muitos inícios diferentes. Não havia nada da fluência inspirada pelo Espírito como imaginei ao assinar o contrato. De fato, assemelhava-se estranhamente a trabalho. Trabalho árduo.

Tentei agir como um lutador de luta romana: "Ei! É o teu trabalho, Deus! Estou fazendo isso para ti — que tal um pouquinho de ajuda?"

Silêncio.

Tentei questionar como Jó: "Onde estás — e por que não te importas?"

Silêncio de novo.

Até considerei uma atitude semelhante a de Jonas: "Esqueça Nínive — estou indo para as Bahamas".

Mas ainda não ouvira nada, a não ser a suave percepção de sua presença. A percepção de que Ele estava lá, mas esperando — esperando que eu compreendesse o que Ele queria me ensinar sobre o processo.

Henrietta Mears disse que há apenas uma maneira de aprender as lições de Deus. "De olhos abertos, de boca fechada."[3] É uma obrigação

[3] Henrietta Mears, *What the Bible's All About* (Ventura, Calif.: Regal, 1983), 84.

difícil para os verbalmente prolíferos. Mas é aí que o Senhor continua me experimentando. Com meus joelhos dobrados. Nas adjacências de onde Maria encontrou Jesus naquela tarde em Betânia.

Às vezes, eu só esperava e ouvia. Outras vezes, despejava minha súplica e reclamação. Mas, na maior parte do tempo, voltava à minha oração original. Sempre que estava empacada, sempre que dizia a Deus que eu não compreendia, o Senhor bondosamente me fazia lembrar das palavras ditas por mim em Wainwright. "Toma os meus trabalhos e usa-os para tua glória", disse eu. "Transforma-me. Dá-me um coração de Maria em meu mundo de Marta."

E com essas palavras vinha a quietude, a consciência de que o Senhor estava trabalhando. Comecei a entender que se me submeti a Cristo, então poderia confiar nEle para guiar os meus passos. Ele sabia do que eu precisava e o que devia ser feito. Eu poderia confiar em Deus para realizar o que Ele havia começado. Minha função era a de associar-me a Ele. Então, terminava a oração, voltava ao trabalho e... esperava mais um pouco.

Prova de nossa fé

Naturalmente, o que eu estava experimentando não era novo. Acontece com todo cristão uma vez ou outra. É a experiência da santificação — trabalhar ao lado de Cristo enquanto Ele opera sua obra transformadora em nós. É o processo da perseverança — prosseguir, obedecer nas grandes e pequenas coisas, fazer o melhor que pudermos e depois continuar a marchar, confiando em Deus para fazer o resto.

A perseverança não é muito engraçada. Ainda assim, é a perseverança que permite a Deus tomar nossas desordens e transformá-las em milagres. Ele tem prazer em transformar as pressões sobre o carbono negro de nossas vidas em diamantes de beleza radiante. Mas fazer tudo isso requer um processo. Um processo que às vezes é doloroso.

Provavelmente você já tenha pensado que sou uma mulher um pouco esquisita. Então, talvez não se surpreenda quando eu disser que gostei muito de estar grávida. Mas eu fiquei empolgada principalmente com o trabalho de parto. Contrações. Respiração ofegante. A coisa toda. Mal conseguia esperar para que começasse.

Eu dizia com entusiasmo para que todos ouvissem: "É uma dor com propósito". Em minha mente, podia me ver naquele pequeno e aconche-

gante quarto de hospital, envolta nos braços ternos do meu marido, cantando louvores. Eu dizia com um sorriso, enquanto John acariciava suavemente minha testa: "Aleluia... Alel — uuu — ia. Opa, essa foi forte!" A enfermeira entrava, perplexa com meu progresso rápido. "Você terá seu bebê a qualquer minuto, Sra. Weaver. Nunca vi alguém suportar o trabalho de parto tão bem quanto você."

É preciso dizer mais uma vez: isso não aconteceu. Em vez de triunfar sobre o glorioso trabalho de parto, fui levada às pressas para a emergência. Meu bebê estava sentado. O médico me disse com naturalidade: "Ou esse é o traseiro do seu bebê ou a cabeça dele tem uma fenda".

Nada relacionado ao processo de nascimento foi fácil para mim. Quando finalmente despertei da anestesia e abracei meu garotinho, meus olhos não me deixaram enxergar com nitidez. Enquanto segurava o pequeno embrulho a dois centímetros do meu rosto, eu murmurava: "Gostaria de vê-lo". Dois anos e meio depois, Jéssica nasceu após quatorze horas de um trabalho de parto difícil e, definitivamente, nem um pouco esplendoroso.

Posso ouvir você dizer: "Ah... Deixe-me dizer algo sobre a dor..."

Eu sei, compreendo. Meu objetivo não é trocar histórias de horror sobre parto, mas lembrar a você que as coisas boas raramente vêm com facilidade. Algumas semanas após o nascimento de cada um dos meus filhos, depois que a incisão cicatrizou e a torturante dor estava um pouco distante da lembrança, pude dizer com franqueza: "Valeu a pena".

Valeu mesmo.

Vai valer a pena

É exatamente o que Tiago estava tentando dizer em sua carta às igrejas dispersas. É exatamente o propósito de sua declaração fantástica sobre o doloroso processo de associar-se a Deus em nosso crescimento cristão:

> Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações, sabendo que a prova da vossa fé produz a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita, para que sejais perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma.
>
> Tiago 1.2-4

Grande gozo? Sobre o que ele está falando? As igrejas para as quais ele se dirigia estavam sofrendo uma perseguição tremenda. Após a morte de um dos primeiros diáconos, Estêvão, muitos cristãos fugiram de Jerusalém e espalharam-se pela Judéia e Samaria (At 8.1), sendo que muitos deles se juntaram a comunidades judaicas nas proximidades do Mediterrâneo (At 11.19,20). No entanto, ao invés de serem bem recebidos por seus parentes judeus, foram rejeitados e perseguidos — sem proteção dos judeus, explorados pelos gentios, despojados de suas propriedades, arrastados para a corte, tratados de forma pior do que escravos.[1] E foi para esses proscritos solitários e feridos que Tiago dirigiu essas palavras incríveis: "tende grande gozo" — ou, de acordo com a *New English Bible*, "considerem-se supremamente felizes".

Mas o que Tiago estava realmente dizendo àqueles cristãos feridos? Ele estava lhes dizendo para olhar além do lado doloroso do que estava acontecendo e para o que Deus estava fazendo no meio de tudo aquilo. Queria que vissem que as tribulações — *peirasmos* — enfrentadas por eles não eram por acaso. A prova de sua fé tinha um propósito. Suas tribulações apontavam para um final glorioso. Tudo valeria a pena se eles apenas perseverassem.

O resultado glorioso

O problema, naturalmente, é que a maior parte do tempo preferimos não perseverar. Todos nós queremos um *teste*munho, mas preferimos pular o *teste* que nos confere um testemunho. Todos queremos um resultado. Mas preferimos pular o processo.

Como Charles Swindoll escreve:

> Receio que nossa geração tenha atingido arriscadamente a mentalidade "Estou ficando cansado, então vamos parar um pouco". E não apenas no campo espiritual. Fazer dieta é uma disciplina, então ficamos gordos. Concluir os estudos é uma chatice, então caímos fora.
> Cultivar um relacionamento íntimo é doloroso, então desistimos. Escrever um livro exige demais, então paramos logo. Resolver conflitos do casamento é, para alguns, um esforço tão cansativo que preferem partir. Per-

[1] Kent Hughes, *James: Faith That Works* (Wheaton, Ill.: Crossway Books, 1991), 17.

sistir em um trabalho é árduo, então começamos a olhar para os lados... E no momento em que estamos dispostos a desistir, surge o Mestre, que se curva e sussurra: "Continue; não pare. Continue".[5]

Em relação à nossa vida espiritual, muitos de nós são pessoas do tipo "tudo ou nada". Se não somos automaticamente perfeitos, desistimos. Quando as virtudes cristãs como a paciência e a bondade parecem difíceis de serem obtidas, abandonamos nosso desenvolvimento do caráter e decidimos que a santidade é para aqueles que estão mais bem equipados. Contudo, quando desistimos, estamos desistindo da nossa parte da sociedade. A perseverança é uma de nossas responsabilidades no processo de transformação.

E que transformação! As recompensas da perseverança delineadas por Tiago para nós são muito mais do que meras palavras. Ele nos diz que o resultado glorioso da perseverança nos fará "perfeitos e completos, sem faltar em coisa alguma". A palavra usada por ele para "perfeito" é *telios*, que descreve uma maturidade dinâmica, uma personalidade que alcançou seu pleno desenvolvimento. E quando Tiago diz que seremos completos, a palavra *holokleros* significa que seremos "inteiros, perfeitos em todas as partes." Foi a palavra empregada para descrever a condição do sumo sacerdote e do animal sacrificado, apresentado todos os anos. Significava que estavam livres de qualquer marca de deformação ou defeito.[6] A perseverança nos prepara para o sacrifício vivo descrito por Paulo em Romanos 12.1: "santo e agradável a Deus".

Deus usa as pressões das tribulações para aperfeiçoar nossas vidas. Ele talha facetas em uma pedra humilde para refletir sua glória. A última frase em Tiago 1.4 ecoa em meu coração com uma esperança incrível. Quando perseveramos, nos tornamos perfeitos e completos, "sem faltar em coisa alguma". *Leipos medeis*. Não padecemos de nenhum defeito. Temos tudo de que precisamos.

Naturalmente, ainda haverá áreas em nossas vidas em que lutaremos. Ainda haverá lutas e perderemos algumas ocasionalmente. Mas, se temos desejo de perseverar no processo, um dia — com Ele ao nosso lado — Cristo vencerá a guerra.

---

[5] Charles Swindoll, *Growing Strong in the Seasons of Life* (Portland, Oreg.: Multnomah, 1983), 47-9.
[6] William Barclay, *The Letters of James and Peter*, ed. rev. (Louisville, Ky.: Westminster John Knox Press, 1976), 44.

Por essa razão, posso lhe dizer: Persevere, amiga! Persevere. Você quer mais de Deus? Então, não tome outra direção. Você quer ser mais como Jesus? Então persevere — persista, continue!

Quando o fizer, eu lhe prometo, você será transformada. Transformada como Maria e Marta foram.

Coração de Maria – Mundo de Marta

Gosto muito da última imagem que vemos de Maria e Marta na Bíblia. A passagem de João 12.1-3 retrata duas mulheres em paz. Em paz com seu Salvador. Em paz consigo mesmas.

Marta ainda serve, mas ela o faz com um coração atencioso. Em vez de ficar presa à cozinha, serve na sala de estar, na presença de seu Senhor. A serva ocupada torna-se uma aluna concentrada no momento em que Marta sorve cada palavra do Senhor.

Maria, talvez, começou a noite sentada aos pés de Jesus, mas, em vez de apenas ouvir, ela oferece tudo o que tem. Com seu gesto terno, prepara o Mestre para o sepultamento e o fim de sua permanência na terra. A aluna contemplativa tornou-se uma serva eficiente no momento em que Maria demonstra seu amor através de sua ação "extravagante".

E eu, de igual modo, tenho sido transformada, como nunca havia imaginado. Eu também tenho aprendido lições surpreendentes sobre o significado de ter um coração de Maria em um mundo de Marta.

Não tem sido um processo confortável. Para ser sincera, eu preferiria uma viagem a um "spa celestial". Uma renovação completa de vinte e quatro horas com tratamento corporal e de rejuvenescimento de pele e um novo "guarda-roupa espiritual". Mas Deus resolveu fazê-lo do modo antigo. Decidiu usar minha vida para me ensinar. Decidiu usar o processo de escrever este livro.

Em uma noite solitária e vazia, clamei: "Deus, estou arruinada!" Minhas palavras se esgotaram e, embora a mensagem ainda ecoasse em meu coração, eu não conseguia atravessar a parede invisível. Vivia cada capítulo individualmente — a terrível paranóia de "Senhor, não te importas?"; a ansiedade medonha de "estás preocupada com muitas coisas"; a triste aflição de "se tu estivesses aqui".

Naquela noite, na escuridão, senti-me completamente sozinha.

Mas, em algum momento de toda aquela luta, Deus me encontrou.

Ele manifestou a paz e a direção, embora eu não consiga explicar como Ele o fez. De alguma forma, sua graça me ajudou a viver um dia por vez — não com medo do futuro ou arrependimento do passado. Maravilhosa e inacreditavelmente, Deus começou a curar a dicotomia de minha vida. Começou a juntar os dois lados da esquizofrenia espiritual que me incomodou por anos.

Em vez de tentar conciliar sozinha a *intimidade da sala de estar* com o *serviço da cozinha*, comecei a atentar somente para Cristo. Em vez de me martirizar sobre o que foi e o que não foi feito, passei a entregar meus dias ao Senhor, pedindo-lhe para dirigir meus passos. "Senhor, tu sabes o que precisa ser feito hoje. Mostra-me aquela 'uma só coisa' e eu a farei."

Com a entrega, vinha uma nova paz. Consegui deixar a cegueira do pensamento "tudo ou nada" e gozar um dia por vez. As oportunidades começaram a se abrir em todos os lugares. Tive o privilégio de levar uma senhora a Cristo quando diminuí o ritmo de elaboração do livro. Esbarrei em uma conhecida, que realmente precisava de oração, no jogo de basquete de Jéssica. Até o ato de escrever começou a fluir melhor.

Então, várias semanas depois, enquanto me dirigia ao hospital para visitar um membro doente de nossa igreja, perguntei-me: "Esta visita tem a ver com Marta ou Maria?" Fiz a mesma pergunta sobre este livro. "Todo o trabalho, tudo o que escrevi e reescrevi — é uma obrigação de Marta ou uma devoção de Maria?" Eu não tinha certeza.

De repente, enquanto guiava meu carro, em meio aos meus pensamentos, percebi que tinha a ver com ambas! Visitar o hospital era o trabalho de Marta e Maria. Escrever sobre intimidade com Deus era fazer Maria desempenhar o trabalho de Marta fielmente. Em meu coração outrora dividido, as duas se tornaram uma. Não tinha mais que me preocupar com as razões, se estava agindo conforme a obrigação ou a devoção. Deus derrubou a parede e fez da *sala de estar* e da *cozinha* um único cômodo.

Gritei: "São ambos", golpeando o volante com um enorme sorriso no rosto. "São ambos."

Entrego tudo

Não consigo lhe dizer a liberdade que senti naquele dia. Era como se o grande enigma, em que estive trabalhando durante anos, de repente se

resolvesse sozinho. Juntar as duas partes do meu coração parecia tão natural, tão simples. Quase embaraçosamente fácil.

Mas talvez você já tenha descoberto que Deus tem prazer em um coração sem divisões. Talvez você esteja vivendo naquele lugar de bem-estar contínuo diante de Deus, servindo e amando ao Senhor um dia de cada vez. No entanto, se esse não é o seu caso, se você é uma lutadora como eu, anime-se! Deus tem um caminho melhor.

Ken Gire, em seu livro *Intense Moments with the Savior*, escreve: "Aprendi que minha força não depende da intensidade do meu trabalho... mas em como me entrego por completo".[7] Quando chegamos ao fim de nós mesmos e de nossas capacidades, quando renunciamos às nossas vidas, Jesus promete usá-las. O pouco é muito quando Deus está no negócio. Especialmente se esse pouco for você e eu.

Quando rendemos nossas vidas a Jesus Cristo, permitimos que o Senhor do processo faça o trabalho dEle. Porque é em nossa fraqueza que Cristo é forte. É em nossa imperfeição que o encontramos mais do que o suficiente. E é em nossa prontidão para sermos quebrantados que Ele traz inteireza — mais inteireza e perfeição do que jamais pensamos ser possível.

Essa é uma jornada para toda a vida, um fruto para ser apreciado pela eternidade. O fruto que permanecerá por muito tempo depois de partirmos.

Henrietta Mears é conhecida por tudo o que realizou pelo Reino de Deus (desenvolvendo uma imensa Escola Dominical e formando líderes). Jan Johnson escreve em *Living a Purpose-Full Life*: "Em meio a todos os seus feitos, ela se postava freqüentemente aos pés de Deus — estudando, ouvindo, deleitando-se no Senhor".

Apesar de sua agenda cheia, Henrietta "abria sua Bíblia no silêncio sagrado da comunhão pessoal com Deus, com a mesma atenção que um homem faminto se aproxima de um banquete". E quando morreu, Henrietta Mears foi descrita como tendo "passado pelo véu que separa o presente e o futuro, o qual foi descrito por ela como muito, muito fino. Alguém observou: 'Não foi novidade para ela se encontrar com o Senhor a sós, pois muitas vezes assim o fez. Dessa vez, ela foi com Ele'".[8]

Você deseja esse tipo de coração de Maria em um mundo de Marta? Sei que eu o quero.

---

[7] Ken Gire, *Intense Moments with the Savior* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1985), 86.
[8] Jan Johnson, *Living a Purpose-Full Life* (Colorado Springs, Colo.: WaterBrook, 1999), 95.

Quero viver tão intimamente com Jesus de modo que, quando chegar o momento de deixar este mundo, eu também passe pelo véu muito fino descrito por Henrietta Mears. De uma vida cheia de glória para outra. Do ato de sentar-se "em sua presença" para o de estar "face a face"!

Mas, para que isso ocorra, preciso perseverar e ser paciente — porque é necessário um processo para produzir um resultado, e um processo leva tempo. Contudo, nunca se esqueça, pelo amor de Deus, que esse processo é divino. Deus está bem ao seu lado! Ele é aquEle que se encarrega. Tudo o que Ele lhe pede é para ser parceira dEle e que se renda à obra que Ele deseja operar em sua vida.

Paulo escreve em 2 Coríntios 4.16-17: "Por isso, não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente".

De glória em glória, Ele está nos transformando.

Então, não se preocupe se você ainda não chegou lá, minha querida irmã. Apenas não desista do processo. Não perca a jornada.

Pois será gloriosa! Valerá a pena.

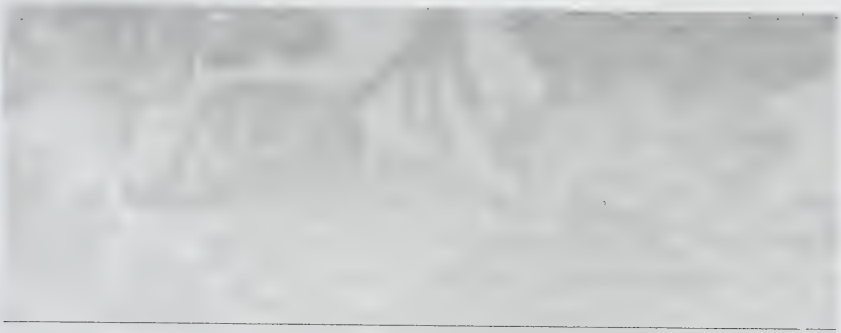
Uma oração para a jornada

Ó, Cristo, não me dê tarefas conforme minhas forças,
Mas dá-me forças conforme minhas tarefas,
Pois quero crescer com as coisas que são grandes demais para mim.
Desejo crescer com a grandeza das minhas tarefas,
Mas precisarei de tua ajuda para esse crescimento.[9]

E. Stanley Jones

[9] Citado em *Daybreak Quotes* (Wheaton, Ill.: Inspirations, Tyndale House, 1991).

Auxílios para um coração de Maria em um mundo de Marta



Apêndice A

Guia de Estudo

Nada transformou minha vida como o estudo da Palavra de Deus. Alguma coisa poderosa acontece quando vamos além das opiniões e interpretações de outras pessoas, e descobrimos sozinhas o que Deus tem a dizer. Planejei esse estudo bíblico de doze semanas para ajudá-la a fazer justamente isso.

Recomendo o uso de uma tradução da Bíblia de que você goste e compreenda, bem como um caderno e uma caneta para registrar suas respostas. Antes de cada lição, peça ao Espírito Santo para aumentar seu entendimento enquanto examina a Palavra de Deus e depois a ajude a aplicar as verdades descobertas por você.

Cada lição começa com perguntas para a reflexão individual ou grupo de discussão, depois passa para o estudo dos princípios bíblicos. No fim da lição, você terá a oportunidade de escrever sobre o que mais a tocou no capítulo. As histórias, citações e quadros dentro dos capítulos podem proporcionar oportunidades adicionais para discussão ou reflexão.

Minha oração é que cada uma de vocês comece a experimentar a bênção prometida por Deus àquele "que atenta bem para a lei perfeita da

liberdade e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra" (Tg 1.25). Há uma santa renovação esperando por cada uma de nós. Ela é encontrada na presença de Deus e nas páginas de sua Palavra. Trabalhem com afinco! Ficarão contentes por tê-lo feito.

Capítulo um: A História de Duas Irmãs

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Que idéias preconcebidas você tinha sobre Maria e Marta antes de ler este livro? Com que mulher você se identifica mais — Maria ou Marta? Explique sua resposta.

2. Uma mulher me disse: "Minha vida é como um liqüidificador — que emperrou com um *frappé*." Que tipo de objeto inanimado melhor descreve como é a sua vida no presente?

Aprofundando-se

3. Leia Lucas 10.38-42. Relacione ao menos duas coisas que você aprendeu sobre Marta nessa passagem e pelo menos outras duas sobre Maria. Como você resumiria Marta em uma palavra? Como resumiria Maria?

4. Uma mulher me contou: "Acho que sou apenas uma Marta e sempre serei assim". É possível que o nosso caráter mude, ou estamos destinadas a viver presas a uma determinada natureza? Explique sua resposta.

5. O que a Bíblia diz nos seguintes versículos sobre nosso potencial de mudança?

Ezequiel 36.26-27 _____

2 Coríntios 5.17 _____

Filipenses 1.6 _____

6. Você já viu o trabalho transformador de Deus em sua própria vida ou na vida alguém? Como você soube que se tratava de uma "santa renovação" e não apenas uma mudança temporária?

7. Leia Mateus 11.28-30. Faça um círculo nas palavras-chave e medite nesses versículos — pense de verdade sobre o que Jesus está dizendo. Depois, decore essa passagem frase por frase. Escreva-a em um cartão e reporte-se a ela com freqüência, repetindo-a até que se torne parte de você.

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo dois: "Senhor, Não te Importas?"

Perguntas para discussão ou reflexão

1. A história de Maria e Marta traz lembranças de rivalidade entre irmãos para muitas de nós. De que conflitos com seus irmãos você se recorda? O que você fez para que seus pais a notassem?

2. Leia Lucas 10.38-42. Você alguma vez já fez a pergunta de Marta, "Senhor, não te importas?" Em que situação isso ocorreu? Como Deus respondeu sua pergunta?

Aprofundando-se

3. Todas nós já nos sentimos sozinhas — até mesmo os grandes heróis da fé sentiram-se assim. Leia 1 Reis 19.1-18. Como os "três 'D' mortais" (distração, desânimo e dúvida) atacaram Elias depois de uma grande vitória sobre os profetas de Baal em 1 Reis 18? Completei o primeiro item como exemplo:

DISTRAÇÃO: *A ira de Jezabel o fez fugir para preservar sua vida.*
DESÂNIMO: O cansaço e a falta de dormir
DÚVIDA:

4. Nessa passagem, como Deus tratou Elias em seu desânimo? Como Deus a tratou quando você se sentiu sozinha e magoada?

5. Em Marcos 4.35-41, os discípulos repetiram a pergunta de Marta: "Senhor, não te importas?" O que essa porção das Escrituras nos ensina sobre os momentos difíceis da vida? (Leia Isaías 43.1,2.)

6. Leia o Salmo 103. Relacione, no mínimo, cinco das muitas formas pelas quais Deus demonstra seu amor por nós. (Se você está se esforçando para conhecer o amor do Pai, memorize esse salmo e você não se esquecerá de "nenhum de seus benefícios".)

7. Escreva uma carta para Jesus começando assim: "Senhor, sei que tu me amas porque..." em seguida, faça uma lista das formas pelas quais Ele tem demonstrado seu grande amor por você.

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Marta queria que Jesus dissesse a Maria para ajudá-la na cozinha, mas, em vez de lhe dar o que ela queria, o Dr. Jesus fez um diagnóstico: "Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas". Se você fosse Marta, como se sentiria com as palavras de Jesus?

2. De acordo com o Dr. Edward Hallowell, mais da metade das pessoas são ansiosas crônicas. Que sinais do quadro "Dez sinais de um grande ansioso" você apresenta? Como a preocupação e a ansiedade se espalham em seu dia-a-dia e afetam o seu comportamento e saúde física?

Aprofundando-se

3. O medo não apenas nos afeta fisicamente, mas também espiritualmente. Leia Lucas 8.14. Relacione três coisas que podem sufocar a Palavra de Deus em nossas vidas. Contra qual delas qual você luta mais ou como ela a sufoca espiritualmente?

4. Veja o quadro "Preocupação natural versus preocupação nociva" e leia o que diz Gary E. Gilley. Que tipo de preocupação natural você enfrenta com freqüência? E quanto às preocupações nocivas?

5. Quais das passagens a seguir nos mostram o que fazer com as preocupações naturais e as nocivas, e qual será o resultado?

Provérbios 3.5,6	MANDAMENTO: Confiar no Senhor Por Ele em [illegible]
	RESULTADO: Ele guiará e sucesso
Filipenses 4.6,7	MANDAMENTO: Não se aflijam, Orem ao Senhor
	RESULTADO: Paz e tranquilidade

6. a. Reescreva Mateus 6.25-30 como se Deus estivesse falando diretamente com você e sobre a sua situação atual.

Por isso, te digo, (seu nome), *não ande cuidadosa quanto....*

b. Leia Mateus 6.31-34. Responda a essa passagem com uma oração ao Senhor.

Senhor, eu não quero me preocupar como o mundo. Ajude-me a ...

7. De acordo com 1 João 4.16-18, como podemos corresponder ao amor de Deus e o que acontecerá ao medo quando tomarmos tal atitude?

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo quatro: A Cura

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Leia a história sobre a carroça e as pedras. Olhe para sua carroça. Quais as pedras que Deus lhe pediu para carregar? Que pedras você tem carregado imprudente e até mesmo inconscientemente por alguém?

2. Você já se sentiu como a perfeccionista e compulsiva Martha Stewart em casa? E na igreja?

Aprofundando-se

3. O que você acha que Jesus queria dizer em Lucas 10.38-42, quando disse a Marta ser necessária apenas uma coisa?

4. a. Vire algumas páginas; leia Lucas 18.18-25 e veja uma situação envolvendo Jesus e uma troca. Que qualidade ofereceu o homem rico para entrar no Reino de Deus?

b. Qual era a única coisa que faltava ao moço?

c. Por que você acha que Jesus se deteve na riqueza do rapaz?

d. Por que a única coisa requerida de nós por Deus pode ser diferente da de outra pessoa? (Veja 1 Coríntios 13.3 e Filipenses 3.4-7.)

5. Quem sabe você, à semelhança do homem rico, esteja tentando agradar a Deus carregando mais pedras, na esperança de ganhar o amor e favor divinos. O que os seguintes versículos dizem sobre o cristianismo baseado em obras?

Gálatas 3.3 _____

Tito 3.5 _____

6. O que Paulo disse em Filipenses 3.13,14 era sua "única coisa que lhe faltava"? Por que "esquecer das coisas que atrás ficam" era tão importante para Paulo? (Veja Atos 26.9-15.) Quais as coisas em seu passado que a impedem de experimentar tudo o que Deus tem para você? Reserve um instante e peça ajuda ao Senhor para ajudá-la a se desvencilhar de tudo o que a detém.

7. Usando as orientações do quadro "Descarregando pedras", comece a descarregá-las nesta semana. Mas, antes de começar, peça ao Senhor sabedoria (Tg 1.5). Ele gosta de concedê-la e deseja nos libertar!

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo cinco: A Intimidade da Sala de Estar

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Alguém disse que cada um de nós foi criado com um "vazio do tamanho de Deus" e que jamais seremos verdadeiramente satisfeitos até preencher o espaço com Ele. Infelizmente, muitas de nós, como Teri descreve na página 74, usam "barras de chocolate espirituais". Em vez de recorrer a Deus, a que você recorre quando está se sentindo vazia?

2. Escrevi que a intimidade com Deus vem através da Oração + Palavra + Tempo. Qual desses três itens é o mais difícil para você? E o mais fácil?

Aprofundando-se

3. Todas nós enfrentamos barreiras para ter intimidade com Deus. Assinale um ou dois dos itens abaixo contra os quais você mais luta e depois consulte os versículos correspondentes. Faça um círculo em volta do versículo mais significativo para você.

____ Desmerecimento	(Is 41.9,10; Ef 2.13,14)
____ Vida ocupada	(Sl 90.12; Is 40.29-31)
____ Culpa / vergonha	(Sl 32.5; 1 Jo 1.9)
____ Orgulho	(Sl 10.4; Tg 4.6,7)
____ Depressão	(Sl 42.11; Jo 14.1)
____ Provações / sofrimento	(Hb 13.6; 2 Co 4.7-10)

4. Medite no versículo assinalado, depois o personalize para compor uma oração a Deus. Aqui vai um exemplo com base em 1 João 1.9:

Deus, obrigada pelo perdão enviado quando admito meu pecado em vez de negá-lo. Estou muito feliz, pois não tenho que encobrir meu ato antes de vir a ti. Tudo o que devo fazer é ir. O Senhor promete me purificar.

5. Escrevi que, antes de nos tornarmos cristãs, Satanás nos diz que não precisamos de um Salvador. Depois que nos convertemos, ele nos diz que não merecemos um Salvador. Como essas mentiras afetaram o seu relacionamento com Deus?

6. Deus deseja ter comunhão conosco. Leia os versículos abaixo e descreva a metáfora que a Escritura usa para definir o relacionamento íntimo que podemos ter com Deus.

João 15.5 _____
Romanos 8.15,16 _____
2 Coríntios 11.2 _____

7. Leia o trecho do artigo "My Heart Christ's Home" citado na página 77. Como você se sente ao pensar que Jesus deseja passar um tempo sozinho com você — "morar" em você? Como essa compreensão fez sua vida devocional passar de uma obrigação para um prazer?

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo seis: O Serviço da Cozinha

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Dwight Moody disse: "Um entre cem homens lerá a Bíblia; noventa e nove lerão os cristãos".[1] Qual o primeiro cristão de sua vida que viveu de um modo que demonstrava Cristo claramente? Como essa pessoa influenciou sua vida?

2. Leia a história do garotinho e do evangelista. Como você gostaria que Jesus se espalhasse por toda a sua vida — isto é, que atitudes e características do Salvador você gostaria que Deus desenvolvesse em sua vida?

Aprofundando-se

3. Leia João 13.1-17. O ato de Jesus de lavar os pés dos discípulos foi um exemplo totalmente inesperado de como o amor cristão deve ser. De acordo com o tópico "Modelos de Cristianismo", na página 88, por que esse gesto foi tão surpreendente?

4. J. Oswald Sanders disse: "É importante observar que Jesus disse apenas uma vez que estava deixando o exemplo aos discípulos. E isso ocorreu quando Ele lavou os pés deles".[2] De que formas inesperadas podemos "lavar os pés" daqueles que nos cercam?

[1] Citado em Philip Yancey, *What's So Amazing About Grace?* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1997), 262.
[2] J. Oswald Sanders, *Discipleship Journal 76* (Julho/Agosto de 1993): 39.

5. Coloque uma (ou mais) das seguintes letras ao lado de cada versículo abaixo. Nessa passagem, Jesus operou (a) quando estava dentro de seu itinerário; (b) quando estava fora de seu itinerário; (c) de todas as formas.

____ Marcos 1.29-34
____ Marcos 6.30-34
____ Marcos 7.31-35

6. Como você poderia colocar em prática o amor de Cristo através de cada uma dessas formas? Completei o primeiro item como exemplo.

Enquanto estou dentro de meu itinerário: *Agradeço ao guarda de trânsito escolar por manter meus filhos em segurança.*

Enquanto estou fora de meu itinerário: _____

De todas as formas: _____

7. Leia Atos 3.1-10. O que podemos aprender com essa passagem a respeito da demonstração efetiva do amor de Deus aos que nos rodeiam?

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo sete: A Melhor Parte

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Leia a história do "aniversário bamboleante". Especifique as responsabilidades bamboleantes de sua vida. Qual é a mais difícil de manter em movimento?

2. Veja as palavras de Wilbur Rees:

> Gostaria de comprar US$ 3 de Deus, por favor; não o bastante para explodir a minha alma ou perturbar o meu sono, mas apenas o equivalente a uma xícara de leite quente ou a uma soneca à luz do sol. Não quero uma quantidade dEle que me faça amar um homem negro ou colher beterrabas com um imigrante. Quero êxtase, não transformação; desejo o calor do útero, mas não um novo nascimento. Quero meio quilo do Eterno Deus em um saco de papel. Gostaria de comprar US$ 3 de Deus, por favor.[5]

[5] Wilbur Rees, "$3.00 Worth of God", citado em Tim Hansel, *When I Relax I Feel Guilty* (Elgin, Ill.: David C. Cook, 1979), 49.

Com toda a honestidade, quanto de Deus você quer? O que a impede de querer mais?

Aprofundando-se

3. Vivemos com muito menos do que Deus deseja para nós. Peça a Deus para iluminar seu entendimento enquanto você lê a oração de Paulo pelos crentes em Efésios 3.16-19. Depois, cite três verdades dessa passagem que você gostaria de tornar realidade em sua vida.

4. Como Mateus 6.33 se relaciona com o princípio de Stephen Covey, *First Things First* (Primeiro as coisas mais importantes) — isto é, o de colocar as "pedras grandes" primeiro? Dê um exemplo de uma ocasião em que você verificou esse princípio como uma verdade em sua vida.

5. Leia sobre o esforço pessoal de Sidlow Baxter para desenvolver um momento devocional. Qual a importância da nossa vontade nesse processo de buscar a Deus? Qual a importância de nossas emoções?

6. Explique como esses personagens da Bíblia escolheram colocar Deus em primeiro lugar, apesar das emoções ou circunstâncias opressoras.

Davi (2 Sm 12.13-23) _____
Daniel (Dn 6.3-10) _____
Jesus (Mt 26.36-39) _____

7. Use o diário de leitura do Apêndice B e as instruções contidas no tópico "Um Pouco de Conversa", na página 122, para meditar. Em seguida, escreva sobre uma das passagens abaixo:

Salmos 139	Romanos 8	Efésios 4
Isaías 55	1 Coríntios 13	Tiago 1

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo oito: Lições de Lázaro

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Qual é o seu tipo favorito de histórias? Por quê?

Romance	Mistério	Biografia
Aventura	Ficção científica	Contos

2. Quais das seguintes lições de Lázaro você achou mais verdadeira em sua vida? Explique as circunstâncias e o que você aprendeu.

- A vontade de Deus nem sempre opera em linha reta.
- O amor de Deus às vezes tarda, para o nosso bem e para sua glória.
- Os caminhos de Deus não são os nossos caminhos, mas o seu caráter ainda é fidedigno.
- O plano de Deus é liberado quando cremos e obedecemos.
- O "fim" nunca é o fim; é apenas o começo.

Aprofundando-se

3. Leia João 11.1-6. Circule as palavras-chave e reflita sobre a situação daquela família e a responsabilidade de Jesus. Quando você enfrenta dificuldades, quais desses versículos mais a confortam e por quê?

4. Como o tempo e o espaço nos restringem, nem sempre conseguimos ver o que está acontecendo. O que os versículos abaixo dizem sobre esse momento em que nos encontramos?

João 16.33 Aqui temos aflições, mas Deus está conosco e Ele já venceu o mundo
Hebreus 11.13-16 somos forasteiros nossa pátria é no céu
Tiago 1.2-4 Em as dificuldades Deus está nos preparando p/ qualquer coisa

5. Martha Tennison escreve: "Apenas confiamos em quem conhecemos. Se você está lutando para confiar em Deus, deve ser porque você não o conhece de verdade".[1] Conhecemos melhor a Deus através de sua Palavra. O que os versículos a seguir revelam sobre nosso Pai celestial?

Salmos 27.1 "O Senhor é minha luz e minha força e salvação
Salmos 34.8 "O Senhor é meu caminho e meu conselheiro."
Salmos 100.5 "O Senhor é bom e seu Amor dura para sempre".
Salmos 145.8 "O Senhor é misericordioso e paciente e pronto a perdoar

6. Consulte a palavra "confiar" na concordância. Encontre duas frases que despertem o seu interesse e anote os versículos correspondentes.

7. Laura Baker Snow aborda os momentos difíceis que enfrentamos e como precisamos enxergá-los através da soberania e bondade de Deus, e viver como se Ele estivesse dizendo:

[1] Martha Tennison em sermão proferido em 25/09/199 em Billings, Montana.

> Meu filho, tenho uma mensagem para você hoje; deixe-me sussurrá-la aos seus ouvidos, pois podem vestir de glória quaisquer nuvens negras que se levantem e aplainar os lugares acidentados sobre os quais você tenha que pisar. É curta, com apenas cinco palavras, mas permita que elas penetrem no íntimo da sua alma; use-as como um travesseiro para descansar sua cabeça cansada: "Esse negócio provém de mim".[5]

De que forma sua vida seria diferente se você pudesse aceitar essas palavras como verdadeiras e também como evidências do amor de Deus em sua vida?

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo nove: O Coração Receptivo de Marta

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Quais dos itens abaixo descreve melhor o tipo de aluna que você foi na escola?

Intelectual	Ausente, embora presente
A queridinha da professora	Procrastinadora
Freqüentadora de festas	Altamente empreendedora

Do que você mais gostava na escola? Do que menos gostava? Como levou essas preferências e aversões para a vida adulta?

2. Pense em alguém que você considera receptivo ao ensino. Que qualidades a fizeram ver essa pessoa assim?

Aprofundando-se

3. Preencha o questionário "Você é uma pessoa receptiva ao ensino?", na página 149. O que descobriu sobre si mesma?

4. Temos de aceitar o diagnóstico se quisermos chegar à cura. Creio que Marta fez isso. Leia Lucas 10.38-42. Agora leia João 11.17-28. Quais as diferenças que você vê em Marta nesses dois episódios?

5. Leia Hebreus 12.5-11 e depois especifique quatro razões por que Deus nos corrige e quatro resultados dessa correção.

[5] Citado em L. B. Cowman, *Streams in the Desert* (Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 1996), 35.

RAZÕES	RESULTADOS
E nosso Pai	nosso crescimento
nos livra.	mudanças
	ter uma vida melhor
	conseguir vida eterna

6. A Bíblia está cheia de proposições do tipo: "se... então...". *Se* nós..., *então* Deus... O que os versículos abaixo nos prometem se obedecermos? Preenchi o primeiro item para você.

Josué 1.8	Se... *eu meditar na Palavra de Deus e cumpri-la,*
	Então... *serei próspera e bem-sucedida.*
João 8.31,32	Se... viver conf. Jesus pede
	Então... seremos seus filhos
Tiago 1.25	Se... ______________________
	Então... ______________________

7. Deus deseja nos perdoar e nos transformar — até mesmo o que temos de pior. Em Salmos 51.10-12, veja a oração de Davi feita após seu relacionamento adúltero e assassino com Bate-Seba. Reescreva esse clamor com suas próprias palavras. Depois, leia-o em voz alta para o Senhor.

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo dez: O Amor Extraordinário de Maria

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Descreva um momento em que você expressou amor e interesse pelos outros e foi mal compreendida. Como você se sentiu? Você recuou ou se aproximou ainda mais?

2. Considere as diferenças entre o amor de Maria e o de Judas por Cristo

MARIA...	JUDAS...
• Tinha um coração grato	• Tinha um coração avaro
• Veio despreocupada	• Veio com a agenda
• Ouviu o que Jesus disse e correspondeu	• Ouviu, mas não entendeu
• Nada reteve	• Nada abandonou

Que aspecto do amor de Maria é mais fácil para você? E o mais difícil?

Aprofundando-se

3. Leia João 12.1-11. Qual foi a reação de Judas ao amor extraordinário de Maria? O que João apresenta como motivo de tal reação?

4. Leia Mateus 16.21-23. Qual foi a reação de Pedro diante da explicação de que Jesus deveria morrer? O que Jesus apresentou como motivo daquela reação?

5. Leia o outro relato sobre Maria ungindo Jesus em Marcos 14.6-9. Complete as quatro declarações que Jesus fez sobre aquele amor extraordinário.

"Ela fez-me _____ obra."
"Esta fez o que _____."
"Antecipou-se a ungir o meu corpo para _____."
"Em todas as partes do mundo onde este evangelho for pregado, também o que ela _____ será contado para sua memória."

Medite nessas afirmações. Peça ao Senhor para lhe mostrar como amá-lo de forma mais bonita e sacrificial na prática.

6. Mateus e Marcos colocam a mudança sombria do coração de Judas como um acontecimento imediatamente posterior ao gesto de amor extraordinário de Maria. De acordo com os versículos abaixo, por que a ganância e o amor ao dinheiro são tão perigosos?

Mateus 6.24 _____
1 Timóteo 6.9-10 _____
Tiago 4.1-4 _____

7. Maria amou de modo extraordinário porque havia experimentado o amor extraordinário de Deus. Leia 1 João 3.1 e Romanos 8.31-39. Escreva uma carta para Deus, expressando sua gratidão por seu amor abundante e graça extraordinária.

8. O que mais chamou sua atenção nesse capítulo?

Capítulo onze: Equilibrando Trabalho e Adoração

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Como é a sua gangorra em relação ao equilíbrio entre trabalho e adoração? Desenhe uma linha para mostrar para que lado ela tende a se inclinar (se ela tiver essa tendência).

2. Leia o quadro "Ouvindo a sua alma: Um teste de equilíbrio", na página 198. De acordo com o teste, você precisa passar mais tempo na *sala de estar* ou na *cozinha*? De que formas você poderia se inclinar para o seu lado fraco a fim de trazer equilíbrio à sua vida cristã?

Aprofundando-se

3. Em um lado da gangorra encontramos a importância de amar as pessoas. Leia a história do Bom Samaritano em Lucas 10.25-37. Descreva como o samaritano desempenhou as seguintes declarações:

Ele teve *atenção* _____
Ele fez uma *ação* _____
Ele teve *responsabilidade* _____
Qual dessas três qualidades é mais fácil para você? E a mais difícil?

4. Depois da história de Maria e Marta, encontramos o ensinamento de Cristo sobre a oração. O que Lucas 11.1-13 ensina sobre a nossa parte na oração e a resposta prometida por Deus?

NOSSA PARTE	RESPOSTA DE DEUS
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

5. De acordo com os versículos a seguir, por que é tão perigoso passar todo o nosso tempo em apenas um lado da gangorra?

Mateus 7.21-23 _____
Tiago 2.14-17 _____
1 João 3.16-18 _____

6. Todos nós precisamos permitir que nossas almas descansem. Usando a passagem de Isaías 58.13,14, relacione três maneiras pelas quais podemos "guardar o *Shabath*" e também três bênçãos que receberemos honrando o "dia santo do Senhor".

7. Conforme os versículos abaixo, que bênçãos recebemos através da hospitalidade?

Isaías 58.6-8 _____
Mateus 25.34-36 _____
Hebreus 13.2 _____

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?

Capítulo doze: Tendo o Coração de Maria no Mundo de Marta

Perguntas para discussão ou reflexão

1. Você já ouviu um grande testemunho cristão e desejou ter a fé daquela pessoa ou viver como ela? Qual foi o processo para alcançar tal resultado?

2. Quando você enfrenta dificuldades na vida, qual é a sua reação mais comum? Explique.

Agir como um lutador de luta romana: "Ei! É o teu trabalho, Deus! Estou fazendo isso para ti — que tal um pouquinho de ajuda?"

Questionar como Jó: "Onde estás — e por que não te importas?"

Tomar uma atitude semelhante a de Jonas: "Esqueça Nínive — estou indo para as Bahamas".

Aprofundando-se

3. Leia João 12.1-3. Com seus novos conhecimentos sobre essas irmãs, cite duas características que poderiam resumir Marta e Maria nessa passagem. Como você resumiria Marta em uma palavra? Como você resumiria Maria? Como isso difere do modo descrito por você no estudo do capítulo 1 (pergunta 3)?

4. Leia os versículos seguintes. Descreva o processo que Deus usa e o propósito almejado por Ele.

Deuteronômio 8.2	PROCESSO _____
	PROPÓSITO _____
Romanos 8.28,29	PROCESSO _____
	PROPÓSITO _____
2 Coríntios 4.17	PROCESSO _____
	PROPÓSITO _____

5. Qual é o nosso papel nesse processo, conforme Filipenses 2.12,13?

Nós...

Deus...

6. Leia Filipenses 1.6 e Hebreus 10.35,36, depois consulte as seguintes palavras no dicionário e escreva suas definições.

Confiança:

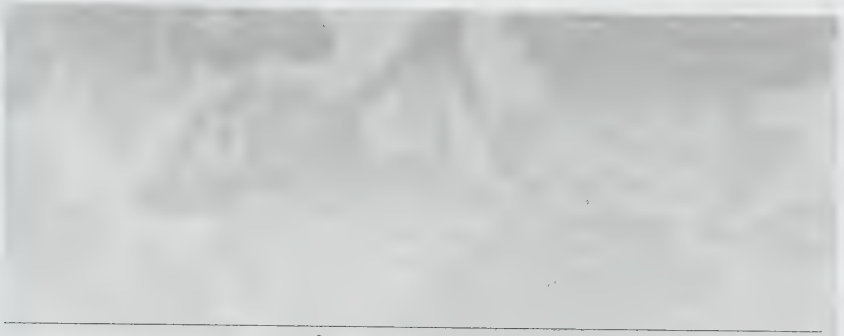
Perseverar:

Completar:

Quais dessas palavras significam mais para você atualmente e por quê?

7. Leia Filipenses 3.12-14. Circule as palavras-chave e depois reescreva essa passagem com suas próprias palavras. Leia-a em voz alta como uma oração, ou declaração de fé, ou declaração de uma incumbência pessoal. Peça a Deus para mantê-la sempre diante de você enquanto prossegue para o alvo em busca do prêmio.

8. O que mais chamou a sua atenção nesse capítulo?



Apêndice B

Diário de Leitura

Enquanto muitas pessoas registram acontecimentos e sentimentos, um diário contendo os pontos principais da leitura bíblica registram o que Deus está nos dizendo através de sua Palavra. O modelo abaixo funciona muito bem comigo.

Data _____ O que li hoje_____
O que selecionei de melhor: *Referência:* _____
Meditação: _____
_____
Como isso se relaciona comigo: _____
_____

Esse modelo é usado no *Navigator's 2:7 Discipleship Course*, com espaço para sete dias em cada página.[1] Também usei cadernos de espiral e colei folhas pautadas (à venda em papelarias) quando precisei de mais espaço para escrever. Você também pode criar seu próprio modelo e tirar cópias.

[1] Modelo adaptado de *The Growing Disciple*, The 2:7 Series, Curso 1 (Colorado Springs, Colo.: NavPress, 1987), s/p.

Apêndice C

Um Plano Simples para Meio Dia de Oração

E. M. Bounds diz que "o conhecimento a respeito de Deus não pode ser alcançado com pressa. Ele não concede seus dons aos que o buscam com impaciência e casualmente. Estar a sós com Deus é o segredo para conhecê-lo e receber sua influência".[1]

Algo muito poderoso acontece quando separamos um espaço de tempo para buscar intensamente a face de Deus. A seguir, veja algumas orientações para meio dia de oração que adaptei do curso *Navigator*:

1. Encontre um lugar livre de distrações. Achei essa dica útil para meus momentos de oração prolongados. A casa vazia de um amigo, a igreja, uma sala de reuniões ou até mesmo um quarto de hotel são boas opções.

2. Leve a Bíblia, um caderno, lápis ou caneta. Você pode querer fazer uma relação de pedidos de oração, hinos, versículos para memorizar e o seu planejamento semanal. Vista roupas confortáveis e leve algo para lanchar.

3. Fique acordada e atenta. Durma bem na noite anterior. Mude de posição com freqüência. Sente-se um pouco, caminhe — varie sua posição para evitar o tédio e o sono.

[1] Citado em *The Growing Disciple*, 77.

4. *Experimente começar de formas diferentes.* Leia as Escrituras por algum tempo, ore um pouco, faça sua programação e assim por diante. Você pode dividir o tempo em três partes: (a) servir ao Senhor, (b) orar pelos outros e (c) orar por si mesma.

5. *Ore de modo audível* em voz baixa. Às vezes, pensar alto também ajuda.

6. *Faça uma lista de preocupações.* Os assuntos sempre vêm à mente durante a oração. Em vez de ignorá-los, anote-os conforme a prioridade. Peça a Deus para mostrar como efetuar o que deve ser feito.[2]

[2] Adaptado de *The Growing Disciple*, 84-85.

COMO TER O CORAÇÃO DE *Maria* NO MUNDO DE *Marta*

JOANNA WEAVER

Fácil de ler, pessoal e bem escrito, com uma mensagem bastante profunda. Joanna inquiriu, desafiou e me encorajou a viver dia após dia como Maria em um mundo de Marta.

– CAROLE MAYHALL, autora de *Come Walk with me* e *Here I am again, Lord*

Um convite a toda mulher que não se sente dedicada o bastante ao Senhor, amorosa o suficiente ou acha que não está trabalhando o bastante.

A vida da mulher de hoje não é tão diferente da vida de Maria e Marta no Novo Testamento. Assim como Maria, você deseja sentar-se aos pés do Senhor... mas as demandas diárias do mundo agitado não a deixam em paz. À semelhança de Marta, você ama a Jesus e quer servir ao Senhor de verdade... mas luta contra a exaustão, o ressentimento e sentimentos de insuficiência.

Então, em meio a sua vida agitada, Jesus surge para oferecer o mesmo convite direcionado às duas irmãs de Betânia. Com ternura, Ele a convida para escolher a "melhor parte" — uma vida alegre de intimidade com Deus que resulta naturalmente em trabalho feito com amor.

Através da abordagem estimulante da conhecida história bíblica, Joanna demonstra como todas nós — Marias e Martas — podemos nos aproximar do Senhor: apro[illegible] a nossa dedicação, fortalecendo o nosso trabalho e desempenhando ambas as [illegible] com menos estresse e maior alegria.

Inclui um Estudo Bíblico de 12 semanas para análise individual ou e[illegible].

"Um dos melhores livros que já usamos."
– Providence Road Church of Christ, Carlotte, Carolina do Norte

"Seu livro ajudou a transformar nossas vidas."
– Igreja Batista de Columbus, Columbus, Indiana

JOANNA WEAVER é escritora, esposa de pastor e mãe de dois filhos. Seus artigos aparecem em publicações como *Focus on the Family*, *Guideposts* e *HomeLife*. Também foi premiada pelo livro sobre casamento *With This Ring*. Joanna vive com a família em Whitefish, Montana.

P7-CUE-640

ISBN 85-263-0649-9
9 788526 306493